⇒ Antigo Testamento
⇒ Novo Testamento
⇒ Hermenêutica
⇒ Homilética

CURSO TEOLÓGICO

módulo I



ITIbrasil

www.itibrasil.com

Bibliologia I

Antigo Testamento



BIBLIOLOGIA I

ANTIGO TESTAMENTO

ITIbrasil

www.itibrasil.com

Índice

Capitulo I: O Pentateuco (Página 6**)**
1. Visão Panorâmica de Gênesis
2. Visão Panorâmica de Êxodo
3. Visão Panorâmica de Levítico
4. Visão Panorâmica de Números
5. Visão Panorâmica de Deuteronômio

Capitulo II: Livros Históricos (Página 14**)**
1. Josué, Juízes, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crô, Esdras, Neemias e Ester
2. Os Livros Históricos e seus marcos
3. As Memórias do pós-cativeiro
4. As Vitórias do pós-cativeiro
5. A Renovação do pós-cativeiro

Capitulo III: Livros Poéticos (Página 22**)**
1. Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares
2. Jó, o livro das grandes revelações
3. Salmos – O hinário do povo judeu
   3.1. Salmos preenchem a necessidade cultural do povo de Deus
   3.2. Salmos preenchem a necessidade espiritual do povo de Deus
   3.3. Salmos preenchem a necessidade devocional do povo de Deus
4. Provérbios, o livro da sabedoria
   4.1. A sabedoria humana — Relativa
   4.2. A sabedoria divina — Absoluta
   4.3. A sabedoria diabólica — Corrompida
5. Eclesiastes, o livro das exortações
   5.1. A exortação ao temor — para com Deus
   5.2. A exortação a prudência — para com o mundo
   5.3. A exortação a comunhão — para com os irmãos

Capitulo IV: Profetas Maiores (Página 24**)**
1. Isaias. Jeremias. Ezequiel e Daniel
2. A mensagem de cada Profeta
3. Biografias sintetizadas dos Profetas Maiores

Capitulo V: Profetas Menores (Página 28**)**
1. Oséias, Joel, Amos, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias
2. A Mensagem de cada profeta
3. O Profeta no Antigo Testamento
4. O choque entre profeta e o sacerdote
5. Galeria dos falsos profetas

Capitulo VI: O Antigo Testamento e Israel (Página 32**)**
Capitulo VII: O Antigo Testamento e as Sete Dispensações (Página 39**)**
Capitulo VIII: O Antigo Testamento e as Grandes Alianças (Página 44**)**
Capitulo IX: O Antigo Testamento e a Canocidade (Página 49**)**
Capitulo X: Jesus Cristo em cada livro do Antigo Testamento (Página 54**)**
Capitulo XI: A História e os principais Manuscritos da Bíblia (Página 55**)**
Capitulo XII: Curiosidades do Antigo Testamento (Página 57**)**

Visão Geral do Antigo Testamento

Por que é importante estudar o Antigo Testamento?

Muitos cristãos se perguntam se é realmente necessário estudar o AT. Alguns leitores da Bíblia descartam o estudo do AT, crendo que a revelação do NT já é suficiente. E, infelizmente, há cristãos que consideram o AT como um livro de lendas e mitos, produzidos pelos judeus do passado, para explicar os mistérios de uma época em que as pessoas não conheciam a ciência nem sabiam a causa de coisas como: trovões, eclipses, terremotos, etc.

Mas não é isso que os autores tanto do AT quanto do NT pensavam a respeito dessa porção tão importante das Escrituras Sagradas. Além dos próprios autores bíblicos, Jesus Cristo deu testemunho da autoridade do AT e os cristãos do passado **(**desde a era apostólica até hoje**)** sempre o enxergaram como Palavra de Deus e, portanto, uma parte vital e imprescindível da herança cristã.

Portanto, devemos reconhecer a necessidade de compreender melhor as histórias e as mensagens que o AT tem reservado para nós, os cristãos do Século 21. O estudo do AT é fundamental a todos os cristãos, por pelo menos cinco razões básicas:

⇒ O Antigo Testamento é a própria Palavra de Deus;
⇒ O Antigo Testamento é o registro de uma história viva;
⇒ O Antigo Testamento é a mensagem de Deus para nós;
⇒ O Antigo Testamento é a auto revelação de Deus;
⇒ O Antigo Testamento nos ajuda a compreender a Cristo.

Qual a principal mensagem do Antigo Testamento?

Há dois temas principais no livro de Gênesis, que oferecem-nos uma visão panorâmica de todo o Antigo Testamento:

⇒ Vivemos em um universo pessoal **(**Gn 1—11**)**;
⇒ Vivemos em um universo de propósitos **(**Gn 12—50**)**.

A *primeira seção de Gênesis revela-nos um universo pessoal.* Fala-nos a respeito da Criação e das origens da raça humana. Também informa-nos sobre o papel do homem no universo de Deus, a origem do pecado e o juízo de Deus sobre a rebelião dos seres humanos.

A *segunda seção de Gênesis mostra que vivemos em um universo de propósitos,* isto é, o Deus pessoal, que formou tudo o que existe, continua envolvido com sua criação, dando-lhe direção e propósito. Deus tem um plano que dá forma e sentido a toda a história da humanidade.

Quando compreendemos esta parte de Gênesis, toda a história bíblica começa a tomar forma e a fazer um real sentido. Essa compreensão é que nos dá segurança, ainda que vivamos em meio a guerras, crimes e tragédias.

Portanto, o cerne da mensagem do AT é que Deus deseja revelar-se e relacionar-se com a humanidade. Deus quer que entendamos quem Ele é, o que fez e o que ainda irá fazer, de modo que possamos observar o propósito divino ao longo da história e o plano eterno de redenção que se cumpriu em Cristo, na cruz do Calvário.

Esboço da história do Antigo Testamento

O AT cobre Dez Períodos da História Bíblica, começando com toda a humanidade (Gn 1—11) e concentrando-se, em seguida, na história do povo de Israel – a família de Abraão (Gn 12—Ml 4). Cada um desses períodos mostra um passo específico no desdobramento dos desígnios de Deus. Todos os livros do AT estão inseridos em um desses *Dez Períodos da História Bíblica.*

Os Dez Períodos da História Bíblica:

1. Período dos Primórdios;
2. Período dos Patriarcas (2166-1446 a.C.);
3. Período do Êxodo (1446-1406 a.C.);
4. Conquista de Canaã (1406-1390 a.C.).
5. Período dos Juízes (1367-1050 a.C.);
6. Reino Unido (1050-931 a.C.);
7. Reino Dividido (931-722 a.C.);
8. Reino Sobrevivente (722-586 a.C.);
9. Cativeiro Babilônico (586-538 a.C.);
10. Restauração (538-400 a.C.).

Para compreendermos a mensagem de cada livro do AT e o plano de Deus, revelado na História Bíblica, precisamos nos familiarizar com esses períodos históricos e compreender em qual desses períodos os livros bíblicos estão inseridos. À medida que conseguirmos enxergar com mais clareza a coerência e a unidade das Escrituras, Deus falará de modo mais eficiente aos nossos corações, através da revelação bíblica. Os cristãos que não conseguem compreender o desenvolvimento da História contada na Bíblia Sagrada são impedidos de desfrutar plenamente da mensagem que Deus deseja comunicar-lhes.

Capitulo I

O Pentateuco

O Pentateuco é formado por cinco livros: GÊNESIS, ÊXODO, LEVÍTICO, NÚMEROS, DEUTERONÔMIO, que, juntos, abrangem um período de tempo que se estende desde a Criação até a chegada do povo de Israel aos limites de Canaã.

Introdução

O termo **Pentateuco** deriva do grego "πεντε" **(**transliterado fica "pente", que significa "cinco"**)** e "τευχος" **(**transliterado fica "teuchos", que significa "livro, rolo"**)**, de onde se depreende o significado de "**livro em cinco volumes**". Evidentemente, pela análise etimológica percebe-se que o termo Pentateuco não foi cunhado pelos judeus, que a propósito, utilizam o termo "Torah" **(**Lei**)** ou "seper hattorah" **(**livro da Lei**)**. Assim sendo, a primeira utilização do termo ocorreu cerca do século III a.C. com a tradução grega do Antigo Testamento conhecida com Septuaginta **(**LXX**)**, no entanto este nome apenas se popularizou no meio cristão perto do século II e III d.C., quando dentre outros Orígenes se valeu do vocábulo. Fala do período de tempo: da Criação até Josué; ou do Jardim do Éden até a Entrada na terra prometida do povo de Deus **(**desta banda do Jordão, Josué 1.14**)**, 4000 - 1460 a. C. Criação a Abraão 4000 - 2000 a. C. **(**Gênesis 1-11**)**. Abraão a Moisés 2000 - 1500 a. C. **(**Gênesis 12-50**)**. O Êxodo **(**a saída do Egito**)** 1500 – 1460.

I. VISÃO PANORÂMICA DE GÊNESIS

Gênesis registra o princípio de todas as coisas, como a criação do universo, dos animais, dos homens, e a formação da nação de Israel até sua estadia no Egito.

Imagine apanhar um livro de apenas 50 curtos capítulos e encontrar nas primeiras páginas o único relato exato da história mais primitiva do homem, e um registro que mostra a relação do homem com Deus, seu Criador, bem como com a terra e suas miríades de criaturas! Nessas poucas páginas obtém-se, além disso, uma penetrante visão dos propósitos de Deus em colocar o homem sobre a terra. Lendo um pouco mais além, descobre-se por que o homem morre e o motivo da sua atual situação dificultosa, e obtém-se esclarecimento com relação à real base para fé e esperança, até mesmo com relação à identificação do instrumento de Deus para a libertação a Semente da promessa. O notável livro que contém tudo isso é Gênesis, o primeiro dos 66 livros da Bíblia.

Deus é o Autor da Bíblia, mas ele inspirou Moisés a escrever o livro de Gênesis. De onde obteve Moisés as informações que registrou em Gênesis? Algumas talvez tenham sido obtidas diretamente por revelação divina, por transmissão oral. É possível também que Moisés possuísse documentos escritos preservados por seus antepassados como valiosos registros sobre as origens da humanidade.

Observemos a estrutura do livro de Gênesis:

1. Glória e Decadência (Caps. 1-11**)**

1.1. O objetivo da criação de Deus: Domínio, bênção, e relacionamento **(**1.1-2.25**)**

1.2. O Pecado, suas consequências, e a graça salvadora de Deus **(**3.1-11.32**)**

1.2.1. A Tentação **(**3.1-6**)**

1.2.2. A Condenação **(**3.7-19**)**

1.2.3. A Salvação **(**3.20-24**)**

1.2.4. As Consequências do Pecado **(**4.1-16**)**

1.2.5. A bênção do domínio e a maldição do pecado **(**4.17-5.32**)**

1.2.6. Libertação Através da Graça de Deus e da obediência de Noé **(**6.1-9.29**)**

1.2.7. Reafirmação da bênção de Deus **(**10.1-32**)**

1.2.8. A confusão de Babel **(**11.1-32**)**

2. O Início de uma nação (Caps. 12-50**)**

2.1. Abraão: A obediência da fé **(**12.1-22.19**)**

2.2. Isaque: O elo de ligação com as promessas dadas por Deus a Abraão **(**22.20-25.18**)**

2.3. A Luta de Jacó para alcançar as promessas dadas a Abraão **(**25.19-36.43**)**

2.4. Libertação Através de José **(**37.1-50.26**)**.

3. Gênesis inicia refutando várias teorias humanas, Gn 1.1

3.1. Refuta o ateísmo, que diz que não existe Deus.

3.2. Refuta o agnóstico, que diz que Deus não pode ser conhecido.

3.3. Refuta o politeísta, que acredita em muitos deuses.

3.4. Refuta o panteísta que mistura Deus com as coisas criadas.

3.5. Refuta o materialista, que diz que a matéria é eterna.

3.6. Refuta o fatalista, que declara que não existe um plano ordenado na obra da Criação.

3.7. Refuta o evolucionista que acredita que todas as coisas passaram a existir por si mesmas gradativamente.

4. Gênesis é o livro das Famílias

4.1. Adão e sua família, 3-5

4.2. Noé e sua família, 6-11

4.3. Abraão e sua família, 12-25

4.4. Isaque e sua família, 25,26

4.5. Jacó e sua família, 27-36

4.6. José e sua família, 37-50

5. Gênesis é o livro dos princípios

5.1. O princípio da Criação

5.2. O princípio da história humana

5.3. O princípio da civilização

5.4. O principio do pecado

5.5. O principio da redenção

5.6. O principio do sacrifício

5.7. O principio da família

5.8. O princípio de Israel

6. Gênesis é o livro das gerações

6.1. A geração dos céus e da terra, 2.4

6.2. A geração de Adão, 5.1

6.3. A geração de Noé, 6.9

6.4. A geração de Sem, 11.10

6.5. A geração de Terá, 11.27

6.6. A geração de Ismael, 25.12

6.7. A geração de Isaque, 25.19

6.8. A geração de Esaú, 36.1

6.9. A geração de Jacó, 37.2

7. Gênesis é o livro do nascimento dos patriarcas

7.1. Nascimento de Abraão, Aproximadamente 2.160 AC.

7.2. Nascimento de Isaque, Aproximadamente 2.060 AC.

7.3. Nascimento de Jacó, Aproximadamente 2.000 AC.

7.4. José é vendido para o Egito, Aproximadamente 1.889 AC.

II. VISÃO PANORÂMICA DE ÊXODO

Êxodo registra a libertação dos hebreus do Egito e as suas peregrinações no deserto durante quarenta anos.

A palavra Êxodo vem da Septuaginta (LXX) que é a tradução grega do Velho Testamento hebraico e significa sair ou saída. Êxodo conta a história da saída de uma nação toda (Israel) do Egito para começar uma vida nova. José e Jacó com suas famílias já morreram. Este povo judaico que chegou ao Egito contando 70 pessoas cresceu para ser uma multidão muito grande. A prosperidade e crescimento de Israel deixaram os Egípcios com inveja e medo de perder a supremacia e domínio sobre os judeus. Além disto, outra dinastia (série de soberanos pertencentes à mesma família) levantou-se sobre o Egito que não conheceu (reconheceu) nem respeitou os judeus. Foi por isso que os Egípcios escravizaram os judeus cruelmente. Até o rei do Egito mandou matar todos os meninos nascidos ás hebreias. Satanás sempre tentou acabar com esta nação e principalmente o seu Messias.

Porém, não há na história humana toda uma coisa mais espetacular do que a saída de Israel (três milhões de pessoas) do Egito, uma revelação de Deus mais solene do que a do Monte de Sinai, uma construção (estrutura) mais significante do que o tabernáculo, nem uma figura humana maior do que Moisés no Velho Testamento. Êxodo tem a origem da vida nacional e da lei e da religião organizada por Deus para os judeus.

Israel gastou 430 anos no Egito (Êx. 12:40), da chegada de Jacó e sua família no Egito até a saída do Egito com Moisés. Quando Jacó e sua família chegaram ao Egito deu o total de 70 pessoas. Gn 46:27, Êx. 1:5. Quando a multidão de Israel saiu do Egito com Moisés deu o total de seiscentos mil (600.000) homens, sem contar as crianças e mulheres. Êx. 12:37. Calculando que cada homem tinha uma esposa e dois ou três filhos, o total chegou para ser mais ou menos três milhões (3.000.000) de pessoas. Então, Êxodo 1:7 é a verdade mesma. Foi por isso que o Egito escravizou Israel. Êx. 1:8-22.

Portanto, a redenção feita por Deus de Israel do Egito, simboliza a redenção do pecador da escravidão e da condenação do pecado e do mundo pelo poder e salvação de Deus. Observa o que isto significa para Israel e o pecador: pelo êxodo (saída) de Israel da escravidão do Egito, ela foi tirada dele para uma liberdade nova; pela lei dada por Deus, Israel foi tirado do Egito (o mundo) para um governo novo; pelo Tabernáculo providenciado por Deus, Israel foi tirado do Egito para uma comunhão nova e divina. Tudo isto pode ser resumido na maneira seguinte; liberdade, responsabilidade e privilégio. É tudo isto que o pecador ganha na salvação por Jesus Cristo.

A Estrutura do Livro de Êxodo

1. A presença salvadora de Deus: Libertação da escravidão do Egito (1.1-13.16)
2. A presença orientadora e provedora de Deus: A jornada para o Sinai (13.17-18.27)
3. A presença exigente de Deus: A aliança do Sinai (19.1-24.18)
4. A presença de Deus e regras para o tabernáculo e para os sacerdotes (25.1-31.18)
5. A presença disciplinadora e perdoadora de Deus no meio de Israel (32.1-34.35)
6. A presença de Deus no meio de Israel que lhe presta culto e adoração (35.1-40.38).

III. VISÃO PANORÂMICA DE LEVÍTICO

Levítico registra a vida religiosa dos israelitas, salientando os seus cerimoniais e a vida sacerdotal.

Introdução

Levítico, derivado do grego da Septuaginta, leuitikon, significa "concernente ou pertencente aos Levitas". Os Levitas eram os membros da família de Aarão que foram designados como responsáveis para auxiliar os sacerdotes no serviço do tabernáculo. Nm 3.1-13. O livro contém as instruções divinas para os sacerdotes concernentes aos vários sacrifícios, às festas religiosas, e às leis da separação (o que era puro e o que era impuro). O título quer dizer que este livro é útil aos Levitas no exercício do seu ministério como líderes do cerimonial de adoração e como instrutores morais do povo de Israel.

Também, no livro de Levítico encontramos o detalhamento do Código de Santidade (Caps.17-26). Ao estabelecer esse Código Deus demonstrou, com detalhes, as implicações de Sua santidade para o sistema de culto e adoração que o povo do pacto deveria adotar como prática normativa. Seguir as instruções do Código era imprescindível para a comunhão com Ele. Ao mesmo tempo, o sistema sacrificial estabelecido por Deus, era uma forma de o povo de Israel se estruturar como povo. Os preceitos morais nele contidos davam sustentação à forma de relacionamento que o povo deveria manter com Deus e uns com os outros.

A Estrutura do livro de Levítico

1. A Necessidade do Sacrifício (1.1-7.38)
2. A Necessidade de Sacerdotes Mediadores (8.1-10.20)
3. A Necessidade de Separação entre o Puro e o Impuro (11.1-15.33)
4. A Necessidade de um Dia de Expiação (16.1-34)
5. A Necessidade de um Viver Santo (17.1-25.55)
6. A Bênção e a Maldição (26.1-46)
7. Ofertas de Dedicação (27.1-34)

Portanto, no livro de Levítico encontramos o detalhamento do Código de Santidade (Caps.17-26). Ao estabelecer esse Código Deus demonstrou, com detalhes, as implicações de Sua santidade para o sistema de culto e adoração que o povo do pacto deveria adotar como prática normativa. Seguir as instruções do Código era imprescindível para a comunhão com Ele. Ao mesmo tempo, o sistema sacrificial estabelecido por Deus, era uma forma de o povo de Israel se estruturar como povo. Os preceitos morais nele contidos davam sustentação à forma de relacionamento que o povo deveria manter com Deus e uns com os outros.

IV. VISÃO PANORÂMICA DE NÚMEROS

Números registra a viagem dos hebreus para Canaã e os dois recenseamentos feitos entre eles nesse período.

A duração total dos acontecimentos de Números é de 38 anos e 9 meses, que podem ser divididos em 4 períodos, tendo início aproximadamente um ano depois da saída do povo do Egito. Uma curiosidade é que os eventos relatados entre os capítulos 7.1 e 9.2 **(**tabernáculo erigido, ofertas dos príncipes, nomeação dos levitas e celebração da segunda páscoa**)** antecederam o recenseamento dos capítulos 1 a 3.

1. A Estrutura do livro de Números:

1.1. A organização e legislação, caps. 1-9.
1.2. A partida do monte Sinai, 10:11-12.
1.3. O povo despreza o maná, 11:4-6.
1.4. O desânimo de Moisés, 11:10-15.
1.5. A designação dos setenta anciãos, 11:16-25.
1.6. O envio das codornizes, 11:31-34.
1.7. O zelo de Miriã e de Arão, cap. 12.

O fracasso em Cades. Quase entram na terra prometida.

1.8. O envio dos espias e seu relatório, cap. 13.
1.9. A rebelião do povo e a maldição pronunciada contra eles, cap 14. Todos sentenciados, v.29
1.10. Os eventos relacionados com os quarentas anos de peregrinação no deserto, caps. 15-19.
1.11. O regresso a Cades, o pecado de Moisés e a morte de Arão, cap.20.
1.12. A serpente de bronze, cap. 21.
1.13. Balaão, o profeta mercenário, e corrupção de Israel, caps. 22-25.
1.14. O censo da nova geração, cap. 26.
1.15. Leis acerca de herança, ofertas, festas, votos, etc., caps. 27-30.
1.16. O juízo contra os midianitas, cap. 31; a distribuição da terra ao leste do Jordão, cap. 32.
1.17. As cidades de refúgio, cap. 35.

Tipos Messiânicos

1. Moisés fere a rocha, 20:7-11.
2. A serpente de bronze, 21:6-9.
3. As cidades de refúgio, cap. 35.

As Sete Queixas

1. Acerca do caminho, 11:1-3.
2. Acerca dos alimentos, 11:4-6.
3. Acerca dos gigantes, 13:33 -14:2.
4. Acerca dos seus líderes, 16:3.
5. Acerca dos juízos divinos, 16:41.
6. Acerca do deserto, 20:2-5.
7. Pela segunda vez acerca do maná, 21:5.

V. VISÃO PANORÂMICA DE DEUTERONÔMIO

Deuteronômio registra um compêndio de assuntos tratados entre os livros do Êxodo, Levítico e Números. As Leis da nação de Israel.

Introdução

Autor: Nas páginas do livro de Deuteronômio se declara que Moisés é o autor dos discursos que abrangem a maior parte da obra. É evidente que a narrativa de sua morte, que consta do final do livro, foi escrita por outro autor, mui provavelmente Josué. Daí que é inteiramente apropriado referir-se a Deuteronômio como o quinto livro de Moisés.

O nome do livro de Deuteronômio, ou "segunda lei", sugere sua natureza e propósito. Figura, segundo consta em nossas Bíblias, como o último dos cinco livros de Moisés, fazendo um resumo e pondo em relevo a mensagem que os quatro livros precedentes contém. Não significa isto que se trata de mera repetição do que ficou dito anteriormente. Sem dúvida, Deuteronômio faz parte dos acontecimentos históricos que se deram previamente, em particular no Êxodo e em Números. Contudo vai além destes relatos visto que os interpreta e os adapta.

Através deste livro, os acontecimentos estão repletos de significado. Moisés proporciona-nos bastante história; mas em quase todos os casos relaciona os acontecimentos com a lição espiritual que sublinham. Toma a legislação que Deus dera a Israel havia quase 40 anos, e adapta-se às condições de vida da coletividade na terra para a qual Israel se mudaria em breve.

Quando este livro foi escrito, a nação de Israel se encontrava na terra de Moabe, ao leste do rio Jordão e do mar Morto. Numa oportunidade anterior, Israel havia falhado, por falta de fé, ao não entrar na Palestina. Agora, 38 anos depois, Moisés reúne o povo escolhido e procura infundir-lhe fé que capacitará a avançar em obediência. Diante deles está a herança. Os perigos, visíveis e invisíveis, jazem além. Acompanha-os se Deus, a quem chegaram a conhecer melhor durante suas experiências na península do Sinai, península deserta e escarpada.

Moisés compreende, corretamente, que os maiores perigos que os assediam estão na esfera da vida espiritual; sendo assim, sua mensagem acentua o aspecto espiritual. O Senhor Deus deles, é o único Senhor; foi ele quem os libertou da escravidão. Deu-lhes a lei. Selou uma aliança com eles. São o seu povo. O Senhor exige devoção e adoração exclusivas. Seus caminhos são conhecidos do povo. Mediante longa experiência, Israel aprendeu que o Senhor honra a obediência e castiga a transgressão. Agora, em um novo sentido, Israel age por sua própria conta, sob a direção do Senhor e em sua própria casa.

O livro abrange toda uma gama de perguntas que surgem desta nova fase da vida de Israel. Sua atitude para com o Senhor é, naturalmente, o principal problema. Moisés, com toda a diligência de que é capaz, convida Israel a confiar de todo o coração no Senhor, e a fazer das leis divinas a força diretriz de suas vidas.

Esta lei, se obedecida, infundirá vida e fará que os israelitas sejam povo destacado entre todas as nações. Receberão bênçãos, e as nações reconhecerão que seu Deus é Senhor. Porém, se Israel imitar a conduta das nações vizinhas, esquecendo-se de seu Deus, então sobrevirá a aflição, e finalmente será espalhada entre os povos. Através do livro todo acentua-se a fé somada a obediência. Em um sentido verdadeiro, esta é a chave do livro.

1. Estrutura do Livro de Deuteronômio

1.1. O primeiro discurso de Moisés 1.1-4.43

1.1.1. Introdução 1.1-5

1.1.2. O passado recordado 1.6-3.29

1.1.3. Um chamado à obediência 4.1-40

1.1.4. Cidades de refúgio nomeadas 4.41-43

2.2. O segundo discurso de Moisés 4.44-26.19

2.2.1. Exposição dos Dez Mandamentos 4.44– 11.32

2.2.2. Exposição das leis cerimoniais 12.1-16.17

2.2.3. Exposição da lei civil 16.18-18.22

2.2.4. Exposição das leis criminais 19.1-21.9

2.2.5. Exposição das leis sociais 21.10– 26.19

3.3. O terceiro discurso de Moisés 27.1– 30.20

3.3.1. Cerimônia de retificação 27.1-26

3.3.2. Sanções do concerto 28.1-68

3.3.3. O juramento do concerto 29.1-30.20

4.4. As palavras finais e a morte de Moisés 31.1– 34.12

4.4.1. Perpetuação do concerto 31.1-29

4.4.2. O cântico do testemunho 31.30-32.47

4.4.3. A bênção de Moisés sobre Israel 32.48—33.29

4.4.4. A Morte e a sucessão de Moisés 34.1-12.

Capitulo II

Livros Históricos

Esta divisão conta a história do povo israelita desde a conquista de Canaã até a volta dos judeus do cativeiro babilônico e consta dos 12 livros.

Livros	**Autores**	**Períodos**
Josué	Josué	1400 – 1370 a.C.
Juízes	Samuel **(?)**	1050 – 1000 a.C.
Rute	Desconhecido	1000 a.C.
I e II Samuel	Samuel / Natã/ Gade	930 a.C. em diante
I e II Reis	Profeta Jeremias	550 a.C. em diante
I e II Crônicas	Esdras	450-425 a.C.
Esdras	Esdras	456-444 a.C.
Neemias	Esdras	445-425 a.C.
Ester	Desconhecido	465 a.C.

Josué, Juízes, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester: Todos os doze livros históricos são anônimos em suas escrituras, porém a tradição remonta a provável participação de Josué, Samuel, Natã, Esdras, Neemias e Mardoqueu como seus autores. Estes livros registram a história de Israel, desde a ocupação da Palestina sob a liderança de Josué, passando pelas apostasias que levaram o povo a ser expulso pelos assírios e babilônicos até a restauração parcial dos persas.

Os livros históricos são narrativas da história de Israel desde a morte de Moisés até a salvação do povo judeu no reinado de Assuero, quando quase foram totalmente destruídos. Trata-se do mais pormenorizado e completo relato histórico de um povo da antiguidade, que nos prova quanto Deus vela pelo Seu povo e para o cumprimento de Suas promessas. Os livros históricos mostram que a história da humanidade está sob o controle do Senhor e que o Seu povo necessita estar em fidelidade e obediência para que as promessas e as bênçãos divinas lhes alcancem.

Os livros históricos pertencem ao chamado "gênero narrativo", ou seja, são livros cujo propósito é narrar, contar histórias do povo de Israel. Desta forma, os livros não precisam ter sido escritos necessariamente por personagens das histórias, já que, na narração, pode, muito bem, a pessoa que está escrevendo ter acesso a fontes informativas, seja través de escritos, seja através de relatos orais. É por isto que, na maior parte das vezes, não temos dados seguros sobre a autoria dos livros históricos, ainda que suas narrativas têm sido comprovadas pelas descobertas arqueológicas que, cada vez mais, confirmam a veracidade das histórias relatadas por estes livros. O período cobre aproximadamente mil anos, de 1405 até 426 a.C. Estes livros dão à estrutura histórica ao restante do AT até a época de Neemias e Malaquias.

1. Os livros históricos e seus governos

1.1. Governo Teocrático: Js 1.17; 4.14; 24.15,16,31.
1.2. Governo dos Juízes: Jz 2.7,10,16,18; 21.24-25.
1.3. Governo Monárquico: I Sm 8.5-7,19,20.

2. Os livros históricos e seus marcos

2.1. Marco da Conquista: Js 3.10-13; 11.19,20.
2.2. Marco da Apostasia: Jz 2.11-15,18,19; II Cr 15.3; 33.9,10.
2.3. Marco do Cativeiro: II Rs 17.13,16-18,20; 23.26-27.

Considerações Gerais

JOSUÉ: O livro parte do ponto onde Moisés parou. É a continuação da história do povo escolhido. Enquanto Moisés conduziu uma nação para fora, Josué a conduz para dentro. O livro dividir-se em duas grandes partes: **(1)** A conquista da terra prometida: Capítulos 1 a 12 e **(2)** A ocupação da terra prometida: Capítulos 13 a 24.

JUÍZES: Os acontecimentos deste livro cobrem o turbulento período da história de Israel que vai de 1380 a 1050 a.C., da conquista da Palestina ao começo da monarquia. Embora a terra tivesse sido conquistada e ocupada, de modo geral, sob a liderança de Josué, muitos bolsões de resistência cananita haviam sido deixados para que as tribos os destruíssem individualmente. O livro de Juízes descreve estas lutas transcorridas quando os israelitas tentavam completar a sua ocupação da terra. Quem eram os juízes? Eram líderes civis e militares que exerciam autoridade durante este período em que Israel era uma confederação sem estrutura. Analisando o quadro:

Opressores	Anos de opressão	Juizes	Anos de Paz
Mesopotâmia	08	Otoniel – de Debir a Judá	40
Moabitas Amonitas e Amalequitas	18	Eúde , de Benjamim	80
Filisteus		Sangar	
Cananeus	20	Débora de Efraim e Baraque de Naftali	40
Midianitas e Amalequitas	07	Gideão de Manassés	40
		Abimeleque de Manassés	03
		Tolá de Issacar	23
		Jair em Manassés	22
Amonitas	18	Jefté em Manassés	06
		Ibsã em Judá	07
		Elom de Zebulom	10
		Abdom de Efraim	08
Filisteus	40	Sansão em Dã	20
Total	**111**		**299**

É incerta a duração do período dos juízes. Ao somarmos todos os anos de opressão e os dos juízes individuais, chegaríamos a 410 anos.

RUTE

Essa belíssima história de uma mulher extraordinária se segue, assim como a calmaria depois da tormenta, às cenas turbulentas de Juízes. É um retrato agradável da vida doméstica em tempos de anarquia e aflição. Mil anos antes, Abraão tinha sido chamado para fundar uma nação com o propósito de trazer à humanidade, em data futura, o Salvador. No pequeno livro de Rute, narra-se como foi constituída dentro daquela nação, a família na qual nasceria o Salvador. Rute foi bisavó do rei Davi. Daí por diante o A.T. gira principalmente em torno da família de Davi. O tema do livro de Rute é redenção.

I e II SAMAUEL

I Samuel

O autor é desconhecido. São três os possíveis autores: Samuel, Saul e Davi.

O livro narra uma parte importante da história de Israel que foi o final do período de Juizes e o início do reino.

Destaca-se também o chamado e ministério do profeta Samuel um dos mais importantes ministérios profético de toda a história bíblica. A mensagem de I Samuel tem seu foco na eficácia e importância da oração.

II Samuel

Segundo Samuel mostra os fatos dos primeiros anos do reino em Israel. Demonstra especialmente a unção de Davi como rei e seu ministério em Israel. Davi, governante ungido por Deus, é o personagem central do livro, que narra como este homem comum foi usado por Deus. Mostra também os erros de Davi e sua restauração.

A mensagem básica de II Samuel é que Deus possui um propósito imutável. O Senhor chama e usa vasos para, por intermédio deles, cumprir Seus eternos e amoráveis propósitos.

I e II REIS

O reino durou 120 anos: 40 anos com Saul, 40 anos com Davi e 40 anos com Salomão. Depois da morte de Salomão, o reino começou a entrar em conflito interno, no qual os filhos e generais de Salomão brigavam pelo trono. Roboão tinha a bênção paterna para assumir o trono. Por outro lado, Jeroboão exercia grande influência entre os militares. O resultado foi que Roboão passou a reinar sobre o sul e lhe deu o nome de Judá, enquanto Jeroboão ficou com a outra metade e lhe deu o nome de Israel.

Dez tribos formaram o Reino do Norte e levaram consigo o nome de Israel cuja capital era Samaria. As duas outras tribos, Judá e Benjamim, formaram o Reino do Sul, chamado Judá, cuja capital era Jerusalém. *O Reino do Norte* durou pouco mais de 200 anos. Foi destruído pela Assíria em 722 a.C. As dez tribos foram deportadas e desapareceram da história. *O Reino do Sul* durou quase 350 anos. Foi destruído pela Babilônia por volta de 586 a.C. A separação das dez tribos provinha de Deus **(**I Reis 11: 11,31**)**, como castigo pela apostasia de Salomão e como lição para Judá.

OS REIS DE ISRAEL E DE JUDÁ

Reis de Israel	Periodo	Reis de juda	Periodo
Jeroboão	933-911 a.C.	Roboão	933-916 a.C.
Nadabe	911-910 a.C.	Abias	915-913 a.C.
Baasa	910- 887 a.C.	Asa	912-872 a.C.
Elà	887-886 a.C.		
Zinri	886 a.C.		
Onri	886-875 a.C.		
Acabe	875-854 a.C.	Josafá	
Acazias	855-854 a.C.	Jeorão	874-850 a.C.
Jorão	854-843 a.C.	Acazaias	850-843 a.C.
Jeú	843-816 a.C.	Atalia	843 a.C.
Jeoacaz	820-804 a.C.	Joas	843-837 a.C.
Jeoás	806-790 a.C.	Amazias	843-803 a.C.
Jeroboão ii	790-749 a.C.	Uzias	787-735 a.C.
Zacarias	748 a.C.	Jotão	749-734 a.C.
Salum	748 a.C.		
Menaém	748-738 a.C.		
Pecaías	738-736 a.C.	Acaz	741-726 a.C.
Peca	748-730 a.C.		
Oseias	730-721 a.C.	Ezequias	726-697 a.C.
		Manassés	697-642 a.C.
		Amon	641-640 a.C.
		Josias	639-608 a.C.
		Jeoacaz	608 a.C.
		Jeoaquim	608-597 a.C.
		Joaquim	597 a.C.
		Zadequias	597-586 a.C.

A Religião no Reino do Norte:

Jeroboão, o fundador do Reino do Norte, com o propósito de manter separados os dois reinos, adotou como religião oficial a adoração aos bezerros no seu reino recém- formado. A adoração a Deus passara a identificar-se com Judá, Jerusalém e com a família de Davi. Os bezerros chegaram a representar simbolicamente que Israel era independente de Judá, de Jerusalém e da família de Davi. Seus dois centros religiosos eram Betel no sul e Dã no Norte. Sempre havia a tendência de os israelitas participarem do culto à divindade Cananéia, Baal. Este culto foi promovido por Jezabel, mas enfrentou a oposição ativa dos profetas Elias e Eliseu. Cada um dos 19 reis do norte aderiu aos bezerros de ouro. Alguns deles serviram também a Baal. Nenhum deles jamais tentou levar o povo de volta para Deus.

A Religião do Reino do Sul:

Judá, em princípio adorava a Deus, embora a maioria dos reis de Judá servisse aos ídolos e andasse nos maus caminhos dos reis de Israel. Alguns dos reis de Judá serviam a Deus, e em algumas ocasiões, houve grandes reformas em Judá. De modo geral, Judá também, a despeito de ter recebido severas advertências, afundou-se cada vez mais nas práticas horríveis da adoração a Baal e a outras religiões cananéias, até não haver mais remédio e Judá ser totalmente conquistada pelos babilônios.

O Relacionamento entre os dois Reinos:

⇒ Primeiros 80 anos - Guerra contínua entre eles.

⇒ 80 anos seguintes - Paz entre eles.

⇒ Últimos 50 anos – Guerra intermitente até o fim.

Atuação Profética no Período:

Dois profetas se destacaram nesse período: Elias e Eliseu. Ambos fizeram muitos sinais miraculosos com poder que vinha de Deus. Isaías, Jeremias, Amós, Oséias, Miquéias, Ezequiel e outros profetas advertiram Israel e Judá de que Deus lhes castigaria a maldade.

Todo o período da monarquia é narrado nos livros de I e II Reis. Os livros de I e II Crônicas, que originalmente era um único livro e foram escritos por Esdras registram muitos fatos contidos nos livros de I e II Reis, embora o livro de II Crônicas focalize exclusivamente os reis de Judá, excluindo os reis de Israel. A desobediência foi a razão do cativeiro babilônico. O livro termina com uma breve menção ao decreto de Ciro, promulgado em 539 a.C, pelo qual os judeus receberam a permissão para voltar à Judéia e construir seu templo.

O Período do Cativeiro:

Israel, o Reino do Norte, pecou contra Deus, adorando os deuses da região. Mesmo alertado pelos profetas sobre o perigo de tais atitudes, eles continuaram nas suas práticas pecaminosas. Porém, Deus enviou os **assírios**, um povo agressivo e impiedoso, para subjugar a Israel. Parte dos assírios ficou morando em Samaria. Com isso, surge um culto misto, com a adoração a Deus e também aos deuses pagãos.

Os vinte reis de Israel reinaram aproximadamente 209 anos e todos eles fizeram o que era mal perante o Senhor e também levaram a nação a cometer pecado. Assim, em 722 a.C. o rei Sargão II da Assíria , destruiu a capital Samaria e levou as pessoas importantes e fortes para o cativeiro. Pessoas idólatras de outros países foram colocadas naquela região conquistada. Os que ficaram em Israel adoravam ídolos e também ao Senhor. Aqueles que foram levados para o cativeiro nunca mais retornaram.

Com a queda de Israel, restou apenas o reino do Sul, Judá. Esse reino teve vinte reis, e oito apenas fizeram o que era reto diante do Senhor. Mas, eles, a exemplo de Israel, também entraram num processo de decadência moral e espiritual, salvo em alguns períodos. Mediante a decadência do povo, o Senhor enviou vários profetas para adverti-los, mas eles nem se importaram. Assim, Deus enviou Nabucodonosor, rei da Babilônia, para conquistar Judá.

A conquista de Nabucodonosor sobre Judá se deu em três etapas.

Veja o quadro abaixo:

1ª. Invasão **605 a.C.**	Durante o reinado de Jeoaquim, os babilônios invadiram Jerusalém e levaram jovens e também objetos de valor. No início do livro de Daniel temos detalhes dessa primeira invasão. Ler Daniel: 1: 1 a 4
2ª. Invasão **597 a.C.**	Em seu oitavo ano, no reinado de Joaquim, filho de Jeoaquim, Nabucodonosor, invade Jerusalém e leva mais algumas pessoas importantes e também muitos tesouros.
3ª. Invasão **586 a.C.**	No reinado de Zedequias, que se rebelara contra Nabucodonosor, este sobe contra Jerusalém com toda fúria, a incendeia e a destrói levando o restante do povo para o cativeiro.

Em sua última investida, Nabucodonosor destruiu o Templo, o palácio do rei e muitas casas, ele ainda levou todos os tesouros do Templo.

Durante os 70 anos de cativeiro, Deus usou os judeus de uma maneira espetacular. Ele usou principalmente Daniel na vida dos babilônicos, para mostrar a sua grandeza e soberania sobre a história. Daniel interpretou sonhos e também foi preservado vivo diante dos leões. No período em que os judeus estavam no cativeiro, a Babilônia foi conquistada pelos medos-persas. Dn 5.30 e 31.

O período de retorno do cativeiro:

O domínio babilônico foi quebrado pelos medos-persas. Depois de conquistar a Babilônia, Ciro, em 538 a.C. promulgou um decreto autorizando os judeus a retornarem às sua terras.Cerca de cinqüenta mil pessoas retornaram na primeira leva, liderados por Zorobabel.Em pouco tempo eles lançaram os alicerces do templo, que , no entanto, só veio a ser concluído em 515 a.C.

Os Livros de Esdras, Neemias e Ester:

Estes livros, que abrangem cerca de 100 anos formam a última seção da história no A.T. Contam a história da volta dos judeus da Babilônia, da reconstrução do templo e de Jerusalém e do restabelecimento da vida nacional dos judeus na sua pátria original. Os três últimos profetas do A.T. **(**Ageu, Zacarias e Malaquias**)** viveram e trabalharam durante este mesmo período da volta e da restauração dos judeus.

O QUADRO DO REGRESSO:

538 a.C.	**Zorobabel:** Com 42.360 judeus, 7337 servos, 200 cantores, 736 cavalos, 245 mulas, 435 camelos, 6720 jumentos e 5400 vasos de ouro e de prata. O Templo é reconstruído sob a liderança de Zorobabel, o governador e de Josué, o sacerdote. Livro de Esdras: 3 a 6
458 a.C.	**Esdras:** Com 1754 homens, 100 talentos de ouro e 750 talentos de prata. Não há registro de terem sido acompanhados por mulheres e crianças. O regresso levou quatro meses.
444 a. C.	**Neemias:** Neemias na condição de governador viaja com uma escolta militar a fim de reconstruir e fortificar Jerusalém, custeado pelo governo. Os muros de Jerusalém são reconstruídos sob a liderança de Neemias, o governador, e de Esdras, o sacerdote.

O Império Persa:

A política dos reis assírios e babilônicos consistia em deportar os povos conquistados e dispersá-los por outros países. A política dos reis persas era exatamente o contrário: repatriavam aqueles povos, ou seja, enviavam-nos de volta às respectivas pátrias. Os reis persas eram mais humanitários que os da Assíria e Babilônia. Um dos principais atos de Ciro, o primeiro rei persa, um monarca singularmente justo e nobre, foi autorizar a volta dos judeus à própria pátria.

O LIVRO DE ESDRAS: RESUMO

Quem era Esdras?

Era sacerdote, bisneto do sacerdote Hilquias, que, 160 anos antes, orientava a reforma feita pelo rei Josias. Saiu da Babilônia 80 anos depois do primeiro regresso dos judeus e 13 anos antes da chegada de Neemias.

Capitulo 1	A proclamação de Ciro (1 a 3)
Capitulo 2	O registro dos que regressaram
Capitulo 3	Lançados os alicerces do templo
Capitulo 4	As obras do templo são interrompidas
Capítulos 5 e 6	O templo é construído
Capitulo 7 e 8	A viagem de Esdras a Jerusalém
Capitulo 9 e 10	O problema dos casamentos mistos

O LIVRO DE NEEMIAS: RESUMO

Quem era Neemias?

Era o copeiro do rei Artaxerxes I. Ele experimentava o vinho antes do rei beber. Era uma pessoa de confiança do rei. Quando o rei ficou sabendo que as muralhas de Jerusalém ainda não tinham sido reconstruídas, ele autorizou Neemias a ir até lá, como governador e liderar o trabalho de construção. Em 52 dias os muros foram reconstruídos debaixo de muita oposição. Neemias acabou ficando como governador durante 12 anos.

CAPITULOS 1 e 2	**A VIAGEM DE NEEMIAS A JERUSALÉM**
Capitulo 3	Consertos das portas
Capítulos 4 a 6	Construção dos muros
Capítulos 7 e 8	A leitura pública da lei
Capítulos 9 a 12	O acordo e a dedicação dos muros
Capitulo 13	As últimas reformas de Neemias

O LIVRO DE ESTER: RESUMO

Contexto histórico **(**597-465 a.C**)**. Por volta de 597 a.C. Judá fora invadido por Nabucodonosor, rei de Babilônia. Onze anos depois, por ordem deste poderoso monarca, os babilônios destruíram Jerusalém e levaram os judeus para o cativeiro **(**II Cr 36.17-21**)**. Porém, a despeito de sua grandeza, o Império Babilônico não resistiu às pressões militares do colossal exército Medo-persa, sendo derrotado em 539 a.C. A partir daí, os judeus tornaram-se vassalos dos persas.

Em 485 a.C, Dario Histapes, rei da Pérsia, o que reinara na época da conclusão do templo de Jerusalém **(**ver II Cr 36.22,23; Ed 5-6**)**, morreu, sendo sucedido por seu filho Assuero (Xerxes I). A miraculosa história da rainha Ester inicia-se no terceiro ano do reinado deste extraordinário monarca.

Gregoriano	Evento	Anno Mundi	Ref.Bíblica
493 AC	Assuero (Xerxes I), Imperador da Pérsia	3.403	
491 AC	Início dos acontecimentos do livro de Ester	3.405	Et 1:3
488 AC	Assuero é derrotado pelos gregos em Salamina	3.408	
487 AC	Ester é levada à presença do Rei Assuero	3.409	Et 2:16
482 AC	Hamã pede o extermínio de todos os judeus da Pérsia	3.414	Et 3:7-9
482 AC	Assuero assina decreto para o extermínio dos judeus	3.414	Et 3:13
482 AC	Hamã é enforcado	3.414	Et 7:10
482 AC	Os inimigos dos judeus são exterminados	3.414	Et 9:16
482 AC	Instituição da celebração do Purim	3.414	Et 9:21-26
473 AC	Morte de Xerxes I	3.423	

Capitulo III

Livros Poéticos

O conjunto de livros que forma a seção dos livros poéticos compreende os livros de: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares.

Os livros poéticos que vão de Jó a Cantares de Salomão foram escritos em forma de versos, ao invés de prosa. Esta é a razão básica de sua classificação, embora tenhamos que notar que eles tratam primordialmente de sabedoria prática para o dia-a-dia. São livros muito populares.

JÓ

O livro de Jó fala sobre a sua vida, o sofrimento, salientando uma narrativa sucinta de sua integridade e fidelidade a Deus. A autoria deste livro e anônima, mas muitos eruditos crêem que fora escrita por Moises. Em sua composição, contem 42 capítulos. Os acontecimentos relatados neste livro se desenrolam em Ur dos Caldeus, que mais tarde veio a ser território de Edom, que se encontrava a norte da Arábia e a sudoeste do mar morto. Jo viveu na época de Abraão, por volta dos ano 200 a.C. Fazendo uma abordagem do livro em pauta, podemos ressaltar assuntos concernentes ao mesmo como: A prova de Deus de sua Retidão, Seu sofrimento, confrontação de seu amigos Elifaz, Bildade e Zofar, sua falha ao amaldiçoar o dia de seu nascimento, Deus falando de sua grandeza e soberania em suas perguntas, intercessão de Jo por seu amigos, final da provação do patriarca e multiplicação de sua possessão e restauração em todas as áreas de sua vida. Pelo menos duas lições aprendemos neste livro. **(**1**)** De sua confiança em deus quando ele afirma que o seu redentor vive **(**Jo 19.25-27**)** e de sua paciência e dependência em sua vontade, quando ele afirma que ainda que o Senhor o matasse, no Senhor ele esperaria. Jo 13.15.

SALMOS

A autoria do livro de Salmos e concernente a Davi, Asafe **(**Sl 50; 75-83**)** os filhos de Core **(**Sl 42; 49; 84; 85; 87**)**, Salomão **(**Sl 72; 127**)**, Herma **(**Sl 88**)**, Eta **(**Sl 89**)** e Moises **(**Sl 90**)** e ele relata sobre a adoração a Deus, petição, suplica, declaração de confiança e louvor a Deus. Davi escreveu este livro em momentos de oração, adoração, louvor, intensa aflição, humilhação, canto, ação de graças, exaltação, etc. A palavra Salmos vem do hebraico, tehillim, que significa louvores. Ha 186 citações dos salmos no novo testamento. Este livro e composto de 150 versos e foi redatado entre o ano 10 a cinco a.C. Existem pelo menos duas divisões neste livro que tem uma certa predominância sobre nomes da divindade. A primeira que vai dos salmos um ate ao 41 e desde os salmos 90 ate ao 150 que ressalta a pessoa de Jeová como “Senhor”, a segunda divisão que vai dos salmos 42 ate ao 89 da um enfoque de Jeová como Deus “Elohim”.

Os Salmos estão divididos em:

(1**)** Cânticos de Louvor,
(2**)** Cânticos de ação de graças,
(3**)** Salmos de oração e suplicas,
(4**)** Salmos de Majestade divina etc.
(5**)** O livro de salmos e o hinário e livro devocional dos Hebreus.

PROVÉRBIOS

Também como os Salmos tratam-se de uma coletânea de declarações de sabedoria moral e espiritual. O livro trata principalmente da excelência da sabedoria e afirma que para adquiri-la é preciso ter o temor do Senhor. Respeitar e honrar o Senhor são a fonte da sabedoria. O livro de Provérbios foi escrito por volta dos anos 970-700 a.C. Fala de Sabedoria. A palavra provérbio vem do hebraico marshal que significa: Parábola, oráculo, máxima sabia. Este livro conte 31 versos. A autoria deste livro engloba: **(**1**)** Salomão que escreveu 3000 provérbios, Agur **(**Pv 30:1-33**)**, Rei Lemuel. Pv 31:1-9. Três Tipos de Sabedoria:

1. A sabedoria humana — relativa: Pv 4:5b; At 7:22; 17:28.

2. A sabedoria divina — absoluta: Pv 4:5a; I Rs 3:28; Dn 5:11; Tg 3:17.

3. A sabedoria diabólica — corrompida: Jó 1:7; Tg 3:14-16; Jó 1:9b.

ECLESIASTES

Acredita-se que tenha sido Salomão seu autor, mas a autoria continua incerta.

É um livro de profunda reflexão, as vezes filosóficas, tendo como tema a vida. Depois de muito refletir o autor conclui que tudo na vida sofre do mal da vaidade. O sentido da vaidade é que tudo passa. Nada tem tanto valor, e valor permanente, para que o homem se agarre a tal. É uma conclusão um tanto que desencorajadora aparentemente. Entretanto, ela vai conduzindo o homem a buscar o que não perece. O que não passa. O que é eterno. O que é de Deus. Então o autor conclui que o final de tudo é '' teme a Deus ''. É isto, que depois de tudo, vale.

1. A exortação ao temor — para com Deus: Ec 12:13; Dt 10:12.

2. A exortação à prudência — para com o mundo: Ec 12:1; Rm 12:1-2.

3. A exortação à comunhão — para com os irmãos: Ec 11:1-2; 2Co 8:10-15.

CÂNTICOS DOS CÂNTICOS

Não é fácil analisar o conteúdo de Cantares de Salomão. Ao invés de ele avançar de modo sistemático e lógico, do primeiro ao último capítulo, movimenta-se numa série de círculos interligados, que por sua vez giram em torno do tema central — o amor. Como cântico, tem seis estrofes ou poemas, cada uma das quais trata de determinado aspecto do amor de noivado, ou do amor conjugal entre Salomão e sua noiva. **(**1.2—2.7;2.8—3.5;3.6—5.1;5.2—6.3;6.4—8.4; 8.5-14**)**. O estado virgem da noiva é descrito pela expressão "jardim fechado" **(**4.12**)**, e a consumação do casamento como entrar no jardim para colher seus frutos excelentes **(**4.16;5.1**)**. A maioria dos diálogos transcorre entre três tipos de personagens: a noiva **(**uma donzela sulamita**)**; o noivo, o rei Salomão; e um grupo de amigas da noiva e do noivo chamadas "filhas de Jerusalém". Quando a noiva e o noivo estão juntos, sentem-se plenamente felizes; quando estão longe, anseiam pela presença um do outro. O apogeu literário de Cantares de Salomão acha-se em 8.6,7A tradição aponta Salomão como autor. Cânticos dos Cânticos possui uma linguagem de amor íntimo. Por causa disto possivelmente, muitos crentes não o comenta usualmente. Todavia, Cantares, como também é chamado, tem sido entendido como uma alegoria espiritual entre Cristo e a sua Igreja. Sua mensagem é simples e bela, Cristo ama sua Igreja, e por ela, como faz um esposo, se entrega e protege.

Capitulo IV

Livros Proféticos: Profetas Maiores

Profeta maior, por ser maior a extensão do seu ministério e, em consequência, como é natural, uma maior extensão dos seus livros.

Isaias. Jeremias. Ezequiel e Daniel: Baseia-se esta classificação no tamanho dos livros. Cada um dos três livros, Isaías, Jeremias, ou Ezequiel, é em si mesmo maior do que todos os 12 profetas menores, tomados em conjunto. Daniel é quase igual ao tamanho combinado dos dois profetas menores, Oséias e Zacarias. As pessoas não costumam ler os livros proféticos da Bíblia tanto quanto os demais livros.

Os livros contendo a Palavra Divina - de Isaías a Malaquias - também são, de certa forma, pouco lidos em casa. São tidos como leitura pesada, inadequada para os jovens. É verdade que os profetas fazem amplo uso de metáforas, símbolos e parábolas; entretanto, a maior porção de seus escritos é constituída de afirmações verdadeiras que requerem pouca ou nenhuma explicação. Esses livros são um retrato vivo da época em que foram escritos. Nenhum livro de história mostra mais eloquentemente o curso da decadência e queda de uma grande nação. Os profetas nos levam às raízes de todas as degenerações humanas.

Estudando seus escritos, entenderemos melhor nosso tempo e saberemos como evitar a degeneração da raça. O que pode ser mais interessante? Mais instrutivo?

Com a cooperação interessada do estudante, o estudo dos Profetas será mais interessante do que poderíamos imaginar e perfeitamente adequado para o ensino dos jovens. Eles são documentos vivos. É interessante estudar os profetas e aprender o que pudermos sobre sua época e sobre os povos a quem pregaram. Isso nos ajuda a entender o cerne de sua mensagem. Porém, com a leitura continuada de seus livros, concluímos que sua mensagem é universal. Suas denúncias e promessas são válidas para nós e para as pessoas de todas as épocas. Desde remotos acontecimentos em Judá emanam promessas para todo o mundo, especialmente da vinda do Senhor.

Em nossa Bíblia, os livros dos Profetas não se acham dispostos cronologicamente. A ordem adotada é aquela ditada pelo Senhor. A Palavra Divina não nos foi transmitida para nos ensinar história, mas para guiar-nos no caminho do céu. Portanto, há uma razão espiritual para os livros dos profetas seguirem, em série, de Isaías à Malaquias.

Comentários Gerais: O período inteiro dos profetas cobriu mais ou menos uns 400 anos, 800-400 a.C. O fato central desse período foi a destruição de Jerusalém, cronologicamente no meio aproximado do período. Com esse fato, de outro modo, sete dos profetas estiveram relacionados, efetiva ou cronologicamente: Jeremias, Ezequiel, Daniel, Obadias, Naum, Habacuque, Sofonias. A queda de Jerusalém foi o tempo da maior atividade profética, que procurava evitá-la ou explicá-la. Ainda que Deus mesmo causasse a destruição de Jerusalém, humanamente falando, Ele fez o que pode para evitá-la.

Parece que Deus preferia ter uma instituição que se batesse pela idéia dEle no mundo, mesmo essa instituição sendo eivada de impiedade e corrupção, a não ter nenhuma. Talvez esteja aí a razão pela qual Ele permitiu ao papado uma existência continuada, através da Idade Média. De qualquer modo, Deus enviou uma falange brilhante de profetas, num esforço por salvar Jerusalém. Não conseguindo salvar a Cidade Santa pecadora, os profetas refulgem literalmente com explicações e garantias de que o colapso do povo de Deus não significa o aniquilamento dos planos divinos; que, depois de um período de castigo, haverá uma restauração e, para o povo de Deus, um futuro glorioso.

A Mensagem de cada Profeta

1. **Isaías:** Deus tem um remanescente, para o qual existe um futuro glorioso.
2. **Jeremias**: o pecado, a condenação e a futura glória de Jerusalém.
3. **Daniel:** os quatro reinos, e o reino universal e eterno de Deus.
4. **Ezequiel:** a queda de Jerusalém, sua restauração e futuro glorioso.

Biografias sintetizadas dos Profetas Maiores

ISAIAS: Foi profeta do reino do Sul, Judá, ao tempo em que o reino do Norte, Israel, fora destruído pelos assírios. Viveu nos reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias. Sua vocação se deu no ano em que Uzias morreu; porém algumas de suas visões podem ter ocorrido mais cedo, (6.1). Segundo tradição judaica, foi morto por Manasses. Podemos conjecturar que a data de seu ministério ativo enquadra-se mais ou menos em 740-687 a.C., abrangendo assim um período de 50 anos, ou mais. Segundo uma tradição rabínica que Amos, pai de Isaías (não Amos o profeta) foi irmão do rei Amazias. Neste caso, Isaías foi primo em 1º grau do rei Uzias e neto do rei Joás, sendo, pois, de sangue real, e membro da corte.

Sua obra literária: Escreveu outros livros que não chegaram até nós: uma biografia de Uzias, II Cr 26.22; um livro dos reis de Israel e de Judá, II Cr 32.32. Foi historiador e vidente. É citado no N.T. mais do que outro profeta. Que intelecto foi o seu! Em algumas de suas rapsódias atinge culminâncias jamais igualadas, mesmo por Shakespeare, Milton ou Homero.

Seu martírio. Uma tradição talmúdica, aceita como autêntica por muitos dos primitivos pais da Igreja, declara que ele resistiu aos decretos idolátricos de Manasses, pelo que foi preso, imprensado entre duas pranchas de madeira e "serrado ao meio", sofrendo assim morte penosa e horrível. Pensa-se que a isto se refere em Hebreus 11.37.

Fundo Assírio sobre que se projeta o Ministério de Isaías: Por 150 anos antes de Isaías o império assírio estivera se expandindo e absorvendo nações vizinhas. Já em 840 a.C. Israel, sob Jeú, começara a pagar tributo à Assíria. Isaías era ainda moço, 732 a.C., quando esse país levou cativo todo o Israel do norte. 13 anos mais tarde, 722, Samaria caiu, e o resto de Israel foi levado cativo.

Poucos anos ainda e os assírios vieram sobre Judá, destruíram 46 cidades muradas, e levaram 200.000 cativos. Finalmente, em 701 a.C., sendo Isaías já idoso, os assírios pararam diante dos muros de Jerusalém, quando seu exército foi desbaratado por um anjo de Deus. Assim, Isaías passou a sua vida toda sob a sombra das ameaças do poderio assírio, e ele próprio testemunhou a ruína de sua nação toda às mãos daqueles inimigos, exceto Jerusalém.

Nota Arqueologia (o rolo de Isaias): Todas as cópias originais dos livros da Bíblia, tanto quanto se sabe, perderam-se. Nossa Bíblia nos veio através de cópias tiradas de outras cópias. Até a invenção da imprensa, 1454 d.C., tais cópias eram feitas à mão.

Os livros do A.T. foram escritos em hebraico. Os do N.T. em grego. Os mais velhos manuscritos conhecidos que agora existem da Bíblia toda datam do 4.° ao 5.° século d.C. São escritos em grego, contendo, com relação ao A.T., a Septuaginta, que foi uma tradução grega do A.T. hebraico, feita no 3º século a.C.

Os mais velhos manuscritos hebraicos existentes dos livros do A.T. que se conhecem foram produzidos cerca de 900 d.C. Sobre eles baseia-se o que se chama o texto massorético do A.T. hebraico, à vista do qual se fizeram nossas versões portuguesas dos livros do A.T. O texto massorético proveio de uma comparação de todos os manuscritos disponíveis, copiados de cópias anteriores feitas por diferentes escolas de escribas. Entre tais manuscritos existem tão poucas variações, que os hebraístas concordam geralmente em que o texto de nossa Bíblia atual, salvo pequenas variantes, é na essência o mesmo dos próprios livros originais.

E ainda há pouco, em 1947, em Ain Fashkha, cerca de 11 kms ao sul de Jericó, 1.600 metros a oeste do Mar Morto, uns beduínos árabes errantes, que transportavam mercadorias do vale do Jordão para Belém, procurando uma cabra que se perdera, próximo de um riacho que desemboca no Mar Morto, deram com uma caverna desmoronada em parte, na qual encontraram uma porção de jarros de onde saíam as extremidades de rolos de pergaminhos.

Os beduínos puxaram os rolos, levaram-nos dali, os quais foram entregues ao Convento Ortodoxo Sírio de S. Marcos, em Jerusalém, de onde foram doados para as Escolas Americanas de Pesquisas no Oriente. Um desses rolos foi identificado como sendo o livro de Isaías, escrito há 2.000 anos passados, 1.000 anos mais antigo do que qualquer manuscrito conhecido de qualquer livro do A.T. hebraico. Foi uma descoberta sensacional. Trata-se de um rolo de pergaminho, de quase 8 ms. de comprimento, feito de folhas de um 25 por 38 cms. costuradas umas às outras, no escrito hebraico antigo, com evidência de que foi feito no século 2.° a.C.

Este e os outros pergaminhos tinham sido envoltos em linho, cobertos de cera preta e cuidadosamente lacrados em jarros de barro. Evidentemente faziam parte de uma biblioteca judaica, que foi escondida nessa caverna isolada, em tempo de perigo, talvez por ocasião da conquista da Judéia pelos romanos. Em sua essência é o mesmo livro de Isaías que conhecemos, uma voz do pó de 2.000 anos passados, preservado pela admirável Providência de Deus em confirmação da integridade de nossa Bíblia.

JEREMIAS: Jeremias viveu uns cem anos depois de Isaías. Isaías salvara Jerusalém da Assíria. Jeremias tentou salvá-la da Babilônia, mas não conseguiu. Jeremias foi chamado para o ofício profético em 627 a.C. Jerusalém foi parcialmente destruída em 605 a.C.; outra vez devastada em 597 a.C.; finalmente incendiada e assolada em 587. Jeremias assistiu às agruras desses terríveis quarenta anos, "o fim da monarquia", "a agonia de morte da nação"; vulto patético e solitário, último mensageiro de Deus à Cidade Santa, que se apegara desesperada e fanaticamente aos ídolos; bradava incessantemente que se arrependessem, Deus os salvaria da Babilônia. De modo que, assim como a Assíria servira de cena de fundo ao ministério de Isaías, assim também a Babilônia serviu ao ministério de Jeremias.

EZEQUIEL: Ezequiel era de família sacerdotal, possivelmente da linha de Zadoque. Ezequiel foi profeta durante o exílio babilônico. Mas ele não foi apenas profeta. Antes disso, foi sacerdote em Jerusalém. Ele foi treinado para o sacerdócio durante o reinado de Joaquim, foi deportado para a Babilônia **(**1.1; 33.21; 40.1**)** e estabeleceu-se junto ao rio Quebar, **(**1.1**)**.

O chamado de Ezequiel veio a ele em 593 a.C, o quinto ano do reinado de Joaquim. A última data dada por oráculo **(**29.17**)** é, provavelmente, 571 a.C, fazendo de seu ministério cerca de vinte anos de duração. A morte de sua esposa ocorreu ao mesmo tempo da destruição de Jerusalém, em 587 a.C **(**24.1,15-17**)**. Exilado por ocasião do segundo cerco de Jerusalém, por volta de sua iminente e completa destruição, incluído a partida da presença de Deus. Partes foram também, aparentemente escritas após a destruição de Jerusalém.

Portanto, Ezequiel manifesta grande familiaridade com Jerusalém, onde passou os primeiros anos de sua vida e como templo do Senhor. Antes da queda de Jerusalém em 586, ele era principalmente um pregador do arrependimento e do juízo. A um povo rebelde, inclinado para a idolatria, e susceptível ao ambiente pagão, ele trouxe constantes advertências. Aos seus desesperados ouvintes, depois da queda de Jerusalém ele veio a ser um consolador, um arauto da salvação, um expositor da necessidade da religião interior, um profeta do rejuntamento e o que previa a restauração divina do Templo, dos cultos e da terra para um Israel redimido e purificado.

DANIEL: Daniel estava no primeiro grupo de cativos levados de Jerusalém para a Babilônia, 605 a.C. Pertencia à nobreza, era de descendência real, v. 3. Diz Josefo que ele e seus três amigos eram parentes do rei Zedequias. Isto lhes facilitaria o acesso ao palácio de Babilônia. Jovens de boa aparência, talentosos, estavam sob o cuidado especial de Deus, e por Ele foram preparados para dar testemunho do Seu nome na corte pagã que naquela época governava o mundo.

As "finas iguarias do rei", v.8, que recusaram comer, eram provavelmente alimentos que antes haviam sido oferecidos em sacrifício aos ídolos babilônicos. A rápida ascensão de Daniel a uma posição de fama mundial está indicada em Ezequiel 14.14,20; 28:3; passagens estas escritas só 15 anos mais tarde, quando ele era ainda muito moço. Que homem notável!!!

Capitulo V

Livros Proféticos: Profetas Menores

Profetas menores, por ser menor a extensão do seu ministério e, em consequência, como é natural, uma menor extensão dos seus livros. Consta do ministério dos profetas, que dão nome aos doze livros.

Oséias, Joel, Amos, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias: Há doze livros na Bíblia chamados de profetas menores. É-lhes dado esse nome, não por serem menores do que os outros em importância, mas por terem poucos capítulos. No entanto, seu conteúdo é maravilhoso! Os profetas menores mostram especialmente que Deus é, Sua pessoa, Seus atributos, Suas características de amor e justiça.

A Mensagem de cada Profeta

1. **Oséias:** o Senhor repudiado por Israel, será um dia Deus de todas as nações.
2. **Joel:** visão da dispensação do evangelho, colheita das nações pelo Senhor.
3. **Amós:** a Casa de Davi, ora repudiada por Israel, ainda regerá o mundo.
4. **Obadias:** Edom perecerá de todo, por causa de sua inimizade ao povo de Deus.
5. **Jonas:** vislumbre do interesse do Deus de Israel nos inimigos de seu povo.
6. **Miqueias:** o Príncipe vindouro de Belém, e seu reinado universal.
7. **Naum:** Juízo pendente sobre Nínive.
8. **Habacuque:** certeza de triunfo final para o povo do Senhor.
9. **Sofonias:** a vinda de nova revelação, chamada por um nome novo.
10. **Ageu:** o segundo templo, e o templo maior que há de vir.
11. **Zacarias:** o rei vindouro, sua casa e seu reino ilustre.
12. **Malaquias:** mensagem final à nação messiânica.

O Profeta no Antigo Testamento

Os profetas do Antigo Testamento eram homens de Deus que, espiritualmente, achavam-se muito acima de seus contemporâneos. Nenhuma categoria, em toda a literatura, apresenta um quadro mais dramático do que os profetas do AT. Os sacerdotes juizes, reis, conselheiros e os salmistas tinham cada um, lugar distintivo na história de Israel, mas nenhum deles logrou alcançar a estatura dos profetas nem chegou a exercer tanta influência na história da redenção.

Os profetas exerceram considerável influência sobre a composição do AT. Tal fato fica evidente na divisão tríplice da Bíblia hebraica: a Torá, os Profetas e os Escritos. Lc 24.44. A palavra "profeta" aparece aproximadamente 660 vezes na Bíblia. Destas, 440 vezes no Antigo Testamento e 220 vezes no Novo Testamento.

Os Profetas Pré-clássicos - Houve muitos profetas, ao longo da história, que ministraram ao povo de Deus, mas suas obras não constam no cânon das Escrituras. São chamados de "pré-clássicos". Seu ministério aconteceu antes dos profetas tradicionais, clássicos. Alguns apenas profetizavam oralmente, sem registrar suas pregações. Outros escreveram, mas suas obras se perderam. O Espírito Santo os usou, mas não preservou seus escritos. Os nomes de alguns constam no A.T. Gade (I Sm 22.5; 2 Sm 24.11-19; I Cr 21.9-19; 29.29; II Cr 29.25); Natã (II Sm 7.2-17; 12.1-15; I Rs 1.8-34; I Cr 29.29; 2Cr 9.29; 29.25); Ido (II Cr 9.29; 12.15; 13.22); Semaías (I Rs 12.22; II Cr 12.15); Aías (I Rs 11.29; II Cr 9.29); Azarias (II Cr 15.1); Hanani (II Cr 16.7-10); Jeú (I Rs 16.1-7; II Cr 19.2,3; 20.34); Elias (I Rs 17 a 21; II Rs 1.1-18); Micaías (I Rs 22.8-28); Eliseu (II Rs 1 a 9.1; 13.14-21); Zacarias (II Cr 24.20; Mt 23.35; Lc 11.51); Odede (II Cr 28.9-15).

Outros tiveram os nomes omitidos. São anônimos. Ficaram conhecidos como "profetas de Samuel em Rama" (I Sm 10.5-11; 18.10; 19.19-24); um "homem de Deus" (I Rs 13.1-24); o "velho profeta" (I Rs 13.11-32); os cem profetas escondidos por Obadias (I Rs 18.4); dois profetas desconhecidos (I Rs 20.13,35); os quatrocentos profetas de Acabe (I Rs 22.6-12); os "filhos dos profetas" discípulos de Elias e Eliseu (II Rs 2.3); em Jericó (II Rs 2.5); em Gilgal (II Rs 4.38); em lugar desconhecido (II Rs 6.1); um jovem profeta (II Rs 9.1-10).

Os Profetas Clássicos - Os pré-clássicos foram pregadores em momentos de crise, com mensagem restrita a aquela época. Os profetas clássicos são os profetas escritores, que deixaram grandes princípios espirituais para todas as épocas. São dezesseis autores de dezessete livros proféticos (Jeremias escreveu dois livros).

Nossa visão de profeta é condicionada por eles e pelo descortínio de futuro que apresentam, além do chamado "sermão profético", de Jesus. Assim pensamos no futuro. Mas o verdadeiramente profeta é aquele que traz uma mensagem da parte de Deus que pode se aplicar às pessoas que o ouvem, e, muitas vezes, deixando princípios para as demais gerações posteriores.

O choque entre Profeta e o Sacerdote - Quando lemos os livros proféticos, vemos que houve grandes choques entre profetas e sacerdotes. Boa parte se deu porque os sacerdotes institucionalizaram a religião, tornando-a matéria de rito. Esta deixou de ser vida com Deus e passou a ser algo que obedecia a ritos e que sucedia dentro de um prédio chamado templo. Havia algumas diferenças importantes entre o profeta e o sacerdote, a saber:

(1) Chamada - Os profetas eram chamados e designados soberana, individual e diretamente por Deus. Os sacerdotes eram designados por descenderem de Arão (hereditário). Isso ajuda a entender que o profeta tinha uma consciência muito mais aguda de missão. Nascia-se sacerdote, mas não se nascia profeta. Um casal podia produzir um sacerdote, mas só Deus podia fazer um profeta.

(2) Função - Os profetas representavam Deus perante o povo. Os sacerdotes representavam o povo perante Deus. Os sacerdotes ofereceram sacrifícios. Alguns dos profetas foram sacrificados, não como holocausto, mas como conseqüência de seu ministério.

(3) Área de atuação - Os sacerdotes se restringiram basicamente ao templo. Os profetas ministravam em todo lugar. Não estavam restritos a um prédio. Trabalhavam no campo rural, nas cortes dos reis, etc. Os sacerdotes eram burocratas do templo. O profeta era um operário na rua.

(4) Ministério - Os profetas se preocuparam com a justiça social e ética, com a dignidade humana e relacionamentos sociais corretos. Pregavam a necessidade de um coração limpo. Falavam do julgamento divino devido ao pecado e pregavam a necessidade de arrependimento. Sua mensagem ecoava principalmente em épocas de crise, angústia, e decadência moral e espiritual da nação. Os sacerdotes, por sua vez, ministravam constantemente e se preocupavam mais com o sistema religioso. De novo, a diferença entre vida e rito.

(5) Ensino - Os profetas eram pregadores de reavivamento, reformando a nação. Os sacerdotes eram mestres habituais, informando e interpretando as leis de Deus à nação. É importante ressaltar que eles não pregaram uma mensagem nova, inédita. Eles pregaram a lei, no seu sentido moral e espiritual, não ritual. A ênfase no ritualismo sacerdotal levou a uma religião seca, de hábitos, e não de vida. Os profetas mostraram que Deus queria vida, mais que culto. Os textos mais notáveis são Isaías 1.13-18, 58.3-11, Am 5.21-24 e Ml 1.10, I Sm 15.22, onde Deus prefere que se fechem as portas do templo do que lhe ofereçam um culto desvinculado da vida.

Homens do Espírito e da Palavra: O profeta não era simplesmente um líder religioso, mas alguém possuído pelo Espírito de Deus. Ez 37.1.4. Pelo fato do Espírito e a Palavra estarem nele, o profeta do AT possuía estas três características:

(1) Conhecimentos divinamente revelados. Ele recebia conhecimentos da parte de Deus no tocante às pessoas, aos eventos e à verdade redentora. O propósito primacial de tais co¬nhecimentos era encorajar o povo a permanecer fiel a Deus e ao seu concerto. A caracte¬rística distintiva da profecia, no AT. era tornar clara a vontade de Deus ao povo mediante a instrução, a correção e a advertência. O Senhor usava os profetas para pronunciarem o seu juízo antes de este ser desferido.

Do solo da história sombria de Israel e de Judá, brotaram profecias específicas a respeito do Messias e do reino de Deus, bem como predições sobre os eventos mundiais que ainda estão por ocorrer.

(2) Poderes divinamente outorgados. Os profetas eram levados à esfera aí da que recebiam a plenitude do Espírito de Deus. Através dos profetas, a vida e o poder divinos eram demonstrados de modo sobrenatural diante de um mundo que, doutra forma, se fecharia à dimensão divina.

(3) Estilo de vida característico. Os profetas, na sua maioria, abandonaram as corriqueiras da vida a fim de viverem exclusivamente para Deus. Protestavam intensamente contra a idolatria, a imoralidade e iniqüidades cometidas pelo povo, bem como a corrupção praticada pêlos reis e sacerdotes. Suas atividades visavam mudanças santas e justas em Israel. Suas investidas eram sempre em favor do reino de Deus e de sua justiça. Lutavam pelo cumprimento da vontade divina, sem levar em conta os riscos pessoais.

Os Falsos Profetas

O Antigo Testamento contém um exemplo magnífico no caso de Micaías e os profetas do rei Acabe, registrado em I Reis 22. O rei Acabe, de Israel, havia tentado persuadir o rei Josafá, de Judá, a se juntar a ele numa batalha contra a Síria para anexar um pedaço do estado de real, conhecido como Ramote-Gileade, mas Josafá estava inseguro. Ele queria perguntar a um profeta se a iniciativa tinha a bênção do Senhor. Quando expressou esse desejo, Acabe respondeu chamando 400 profetas da corte, que então testificaram: "Sobe, porque o Senhor a entregará na mão do rei" (v.6).

Nesse momento, Acabe ficou Feliz; mas Josafá não estava satisfeito, pois sentiu que aqueles homens eram apenas peões pagos por Acabe com propósitos de propaganda. Josafá perguntou: "Não há aqui ainda algum profeta do Senhor, ao qual possamos consultar?" (v.7) Acabe admitiu que havia um homem chamado Micaías, mas disse que o odiava porque nunca tinha profetizado nada de bom dobre si. Mesmo assim, pela insistência de Josafá, aquele profeta impopular foi chamado. De início, o profeta ridicularizou os reis, dizendo exatamente o que os falsos profetas tinham profetizado. Mas todos compreenderam o que ele estava fazendo, e Acabe por fim perguntou: "Até quantas vezes te conjurarei, que me não fales senão a verdade em nome do Senhor?" (v.16).

Micaías responde, conforme Deus o havia instruído: "Vi todo Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor; e disse o Senhor: Estes não têm Senhor; torne casa um em paz para sua casa" (v.17). Aquilo foi de modo evidente uma profecia sobre a morte de Acabe, e foi obviamente impopular. Micaías foi preso. Porém, quando estava sendo levado para a prisão, exclamou: "Se tu voltares em paz, o Senhor não tem falado por mim" (v 28). E mais, ele desafiou todo o povo a registrar aquela profecia.

Há numerosas referências no Antigo Testamento aos falsos profetas. Por exemplo: quatrocentos falsos profetas foram reunidos pelo rei Acabe (II Cr 18.4-7); um espírito mentiroso achava-se na boca deles, II Cr 18.18-22. Segundo o Antigo Testamento, o profeta era considerado falso:

1. Se desviasse as pessoas de Deus para alguma forma de idolatria, Dt 13.1-5.
2. Se suas profecias contrariassem as Escrituras, Dt 13.1-5.
3. Se não denunciasse os pecados do povo, Jr 23.9-18.
4. Se predissesse coisas específicas que não cumprissem, Dt 18.20-22.
5. Se praticasse adivinhação, astrologia, feitiçaria, bruxaria, etc. Dt 18.10-11.

Capitulo VI

O Antigo Testamento e Israel



Gênesis oferece uma visão particular do começo da história de Israel, que é mais propriamente a história de uma família. Procedentes da cidade mesopotâmica de Ur dos caldeus, situada junto ao Eufrates, Abraão e a sua esposa chegaram ao país de Canaã. Deus havia prometido a Abraão que faria dele uma grande nação (Gn 12.1-3 cf. 15.1-21 17.1-4) e, conforme essa promessa, nasceu o seu filho Isaque, que, por sua vez, foi o pai de Jacó. Durante a sua longa viagem, primeiro na direção norte e depois na direção sul, Abraão deteve-se em diversos lugares mencionados na Bíblia: Harã, Siquém, Ai e Betel (Gn 11.31-12.9) atravessou a região desértica do Neguebe e chegou até o Egito, de onde, mais tarde, regressou para, finalmente, estabelecer-se em um lugar conhecido como "os carvalhais de Manre", junto a Hebrom. Gn 13.1-3,18. Ao morrer Abraão (Gn 25.7-11 cf. 23.2,17-20), Isaque converte-se no protagonista do relato bíblico, que o apresenta como habitante de Gerar e Berseba (Gn 26.6,23), lugares do Neguebe (Gn 24.62), na região meridional da Palestina. Isaque, herdeiro das promessas de Deus a Abraão, aparece no meio de um quadro descritivo da vida seminômade do segundo milênio a.C.: busca de campos de pastoreio, assentamentos provisórios, ocasionais trabalhos agrícolas nos limites de povoados fronteiriços e discussões por causa dos poços de água onde se dava de beber ao gado. Gn 26.

Depois de Isaque, a atenção do relato concentra-se nos conflitos pessoais surgidos entre Jacó e o seu irmão Esaú, que são como que uma visão antecipada dos graves problemas que, posteriormente, haveriam de acontecer entre os israelitas, descendentes de Jacó, e os edomitas, descendentes de Esaú. A história de Jacó é mais longa e complicada que as anteriores. Consta de uma série de relatos entrelaçados: a fuga do patriarca para a região mesopotâmica de Padã-Arã a inteligência e a riqueza de Jacó o regresso a Canaã o episódio de Peniel, onde Deus mudou o nome de Jacó para Israel (Gn 32.28) a revelação de Deus e a renovação das suas promessas (Gn 35.1-15) a história de José e a morte de Jacó no Egito. Gn 37.1-50.14.

A saída do Egito

A situação política e social das tribos israelitas, do Egito e dos países do Oriente Médio, no período que vai da morte de José à época de Moisés, sofreu mudanças consideráveis. O Egito viveu um tempo de prosperidade depois de expulsar do país os invasores hicsos. Este povo oriundo da Mesopotâmia, depois de passar por Canaã, havia se apropriado, no início do séc. XVIII a.C., da fértil região egípcia do delta do Nilo. Os hicsos dominaram no Egito cerca de um século e meio, e, provavelmente, foi nesse tempo que Jacó se instalou ali com toda a sua família.

Esta poderia ser a explicação da acolhida favorável que foi dispensada ao patriarca, e de que algum dos seus descendentes como aconteceu com José **(**Gn 41.37-43**)**, chegaram a ocupar postos importantes no governo do país. A situação mudou quando os hicsos foram finalmente expulsos do Egito. Os estrangeiros residentes, entre os quais encontravam-se os israelitas, foram submetidos a uma dura opressão. Essa mudança na situação política está registrada em Êxodo 1.8, que diz que subiu ao trono do Egito um novo rei "que não conhecera a José." Durante o mandato daquele faraó, os israelitas foram obrigados a trabalhar em condições subumanas na edificação das cidades egípcias de Pitom e Ramessés. Êx 1.11. Porém, em tais circunstâncias, teve lugar um acontecimento que haveria de permanecer gravado, para sempre, nos anais de Israel: Deus levantou um homem, Moisés, para constituí-lo libertador do seu povo.

Moisés, apesar de hebreu por nascimento, recebeu uma educação esmerada na própria corte do faraó. Certo dia, Moisés viu-se obrigado a fugir para o deserto, e ali Javé **(**nome explicado em Êxodo 3.14 como "EU SOU O QUE SOU"**)** revelou-se a ele e lhe deu a missão de libertar os israelitas da escravidão a que estavam submetidos no Egito. Êx 3.1-4.17. Regressou Moisés ao Egito e, depois de vencer com palavras e ações maravilhosas a resistência do faraó, conseguiu que a multidão dos israelitas se colocasse em marcha em direção ao deserto do Sinai.

Esse capítulo da história de Israel, a libertação do jugo egípcio, marcou indelevelmente a vida e a religião do povo. A data precisa desse acontecimento não pode ser determinada. Têm-se sugerido duas possibilidades: até meados do séc. XV e até meados do séc. XIII. **(**Neste último caso seria durante o reinado de Ramsés II ou do seu filho Meneptá**)**.

Durante os anos de permanência no deserto do Sinai, enquanto os israelitas dirigiam-se para Canaã, produziu-se um acontecimento de importância capital: Deus instituiu a sua Aliança com o seu povo escolhido. Êx 19. Essa Aliança significou o estabelecimento de um relacionamento singular entre Javé e Israel, com estipulações fundamentais que ficaram fixadas na lei mosaica, cuja síntese é o Decálogo. Êx 20.1-17. A conquista de Canaã e o período dos juízes.

Depois da morte de Moisés **(**Dt 34**)**, a direção do povo foi colocada nas mãos de Josué, a quem coube guiá-lo ao país de Canaã, a Terra Prometida. A entrada naqueles territórios iniciou-se com a passagem do Jordão, fato de grande significação histórica, porque com ela inaugurava-se um período decisivo para a constituição da futura nação israelita. Js 1-3.

Conquistar e assentar-se em Canaã não se tornou empresa fácil. Foi um longo e duro processo **(**Jz 1**)**, às vezes, de avanço pacífico, mas, às vezes, de inflamados choques com os hostis povos cananeus **(** Jz 4-5**)**, formados por populações diferentes entre si, ainda que todas pertencentes ao comum tronco semítico muitas delas terminaram absorvidas por Israel. Js 9.

Naquele tempo da chegada e conquista de Canaã, os grandes impérios do Egito e da Mesopotâmia já haviam iniciado a sua decadência. Destes eram vassalos os pequenos Estados cananeus, de economia agrícola e cuja administração política limitava-se, geralmente, a uma cidade de relativa importância nos limites das suas terras. Em relação à religião, caracterizava-se sobretudo pelos ritos em honra a Baal, Aserá e Astarote, e a deuses secundários, geralmente divindades da fecundidade.

A etapa conhecida como "período dos juízes de Israel" sucedeu à morte de Josué. Js 24.29-32. Desenvolveu-se entre os anos 1200 e 1050 a.C., e a sua característica mais evidente foi, talvez, a distribuição dos israelitas em grupos tribais, mais ou menos independentes e sem um governo central que lhes desse um mínimo sentido de organização política. Naquelas circunstâncias surgiram alguns personagens que assumiram a direção de Israel e que, ocasionalmente, atuaram como estrategistas e o guiaram nas suas ações de guerra (ver, p. ex., em Juízes 5, o Cântico de Débora, que celebra o triunfo de grupos israelitas aliados contra as forças cananeias).

Entre todos os povos vizinhos, foram, provavelmente, os filisteus que representaram para Israel a mais grave ameaça. Procedentes de Creta e de outras ilhas do Mediterrâneo oriental, os filisteus, conhecidos também como "os povos do mar", que primeiramente haviam intentado sem êxito penetrar no Egito, apoderaram-se depois (por volta de 1175 a.C.) das planícies costeiras da Palestina meridional. Ali estabeleceram-se e constituíram a "Pentápolis", o grupo das cinco cidades filistéias: Asdode, Gaza, Asquelom, Gate e Ecrom (I Sm 6.17), cujo poder reforçou-se com a sua aliança e também com o monopólio da manufatura do ferro, utilizado tanto nos seus trabalhos agrícolas quanto nas suas ações militares. I Sm 13.19-22.

O início da monarquia de Israel

A figura política dos "juízes", apta para resolver assuntos de caráter tribal, mostrou-se ineficaz ante os problemas que, mais tarde, haveriam de ameaçar a sobrevivência do conjunto de Israel no mundo palestino. Assim, pouco a pouco, veio a implantação da monarquia e, com ela, uma forma de governo unificado, dotado da autoridade necessária para manter uma administração nacional estável. Ainda que a monarquia tenha enfrentado, no início, fortes resistências internas (I Sm 8), paulatinamente chegou a impor-se e consolidar-se. Samuel, o último dos juízes de Israel, foi sucedido por Saul, que em 1040 a.C. iniciou o período da monarquia, que se prolongou até 586 a.C., quando, durante o reinado de Zedequias, os babilônios sitiaram e destruíram Jerusalém, tendo Nabucodonosor à frente. Saul, que começou a reinar depois de ter obtido uma vitória militar (I Sm 11) e de ter triunfado em outras ocasiões, todavia, nunca conseguiu acabar com os filisteus, e foi lutando contra eles no monte Gilboa que morreram os seus três filhos e ele próprio. I Sm 31.1-6.

Saul foi sucedido por Davi, proclamado rei pelos homens de Judá na cidade de Hebrom. II Sm 2.4-5. O seu reinado iniciou-se, pois, na região meridional da Palestina, mas depois estendeu-se em direção ao norte. Reconhecido como rei por todas as tribos israelitas, conseguiu unificá-las sob o seu governo.

Durante o tempo em que Davi viveu, produziram-se acontecimentos de grande importância: a anexação à nova entidade nacional de algumas cidades cananéias antes independentes, a submissão de povos vizinhos e a conquista de Jerusalém, convertida desde então na capital do reino e centro religioso por excelência. Próximo já da sua morte, Davi designou por sucessor o seu filho Salomão, sob cujo governo alcançou o reino as mais altas cotas de esplendor. Salomão soube estabelecer importantes relacionamentos políticos e comerciais, geradores de grandes benefícios para Israel. As riquezas acumuladas sob o seu governo permitiram realizar em Jerusalém construções de enorme envergadura, como o Templo e o palácio real. O prestígio de Salomão fez-se proverbial, e a fama da sua prudência e sabedoria nunca tiveram paralelo na história dos reis de Israel. I Rs 5-10.

A ruptura da unidade nacional

A despeito de todas as circunstâncias favoráveis que rodearam o reinado de Salomão, foi precisamente aí que a unidade do reino começou a fender-se. Por um e outro lado do país, surgiam vozes de protesto pelos abusos de autoridade, pelos maus tratos infligidos à classe trabalhadora e pelo agravamento dos tributos destinados a cobrir os gastos que originavam as grandes construções. Tudo isso, fomentando atitudes de descontentamento e rebeldia, foi causa do ressurgimento de antigas rivalidades entre as tribos do Norte e do Sul.

Os problemas chegaram ao extremo quando, morto Salomão, ocupou o trono o seu filho Roboão. I Rs 12.1-24. Sem a sensatez do seu pai, Roboão provocou, com imprudentes atitudes pessoais, a ruptura do reino: de um lado, a tribo de Judá, que seguiu fiel a Roboão e manteve a capital em Jerusalém de outro, as tribos do Norte, que proclamaram rei a Jeroboão, antigo funcionário da corte de Salomão. Desde esse momento, a divisão da nação em reino do Norte e reino do Sul se fez inevitável.

Judá, sempre governada por um membro da dinastia davídica, subsistiu por mais de trezentos anos, ainda que a sua independência nacional tivesse sofrido importantes oscilações desde que, no final do séc. VIII a.C., a Assíria a submeteu a uma dura vassalagem. Aquele antigo império dominou a Palestina até que medos e caldeus, já próximo do séc. VI a.C., apagaram-na do panorama da história. Na 1-3. Então, em Judá, onde reinava Josias, renasceram as esperanças de recuperar a perdida independência mas, depois da batalha de Megido **(**609 a.C.**)**, com a derrota de Judá e a morte de Josias **(**II Cr 35.20-24**)**, o reino entrou em uma rápida decadência, que terminou com a destruição de Jerusalém em 586 a.C. O Templo e toda a capital foram arrasados, um número grande dos seus habitantes foi levado ao exílio, e a dinastia davídica chegou ao seu fim. II Rs 25.1-21. Ao que parece, a perda da independência de Judá supôs a sua incorporação à província babilônica de Samaria mas, além disso, o país havia ficado arruinado, primeiro pela devastação que causaram os invasores e em seguida pelos saques a que o submeteram os seus povos vizinhos, Edom **(**Ob 11**)**, Amom e outros. Ez 25.1-4.

O reino do Norte, Israel, nunca chegou a gozar uma situação politicamente estável. A sua capital mudou de lugar em diversas ocasiões, antes de ficar finalmente instalada na cidade de Samaria **(**I Rs 16.24**)**, e várias tentativas para constituir dinastias duradouras terminaram em fracasso, frequentemente de modo violento. Os 8.4.

A aniquilação do reino do Norte sob a dominação assíria ocorreu gradualmente: primeiro foi a imposição de um grande tributo **(**II Rs 15.19-20**)** em seguida, a conquista de algumas povoações e a consequente redução das fronteiras do reino e, por último, a destruição de Samaria, o exílio de uma parte da população e a instalação de um governo estrangeiro no país conquistado.

O Exílio

Os babilônios permitiram que os exilados do reino de Judá formassem famílias, construíssem casas, cultivassem pomares (Jr 29.5-7) e chegassem a consultar os seus próprios chefes e anciãos (Ez 20.1-44) e, igualmente, permitiram-lhes viver em comunidade, em um lugar chamado Tel-Abibe, às margens do rio Quebar. Ez 3.15. Assim, pouco a pouco, foram-se habituando à sua situação de exilados na Babilônia. Em semelhantes circunstâncias, a participação comum nas práticas da religião foi, provavelmente, o vínculo mais forte de união entre os membros da comunidade exilada e a instituição da sinagoga teve um papel relevante como ponto de encontro para a oração, a leitura e o ensinamento da Lei, o canto dos Salmos e o comentário dos escritos dos profetas.

Desta maneira, com o exílio, a Babilônia converteu-se num centro de atividade religiosa, onde um grupo de sacerdotes entregou-se com empenho à tarefa de reunir e preservar os textos sagrados que constituíam o patrimônio espiritual de Israel. Entre os componentes desse grupo se contava Ezequiel, que, na sua dupla condição de sacerdote e profeta (Ez 1.1-3 2.1-5), exerceu uma influência singular.

Dadas as condições de tolerância e até de bem-estar em que viviam os exilados na Babilônia, não é de estranhar que muitos deles renunciassem, no seu tempo, regressar ao seu país. Outros, pelo contrário, mantendo vivo o ressentimento contra a nação que os havia arrancado da sua pátria e que era causa dos males que lhes haviam sobrevindo, suspiravam pelo momento do regresso ao seu longínquo país. Sl 137 Is 47.1-3.

Retorno e restauração

A esperança de uma rápida libertação cresceu entre os exilados quando Ciro, rei de Anshan, empreendeu a sua carreira de conquistador e fundador de um novo império. Elevado já ao trono da Pérsia (559-530 a.C.), as suas qualidades de estrategista e de político permitiram-lhe superar rapidamente três etapas decisivas: primeiro, a fundação do reino medo-persa, com a sua capital Ecbatana (553 a.C.) segundo, a conquista de quase toda a Ásia Menor, culminada com a vitória sobre o rei de Lídia (546 a.C.) terceiro, a entrada triunfal na Babilônia (539 a.C.). Desse modo, ficou configurado o império persa, que, durante mais de dois séculos, dominou o panorama político do Oriente Médio.

Ciro praticou uma política de bom relacionamento com os povos submetidos. Permitiu que cada um conservasse os seus usos, costumes e tradições e que praticasse a sua própria religião, atitude que redundou em benefício aos judeus residentes na Babilônia, os quais, por decreto real, ficaram com a liberdade de regressar à Palestina.

O livro de Esdras contém duas versões do referido decreto (Ed 1.2-4 e 6.3-12), no qual se ampararam os exilados que quiseram voltar à pátria. E é importante assinalar que o imperador persa não somente permitiu aquele regresso, mas também devolveu aos judeus os ricos utensílios do culto que Nabucodonosor lhes havia arrebatado e levado à Babilônia. Para maior abundância, Ciro ordenou também uma contribuição de caráter oficial para apoiar economicamente a reconstrução do templo de Jerusalém.

O retorno dos exilados realizou-se de forma paulatina, por grupos, o primeiro dos quais chegou a Jerusalém sob a liderança de Sesbazar. Ed 1.11. Tempos depois iniciaram-se as obras de reconstrução do Templo, que se prolongaram até 515 a.C. Para dirigir o trabalho e animar os operários contribuíram o governador Zorobabel e o sumo sacerdote Josué, apoiados pelos profetas Ageu e Zacarias. Ed 5.1. O passar do tempo deu lugar a muitos problemas de índole muito diversa. As duras dificuldades econômicas às quais tiveram que fazer frente, as divisões no seio da comunidade e, muito particularmente, as atitudes hostis dos samaritanos foram causa da degradação da convivência entre os repatriados em Jerusalém e em todo Judá.

Ao conhecer os problemas que afligiam o seu povo, um judeu chamado Neemias, residente na cidade de Susã, copeiro do rei persa Artaxerxes (Ne 2.1), solicitou que, com o título de governador de Judá, tivesse a permissão de ajudar o seu povo (445 a.C.). Neemias revelou-se um grande reformador, que atuou com capacidade e eficácia. A sua presença na Palestina foi decisiva, não somente para que se reconstruíssem os muros de Jerusalém, mas também para que a vida da comunidade judaica experimentasse uma mudança profunda e positiva. Ne 8-10.

Artaxerxes investiu, também de poderes extraordinários, ao sacerdote e escriba Esdras, a fim de que este, dotado de plena autoridade, se ocupasse de todas as necessidades do Templo e do culto em Jerusalém e cuidasse de colocar sob a lei de Deus tanto os judeus recém-repatriados como os que nunca haviam saído da Palestina. Ed 7.12-26. Entre eles, promoveu Esdras uma mudança religiosa e moral tão profunda, que, a partir de então, Israel converteu-se no "povo do Livro". A sua figura ocupa nas tradições judaicas um lugar comparável ao de Moisés. Com relação às referências a Artaxerxes no livro de Esdras (7.7) e no de Neemias (2.1), se correspondem a um só personagem ou a dois, os historiadores não têm chegado a uma conclusão definitiva.

O período helenístico

O domínio persa no Oriente Médio chegou ao seu fim quando o exército de Dario III sucumbiu em Isso (333 a.C.) ante as forças de Alexandre Magno (356-323 a.C.). Ali começou a hegemonia do helenismo, que se manteve até 63 a.C. e que entre os seus sucessos contou com o estabelecimento de importantes vínculos entre Oriente e Ocidente. Mas as rivalidades surgidas entre os sucessores de Alexandre (os Diádocos) impediram o estabelecimento de uma unidade política eficaz nos territórios que ele havia conquistado.

De tais divisões originou-se, com referência à Palestina, a que fora dominada primeiro pelos ptolomeus (ou lágidas) do Egito e depois pelos selêucidas da Síria, duas das dinastias fundadas pelos generais sucessores de Alexandre. Durante a época helenística estendeu-se consideravelmente o uso do grego, e muitos judeus residentes na "diáspora" (ou "dispersão") habituaram-se a utilizá-lo como língua própria. Chegou um momento em que se fez necessário traduzir a Bíblia Hebraica para atender às necessidades religiosas das colônias judaicas de fala grega. Essa tradução, chamada de Septuaginta ou Versão dos Setenta, foi feita aproximadamente entre os anos 250 e 150 a.C.

Durante o reinado do selêucida Antíoco IV Epífanes (175-163 a.C.), produziu-se na Palestina um intento de helenização do povo judeu, que causou entre os seus membros uma grave dissensão. Muitos adotaram abertamente costumes próprios da cultura grega, divergentes das práticas judaicas tradicionais, enquanto que outros se agarraram com tenaz fanatismo à lei mosaica. A tensão entre eles foi crescendo até desembocar na rebelião dos Macabeus.

Essa rebelião desencadeou-se quando um ancião sacerdote chamado Matatias e os seus cinco filhos organizaram a luta contra o exército sírio. Depois da morte de Matatias, Judas, o seu terceiro filho, ficou à frente da resistência e, chefiando os seus, reconquistou o templo de Jerusalém, que havia sido profanado pelos sírios, e o purificou e o dedicou. A Hannuká ou Festa da Dedicação (Jo 10.22) comemora esse fato. Convertido em herói nacional, Judas foi o primeiro a receber o sobrenome de "Macabeu" (provavelmente "martelo"), que depois foi dado também aos seus irmãos.

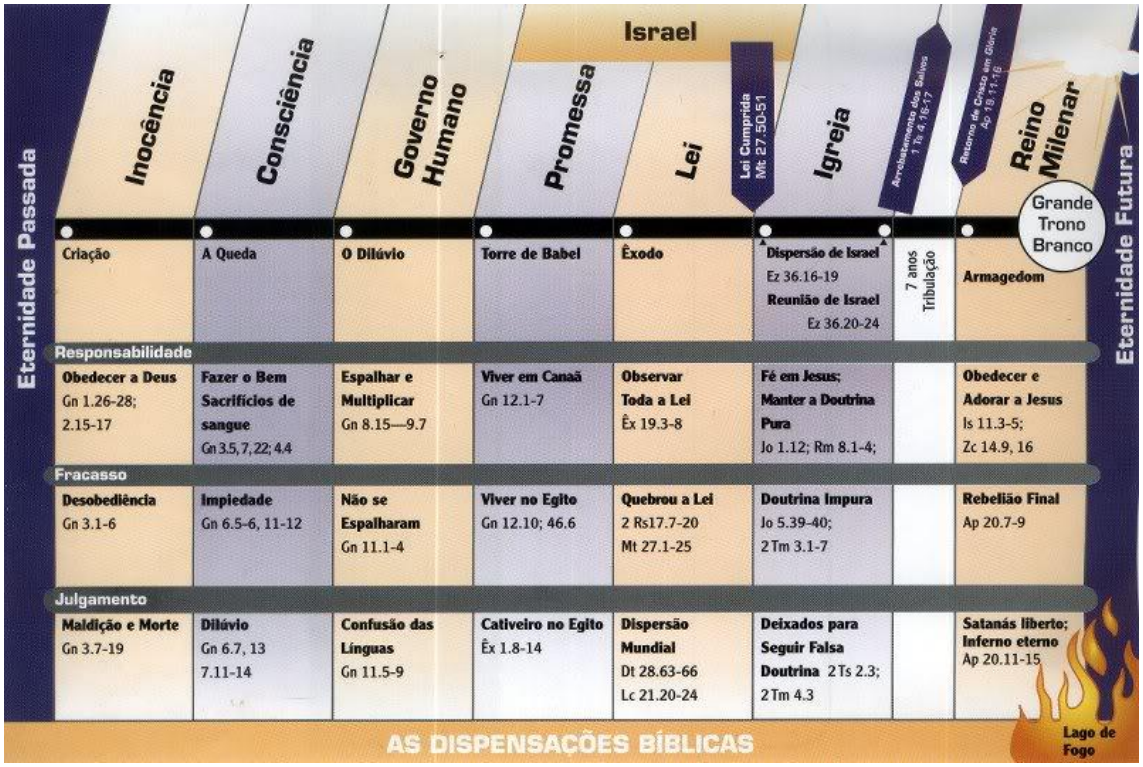
Depois da morte de Simão, o último dos Macabeus, a sucessão recaiu sobre o seu filho João Hircano I (134-104 a.C.), com quem teve início a dinastia hasmonéia. Ainda viveu a Judéia alguns dias de esplendor, mas, em geral, durante o governo dos hasmoneus, a estabilidade política deteriorou-se progressivamente. Mais tarde, entrou em jogo o Império Romano, e, no ano 63 a.C., o general Pompeu conquistou Jerusalém e a anexou, com toda a Palestina, à que já era oficialmente província da Síria. A partir desse momento, a própria vida religiosa judaica ficou hipotecada, dirigida aparentemente pelo sumo sacerdote em exercício, mas submetida, em última instância, à autoridade imperial.

Portanto, a base do Antigo Testamento é a história de um povo. Narra como ele surgiu, como viveu escravo no Egito, como possuiu uma terra, como foi governado, quais as relações que teve com outras nações, como estabeleceu as suas leis, a sua religião. Apresenta seus costumes, sua cultura, seus conflitos, derrotas e esperanças. Mas essa parte da Bíblia é, antes de tudo, a história desse povo em aliança com Deus. Nada do que se conta no Antigo Testamento a respeito de Israel está desligado do seu relacionamento com Javé, o nome com que Deus se revelou.

O Antigo Testamento conta como esse povo se comportou em relação a Javé. Mostra qual o projeto que Deus quis realizar no meio da humanidade através desse povo. Israel foi um povo escolhido, diferente, justamente porque estava encarregado de realizar esse plano de Deus. Esse projeto aparece bem claro nesses livros.

Capitulo VII

O Antigo Testamento e as Dispensações



[Do lat. ecl. dispensationem] Período de tempo no qual Deus se revela de modo distinto e particular ao ser humano. As diversas dispensações devem ser vistas, pois, como os sucessivos esparzimentos da luz da graça que o Senhor vem derramando sobre a raça humana. A graça sempre esteve presente em todas as etapas da história humana. Se Adão foi salvo na dispensação da consciência, o foi pela graça. Se Moisés e Arão o foram na dispensação da Lei, o foram de igual modo pela graça de Deus. Sem a graça, ninguém haveria de ser salvo. As dispensações, por conseguinte, têm de ser vistas como etapas da revelação de Deus, e não como modos distintos de o homem se salvar. Pois só há um único meio de nos salvarmos: aceitar integralmente a graça que nos oferece o Senhor. Em todas as dispensações, a graça sempre foi abundantemente dispensada. Portanto, uma dispensação é definida como um período de tempo em que o homem é experimentado em relação à sua obediência a uma determinada revelação da vontade de Deus.

Na Bíblia podemos encontrar sete Dispensações: 1**)** Da Inocência; 2**)** Da Consciência; 3**)** Do Governo Humano; 4**)** Da Promessa; 5**)** Da Lei; 6**)** Da Graça; 7**)** Do Reino. Quando fazemos um estudo sistemático das Dispensações, observamos os vários métodos utilizados por Deus em relação a três classes de povos bíblicos **(**judeus, gregos, igreja de Deus**)**, pelos vários períodos determinados por ele para o cumprimento de seus propósitos.

O vocábulo dispensação aparece apenas quatro vezes no original da Bíblia. Destacamos aqui os textos nos quais aparece a expressão: I Co 9.17; Ef 1.10; 3.2; Cl 1.25.

Os Grandes Períodos de Tempo na História da Humanidade

Para que possamos entender melhor o assunto, é importante que falemos, ainda que de maneira resumida, sobre os cinco grandes períodos de tempo mencionados pelas Escrituras Sagradas:

1. O primeiro período vai de Adão a Abraão e é caracterizado pela presença de um só povo habitando na terra, os gentios, ou seja, uma nação em geral sem qualquer distinção de povos da parte de Deus. Este período, segundo estudiosos, abrange dois mil anos.

2. O segundo período inicia-se com Abraão e a vai até Cristo. Este período já é marcado na terra pela presença de dois grupos de povos: Judeus e gentios. A revelação de Deus é dada aos judeus, usando-os como bênçãos em benefício dos demais povos. Este período também abrange dois mil anos;

3. O terceiro período começa com o nascimento de Cristo e vai até a sua segunda vinda. Aqui nós vamos encontrar três tipos de povos na terra: os gentios, judeus e um novo grupo denominado de igreja de Deus. Esse período já ultrapassa agora de dois mil anos.

4. O quarto é o período do Milênio, onde será restaurado o trono de Davi, por Jesus Cristo, seu descendente segundo a carne. Mt 1.1; Lc 1.32; Apoc 20.1-6. Esse tempo será marcado pelo arrependimento de Israel que aceitará o Messias, após sofrer os dissabores do período tribulacional. A duração deste quarto período será de mil anos.

5. Este quinto período seguir-se-á ao Milênio. Será um período em que o tempo como elemento humano terminará, unindo a eternidade passada com a futura. A Bíblia se refere a esse tempo como o fim **(**I Co 15.24-28**)**, fim no sentido de última etapa no plano de Deus para com o homem criado por Ele.

As Dispensações da Bíblia

A maioria dos estudiosos apresenta sete dispensações no ciclo da história da humanidade. Em cada uma das dispensações podemos contemplar o grande amor de Deus levando o homem a conhecê-lo por sua misericórdia. A história bíblica revela que dentre todas as provas pelas quais, Deus tem feito passar o homem, este tem falhado, por isso Deus enviou seu próprio Filho objetivando a redenção do homem de todos os seus pecados. As dispensações são na verdade, lições, de como Deus, se relaciona com o homem. Nós precisamos entender o que Deus quer de nós. Aqui de maneira sucinta, considerar as diversas dispensações.

Primeira: Dispensação da Inocência

Palavra chave aqui é: inocência. Gn 1-3. Deus criou o homem em estado de inocência como coroa e glória de toda a criação. Estava no início num lugar perfeito, sujeito a uma lei simples, tendo sido advertido das conseqüências caso desobedecesse. O homem ao ser criado foi dotado de personalidade. Essa personalidade do homem resulta numa tríplice capacidade: a) capacidade de pensar (intelecto); b)capacidade de sentir (emoção); c) capacidade de escolher (livre arbítrio) Esta dispensação estende-se desde a criação do homem até a expulsão do casal do Jardim do Édem. Nesta dispensação o casal deveria encher a terra, comer do fruto da terra, guardar o jardim e abster-se de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Quando comeram do fruto que Deus lhes tinha determinado não comer, desobedecendo a ordem do Senhor, caíram e foram expulsos do Jardim de Édem (Gn 3.1-6; 3.24), tendo como conseqüência maldição e morte sobre si. Gn 3.7-19.

Segunda: Dispensação da Consciência

Palavra chave é consciência. Gn 3-8. Significa a faculdade de convicção própria, o conhecimento da natureza moral dos atos pessoais. Com a queda, o homem perdeu a sua inocência, passando a ter o conhecimento pessoal e experimental do bem e do mal. Mediante este conhecimento a sua consciência acorda e, expulso do Édem, é responsabilizado por fazer todo o bem que conhecia e abster de todo o mal que lhe cercava. Era também responsabilidade do homem ensinar aos seus descendentes sobre a queda e a necessidade da obediência ao Criador. Este período probatório vai deste a queda de Adão até o dilúvio. Cerca de 1.656 anos. Gn 7.21,22. Neste período em que Deus prova a fidelidade do homem num ambiente de liberdade segundo os ditames de sua própria consciência, dois homens triunfaram: Enoque e Noé. Gn 5.24; 6.9. Os demais falharam. Gn 6.5. A justiça divina veio sobre a terra através do dilúvio (Gn 6.17) salvando-se apenas Noé e sua família. Gn 6.18.

Terceiro: Dispensação do Governo Humano

Palavra chave é Governo Humano. Gn 8-11. Nesta dispensação vemos o homem no exercício da tarefa de governar-se a si próprio como sociedade constituída. Era propósito de Deus, provar a capacidade humana de servir a Deus num sistema de consciência coletiva, isto é, como sociedade adotando o governo humano. Noé, sobrevivente do dilúvio, foi o primeiro governador humano. Embora sendo da décima geração depois de Adão, ele nasceu apenas quatorze anos depois da morte de Sete. No período dessas oito gerações e por mais de trezentos e cinqüenta anos ele viveu entre os homens daquela nova geração depois do dilúvio. Vemos, portanto, que o novo mundo teve um pai piedoso. Esta dispensação teve um período de 420 anos, desde o dilúvio até a dispersão em Babel. Foi aqui neste período dispensacional que foi estabelecida a pena capital. O homem fracassou em sua missão de povoar a terra, deixando que o orgulho entrasse em seu coração querendo chegar até Deus. Gn 11.1-4. O juízo de Deus foi a confusão das línguas dos povos (Gn 11.5-9), espalhando-os pela face da terra.

Quarto: Dispensação da Promessa (Patriarcal)

Palavra chave: Promessa. Gn 11 - Ex 19.8. Nesta dispensação ocorre a chamada, organização religiosa e civil de Israel. Abraão é chamado por Deus dentre um povo politeísta para servir ao Deus único e verdadeiro (monoteísmo). Deixa então sua terra e vai para uma terra desconhecida. Nesta dispensação era propósito de Deus levar Abraão e seus descendentes a terem fé em Deus e obedecê-lO, preparando uma nação que se tornaria precursora do Redentor. Teve esta dispensação uma duração de cerca de 430, desde a chamada de Abraão até a escravidão de Israel na terra do Egito. A grande responsabilidade do homem era morar na terra prometida, no entanto, quando a fome chegou na terra de Canaã os descendentes de Abraão foram para o Egito, onde foram escravizados. Ex 1.8-14.

Quinta: Dispensação da lei

Palavra chave: Lei. Lc 16.16; Jô 1.17; Mt 11.11,12. Nesta dispensação o povo de Israel devia reger sua vida religiosa e política segundo a Lei dada por Deus a Moisés no Monte Sinai e demais regimentos que lhe sucederam. Quando lhes foi dada a Lei, todos disseram que cumpririam tudo o que o Senhor dissera. Ex 19.1-8. Com a Lei, Deus queria testar a obediência de Israel além, de avaliar sua capacidade de tornar-se uma nação líder na comunidade mundial como instrumento e porta voz da revelação de Deus, numa preparação final para a vinda do Messias. A Lei destinava-se especificamente a Israel; as demais nações conservavam-se debaixo do regime anterior de Governo Humano. Dt 4.7,8. O propósito de Deus era a eleição de Israel para ser um reino sacerdotal. Ex 19.6. O período de duração desta dispensação é de 1430 anos. Do êxodo até a crucificação de Cristo. *Para uma maior compreensão acerca desta longa dispensação, os estudiosos a divide em sete épocas a saber:*

1. Época da peregrinação;
2. Época das conquistas;
3. Época dos juízes;
4. Época do reino unido;
5. Época do reino dividido;
6. Época do cativeiro e dispersão;
7. Época interbíblica.

Nesta dispensação o homem deveria como prometeu, guardar a Lei e jamais se desviar dela (Ex 19.3-8), mas como era de se esperar, a violou e tornou-se incapaz de cumpri-la (II Rs 17.7-20), tendo como consequência de seus atos a dispersão pelas nações do mundo até 1948, quando voltou a ser uma nação política e geograficamente organizada.

Sexta: Dispensação da Graça ou Dispensação da Igreja

Esse período se estende desde a crucificação de Cristo até a sua segunda vinda. Atos 2.1 a Apoc 19.21. Nesta dispensação contamos com a nova aliança do sangue de Cristo. Tal qual Moisés foi mediador da aliança mosaica, assim Cristo é o mediador da nova aliança. Com exceção do quarto mandamento do decálogo, os outros foram reafirmados na nova aliança.

A morte de Cristo fez a transição do encerramento da Dispensação da Lei e a introdução da Dispensação da Igreja. A sexta dispensação é também chamada de Dispensação da Graça **(**os dois nomes estão corretos, pois embora a graça de Deus esteja em todas as Dispensações, a graça, nesta Dispensação, é o elemento principal de avaliação do homem – como os homens respondem à graça de Deus, em Sua obra salvadora e ao Seu convite redentor**)**.

A graça é o favor imerecido, ou seja, é o SENHOR Deus realizando e oferecendo gratuitamente ao homem – Efésios 2:5,8 e Romanos 11:5-6. A única coisa requerida do homem é a fé – que Ele creia no valor infinito e gracioso da obra de Cristo – João 6:29. 5:24; 6:47 e 10:27-28.

Também encontramos nessa Dispensação o fracasso do homem, tanto no mundo incrédulo **(**Lucas 18:8, e 17:26 a 30**)**, como numa igreja que caminha para a apostasia. Apoc 3:15-16. O homem incredulamente rejeita o presente da salvação. A igreja paulatinamente rejeita por incredulidade as promessas, os preceitos, as providências, as provisões tremendas e a missão que o SENHOR lhe deu.

Assim como o final da Dispensação da Lei teve uma transição **(**as várias partes da Primeira Vinda de Cristo**)**, o final da Dispensação da Igreja também terá uma transição com eventos que compõem a Segunda Vinda de Cristo: O Arrebatamento da Igreja – 1 Ts 4:16-17: O pacto do Anticristo com Israel – Dn 9:27; A tribulação – Mt 24:21-22; A vinda de Cristo com a Sua Igreja – Jd 14; O juízo das nações – Mt 25:31-46. Com o Retorno do Senhor Jesus, será implantado o Reino Milenar de Cristo, a sétima e última Dispensação – Apocalipse 20:6.

Sétima: Dispensação Milênio

Tudo culminará no fim dos sete anos da tribulação com a vinda de Jesus Cristo com seus santos **(**a parousia**)**. Após a parousia, o reino do Anticristo será destruído e Cristo passará a reinar sobre a terra. Assim se cumprirão literalmente às profecias do A.T. que preveem um reino messiânico na terra. Passados os mil anos, satanás será solto da sua prisão, encabeçará uma revolta breve pelos moradores não regenerados do mundo, mas ela será esmagada. Sucederá então o último julgamento. Apoc 20.11-15.

7. Milênio: **(**Reinado de Cristo por 1000 anos – Apoc 20**)**

7.1. Responsabilidade: obedecer e adorar a Cristo. Is 11; 3-5; Zc 14.9,16.

7.2. Fracasso: rebelião final, Apoc 20.7-9.

7.3. Juízo: o lago de fogo, Apoc 20.11-15.

Capitulo VIII

O Antigo Testamento e as Grandes Alianças

Sem o conhecimento da aliança é quase impossível alguém entender algumas passagens bíblicas que estão registradas no Antigo Testamento. Sl 25.14. Na Bíblia, podemos enumerar diversas alianças de Deus com o homem, começando desde o momento da criação com Adão, até Jesus, a plenitude dos tempos. São pactos firmados entre Deus e o homem e que representam promessas feitas por Deus e que demandam de atitudes dos homens.

Na aliança de Deus feita com Adão, e por extensão a toda humanidade, havia uma promessa de vida, sendo esta a parte do pacto que cabia a Deus, e de obediência que seria a parte do homem. Era uma aliança baseada na obediência. Como esse pacto foi quebrado pelo homem que desobedeceu, como conseqüência ele foi condenado a morte e expulso do jardim do Éden. Mas Deus havia criado o homem para estar ao Seu lado, e nele havia posto o fôlego de vida. A vida de Deus havia sido dada ao homem. Então o Deus fiel, através de Isaías, profetiza sobre o nascimento de um homem que seria obediente e que cumpriria a parte do homem nesse antigo pacto firmado. Se o erro de Adão trouxe a morte, agora a obediência de Jesus traz vida, e vida eterna. Através de Jesus é feita uma nova aliança de Deus com o homem. É dessa forma que Deus enxerga os pactos, as alianças. Alguns requisitos para se fazer aliança com alguém:

1. Troca de Cinto (usado na armadura de guerra) (proteção: Gn 15.1 e I Sm 18.3):

Significa: Quem luta contra mim luta contra ti e quem luta contra ti, luta contra mim.

2. Troca de Túnica (ou capa). Era complemento do primeiro tópico. Gn 12.3, I Sm 18.3.

Significa: Que tua vida se torna minha vida e que minha vida se torna tua vida.

3. Corte com derramamento de sangue. Gn 17.11 e Ex 4.25.

Significa: Nossas vidas se unem para sempre, eternamente (sangue é vida).

4. Sinal visível: Marcar com sinal visível na carne. (compl. do 3**) Gn 17.11 e 21.4:** Usa-se passar cinza no local do corte para que outros soubessem, quando vissem; na África ainda se encontra chefes indígenas com marcas pelo braço, e quanto mais marcas, mais poderoso é o chefe, pois possui muitos amigos também chefes.

5. Troca de Nomes. Gn 17.4,5/28 e 26.24: Significa que o meu nome passa a ter direito sobre tudo o que o teu nome tem e o teu nome passa a ter direito sobre tudo o que o meu nome tem direito, inclusive dívidas. Eu passo a ter um pedaço do seu nome e você passa a ter um pedaço do meu nome.

6. Refeição da aliança. Gn 14.18-20: Significa parceria, união (a minha vida se torna a tua e tua vida se torna minha).

7. Morte de um animal. Gn 15.9-17 e Jr 34.18: Significa: Que eu morra se não cumprir e que tu morras se não cumprir. E Memorial **(**plantar árvore como memorial, Gn 21.33**)**: Significa a lembrança da aliança, toda vez que olhar pra lá, deve lembrar-se da aliança.

QUAIS AS ALIANÇAS DE DEUS?

Aliança significa pacto, **(**acordo bilateral de obrigação mútua entre as partes**)**, ajuste, concerto. Teologicamente, diz respeito a concerto entre Deus e o seu povo. O Antigo Testamento é chamado Antiga Aliança. E o Novo Testamento, Nova Aliança. O nosso Deus é Deus de alianças. Através delas, Ele, pelo seu imenso amor, nos dá a garantia de muitas bênçãos, se houver fé e obediência. A iniciativa do concerto sempre foi de Deus, que estabelece as condições. Vejamos:

ALIANÇA DE DEUS COM ADÃO

A primeira aliança Deus fez com Adão e Eva, no Éden: deu-lhes a Terra e pleno domínio sobre os animais; deu-lhes fartura de alimento, abençoou-os e disse-lhes que deveriam frutificar e multiplicar. Mas estabeleceu condições: Não deveriam comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. O princípio da obediência estava criado. Se comessem da árvore proibida, morreriam. Desobedeceram, quebraram a aliança, e experimentaram imediatamente a morte moral e espiritual, e, depois, a morte física. Convém lembrar que em todos os concertos há promessas de bênçãos, mas há a contrapartida da fé e fiel obediência. Gênesis 1.27-30; 2.16-17; 3.2-20. Aliança adâmica ou edênica é como é conhecida a aliança com Adão.

ALIANÇA DE DEUS COM NOÉ

Após o dilúvio, do qual se salvaram Noé e sua família, num total de oito pessoas **(**Gn 7.13**)**, Deus falou: "Convosco estabeleço o meu concerto, que não será mais destruída toda carne pelas águas do dilúvio e que não haverá mais dilúvio para destruir a terra". Como sinal perpétuo dessa aliança Deus deixou o arco sobre as nuvens, conhecido como arco-íris. Gênesis 9.11-17

1. A aliança com Noé tem como base:

1.1. Confirmação de relação homem-terra.

1.2. Confirmação de ordem da natureza.

1.3. Estabelecimento do governo humano.

1.4. Garantia de que a terra não sofreria outro dilúvio **(**arco-íris**)**.

1.5. De Cão procederia à raça inferior e servil.

1.6. Relação especial entre Deus e Sem, visando Cristo.

1.7. Declaração profética de que Jafé seria de raça inteligente.

ALIANÇA DE DEUS COM ABRAÃO

Esta aliança foi chamada "concerto perpétuo", porque foi extensivo às gerações vindouras e já apontando para o Reino Eterno de Cristo, Gn 17.7. O concerto foi feito com Abrão, nome mudado por Deus para Abraão **(**pai da multidão**)**, Gn 17.39. Como parte da aliança, Abraão deveria circuncidar todos os machos, filhos e servos sob sua autoridade, como selo do conserto, e de aceitação de Deus como Senhor. Gn 17.10-14,23.

1. A aliança Abraâmica tem nove partes distintas: Gn 12.2-3,7,15; 13.16; 15.5; 17.2,6,7,8,9.

1.1. Farei de ti uma grande nação, em um sentido natural e espiritual.

1.2. Abençoar-te-ei, em dois sentidos, materialmente e espiritualmente.

1.3. Engrandecerei o teu Nome.

1.4. Serei teu escudo e galardão.

1.5. Tu serás uma benção.

1.6. Abençoarei os que te abençoarem.

1.7. Amaldiçoarei os que te amaldiçoarem.

1.8. Por meio de ti serão benditas todas as famílias da terra.

1.9. E estender a aliança a Isaque, o filho da promessa que iria nascer. Gn 17.16,19.

Nota: Há aproximadamente 4.000 anos atrás, Deus chamou um homem chamado Abrão para uma tarefa especial. Ele era originalmente de Ur dos Caldeus **(**perto da Basra, no Iraque hoje**)**, estava morando em Harã, sul da Turquia hoje, quando Deus o chamou. Quando ele tinha 75 anos Deus falou com ele, Gn 12.1-3. Abrão, sua esposa estéril Sarai e seu sobrinho Ló, saíram de Harã para Canaã, onde Deus disse a ele.

Gênesis 13.14-17. Depois de dez anos de espera pelo filho da promessa em Canaã, Abrão e Sarai se tornaram impacientes. Sarai ofereceu sua serva Hagar para Abrão e eles tiveram um filho chamado Ismael. Porém, esse não era o filho que Deus havia prometido.

Finalmente, quatorze anos depois **(**24 anos depois que eles chegaram a Canaã**)**, Deus falou com Abrão sobre Sua promessa. Foi então quando Deus mudou o nome de Abrão para Abraão **(**pai duma multidão**)**, e o de Sarai para Sara **(**princesa**)** que Deus começou a cumprir Sua promessa, Gn 17.7-8. Esse texto confirma que a aliança de Deus seria perpétua e incondicional, não seria temporária. Nessa época Abrão tinha 99 anos e Sara tinha 90 anos e continuava estéril. Por causa disso, ele entendeu que Ismael, que era seu filho, seria o filho da promessa. Em Gênesis 17.18 Abraão disse a Deus: "Oxalá viva Ismael diante de ti". Esse não era o plano de Deus, o qual Ele explicou: Ismael não era o filho da promessa e Sara realmente teria um filho: Isaque é que seria o herdeiro, teria as promessas e o título da terra. Para que Abraão não tivesse dúvida, Deus disse: "Na verdade, Sara tua mulher te dará um filho e lhe porás o nome de Isaque; com ele estabelecerei a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência depois dele". Gn 17.19.

Como ficaria Ismael? Ele também não é filho de Abraão? Sim, mas não o filho da promessa. Quanto a isto Deus disse: "E quanto a Ismael, também te tenho ouvido: certamente o abençoarei; fá-lo-ei fecundo e o multiplicarei grandissimamente. Doze príncipes gerarão, e dele farei uma grande nação. A minha aliança, porém, estabelecerei com Isaque, que Sara te dará neste mesmo tempo, daqui a um ano". Gn 17.20-21.

Isaque recebeu a bênção da aliança e não Ismael. Isso nos traz para a atualidade porque, a pergunta no momento é: "Quem na verdade tem direito de possuir a Terra de Israel - os Árabes ou os Judeus"? Deus prometeu abençoar Ismael e seus descendentes, mas não com a terra de Canaã, a qual Deus passou o direito de posse para os descendentes de Abraão via Isaque. Esse é um ponto crítico, pois muitos Árabes reivindicam o direito sobre a terra de Israel como descendentes de Abraão através da linhagem de Ismael! Como descendentes de Abraão através de Ismael estava previsto que eles recebessem muitas bênçãos prometidas, mas não a terra de Israel. Esta foi reservada aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó.

Sabemos que Abraão teve outros filhos os quais também não receberam o direito sobre a terra de Canaã. Em Gênesis 25:1-6 lemos que os outros filhos de Abraão receberam presentes e foram enviados para as terras do Oriente: "Abraão deu tudo o que possuía a Isaque. Mas aos filhos das concubinas que tinha, deu Abraão presentes e, ainda em vida, separou-os do seu filho Isaque, enviando-os ao Oriente".

Jacó, o filho prometido: Mais tarde, Isaque teve dois filhos, Jacó e Esaú, e nós podemos ver Deus fazendo uma promessa similar para Jacó. Em Gn 35.11-12. Como ficaria Esaú? Em Gn 36.6-9, lemos que Esaú pegou sua família e saiu de Canaã, para longe de Jacó. Isso porque Jacó era tão rico que aquela terra não era suficiente para sustentar todos os seus animais. Ele se mudou para Edom, do outro lado do Mar Morto, sul da Jordânia hoje. Considerando a aliança de Deus e a história, a terra de Israel biblicamente pertence aos Judeus, aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó.

Mas, será que os Árabes foram enganados? Deus disse que os abençoaria e hoje existem 21 países Árabes soberanos e apenas um estado Judeu. Se somarmos a área de todos os países Árabes do mundo verificamos que eles possuem uma área que é 650 vezes mais do que Israel. Em outras palavras, Israel é do tamanho da metade do estado do Espírito Santo. Entretanto, os países Árabes possuem uma área que é seis bilhões de metros quadrados maior do que o Brasil somado a mais uma vez a área do estado do Amazonas, em contraste com o estado do Espírito Santo, sem contar que eles praticamente têm o controle do suprimento de petróleo nas mãos. Bem, os Árabes não foram enganados pelo fato de os judeus terem retornado para a terra que é deles desde os tempos antigos, Israel.

ALIANÇA DE DEUS COM ISAQUE

Os termos da aliança foram renovados em Isaque: "Serei contigo e te abençoarei... multiplicarei a tua semente como as estrelas dos céus e darei à tua semente todas as terras. E em tua semente serão benditas todas as nações da terra. Eu sou o Deus de Abraão, teu pai. Não temas, porque eu sou contigo, e abençoar-te-ei, e multiplicarei a tua semente por amor de Abraão, meu servo". Gn 26.2-5,24.

ALIANÇA DE DEUS COM JACÓ

Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaque. Esta terra em que estás deitado te darei a ti e à tua semente. E tua semente será como o pó da terra... e em ti serão benditas todas as famílias da terra. Gn 28.13-14.

Nota: Há cinco elementos distintos na aliança que Deus fez com Abraão, Isaque, e Jacó (Israel) que distinguem seus descendentes de todos os outros povos da terra. Aqui eles estão na ordem em que foram dados: (1) a promessa de que o Messias viria ao mundo por Israel; (2) a promessa de um certo território que foi dado a Israel como possessão para sempre; (3) a lei mosaica e seus subseqüentes pactos de promessa, que definiram um relacionamento especial entre Deus e Israel; 4) a manifestação visível da presença de Deus entre eles; e 5) o reinado prometido do Messias, no trono de Davi em Jerusalém, sobre Seu povo escolhido e sobre o mundo inteiro.

ALIANÇA DE DEUS COM ISRAEL

Passados uns três meses da saída do Egito, Deus falou ao seu povo através de Moisés, ao sopé do monte Sinal (Horebe), para, basicamente, renovar e relembrar os termos do concerto com Abraão, Isaque e Jacó: (a) a terra de Canaã seria deles; (b) Deus seria o único Deus de Israel; o povo assumiria o compromisso de guardar suas leis e mandamentos; (c) seriam castigados em caso de desobediência. Êxodo 6.3-8; 19.4-6; 23.20-25.

Uma promessa que deve ser guardada no coração: "Agora, se diligentemente ouvirdes a minha voz, e guardardes a minha aliança, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos... Vós me sereis reino sacerdotal e nação santa", Êx 19.5-6. O pacto foi fechado quando o povo declarou: "Tudo o que o Senhor falou, faremos", Êx 24.3. Deus requer de nós o firme propósito de acatarmos os termos de sua aliança. As leis que deveriam ser obedecidas era a lei moral (aqui incluídos os Dez Mandamentos), a lei civil, a lei cerimonial.

Renovação da Aliança nas Planícies de Moabe: Antes da entrada na terra prometida, e após percorrerem o deserto durante 39 anos, os termos do concerto foram relembrados. A finalidade era de dar conhecimento das promessas divinas aos que nasceram durante a peregrinação, e fortalecer espiritualmente o povo para enfrentar o desafio conquistar a nova terra. Dt 4.44-26.19; 31.1-33.29. Os capítulos 27 e 28 tratam das maldições e das bênçãos decorrentes da rebeldia ou da obediência.

ALIANÇA DE DEUS COM DAVI

O resultado mais imediato da aliança davídica foi o estabelecimento do reino do filho de Davi, Salomão, que deveria edificar um templo para o Senhor (II Sm 7.11-13, Sl 89.34); o reinado de Davi passaria aos seus descendentes: "Fiz aliança com o meu escolhido; jurei ao meu servo Davi: a tua descendência estabelecerei para sempre e edificarei o teu trono de geração em geração". Sl 89.3-4. A condição para o cumprimento dessas bênçãos seria a fiel obediência de Davi e de seus descendentes. A vinda de um Rei messiânico e eterno, da linhagem de Davi, estava implícita nesse concerto. Is 9.6-7. “Do trono de Jessé brotará um rebento, e das suas raízes um renovo frutificará”. Is 11.1; Mq 5.2-4. Esse novo Rei seria chamado "O Senhor, Justiça Nossa" (Jr 23.5-6) e se cumprirá literalmente no milênio quando Jesus governará pessoalmente a Israel.

Capitulo IX

O Antigo Testamento e a Canocidade

A História da Formação do Cânon do Velho Testamento

Em primeiro lugar é importante lembrarmos que certos livros já eram canônicos antes de qualquer teste lhes ser aplicado. Isto é como dizer que alguns alunos são inteligentes antes mesmo de se aplicar neles qualquer prova. Os testes apenas provam aquilo que já existe. Os diversos concílios eclesiásticos reconheceram certos livros como sendo a Palavra de Deus e, com o passar do tempo, aqueles assim reconhecidos e profundamente analisados quanto á sua coerência e autenticidade, foram colecionados para formar o que hoje chamamos Bíblia. E que testes foram aplicados o longo dos séculos?

Havia o teste da autoridade do escritor. Em relação ao Antigo Testamento, isto significava a autoridade do legislador, ou do profeta, ou do líder em Israel. No caso do Novo Testamento, o livro deveria Ter sido escrito ou influenciado por um apóstolo para ser reconhecido. Em outras palavras, deveria ter a assinatura ou a aprovação de um apóstolo. Pedro, por exemplo, apoiou a Marcos, e Paulo a Lucas.

Os próprios livros deveriam dar alguma prova intrínseca de seu caráter peculiar, inspirado e autorizado por Deus. Seu conteúdo deveria se demonstrar ao leitor como algo diferente de qualquer outro livro, por comunicar a revelação de Deus. O veredito das igrejas quanto à natureza canônica dos livros era importante.

Na verdade, houve uma surpreendente unanimidade entre as primeiras igrejas quanto aos livros que mereciam lugar entre os inspirados. Embora seja fato que alguns livros bíblicos tenham sido recusados ou questionados por uma minoria, nenhum livro da Bíblia, cuja autenticidade tenha sido questionada por um grande número de igrejas, veio a ser aceito posteriormente como parte do cânon.

A Formação do Cânon. O cânon da Escritura estava-se formando, é claro, à medida que cada livro era escrito, e completou-se quando o último livro foi terminado. Quando falamos da "formação" do cânon estamos realmente falando do reconhecimento dos livros canônicos. Esse processo levou algum tempo. Alguns estudiosos afirmam que todos os livros do Antigo Testamento já haviam sido colecionados e reconhecidos por Esdras, no quinto século a.C. (2.500 anos atrás). As referências nos escritos do historiador Flávio Josefo (95 A.D.) indicam a extensão do cânon do Antigo Testamento como sendo os 39 livros que conhecemos e aceitamos hoje. Quando Jesus acusou os escribas de serem culpados da morte de todos os profetas que Deus enviara a Israel, desde Abel até Zacarias (Lc 11.51), Ele, desta forma, delimitou o que considerava ser a extensão dos livros canônicos. O relato da morte de Abel está no primeiro livro, Gênesis; o da morte de Zacarias se acha em II Crônicas, que é o último livro da disposição da Bíblia hebraica (em lugar do nosso Malaquias). Assim sendo, é como se Jesus tivesse dito: "A culpa de vocês está registrada em toda a Bíblia, de Gênesis a Malaquias".

É interessante que Jesus nunca fez referência a nenhum dos livros chamados apócrifos, que já existiam em seu tempo, uma vez que os fatos neles relatados ocorreram no período intertestamentário, quase 200 anos antes de Seu nascimento. O primeiro concílio eclesiástico a reconhecer todos os 27 livros do Novo Testamento foi o Concílio de Cartago, em 397 A.D. Alguns livros do Novo Testamento, individualmente, já haviam sido reconhecidos como canônicos muito antes disso **(**II Pe 3.16; I Tm 5.18**)**, e a maioria deles foi aceita como canônicos no século posterior ao dos apóstolos, embora alguns como Hebreus, Tiago, II Pedro, II e III João e Judas tivessem sido debatidos durante algum tempo.

A seleção do cânon sagrado foi um processo que continuou até que cada livro provasse o seu valor, passando pelos testes de canonicidade. Os 12 livros chamados apócrifos do Antigo Testamento jamais foram aceitos pelos judeus ou por Jesus. Eles eram respeitados, mas não foram considerados como Escritura. Eles chegaram a ser incluídos na tradução grega chamada Septuaginta, produzida quase 300 anos antes de Cristo. Jerônimo **(**420-340 a.C.**)** fez uma distinção entre esses livros e os canônicos, chamando-os de eclesiásticos, e essa distinção acabou por conceder-lhes uma canonicidade secundária. Os Reformadores também os rejeitaram. Em algumas versões protestantes dos séculos XVI e XVII, os apócrifos foram colocados à parte.

O Texto Bíblico que Conhecemos é Confiável? Os manuscritos originais do Antigo Testamento e suas primeiras cópias foram escritos em pergaminho ou papiro, desde o tempo de Moisés **(**1450 a.C.**)** e até o tempo de Malaquias **(**400 a.C.**)**. Até a sensacional descoberta dos Rolos do Mar Morto, em 1947, não possuíamos cópias do Antigo Testamento anteriores a 895 A.D. A razão disto acontecer era a veneração quase supersticiosa que os judeus tinham pelo texto, e que os levava a enterrar as cópias, à medida que ficavam gastas demais para uso regular.

Na verdade os tradicionalistas, ou massoretas, que acrescentaram os acentos e transcreveram a vocalização das palavras entre 600 e 950 A.D., padronizando em geral o texto do Antigo Testamento, engendraram maneiras sutis de preservar a exatidão das cópias que faziam. Verificavam cada página cuidadosamente, contando a letra média de cada página, livro e divisão. Devemos muito a estes religiosos detalhistas, em relação à veracidade do que hoje conhecemos. Alguém disse que qualquer coisa numerável era numerada por eles. Quando os Manuscritos do Mar Morto foram descobertos, trouxeram à luz um texto hebraico datado do segundo século a.C., com todos os livros do Antigo Testamento, menos o de Ester.

Essa descoberta foi extremamente importante, pois forneceu um instrumento muito mais antigo para verificarmos a exatidão do Texto Massorético, que se mostrou extremamente exato. Outros instrumentos antigos de verificação do texto hebraico incluem a Septuaginta, os targuns aramaicos **(**paráfrases e citações do Antigo Testamento**)**, citações em autores cristãos da antiguidade, a tradução latina de Jerônimo **(**a Vulgata, 400 A.D.**)**, feita diretamente do texto hebraico corrente em sua época.

Todas essas fontes nos oferecem dados que asseguram um texto extremamente exato do Antigo Testamento. Em relação ao Novo Testamento, mais de 5.000 manuscritos dele existem ainda hoje, o que o torna o mais bem documentado dos escritos antigos. Além de existirem muitas cópias do Novo Testamento, muitas delas pertencem a uma data bem próxima à dos originais.

Há aproximadamente 75 fragmentos de papiro datados desde 135 A.D., até o oitavo século, possuindo partes de 25 dos 27 livros do Novo Testamento, num total de 40% do texto total. As muitas centenas de cópias feitas em pergaminho incluem o grande Códice Sinaítico (quarto século), o Códice Vaticano (também do quarto século) e Códice Alexandrino (quinto século). Além disso, há cerca de 2.000 lecionários (livretos de uso litúrgico que contêm porções das Escrituras), mais de 86.000 citações do Novo Testamento nos escritos dos chamados Pais da Igreja, antigas traduções como a latina ou Ítala, a siríaca e a egípcia, datadas do terceiro século, e a versão latina de Jerônimo. Todos esses dados, mais o trabalho feito pelos estudiosos da paleografia, arqueologia e crítica textual, nos asseguram possuirmos um texto exato e fidedigno do Novo Testamento. No entanto, o que realmente nos dá a certeza de que a Bíblia contêm o pensamento inspirado por Deus a homens escolhidos para esse fim, é o poder que suas verdades possuem.

Cânon Hebraico, Católico e Protestante do Antigo Testamento

I. O Cânon Judaico

O cânon hebraico é composto de 24 livros, dividido em três grupos: a lei (Torah), os profetas (Nebhim) e os escritos (Kethubim). Esta foi à ordem de aceitação dos livros como canônicos:

1. Torah: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômios.
2. Nebhim: Josué, Juízes, Samuel, Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel, (Profetas Menores)
3. Kethubim: Salmos, Provérbios, Jó (poesia), Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester (os cinco rolos), Daniel, Esdras, Neemias, Crônicas (históricos).

São chamados "os cinco rolos" porque cada um foi escrito em um rolo para ser lido nas festividades judaicas: (a) Cantares na Páscoa; (b) Rute no Pentecostes; (c) Eclesiastes na festa dos Tabernáculos; (d) Ester no Purim e; (e) Lamentações no aniversário da destruição de Jerusalém. Portanto, esta é a Escrituras Sagradas dos judeus. A Bíblia dos judeus é o Antigo Testamento.

II. O Cânon Católico

O cânon católico é o mesmo da Septuaginta. Divide os livros do Velho Testamento em quatro grupos: Lei, História, Poesia, Profecia. Acrescenta ao conteúdo canônico hebraico, os livros apócrifos, sendo ao todo 46 livros:

1. Lei: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio.

2. Históricos: Josué, Juízes, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Ester, I e II Macabeus.

3. Poéticos: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares, Sabedoria, Eclesiástico.

4. Proféticos: Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruque, Ezequiel, Daniel, Amós, Oséias, Joel, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

Nota: Em algumas versões antigas, Samuel e Reis são apresentadas como I, II, III e IV Reis e Esdras e Neemias como I e II Esdras.

III. O Cânon Protestante

O cânon protestante possui o mesmo conteúdo do cânon hebraico, porém distribuídos em 39 livros diferentes, seguindo, no entanto classificação idêntica ao cânon católico. Assim:

1. **Lei:** Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio.
2. **Históricos:** Josué, Juízes, Rute, I&II Samuel, I&II Reis, I&II Crônicas, Esdras, Neemias, Ester.
3. **Poéticos:** Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares.
4. **Proféticos:** Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

OS LIVROS APÓCRIFOS E SUAS HERESIAS

Apócrifos significava, a princípio, "oculto". Com o passar dos anos, assumiu o sen-tido de "não genuíno", "espúrio". Eles foram incluídos quando foi efetuada a versão grega do Velho Testamento **(**Septuaginta**)**, mas considerados espúrios posteriormente pelos judeus, daí surgindo o termo que, no entanto só ganhou ênfase, na redescoberta destes fatos, durante o período da Reforma. Como contra-reforma a igreja católica manteve-se fiel ao cânon da Septuaginta e chamou estes livros Deuterocanônicos **(**canônicos da 2ª época**)**. São eles:

1. TOBIAS (2000 a.C.**)**. É uma história novelística sobre a bondade de Tobiel **(**pai de Tobias**)** e alguns milagres preparados pelo anjo Rafael. Apresenta:

(a**)** Justificação pelas obras, 4.7-11; 12.8.

(b**)** Mediação dos Santos, 12.12.

(c**)** Superstições, 6.5,7-9,19.

(d**)** Um anjo engana Tobias e o ensina a mentir, 5.16 a 19.

2. JUDITE (150 a.C.**)**. História de uma heroína viúva e formosa que salva sua cidade enganando o inimigo e decaptando-o. Sua grande heresia é a própria história onde os fins justificam os meios.

3. SABEDRIA DE SALOMÃO (40 a.D.**)**. Livro escrito com a finalidade exclusiva de lutar contra a incredulidade e idolatria do epicurismo **(**filosofia grega na era Cristã**)**. Apresenta:

(a**)** O corpo como prisão da alma, 9.15.

(b**)** Doutrina estranha sobre a origem e o destino da alma, 8.19 e 20.

(c**)** Salvação pela sabedoria, 9.19.

4. ECLESIÁSTICO (180 a.C.**)**. É muito semelhante ao livro de Provérbios, não fossem as tantas heresias: Apresenta:

(a**)** Justificação pelas obras, 3.33-34.

(b**)** Trato cruel aos escravos, 33.26 e 30; 42; 1 e 5.

(c**)** Incentiva o ódio aos Samaritanos, 50.27e 28.

5. BARUQUE (100 a.D.**)**. Apresenta-se como sendo escrito por Baruque, o cronista do profeta Jeremias, numa exortação aos judeus quando da destruição de Jerusalém. Porém, é de data muito posterior, quando da 2a destruição de Jerusalém, no pós-Cristo. Traz entre outras coisas, a intercessão pelos mortos – 3.4.

6. I MACABEUS (100 a.C.**)**. Descreve a história de três irmãos da família "Macabeus", que no chamado período interbíblico **(**400 a.C. - 3 a.D.**)**, lutam contra inimigos dos judeus visando a preservação do seu povo e terra.

7. II MACABEUS (100 a.C.**)**. Não é a continuação do I Macabeus, mas um relato paralelo, cheio de lendas e prodígios de Judas Macabeu. Apresenta:

(a**)** A oração pelos mortos, 12.44-46.

(b**)** Culto e missa pelos mortos, 12.43.

(c**)** O próprio autor não se julga inspirado, 15.38-40; 2.25-27.

(d**)** Intercessão pelos Santos, 7.28 e 15.14.

8. ADIÇÕES A DANIEL: Capítulo 13 - A história de Suzana - segundo esta lenda, Daniel salva Suzana num julgamento fictício baseado em falsos testemunhos.

Capítulo 14 - Bel e o Dragão - Contém histórias sobre a necessidade da idolatria.

Capítulo 3.24-90 - o cântico dos três jovens na fornalha.

Os próprios judeus não aceitaram esses livros como inspirados por Deus mesmo aparecendo na Vulgata Latina, o próprio Jerônimo também rejeitou a canocidade destes livros. A Igreja Evangélica considera esses livros fora do Cânon Sagrado pelas razões básicas: contem erros históricos geográficos e cronológicos, aprovam a mentira, o suicídio, o assassinato, os encantamentos mágicos, as orações aos mortos, salvação por meio de gratificações, descrição do sobrenatural de uma forma grotesca e ridícula.

No Concílio de Trento **(**1546 D.C.**)** a Igreja Ocidental passou a considerá-los autoritários com o voto de 53 prelados sem conhecimentos históricos destacados sobre documentos orientais, encontrando oposição de grandes homens como o cardeal Polo que afirmou que assim agira o Concílio a fim de dar maior ênfase às diferenças entre católicos romanos e os evangélicos.

Capitulo X

Cristo em cada livro do Antigo Testamento

I. Cristo no Pentateuco

⇒ Em Gênesis - Ele é chamado de descendente da mulher.
⇒ Em Êxodo - Ele é o Cordeiro Pascal.
⇒ Em Levítico - Ele é apresentado como sumo sacerdote.
⇒ Em Números - Ele é aquele que foi levantado para nossa cura e redenção.
⇒ Em Deuteronômio - Ele é o verdadeiro profeta.

II. Cristo nos Livros Históricos

⇒ Em Josué - Ele é o capitão da nossa salvação.
⇒ Em Juízes - Ele aparece como nosso juiz e legislador.
⇒ Em Rute - Ele é resgatador.
⇒ Em I e II Samuel – Ele é o verdadeiro profeta.
⇒ Em Reis e Crônicas - Ele é o nosso Senhor Soberano.
⇒ Em Esdras - Ele aparece como o homem que restaura os muros caídos da vida.
⇒ Em Neemias – Ele é a nossa força.
⇒ Em Ester - Ele é o nosso Advogado.

III. Cristo nos Livros Poéticos

⇒ Em Jó - Ele é o nosso Redentor que vive eternamente
⇒ Nos Salmos - Ele é nosso Socorro e Alegria
⇒ Em Provérbios - Ele é a Sabedoria de Deus
⇒ Em Eclesiastes - Ele é o Alvo Verdadeiro
⇒ Em Cantares de Salomão - Ele é o Amado de nossas Almas.

IV. Cristo nos Profetas Maiores

⇒ Em Isaías - Ele é o Messias Prometido.
⇒ Em Jeremias - Ele aparece como o "renovo de justiça".
⇒ Em Lamentações - Ele é nosso profeta que chora.
⇒ Em Ezequiel - Ele é o Filho do Homem.
⇒ Em Daniel - Ele é o quarto homem na fornalha ardente.

V. Cristo nos Profetas Menores

⇒ Em Oséias - Ele aparece como o marido fiel, que é casado com uma infiel (Israel).
⇒ Em Joel - Ele é o que batiza com o Espírito Santo e com fogo.
⇒ Em Amós - Ele é o Divino Lavrador.
⇒ Em Obadias - Ele é o nosso Salvador.
⇒ Em Jonas - Ele é o grande missionário para os gentios.
⇒ Em Miquéias - Ele é o Deus encarnado, Mq 5.1.
⇒ Em Naum - Ele é o juiz escolhido por Deus.
⇒ Em Habacuque - Ele é a sentinela orando sempre pelo reavivamento, Hc 3.2.
⇒ Em Sofonias - Ele é o Senhor Zeloso.
⇒ Em Ageu - Ele é o Desejado de todas as nações.
⇒ Em Zacarias - Ele é o Renovo da Justiça.
⇒ Em Malaquias - Ele se mostra como o "sol da justiça" trazendo salvação. Ml 4.2.

Capitulo XI

Os Principais Manuscritos da Biblia



Os escritos clássicos da Grécia e de Roma ilustram de modo extraordinário o caráter da preservação dos manuscritos bíblicos. Em contraposição ao número total de mais de cimco mil manuscritos do Novo Testamento conhecidos hoje, outros livros históricos e religiosos do mundo antigo praticamente desaparecem. Só 643 exemplares da Ilíada de Homero sobreviveram em forma de manuscrito. Da "História de Roma", de Tito Lívio, restaram apenas 20 exemplares, e a obra "Guerras gálicas", de César, só se conhece mediante 9 ou 10 manuscritos. Da obra de Tucídides, "Guerra do Peloponeso", dispomos em apenas 8 manuscritos; as Obras de Tácito só podem ser encontradas em 2 manuscritos. Uma pesquisa das evidências em manuscritos do Antigo Testamento, embora não sejam tão numerosas como as do Novo, revela a natureza e a comprovação documentária dos textos originais da Bíblia hebraica.

Referirmo-nos a manuscritos como cópias totais ou parciais da Bíblia. Recebem seu nome dependendo do lugar, quem fez a descoberta, ou conhecendo-se os escritores da cópia. O estudo destes manuscritos é importante para conhecermos parte do processo que levou a Bíblia até nossos dias. Vamos dividir nosso estudo entre os manuscritos do Velho e Novo Testamento.

Manuscritos do Velho Testamento

Temos três cópias ou traduções importantes do Velho Testamento:

Septuaginta (LXX**)** - Septuaginta é o nome de uma suposta versão da Bíblia hebraica para o grego koiné **(**grego popular**)**, que teria sido traduzida entre o terceiro e o primeiro século a.C. em Alexandria. A tradução ficou conhecida como a Versão dos Setenta **(**ou Septuaginta, palavra latina que significa setenta, ou ainda LXX**)**, pois setenta e dois rabinos trabalharam nela e, segundo a lenda, teriam completado a tradução em setenta e dois dias.

O caso é que a versão grega é uma realidade inegável e foi bem acolhida pelos judeus alexandrinos, que logo a difundiu pelas nações onde o grego era falado. A Septuaginta foi usada como base para diversas traduções da Bíblia. Ela tornou-se o Antigo Testamento da Igreja e foi altamente estimada pelos cristãos primitivos, de modo que muitos escritores declararam-na inspirada. Os cristãos recorriam à ela constantemente em suas controvérsias com os judeus; estes logo reconheceram suas imperfeições e, finalmente, a rejeitaram em favor do texto hebraico ou de traduções mais literais.

Vulgata - A Vulgata é uma tradução para o latim da Bíblia, escrita em meados do século IV por Jerônimo, a pedido de Dâmaso **(**Bispo de Roma**)**.

Nos seus primeiros séculos, a Igreja serviu-se sobretudo da língua grega. Foi nesta língua que foi escrito todo o Novo Testamento, incluindo a Carta aos Romanos, bem como muitos escritos cristãos de séculos seguintes. No século IV, o biblista Jerônimo traduz pelo menos o Antigo Testamento para o latim. Foi a primeira, e por séculos a única, versão da Bíblia que traduziu o Velho Testamento diretamente do hebraico e não da tradução Septuaginta. O nome vem da frase versio vulgata, isto é "versão dos vulgares", e foi escrito em um latim cotidiano.

Texto massorético - Texto Massorético **(**"MT"**)** é um texto em hebraico do Tanakh. Inclui a Torá, os Profetas e Escritos. Conhecido como Bíblia Hebraica ou Tanakh, foi utilizado como base em várias traduções protestantes do Velho Testamento. Em torno do século VI, um grupo de competentes escribas judeus teve por missão reunir os textos considerados inspirados por Deus, utilizados pela comunidade hebraica, em um único escrito. Este grupo recebeu o nome de "Escola de Massorá". Os "massoretas" escreveram a Bíblia de Massorá, examinando e comparando todos os manuscritos bíblicos conhecidos à época. O resultado deste trabalho ficou conhecido posteriormente como o "Texto Massorético". O termo "massorá" provém na língua hebraica de mesorah e indica "tradição". Portanto, massoreta era alguém que tinha por missão a guarda e preservação da tradição.

Os Códices (Códex**)**

A origem da palavra vem de caules **(**caudex**)** = códice **(**códex**)**.

Na igreja primitiva dos séculos II e III, as Escrituras eram executadas em material barato como o papiro, daí não terem sido tão bem preservados quanto os rolos hebraicos encontrados nos sítios arqueológicos. Ainda eram usados os rolos.

A partir do século IV o suporte de papiro foi substituído por cascas de árvores, prensadas e misturadas à goma, técnica desenvolvida pelos ítalos. E ao invés de enroladas as folhas eram sobrepostas umas às outras e costuradas, da mesma forma dos livros atuais. Para proteger a obra, era colocada uma capa de madeira, que depois foi substituída por couro.

Capitulo XII

Curiosidades do Antigo Testamento

O Centro da Bíblia: Qual é o capítulo mais curto da Bíblia? Salmos 117. Qual o capítulo mais comprido da Bíblia? Salmos 119. Qual o capítulo que está no centro da Bíblia? Salmos 118. Há 594 capítulos antes de Salmos 118. Há 594 capítulos depois de Salmos 118. Se somar estes dois números totalizam 1188. Qual é o versículo que está no centro da Bíblia? Salmos 118.8. Esse versículo diz algo importante sobre a perfeita vontade de Deus para nossas vidas? A próxima vez que alguém te disser que deseja conhecer a vontade de Deus para sua vida e que deseja estar no centro da Sua Vontade, referira a ele o centro de Sua Palavra, Salmos 118.8. "Melhor é colocar sua confiança no Senhor teu Deus que confiar nos homens". Agora, diga, seria uma casualidade isto? Ou estaria Deus no centro da Bíblia?

Antes, a Bíblia não era dividida em capítulos e versícu¬los. A divisão em capítulos foi feita no ano de 1250, pelo cardeal Hugo de Saint Cher, abade dominicano e estudio-so das Escrituras. A divisão em versículos foi feita de duas vezes. O AT em 1445, pelo Rabi Nathan; o NT em 1551, por Robert Stevens, um impressor de Paris. Stevens publicou a primeira Bíblia (Vulgata Latina) dividida em capí¬tulos e versículos em 1555. O AT tem 929 capítulos e 23.214 versículos. O NT tem 260 capítulos e 7.959 versículos. A Bíblia toda tem 1.189 capítulos e 31.173 versículos. O nú¬mero de palavras e letras depende do idioma e da versão. O maior capítulo é o Salmo 119, e o menor o Salmo 117. O maior versículo está em Ester 8.9; o menor, em Êxodo 20.30. (Isso, nas versões portuguesas e com exceção da cha¬mada "Tradução Brasileira", onde o menor é Lucas 20.30). Em certas línguas, o menor é João 11.35. Os livros de Ester e Cantares não contêm a palavra Deus, porém a presença de Deus é evidente nos fatos neles desenrolados, mormente em Ester. Há na Bíblia 8.000 menções de Deus sob vários nomes divinos, e 177 menções do Diabo, sob seus vários no¬mes.

A vinda do Senhor é referida direta e indiretamente 1.845 vezes, sendo 1.527 no AT e 318 no NT. - Não é esse um assunto para séria meditação? O Salmo 119 tem em hebraico 22 seções de 8 versículos cada uma. O número 22 corresponde ao número de letras do alfabeto hebraico. Cada uma das 22 seções inicia com uma letra desse alfabe¬to, e, dentro, de cada seção, todos os versículos começam com a letra da respectiva seção. Caso semelhante há no li¬vro de Lamentações de Jeremias. Ali, em hebraico, os capítulos 1,2,4, têm 22 versículos cada um, compreenden¬do as 22 letras do alfabeto, de álefe a tau. Porém o capítulo 3 tem 66 versículos, levando cada três deles, a mesma letra do alfabeto.

Há outros casos assim na estrutura da Bíblia. Isso ja¬mais poderia ser obra do acaso. A frase "não temas" ocorre 365 vezes em toda a Bíblia, o que dá uma para cada dia do ano! O capítulo 19 de 2 Reis é idêntico ao 37 de Isaías. O AT encerra citando a palavra "maldição"; o NT encerra citando a expressão: "a graça do Nosso Senhor Jesus Cristo." A Bíblia foi o primeiro livro impresso no mundo após a invenção do prelo; isso deu-se em 1452, em Mogúncia, Alemanha.

Os números 3 e 7 predominam admiravelmente em toda a Bíblia. O nome de Jesus consta do primeiro e do último versículos do NT. As traduções da Bíblia (toda ou em parte) até 1984, atingiram a 1796 línguas e dialetos.

Você sabia? Noé passou 382 dias na arca com a sua família e os animais durante o dilúvio! Gn 7.9-11 / 8.13-19. Você sabia? Jubal, descendente de Caim, foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta! Gn 4.21.

Você sabia? O Rei Asa morreu porque buscou mais aos médicos do que a Deus! II Crô 16.12.

Você sabia? A Bíblia Sagrada já relatava a invenção de máquinas muito antes da famosa Revolução Industrial de 1789!! II Crô 26.15. Você sabia? A palavra ''Cristão'' aparece apenas três vezes na Bíblia! At 11.26; 26.28 e I Pe 4.16.

Você sabia? O salmista Davi, além de poeta, músico e cantor foi também o inventor de diversos instrumentos musicais! Am 6.5. Você sabia? A estatura do gigante Golias vencido por Davi era de seis côvados e um palmo, o que equivale a quase três metros de altura! I Sm 17.4.

Você sabia? Matusalém, o homem que mais viveu, morreu com 969 anos de idade! Gn 5.25-27.

Você sabia? O Capítulo 19 de II Reis e o Capítulo 37 de Isaías são idênticos. Você sabia? O primeiro aposentado que relata a Bíblia foi o Rei Joaquim. Jr 52. 33, 34.

Você sabia? O primeiro milagre da multiplicação de pães foi realizado por Eliseu centenas de anos antes de Cristo! II Rs 4.42 a 44. Você sabia? O povo de Israel chegou a ser comparado a uma vaca rebelde! Os 4.16.

Você sabia? O maior nome da Bíblia Sagrada é Maersalalhasbas, que era filho de Isaías. Seu significado em Hebraico é: Rápido. Is 8.1.

Você sabia? O dilúvio não foi apenas uma grande chuva, mas foi a primeira chuva que veio sobre a terra. Gn 2.6 ; 7.4

Você sabia que quando Deus criou o homem já existia o macaco... No sexto dia ou período da criação, Deus fez os animais irracionais, inclusive o macaco, cada um "conforme a sua espécie", e depois criou uma espécie especial, o animal racional chamado homem, "sua imagem e semelhança", coroa e Rei da criação. É por isso que até hoje continua assim: homem é homem, mcacaco é macaco... Gn 1. 24 e 31.

Você sabia que não temais! A frase "Não temais" aparece na Bíblia 366 vezes. Uma para cada dia do ano e uma sobra para o ano bissexto.

Você sabia? Até nos dias de hoje, no Oriente Médio, um lugar sagrado não deve ser pisado senão com os pés descalços?

O Profeta Isaías já sabia que a terra é redonda! A primeira citação da redondeza da terra confirmava a idéia de Galileu, de um planeta esférico. Bastava que os descobridores conhecessem a bíblia. Is 40.22.

Você sabia que a menor Bíblia existente foi impressa na Inglaterra e pesa somente 20 gramas. Este fabuloso exemplar da Bíblia mede 4,5cm de comprimento, 3cm de largura e 2cm de espessura. Apesar de ser tão pequenina, contém 878 páginas, possui uma série de gravuras ilustrativas e pode ser lida com o auxílio de uma lente.

Você sabia que a maior Bíblia que se conhece, contém 8048 páginas, pesa 547 kg e tem 2,5m de espessura. Foi confeccionada por um marceneiro de Los Angeles, durante dois anos de trabalho ininterrupto. Cada página é uma delgada tábua de 1m de comprimento, em cuja superfície estão gravados os textos.

Você sabia que os patriarcas principais foram:

⇒ Enoque (Consagrado – O homem que andou com Deus)
⇒ Noé (Descanso – O construtor da arca)
⇒ Abraão (Pai de muitos – Peregrino espiritual)
⇒ Isaque (riso – o filho por muito tempo anelado)
⇒ Jacó (Suplantador)

Você sabia que os líderes da história hebraica primitiva foram:

⇒ José (Ele acrescenta – O jovem cujos sonhos se tornaram realidade)
⇒ Moisés (Resgatado – O homem parecido com Cristo)
⇒ Arão (Iluminado – O primeiro sumo sacerdote)
⇒ Josué (O Senhor é salvação – Um soldado do Senhor)

Você sabia que os juízes principais foram:

⇒ Otoniel (Leão de Deus – Primeiro Juiz)
⇒ Débora (Abelha – A mulher patriótica)
⇒ Gideão (Derribador - O guerreiro poderoso)
⇒ Jefté (Ele abre – O homem do voto insensato)
⇒ Sansão (Pequeno sol – O homem forte porém débil)
⇒ Eli (Elevado – O Pai indulgente)
⇒ Samuel (Deus ouviu – O juiz reto)

Avaliação

1. O que significa e qual a mensagem principal do Pentateuco?

_____
_____
_____
_____

2. Qual a importância dos Livros Históricos no Cânon Sagrado?

_____
_____
_____
_____

3. Qual a importância dos Livros Históricos no Cânon Sagrado?

_____
_____
_____
_____

4. Qual a importância dos Livros Poéticos no Cânon Sagrado?

_____
_____
_____
_____

5. Porque a denominação: Profetas Menores?

_____
_____
_____
_____

6. Porque a denominação: Profetas Maiores?

_____
_____
_____
_____

7. Para o Cristianismo, qual a importância do Antigo Testamento?

_____
_____
_____
_____

ANOTAÇÕES

Bibliografia

CPAD
A.A Autores Anônimos
Anísio Renato de Andrade
Bíblia de Estudos Pentecostal
Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho
Ev. Luiz Henrique de Almeida Silva
Paulo Cristiano da Silva
A Bíblia Explicada, S.E. Mcnair;
Bíblia de Estudo Pentecostal,
Apostila FAETEL módulo VI
Ev. Luiz Henrique de Almeida Silva
Pr Airton Evangelista da Costa
Prof. Marcos Alexandre R. G. Faria
Conhecendo as Doutrinas Bíblicas, Myer Pearlman
Pr. Pedro Corrêa Cabral
Presb. Alípio Fernandes
Diálogo inacabado entre um pastor e um cientista (Augusto N. Lopes)

Bibliologia II

Novo Testamento

BIBLIOLOGIA II

Novo Testamento

ITIbrasil

www.itibrasil.com

Índice

Capitulo I - Período Interbíblico (400 Anos de Silêncio de Deus**) (**Página 66**)**

Capitulo II - O Cânon do Novo Testamento (Página 74**)**

Capitulo III - Os Evangelhos (Página 78**)**

1. Mateus
2. Marcos
3. Lucas
4. João

Capitulo IV - Atos dos Apóstolos (Página 85**)**

Capitulo V - Epístolas Paulinas (Página 87**)**

1. Romanos
2. I Coríntios
3. II Coríntios
4. Gálatas
5. Efésios
6. Filipenses
7. Colossenses
8. I Tessalonicenses
9. II Tessalonicenses
10. I Timóteo
11. II Timóteo
12. Tito
13. Filemon
14. Biografia do apóstolo Paulo

Capitulo VI - Epístolas Universais (Página 95**)**

1. Hebreus
2. Tiago
3. I Pedro
4. II Pedro
5. I João
6. II João
7. III João e Judas

Capitulo VII - O Apocalipse (Página 99**)**

Capitulo VIII - O Novo Testamento e Jesus Cristo (Página 101**)**

Capitulo IX - O Novo Testamento e o Espírito Santos (Página 109**)**

Capitulo X - O Novo Testamento e os Apóstolos (Página 112**)**

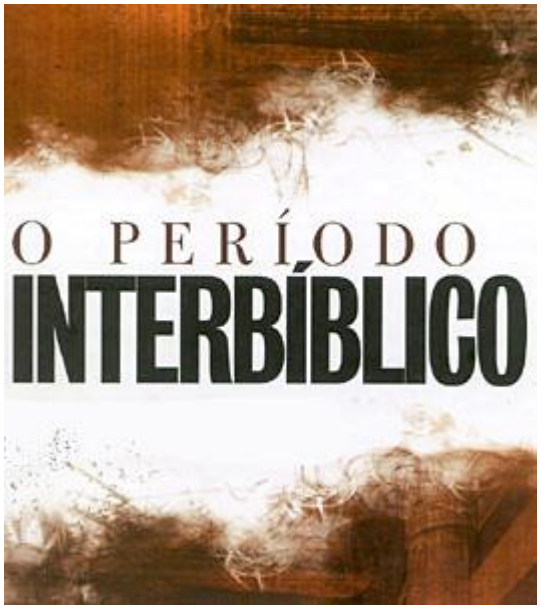
Capitulo XI - O Novo Testamento e a Igreja (Página 113**)**

Capitulo XII - O Novo Testamento e os Apócrifos (Página 117**)**

Capitulo XII – Curiosidades do Novo Testamento (Página 119**)**

Capitulo I

Período Inter bíblico (400 Anos de Silêncio)



Jamais ouvi uma pregação sobre o chamado "Período Interbíblico". Será que alguns de nossos sentimentos de frustração e desapontamento têm raízes num hábito de passar por cima de períodos de silêncio, preferindo os relatos bíblicos de vitória? Temos a tendência de ler com avidez os relatos estimulantes da libertação do povo de Deus da escravidão. Mas pense bem: durantes alguns séculos os céus estiveram calados. Muitos escravos hebreus no Egito se sentiram decepcionados com Deus. Mas aqueles que souberam conservar sua confiança no Senhor: esses viram e ouviram a Deus!

Entre as profecias de Malaquias e João Batista se estende um período de 400 anos, ou seja, entre as palavras de Malaquias: "Eis que eu envio o meu anjo, que preparará o caminho diante de mim: e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais...", e as palavras de João Batista: "E naqueles dias apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia, e dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus". Neste período há um profundo silêncio divino de "aproximadamente quatrocentos anos", sem uma voz profética.

I. Porque estudar o Período Interbiblico?

1. Razão Messiânica - mostra como Deus preparou o mundo para a vinda do Messias
2. Razões históricas - explicam o fundo histórico do Novo Testamento.
3. Razões culturais - mostra a origem dos costumes, instituições e a religião Judaica.
   - 3.1. A situação política (domínio romano, as divisões da Palestina)
   - 3.2. A dispersão judaica (judeus em cada cidade principal do Império Romano)
   - 3.3. A língua (grego e aramaico; hebraico limitado aos eruditos)
   - 3.4. O Sinédrio, a sinagoga e a escola
   - 3.5. Literatura extra-canônica (apócrifos e pseudo-epígrafos)
   - 3.6. Diferentes tipos de doutrinas: anjos, demônios, etc.
   - 3.7. Filosofia judaica - Alexandrina (I Coríntios - Atos)
   - 3.8. Interesse no apocalíptico (Mc 13, Mt 24) sacerdócio corrupto
   - 3.9. Seitas religiosas-políticas (saduceus, fariseus, essênios, zelotes, herodianos...)

II. A Importância da Contextualização

A contextualização histórica é de fundamental importância no estudo das Sagradas Escrituras. Tal preocupação se apresenta com freqüência nas páginas bíblicas. Tomemos como exemplos os escritos proféticos, onde se nota constantemente a citação dos nomes dos reis, o ano do seu reinado, o local onde o profeta se encontrava e outros dados contextuais. Jr 1.1-3. Tais informações situam a vida do profeta e sua mensagem em um cenário real e historicamente conhecido. Da mesma forma, é mister que tenhamos o conhecimento do contexto histórico que emoldura os fatos narrados no N.T. Iniciaremos nossa contextualização pelo chamado "Período Interbíblico", a fim de traçarmos a ligação histórica entre o Velho e o Novo Testamento. Tal exame também possibilitará melhor compreensão dos fatores que construíram o cenário político, social e religioso encontrado por Cristo na Palestina. Ao lermos o Novo Testamento, deparamos com muitos problemas cujos motivos se encontram no período interbíblico.

III. O Império Persa - final do Antigo Testamento

O Velho Testamento termina com as palavras de Malaquias, o qual profetizou entre 450 e 425 a.C.. Nesse tempo, a Palestina estava sob o domínio do Império Persa, o qual se estendeu até o ano 331 a.C.. Embora o rei Ciro tenha autorizado os judeus a retornarem do exílio, o domínio Persa continuava sobre eles.

O período entre Malaquias e Mateus teve a duração de aproximadamente 400 anos.

Normalmente se faz referência há esse tempo como uma época em que Deus esteve em silêncio para com o seu povo. Nenhum profeta de Deus se manifestou ou, pelo menos, nenhum deixou escrito que tenham sido considerados canônicos. Vamos examinar a situação da Palestina durante esse período, principalmente no que se referem aos impérios, governos, as relações de Israel com os povos vizinhos e as implicações religiosas e sociais destes elementos.

IV. Contexto religioso da Palestina nos dias de Jesus

Após o exílio babilônico, no século VI a.C., os judeus ficaram sob o domínio Persa entre 539 a 332 a.C. Em 331 a.C., os Gregos subjugaram o Império Persa e, conseqüentemente, passaram a dominar também a Palestina. Sob o comando de Alexandre, os gregos difundiram por toda a parte a cultura helênica. Esta opressão política e, sobretudo, religiosa, iria provocar a revolta dos Macabeus, que objetivava libertar a Palestina desta presença inimiga.

Em 167 a.C, o macabeu Matatias se recusa a oferecer sacrifício a Zeus. Outro homem se ofereceu para sacrificar, mas foi morto por Matatias, o qual organiza um grupo de judeus para oferecer resistência contra os selêucidas. Tal movimento ficou conhecido como a Revolta dos Macabeus. Após três anos de conflitos, os Macabeus conseguiram expulsar de sua pátria esta opressão pagã.

Assim a Palestina continuou sob o domínio da Síria. Contudo, a Judéia voltou a possuir um governo local, exercido pêlos Macabeus. Ainda não se tratava de independência, mas já havia alguma autonomia. Porém, quando terminou a saga dos macabeus, conclui-se que eles foram brilhantes nas lutas contra a Síria. Entretanto, foram muitas as disputas pelo poder dentro da própria família. Perderam então a grande oportunidade que os judeus tiveram de se tornarem uma nação livre e forte. Acabaram caindo sob o jugo de Roma. (37 a.C.a 70 d.C) que desde o V século a.C. vinham constituindo-se numa grande potência, sob o comando do general Pompeu.

Quando Herodes o Grande foi nomeado rei da Judéia. Jesus nasceu sob o reinado dele. Herodes passou a governar um grande território. Contudo, sua insegurança e medo de perder o poder o levaram a matar Aristóbulo, irmão de Mariana, por afogamento. Depois, matou a própria esposa e estrangulou os filhos. A violência de Herodes provocou a revolta dos judeus. Para apaziguá-los, o rei iniciou uma série de obras públicas, entre as quais a construção (reforma) do templo, que passou a ser conhecido como Templo de Herodes. *O domínio direto do Império Romano sobre a Palestina iniciou-se no ano 37 a.C., estendendo-se por todo o período do Novo Testamento.*

No aspecto econômico, é importante ressaltar que as altas taxas de tributação impostas pêlos romanos também causavam grande revolta e protestos por parte dos judeus. A economia palestinense subsistia basicamente da agricultura e da atividade pesqueira. A sociedade na Galiléia, principal cenário da atividade de Jesus, era constituída de pequenos agricultores ou de sociedades de pescadores. Também os diaristas se apinhavam nas praças (Mt 20.1-15), ou se punham a serviço e um grande proprietário, muitas vezes para a quitação de dívidas.

Com relação ao sistema tributário, era pesado e detalhado: havia impostos para quase todas as coisas. Herodes, com suas construções monumentais (palácios, piscinas, teatros e fortalezas), empobreceu o povo.

Quanto ao aspecto mais propriamente social, é importante citarmos a existência de escravos. Estes não eram propriamente prisioneiros de guerra ou pessoas "compradas" de outros setores, e sim, pessoas vitimadas pelo sistema opressor de altas taxas de tributação imposta pêlos romanos, que não podendo pagar suas dívidas, tinham a necessidade de trabalhar como verdadeiros escravos, além de muitas vezes serem obrigados a vender mulher e filhos, para a quitação de tais dívidas.

A Palestina do primeiro século era profundamente marcada pela miséria, pela proliferação de mendigos. A prostituição era muitas vezes um dos poucos meios de sobrevivência. O povo que vivia à margem da religião oficial ainda possuía o trauma resultante do ensino de escribas e fariseus de que estavam em tal situação por causa da maldição de Deus. É necessário que analisemos de forma mais detalhada a situação religiosa da Palestina, na época em que Jesus lá viveu e atuou. A religião judaica estava bastante estratificada.

Muitas pessoas pensam no judaísmo do século I d.C como um bloco monolítico, uma religião solidamente unificada que o cristianismo dividiu, formando uma religião nova. Entretanto, havia muitos subgrupos diferentes dentro de judaísmo antigo e o movimento de Jesus era, a princípio, só um deles. Assim, a separação do cristianismo do judaísmo não foi súbita, mas aconteceu gradualmente.

O Judaísmo no tempo de Jesus parecia muito com as divisões internas do cristianismo de hoje. Todos os judeus tinham certas crenças comuns e praticaram alguns aspectos da religião: eram monoteístas, praticavam a lei de Moisés, circuncidavam-se, etc. Porém, os diferentes grupos judeus debatiam e discordavam entre si sobre muitos detalhes, tais como as expectativas sobre o Messias, os rituais e as leis de pureza, sobre como viver sob a dominação estrangeira.

Para entendermos o Novo Testamento mais completamente, especialmente como a vida de Jesus é apresentada nos Evangelhos, nós precisamos conhecer a variedade dos grupos judeus que existiram no primeiro século. Josefo, historiador judeu do primeiro-século, descreve três grupos principais com suas filosofias ou modos de vida: os Fariseus, Saduceus, e Essênios. Ele também menciona vários outros grupos políticos e revolucionários judeus ativos no primeiro século d.C., especialmente durante a primeira Guerra contra Roma (66-70 d.C).

O Novo Testamento menciona os Fariseus e Saduceus, além de vários outros grupos identificáveis a partir das pequenas menções. São estas informações que nos permitem reconstruir tais partidos político-religiosos.

A seguir, vamos apresentar os principais grupos e suas características:

I. Fariseus

Os fariseus formavam um grupo ativo, numeroso e influente na Palestina desde o século II a.C.. O termo Fariseu provavelmente significa, em hebreu, separado e se refere à observância rígida das leis e tradições por parte dos membros do grupo, Lc 18.10-12. Seus líderes eram chamados de rabinos ou professores, tal como Gamaliel, já que se dedicavam a estudar e comentar as escrituras, Atos 5.34; 22.3.

Os Fariseus aderiram e defendiam a observância rígida do sábado sagrado, dos rituais de pureza, do dízimo, das restrições alimentares, baseando-se nas Escrituras hebraicas e em tradições orais mais recentes, Mc 7.1-13; Mt 15.1-20. Se opunham à romanização e à helenização. Seus maiores rivais políticos e religiosos foram, durante muito tempo, os Saduceus, principalmente devido à postura pró-Roma deste grupo. Esta rivalidade, contudo, não os impedia de unirem-se em alguns momentos em que os objetivos faziam-se comuns.

Em sua maioria, os fariseus eram leigos, ainda que entre eles fossem encontrados alguns levitas e membros do Sinédrio, Atos 5.34. Consideravam-se sucessores de Esdras e dos primeiros escribas. Eram os freqüentadores das sinagogas e buscavam divulgar a interpretação da Lei escrita e oral.

Em contraste com os Saduceus (Mc 12.18-27), os Fariseus acreditavam na ressurreição dos mortos, no livre arbítrio do homem, na onipresença de Deus, no papel da Lei como um freio para os impulsos negativos dos homens, At 23.1-8. Os Evangelhos os retraiam como os principais oponentes de Jesus (Mc 8.11; 10.2) e que teriam conspirado junto com os herodianos para matá-lo, Mc 3.6. Por outro lado, Jesus dirige algumas críticas severas contra a hipocrisia e cegueira dos Fariseus. Mt. 23; Jo 9.

Contudo, em termos teológicos, cristãos e fariseus concordavam em alguns aspectos, o que explica o grande número de fariseus que acabaram por tornar-se cristãos, At 15.5. Paulo, antes de converter-se ao cristianismo, era um fariseu, Fl 3.5; At 23.6; 26.5. Enfim, os fariseus, formavam comunidades extremamente conservadoras. Isolavam-se de qualquer pessoa que não fosse fiel à lei e às tradições. Considerava-se "santos", os separados, o remanescente fiel de Israel. Eram legalistas e burgueses. Baseavam seus ensinos no dualismo da recompensa e do castigo: Deus amava e recompensava os que cumpriam a lei, mas detestava e castigava os que não a cumpriam. Isto também servia para legitimar a "prosperidade" que obtinham. Mesmo após a Guerra Judaica, os fariseus permaneceram ativos. Como, dentre as seitas de então, não foi eliminado, passou a dirigir o Judaísmo e a rivalizar com os cristãos.

II. Saduceus

Os saduceus formavam outro grupo proeminente de judeus na Palestina entre os séculos II a.C. ao I d.C.. Não se sabe ao certo a origem da palavra Saduceus. Alguns crêem que vem do hebreu saddiqim, que significa íntegro ou derivado de Zadok, nome do mais importante sacerdote durante o reinado de Davi, I Reis 1.26.

Organizaram-se no período da dinastia asmonéia, momento de prosperidade política e econômica. Eles eram um grupo formado pela elite, principalmente proveniente das famílias da alta hierarquia sacerdotal. Provavelmente era menor, mas mais influente que os Fariseus. Sua influência, porém, era sentida, sobretudo entre os grupos governantes ricos. Seguiam somente as leis escritas, presentes na Bíblia hebraica (a Torah), e rejeitavam as tradições mais novas; não acreditavam em vida depois de morte (Mc 12.18-27; C. 20.27); em anjos ou espíritos (Atos 23.8) e na Providência Divina.

Eram altamente ritualistas e só aceitavam os cultos realizados no Templo onde, acreditava, Deus estava. Possuíam um papel preponderante no Sinédrio e controlava as atividades e riquezas do Templo, At 4.1; 5.17; 23.6. Rejeitaram os ensinos dos Fariseus, especialmente as tradições orais e as tradições mais novas. Além dos fariseus, rivalizavam com os Herodianos, porém, eram simpáticos à romanização e à helenização. Os Evangelhos os retratam frequentemente junto com os Fariseus como oponentes de Jesus, Mt 16.1-12; Mc 18.12-27.

Enfim, o grupo dos saduceus caracterizava-se pela preservação das mais antigas tradições judaicas e pela colaboração que prestavam aos romanos procurando manter o status quo, em troca de cargos e favores concedidos pêlos romanos. Apoiados na concepção de que não haveria vida após a morte, procuravam obter toda a felicidade possível aqui neste mundo. Estavam limitados pelo tempo puramente cronológico. Os saduceus eram membros da rica aristocracia, sendo responsáveis também pela organização e administração do templo em Jerusalém. Eles formavam a classe dominante sacerdotal. Com a destruição do templo e o efetivo domínio romano, esta seita acabou por desaparecer.

III. Essênios

Os essênios formavam um grupo minoritário que estava organizado como uma comunidade monástica em Qumram, área localizada perto do Mar Morto, desde o século II a.C. até o século I d.C, quando em 68 foram eliminados pêlos romanos durante a Guerra Judaica. Alguns crêem que o nome essênios deriva do grego hosios, santo, ou isos, igual, ou ainda do hebraico hasidim, piedoso. Ou seja, não há consenso. Sua origem pode estar associada à era macabéia, quando um grupo, liderado por um sacerdote, teria fundado a comunidade. Eles rejeitaram a validez da adoração de Templo, e assim recusavam-se a assistir os festivais ou apoiar o Templo de Jerusalém. Eles consideraram os sacerdotes de Jerusalém ilegítimos, desde que não fossem Zadokites, ou seja, descentes de Zadok, dos quais eles próprios se viam como descendentes.

Eles viviam em regime comunitário com exigências rígidas, regras, e rituais. Provavelmente também praticavam o celibato. Esperaram que Deus enviasse um grande profeta e dois Messias diferentes, um rei e um sacerdote. O objetivo dos essênios era manterem-se puros e observar a lei. Praticavam um culto espiritualizado e sem sacrifícios e possuíam uma teologia de caráter escatológico. Dentre os ritos observados, estava a prática do batismo por imersão periódico, como forma de purificação. Eles interpretavam a Lei de forma literal e produziu diversos textos que foram considerados, posteriormente, apócrifos, como a regra da comunidade.

Enfim, o movimento religioso dos essênios se caracterizava pela forte busca da perfeição. Para isto, se isolavam completamente da sociedade, vivendo de forma ascética e celibatária em acampamentos no deserto. Com isto pretendiam evitar a impureza e a contaminação do mundo perverso e impuro. Tanto fariseus como essênios se destacavam pelo uso que faziam da Lei para julgar e classificar as pessoas puras ou impuras. Também viviam sob expectativa apocalíptica de que o Messias viria brevemente para libertá-los dos romanos. Os essênios não são mencionados no Novo Testamento.

IV. Herodianos

Os herodianos formaram a facção que apoiou a política e o governo da família dos Herodianos, especialmente durante o reinado de Herodes Antipas, que governou a Galiléia e Peréia durante as vidas de João Batista e de Jesus. No Novo Testamento são mencionados só duas vezes em Marcos e uma vez em Mateus. Em Mc 3.6, como já assinalamos, eles conspiram com os Fariseus para matar Jesus, quando este iniciava o seu ministério na Galiléia. Em Mc 12.13-17 e Mt 22.16 eles figuram, novamente unidos a alguns Fariseus, tentando apanhar Jesus com uma pergunta sobre o pagamento de impostos ao César.

Alguns autores acreditam que as referências neotestamentárias aos amigos e funcionários do tribunal de Herodes também estão relacionadas aos herodianos, Mc 6.21,26; Mt. 14.1-12; 23.7-12. Esta seita desapareceu com o efetivo domínio romano na região palestina.

V. Zelotes

Os zelotes eram um grupo religioso com marcado caráter militarista e revolucionário que se organizou no I século d.C. opondo-se a ocupação romana de Israel. Também foram conhecidos como sicários, devido ao punhal que levavam escondido e com o qual atacavam aos inimigos. Seus adeptos provinham das camadas mais pobres da sociedade. A princípio, foram confundidos com ladrões. Atuaram primeiro na Galiléia, mas durante a Guerra Judaica tiveram um papel ativo na Judéia.

Os zelotes se recusavam a reconhecer o domínio romano. Respeitavam o Templo e a Lei. Opunham-se ao helenismo. Professavam um messianismo radical e só acreditavam em um governo teocrático, ocupado por judeus. Viam na luta armada o único caminho para enfrentar aos inimigos e acelerar a instauração do Reino de Deus. Um de discípulos de Jesus é chamado de Simão, o Zelote em Lucas 6.15 e Atos 1.13. Alguns autores apontam que ele poderia ter pertencido a um grupo revolucionário antes de se unir a Jesus, mas o sentido mais provável era de "zeloso" na sua acepção mais antiga.

VI. Outros Grupos

Além dos grupos político-religiosos aqui representados, não podemos deixar de mencionar os outros segmentos que participavam do cenário religiosos judaico no I século: os levitas, como vimos no estudo anterior, que formavam o clero do Templo de Jerusalém e que eram os responsáveis pêlos sacrifícios e pêlos cultos; os escribas, hábeis conhecedores e comentadores da Lei; os movimentos batistas, seitas populares que mantinham as práticas de batismo de João Batista, dentre outros. Quando Jesus Cristo iniciou sua pregação foi visto como mais um dentre os diversos grupos que já possuíam interpretações próprias da lei. Contudo, a mensagem de Cristo mostrou-se revolucionária, chegando a formar uma nova religião. Jesus soube colocar o homem acima da Lei e das tradições e proclamou que qualquer mudança só poderia se iniciar a partir do coração do homem que, pela fé em seu sacrifício salvador, era restaurado.

Portanto, o sistema religioso judaico, centralizado no templo, estava profundamente corrompido na época de Jesus. O templo de Jerusalém, segundo recentes pesquisas históricas, empregava cerca de vinte mil funcionários, por constituir-se num centro religioso, administrativo, educacional e jurídico. A religião oficial que alimentava o templo usava o critério da pureza racial ou cerimonial para aceitar o indivíduo em sua membresia. Enquadravam-se no critério de impureza todas as pessoas que possuíam profissões que lhes exigisse trabalho no sábado (pastor de ovelhas), a ter contato com sangue (açougueiros); e também todas as pessoas que possuíssem determinadas doenças, como por exemplo, a cegueira (Jo 9), que era tida como maldição de Deus. A condição financeira das pessoas também acabava determinando sua "pureza" diante de Deus.

Por exemplo, uma pessoa pobre que se arrependesse dos seus pecados teria sérias dificuldades para obter o perdão de Deus, ou mesmo para se manter pura, uma vez que não teria condições financeiras para pagar os sacrifícios e holocaustos expiatórios, ou até mesmo as taxas de tributação cobradas pelo templo para manter as elites sacerdotais e funcionários que nele trabalhavam.

Por isso, os ricos consumiam quase que de forma exclusiva os benefícios da religião, tais como o perdão e a garantia da "bênção de Deus", que geralmente eram medidos pela "prosperidade" econômico-social obtida.

Todo esse quadro sócio-político e religioso propiciou o surgimento de movimentos reacionários, com o propósito de libertar a Palestina dos romanos, pela implantação de um novo sistema. Dentre outros, destacava-se o movimento dos zelotes e sicários, que se caracterizavam pela resistência, sendo por isso chamado pêlos romanos de bandidos. "Romanos e judeus diariamente se chocavam neste campo".

No ano 66 d.C., teve início uma revolta armada na Palestina por parte dos judeus, desejando expulsar da sua terra a dominação romana. Neste levante, uniram-se alguns partidos político-religiosos lá existentes: zelotes, sicários, essênios e até fariseus. Após quatro anos de duros combates, as tropas romanas, lideradas pelo general Tito, finalmente conseguiram reaver o controle e expulsar todos os judeus da sua pátria. No desfecho desta guerrilha cumpriu-se a profecia feita por Jesus sobre o templo de Jerusalém quanto à sua destruição, Mt 24.1,2. Ocorreu, assim, a chamada diáspora ou dispersão dos judeus por todo o mundo antigo. Tornaram-se a partir dali uma nação sem pátria ou território.

Os judeus só puderam retornar à Palestina novamente agora no ano de 1948, os ingleses saíram da Palestina, totalmente frustrados pelo conflito Sionista – Árabe. Israel declarou sua independência e apelou para se tornar um refúgio para todos os judeus ao redor do mundo. Este novo estado foi reconhecido pela maioria das nações da terra, inclusive os Estados Unidos, a Rússia, a Inglaterra, a França, o Brasil e outras numa votação na ONU. Mas houve forte oposição das nações árabes ao redor de Israel e logo em seguida eles atacaram a recém nascida nação. Queriam empurrar todos os judeus para dentro do mar. Os israelenses resistiram e conseguiram se defender. Mas a cidade velha murada de Jerusalém, acabou nas mãos do reino árabe da Jordânia. A Cidade Nova a oeste da cidade murada era assegurada por Israel. Na verdade, as nações árabes nunca aceitaram que o pequeno Israel sobrevivesse. Somente o Egito e a Jordânia fizeram acordos de paz com Israel, mas isso somente depois de quatro guerras (1948, 1956, 1967, 1973).

Até mesmo estas nações querem que eles abram mão da terra que eles conquistaram na Guerra dos Seis Dias e árabes em geral não concordam com Israel possuindo terra alguma no Oriente Médio. A maioria das nações do mundo pensa que Israel está ocupando terra que pertence aos árabes, que os palestinos têm sido empurrados para fora de suas terras, mas, isto não é verdade. Deus lhes deu esta terra como uma herança eterna, no entanto, Ele os advertiu que eles poderiam perdê-la. Israel a perdeu duas vezes. Uma vez por causa da sua idolatria e todos os pecados que vem dela. A segunda vez em 70 d.C. pelos romanos, por sua incredulidade. Ambas as expulsões foram profetizadas assim como a cura e as duas voltas. Muitos povos antigos sumiram da história, muitas cidades foram destruídas para nunca mais serem construídas, mas este povo e esta cidade têm um encontro com o futuro. Jr 31.35-40.

Capitulo II

O Cânon do Novo Testamento

Antes da formação do Cânon do Novo Testamento, entendia-se como as Escrituras, os livros sagrados dos judeus, em geral na versão grega chamada "Septuaginta" que se tratava do Antigo Testamento. Nas igrejas lia-se algum dos Evangelhos e cartas dos apóstolos, particularmente de Paulo. Não ocorria a ninguém a idéia de organizar uma lista dos livros cristão que deveriam formar o "Novo Testamento".

Às vezes em umas igrejas lia-se um Evangelho e em outras outro. A mesma coisa acontecia com as cartas e outros livros. Contudo, diante dos perigos de ensinos heréticos que começavam a surgir causando grande confusão no meio dos seguidores de Cristo que se espalhavam por diversos lugares, pregando e organizando igrejas, se fez necessário e urgente que os líderes compilassem uma lista ou grupo de livros sagrados. Tal lista não nasceu de modo formal.

Não houve reuniões nem concílios para determiná-la, mas pouco a pouco se foi formando um consenso dentro da igreja. Alguns livros que chegaram a ser usados por algumas igrejas locais caíram em desuso e não se incluíram no Novo Testamento. Outros livros conseguiram acolhida geral e outros foram discutidos por algum tempo antes de serem aceitos de uma forma generalizada. A aceitação destes livros por parte das igrejas, significava a total aprovação como Palavra de Deus inspirada. De onde se concluía que havia aprovação também por parte de Deus.

Seguindo este raciocínio, os livros que primeiro foram acolhidos de uma forma geral foram os Evangelhos. É importante notar que os primeiros cristãos optaram por incluir mais de um Evangelho no Novo Testamento. Isto se deu porque chegaram a conclusão que se tratavam de versões distintas do ministério terreno de Jesus o que fazia com que fossem-lhe dado maior credito.

A admissão dos quatro Evangelhos era uma forma também de defender os ensinamentos de Jesus, contra as heresias que surgiam com as idéias gnósticas, principalmente a que defendia que o mensageiro Divino (Jesus) havia deixado seus ensinos secretos em mãos de algum de seus discípulos preferidos. Circulavam então, supostos evangelhos que pretendiam contar esses segredos. Entre eles se achava o Evangelho de São Tomé que não havia logrado aprovação junto às igrejas locais como já mencionamos acima.

Cada grupo gnóstico dizia ter o seu próprio evangelho e uma tradição secreta que os unia com o Salvador. Daí a igreja tomou a iniciativa de mostrar que a fé cristã não estava baseada neste ou naquele Evangelho, escrito por este ou aquele apóstolo, mas nos quatro Evangelhos já aprovados.

É verdade que estes Evangelhos diferiam entre si, mas ao mesmo tempo concordavam nos elementos fundamentais da fé, que era a prova de que as doutrinas da igreja não eram uma invenção recente, mas refletiam os ensinos originais de Jesus Cristo. Assim, a igreja se baseou no recurso da aceitação pela tradição aberta, que era o conhecimento por parte de todos e à multiplicidade do testemunho dos quatro Evangelhos para inseri-los conjuntamente no cânon do Novo Testamento. Além dos Evangelhos, o livro de Atos e as epístolas paulinas, conseguiram aceitação geral desde muito cedo. Outros livros tais como o Apocalipse, a Terceira Epístola de João, e a Epístola de Judas, demoraram mais tempo para serem universalmente aceitos. Mas já nos fins do segundo século, a maior parte do Novo Testamento tinha vindo formar parte das Escrituras de todas as igrejas cristãs; os quatro Evangelhos, Atos e as epístolas paulinas.

I. O Conteúdo do Cânon Neo-Testamentário

Como já notamos, o cânon do Novo Testamento tem 27 livros escritos em grego. Os primeiros cinco são de caráter histórico, sendo quatro os Evangelhos que contém ditos e feitos de Jesus Cristo, e um é o livro de Atos, escrito por Lucas, o autor do terceiro Evangelho. Temos 21 cartas escritas por Paulo, Pedro, Tiago, Judas e possivelmente mais um autor, se Hebreus não é Paulino, é o livro de Apocalipse, escrito por João, o mesmo autor de um dos Evangelhos e três cartas.

II. As datas destes Livros

Segundo a informação dada em Lucas 3.1, o ministério de João Batista que precedeu o início do ministério de Jesus Cristo data do 15° ano de Tibério César, Tibério tornou-se imperador em agosto de 14 A.D., assim o 15° ano começaria em outubro, 27 d.C. Temos três páscoas mencionadas no evangelho de João, se sendo que a terceira foi a Páscoa de 30 D.C., esta sendo a data mais provável da morte de Cristo na cruz. O Novo Testamento, como é conhecido hoje, estava completo por volta do ano 1000 d.C. e a grande parte dos livros já existindo há mais de 40 anos. Pode-se dizer que quase todos os livros foram escritos antes de 70 d.C.

III. Como foi formado?

Evidência Interna: Isto é do próprio Novo Testamento. O fato é que a Igreja primitiva recebeu dos judeus a idéia de uma regra de fé e conduta escrita. Esta ideia foi confirmada pelo Senhor Jesus Cristo, e os escritores do Novo Testamento, que sempre se referiam ao Velho Testamento como sendo a palavra de Deus escrita.

Sabemos que desde o princípio, a Igreja cristã tem aceitado as palavras de Cristo com a mesma autoridade com que aceitaram as palavras do Velho Testamento, e aceitaram não apenas isto, mas declararam os apóstolos que o seu próprio ensino, oral e escrito possuía autoridade semelhante a do Velho Testamento. Tal era a autoridade de seus escritos, que mandaram que fosse lido publicamente nas Igrejas, I Ts 5.27; Cl 4.16; II Pe 3.1,2.

Era, portanto natural que a literatura do Novo Testamento se acrescentasse ao Velho Testamento. No próprio Novo Testamento, pode ser que vejamos o início deste processo, I Tm 5.18; II Pe 3.1,2 e 15,16. Além da evidência interna, temos a evidência histórica da formação do Cânon do Novo Testamento.

IV. O Critério Canônico

O critério que a Igreja aplicou como teste de autenticidade era ditado pelas necessidades de fazer face à controvérsia com hereges e descrentes. Como veremos a seguir, na seleção do material que iria compor os primeiros escritos, as necessidades missionárias, ao lado das apologéticas, são o critério para a seleção de testemunha, ditos, milagres e parábolas de Jesus que, nos primórdios na nova época, iriam formá-los. Eis alguns critérios de seleção:

A apostolicidade. A obra em consideração pela Igreja deveria ter sido escrita por um dos doze ou possuir o que se chamaria hoje de imprimatur apostólico. O escrito deveria proceder da pena de um apóstolo ou de alguém que estivera em contato chegado com apóstolo e, quando possível, produzido a seu pedido ou haver sido especialmente comissionado para fazê-lo. Como conseqüência este documento deveria pertencer a um período bem remoto.

Quanto aos Evangelhos, estes deveriam manter o padrão apostólico de doutrinas particularmente com referência à encarnação e ser na realidade um evangelho e não porções de evangelhos, como tantos que circulavam naquele tempo. A circulação e uso do livro. É provável que certos livros houvessem sido aceitos e circulado como autoridade antes mesmo que qualquer relação com apóstolo, quer direta, quer indireta, fosse determinada.

É deste modo que o escrito recebia o imprimatur da própria comunidade cristã universal que o usava. Ortodoxia Este era importante item na escala de padrões de aferimento. Percebem-se nos próprios escritos do Novo Testamento, que depois formaram seu cânon, o repúdio à falsa doutrina e a luta pela preservação da ortodoxia, que em Rm 6.17 chama de "padrão de doutrina", ou o que II Tm 1.13 denomina "padrão das sãs palavras", ou ainda o "depósito de I Tm 6.20".

Autoridade diferenciadora. Bem cedo, antes mesmo que os Evangelhos fossem mencionados juntos, já os cristãos distinguiam livros que eram citados e lidos como tendo autoridade divina e outros que continuavam fora do Novo Testamento. A leitura em público Nenhum livro seria admitido para a leitura pública na Igreja se não possuísse características próprias.

Muitos outros livros circulavam quando Mateus começou a ser usado pêlos cristãos. Poderiam ser bons e de leitura agradável, mas só serviam para a leitura em particular. Havia alguns, e entre eles os Evangelhos de modo restrito e Mateus de modo singular, que se prestavam à leitura e ao comentário perante as congregações cristãs, como a Lei e os Profetas nas Sinagogas. É o que I Tm 4.13 quer dizer quando Timóteo é exortado a aplicar-se à leitura, isto é, à "leitura pública das Escrituras" como sabiamente indica um rodapé da última revisão de Almeida.

V. O primeiro século D.C.

Não se sabe quando as palavras do Senhor (At 20.35 e I Co 7.10) foram registradas por escrito pela primeira vez. Porém, em mais ou menos 58 d.C., quando Lucas escreveu seu Evangelho, muitos já haviam empreendido esta tarefa, Lc 1.1. Pode ser que a Epístola de Paulo aos Gálatas fosse escrita tão cedo como em 49 d.C. É claro que a Epistola foi escrita antes de sua morte em 62 d.C. e as outras Epístolas de Paulo e Pedro, antes da morte deles, na época de 68 d.C. A maior parte do Novo Testamento já estava escrita antes da queda de Jerusalém em 70 D.C. O Evangelho e as Epístolas de João, e o Apocalipse, certamente foram completadas antes do fim do primeiro século.

VI. As adições feitas À Bíblia

A Escritura que possuímos hoje é um pouco diferente daquela que foi produzida na Antiguidade pêlos profetas no Velho Testamento e depois pêlos apóstolos judeus no Novo Testamento. Todas as citações abaixo não constam do texto original! Vejamos alguns exemplos de adições:

1. As palavras em itálico: elas não constam no original e servem para complementar o sentido do texto. Seu objetivo é enfatizar e firmar algo que está sendo dito.

2. Palavras entre parêntesis: enquanto as palavras adicionais aparecem em itálico em algumas versões, em outras isso ocorre através do uso de parêntesis.

3. Palavras na margem ou no rodapé: determinados trechos ou palavras encontrados ma margem ou no rodapé de nossas Bíblias são a tradução ou explicação de um texto ou palavra duvidosa.

4. Divisão em capítulos e versículos: Isso também não existe nos originais. Em alguns casos este tipo de divisão prejudica, pois "quebra" o texto e tira o sentido completo do mesmo, prejudicando assim a sua interpretação.

5. Divisão do texto em parágrafos: não existe no texto original, embora esta divisão seja muito útil para a compreensão da Escritura.

6. Referências de rodapé: em praticamente todas as Bíblias hoje encontramos notas de rodapé que correspondem a pequenos números que são inseridos no texto bíblico. Estes números trazem aquilo que chamamos de "referências cruzadas", ou seja, outras ocorrências daquelas palavras ou expressões, o que torna mais fácil encontrarmos determinadas palavras na Bíblia.

7. Versões bíblicas: na atualidade temos uma série muito grande de versões dos textos originais. Isso indica que houveram traduções variadas, algumas vezes adaptando-se a linguagem mais popular, para facilitar o entendimento daqueles que lêem. O texto original é único, sem variações e uniforme!

Todos estes fatores nos mostram, mais uma vez, o quanto evoluiu o processo de aprimoramento da Bíblia como um livro especial para a humanidade! Isso não significa que não devamos confiar na Bíblia, mas sim que precisamos cada vez mais nos aprofundarmos no conhecimento (e relacionamento) com Deus sua Palavra.

Capitulo III

Os Evangelhos

Evangelho em Grego quer dizer Boa Notícia!!!

1. **Mateus:** Escreveu para atender **(**principalmente**)** aos judeus
2. **Marcos:** Escreveu para atender **(**principalmente**)** os romanos
3. **Lucas:** Escreveu para atender **(**principalmente**)** os gregos
4. **João:** Escreveu para atender **(**principalmente**)** o mundo.

A principal razão para que os relatos do Evangelho não fossem escritos imediatamente depois da morte e ressurreição de Jesus é que não havia aparente necessidade de nenhum desses escritos. Inicialmente, os evangelhos foram espalhados oralmente em Jerusalém. Não havia necessidade de compor um relato escrito da vida de Jesus, porque os habitantes da região de Jerusalém eram testemunhas de Jesus e estavam cientes de seus ensinamentos. Contudo, quando os evangelhos espalharam-se para além de Jerusalém, e as testemunhas oculares não estavam mais facilmente acessíveis, houve uma necessidade de se escrever relatos para educar os outros sobre a vida e o ministério de Jesus.

Os evangelhos são os "arquivos de Cristo". Eles são narrativas cuidadosamente escritas sobre o nascimento, a vida, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré. A palavra "evangelho" quer dizer simplesmente "boas novas". Os evangelhos são as narrativas guardadas na memória popular sobre o que Deus fez por intermédio de Jesus Cristo. Eles foram escritos pelas pessoas menos prováveis na sociedade da época, que não tinham nenhum treinamento formal de seminário. Alguns estiveram com Jesus durante o começo do seu ministério e todos os evangelistas escreveram sobre o que eles viram e ouviram e sobre as suas experiências.

Eles escreveram para cada geração, somente compartilhando o que eles sabiam sobre a história de Jesus. Os Evangelhos são chamados "Mateus", "Marcos", "Lucas" e "João". Cada um deles tem perspectivas e personalidades únicas das pessoas que amavam Jesus. Eles estão localizados na parte da Bíblia conhecida como "O Novo Testamento", mas algumas pessoas se referiam a eles como as "Escrituras Gregas". Resumamos as diversas etapas pelas que a vida e o ensinamento de Jesus atravessaram antes de chegar a nós:

Primeira fase: vida terrena de Jesus. Ele não escreveu nada, mas em sua pregação utilizou alguns recursos comuns às culturas antigas, os quais facilitavam muito a retenção de um texto na memória: frases breves, paralelismo e antítese, repetições rítmicas, imagens, parábolas... Pensemos em frases do Evangelho como: «Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos», «Larga é a entrada e espaçoso o caminho que leva à perdição..., estreita a entrada e o caminho que leva à Vida». Mt 7.13-14.

Segunda fase: pregação oral dos apóstolos. Depois da ressurreição, os apóstolos começaram imediatamente a anunciar a todos a vida e as palavras de Cristo, levando em conta as necessidades e as circunstâncias dos diversos ouvintes. Seu objetivo não era o de fazer história, mas de levar as pessoas à fé e a aceitação a Jesus.

Terceira fase: os Evangelhos escritos. Cerca de trinta anos após a morte de Jesus, alguns autores começaram a escrever esta pregação que lhes havia chegado por via oral. Nasceram assim os quatro Evangelhos que conhecemos. Das muitas coisas chegadas até eles, os evangelistas escolheram algumas, resumiram outras e explicaram finalmente outras.

A Origem dos Evangelhos

Mateus, Marcos, Lucas e João

As Atividades de Jesus: Apesar de Jesus ter realizado muitas curas de enfermos, sua principal atividade era de ensinar seus discípulos. Seus milagres provaram que ele possuía o poder de Deus; portanto, deram a evidência de que o Reino estava próximo. Seus ensinos enfatizaram o novo conceito de que a vitória no Reino se manifesta mediante o sofrimento e a morte do Rei. E apresentou suas exigências aos cidadãos do Reino e qualidade de serviços que seus discípulos teriam que prestar. Seus ensinos eram profundamente significativos e foram consideravelmente entesourados por seus discípulos depois de sua morte.

A Incompreensão dos Discípulos: Os discípulos de Jesus tinham dificuldades em entender os novos conceitos de Jesus sobre o Reino. Eram homens de sua época e que esperavam um Messias político, vitorioso. A incompreensão de Pedro se revelou em ter rejeitado a declaração de Jesus sobre sua Paixão, depois da grande confissão em Cesaréia de Filipe (Mateus 16.22), por sua inveja de João e Tiago, que pediram posições especiais no Reino (Marcos 24), por ter negado Jesus quando no tribunal (Mateus 26.69 e ss.) e por seu inquérito sobre a restauração do Reino, exatamente pouco antes da ascensão de Jesus (Atos l.6). Pedro provavelmente representou o pensamento de todos os discípulos ma maioria dessas ocasiões.

A Iluminação do Espírito Santo: De acordo com João 16.13, Jesus prometeu a vinda do Espírito Santo para guiar os discípulos no conhecimento de toda a verdade. Pedro explicou que depois da descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes havia chegado um novo tempo do Reino (Atos 2.l e ss.). Jesus não estava mais presente fisicamente com seus discípulos, todavia, suas palavras tomaram nova significação para eles no dia de Pentecostes.

A ênfase primitiva da Igreja: Na medida em que Jesus se afastava de seus discípulos, na ascensão, dois homens lhes apareceram e perguntaram: Por que estais olhando para os céus? Este mesmo Jesus que dentre vos foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir. Atos 1.11. Na base desta mensagem e dos ensinos de Jesus, os discípulos não esperavam um período prolongado antes da volta de Jesus.

Depois que receberam a plenitude do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, eles se compenetraram da urgência da tarefa delegada por Jesus para que se pregasse o evangelho em todo o mundo. Sua morte tornou-se compreensível como à provisão redentora para os pecados do homem. Sua ressurreição possibilitou a continuação de sua presença e poder espiritual na edificação do Reino.

O período de Transmissão Oral: A ênfase primitiva dos apóstolos era pregar o evangelho, e não registrá-lo. Atos 2.14 e ss.; 6.4. Utilizaram duas fontes para provar os judeus que Jesus era o Messias: 1. Seu testemunho de experiências pessoais, inclusive o que eles tinham visto Jesus fazer. 2. As escrituras do Velho Testamento, em primeiro lugar Isaías 40 e versos que seguem, que prediziam o sofrimento e a morte do Servo escolhido de Deus. A Igreja primitiva mostrou relutância em escrever seus ensinos, por varias razões:

1. Os cristãos primitivos esperavam um retorno de Cristo; portanto, despendiam seu tempo na proclamação do evangelho.

2. Preferiam falar pessoalmente, a escrever. II João 12.

3. Os discípulos de Jesus foram escolhidos entre um grupo não literário da sociedade.

4. Os rabinos preservaram seus ensinos oralmente e Jesus nada escreveu.

5. Os apóstolos que tinham sido testemunhas oculares de Jesus estavam disponíveis enquanto o evangelho não se espalhasse além da Judéia.

Parece que se passaram aproximadamente 30 anos depois da morte e ressurreição de Jesus, e então, os primeiros Evangelhos foram registrados, pelo menos na forma em que os temos agora. Este é o período que os eruditos classificam de Período Oral. Sugerem que as narrativas dos ensinos e atividades de Jesus se revestiram de características que se tornaram mais fáceis de serem transmitidas oralmente. Parece razoável concluir que o ensino oral era o meio principal de comunicar as tradições cristãs durante o período de 30 anos. Os materiais de escrita eram dispendiosos, e o método de copiar a mão era um tanto vagaroso. A preponderância da transmissão oral, contudo, não impediu as produções literárias.

A origem dos escritos: Dois eventos enfatizaram a necessidade de narrativas escritas sobre a vida e os ensinos de Jesus: 1. A morte dos apóstolos ameaçava destruir a fonte dos ensinos autênticos. 2. A difusão do evangelho aos gentios, que não tinham um conhecimento profundo do Velho Testamento, exigiu um ensino permanente e autorizado.

A forma mais primitiva do Evangelho: Um exemplo primitivo da mensagem que os apóstolos pregavam se encontra no sermão de Pedro no dia de Pentecostes: l. Jesus e o cumprimento da profecia do Velho Testamento. 2. Com sua vinda as profecias messiânicas cumpriram-se e começou um novo tempo.

3. Ele e o descendente prometido de Davi aprovado por Deus, por suas maravilhas e poderosos trabalhos, crucificado, ressuscitado e exaltado à mão direita Deus. 4. Ele voltará para julgar a humanidade e realizar seu Reino. 5. A salvação e pela fé em seu nome. A mensagem apostólica era baseada nos ensinos e nas atividades de Jesus.

Registro do Evangelho mais Antigo

Fontes propostas dos Evangelhos: Em virtude de muitos versos nos três primeiros Evangelhos (os sinóticos) serem idênticos, eruditos, por muitos anos, tem debatido o seu relacionamento. O ponto de vista preponderante, na atualidade, e que o Evangelho de Marcos foi escrito primeiro, e Mateus e Lucas usaram Marcos como fonte para os seus Evangelhos. Visto que Mateus e Lucas são mais extensos que o Evangelho de Marcos, e claro que eles contêm materiais que não se encontra em Marcos. Mateus contém material que não se encontra em Lucas e Lucas contém material que não se encontra em Marcos. Mateus e Lucas contêm ambos algum material idêntico, que não se encontra em Marcos.

A ORIGEM DO EVANGELHO DE MATEUS

A tradição atribuiu o Evangelho de Mateus ao apóstolo Mateus. Os críticos das fontes concluíram que o apóstolo Mateus não poderia ser o autor do livro que leva seu nome porque ele dependia de outras fontes. Um apóstolo estaria habilitado a prover um relato ocular dos ensinos e atividades de Jesus. Os críticos hoje em dia admitem que seja permissível atribuir o material especial encontrado no primeiro evangelho a Mateus. Mateus (60 d.C).

O Evangelho do Messias-Rei COMEÇA dizendo que Ele é o Messias prometido a Abraão que se assentará no trono de Davi: e TERMINA com a Sua ressurreição, a prova certa e absoluta de tudo isto.

A ORIGEM DO EVANGELHO DE MARCOS

(este é considerado o mais antigo dos Evangelhos)

Quando Paulo e Barnabé partiram na primeira viagem missionária (A,D. 46) levaram João Marcos como seu auxiliar. Pregaram aos judeus e gentios os primeiros gentios convertidos eram prosélitos do judaísmo e conheciam algo das leis do Velho Testamento. tos 13.43. Depois que eles pregaram aos judeus e gentios prosélitos, no sábado seguinte "veio quase toda a cidade ouvir a palavra de Deus. Mas quando Os judeus viram as multidões, se encheram de inveja, e falaram contra aquelas coisas que Paulo doutrinava, contradizendo e blasfemando". Atos 13.44,45.

Depois que Paulo e Barnabé foram rejeitados pêlos judeus, eles se voltaram para os gentios, àqueles que não tinham fundamento no Antigo Testamento. Assim que se convenceram de que Jesus era o Salvador, tinham que ser ensinados ou instruídos a respeito da vida dos cidadãos do Reino. Precisavam conhecer os ensinos e atividades de Jesus. Provavelmente uma das tarefas de João Marcos seria servir como professor na instrução aos novos convertidos.

Visto que os materiais de escrita eram caros e a cópia feita à mão era difícil, a maioria dos novos cristãos nunca tinham uma cópia dos ensinos de Jesus. Conheciam sua vida e seus ensinos somente pela memória. Essa era a realidade tanto para os judeus como para os gentios. O Evangelho de Marcos tem características que indicam que pode ter sido o relato da vida e dos ensinos de Jesus usado para ensinar os novos convertidos.

A linguagem e vívida e a história se desenvolve rapidamente. Marcos não inclui os ensinos mais complicados de Jesus que aparecem em Mateus e Lucas. Alguns eruditos notaram também a ausência dos sinais da perspectiva judaico-cristã que observaram no Evangelho de Mateus. Visto que Pedro era apóstolo aos judeus, poderíamos supor que o Evangelho de Marcos faz transparecer qualquer preconceito judaico. Muitos estudiosos proclamam que Marcos e um Evangelho aos gentios. Uma revisão da história de Marcos deve resolver o problema.

Marcos recebeu informações autênticas sobre Jesus por meio de Pedro. Em virtude de Paulo e Barnabé não terem sido testemunhas oculares de Cristo, precisavam de alguém qualificado corno ministro da palavra para acompanhá-los em suas viagens missionárias. Lucas iniciou seu Evangelho declarando que as tradições que ele incluía procediam daqueles que tinham sido, desde o começo, testemunhas oculares e "ministros da palavra". Lucas 1.2. Os "ministros da palavra" parecem ter tido a responsabilidade de ensinar os novos convertidos nas igrejas que se expandia - de ensinar a respeito da vida e doutrina de Cristo. Marcos foi descrito com a mesma palavra "ministros" em Atos 13.5. Sua associação com Paulo e Barnabé na obra missionária aos gentios teria sido a de ensinar os novos convertidos.

Marcos: Na década 60-70 d.C., os crentes de Roma eram tratados cruelmente pelo povo e muitos foram torturados e mortos pelo imperador Romano, Nero. Segundo a tradição, entre os mártires cristãos de Roma, nessa década, estão os apóstolos Pedro e Paulo. Como um dos líderes eclesiásticos em Roma, João Marcos foi inspirado pelo Espírito Santo a escrever este Evangelho, como uma antevisão profética desse período da perseguição, ou como uma resposta pastoral à perseguição. Sua intenção era fortalecer os alicerces da fé dos crentes Romanos e, se necessário fosse, inspirá-los a sofrer fielmente em prol do evangelho, oferecendo-lhes como modelo a vida, o sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus seu Senhor.

O Evangelho do Servo Fiel e Obediente de Deus COMEÇA contando a história do serviço da vida do Servo fiel, obediente e divino: e TERMINA com este Servo exaltado no céu.

A ORIGEM DO EVANGELHO DE LUCAS

O prefácio do Evangelho de Lucas, o autor apresenta algumas informações sobre seu método em escrever o Evangelho de sua autoria. Afirmou que desejava dar uma narrativa ordenada e precisa do evangelho. Consultou aqueles "que desde o começo foram testemunhas oculares e ministros da palavra". Lucas 1.2. Não é somente possível, mas provável que Lucas, sendo companheiro de Paulo, tivesse acesso às notas e informações de Marcos sobre a vida e os ensinos de Jesus. Talvez Marcos fosse um dos "ministros da palavra" a quem Lucas faz referência em seu Evangelho. Lucas acrescentou ensinos adicionais àqueles que recebera das testemunhas oculares.

Tem-se a impressão de que seu Evangelho fora escrito como luzes de várias fontes, para proporcionar uma narrativa completa sobre a vida de Cristo para o mundo dos gentios, cujo conhecimento do Velho Testamento era assaz precário. Lucas (63 d.C).

O EVANGELHO DE JOÃO

O Evangelho de João difere consideravelmente dos sinóticos. Apesar do fato de que todos os quatro Evangelhos apresentam uma interpretação teológica e histórica, contudo, o Evangelho de João proporciona uma ênfase maior sobre os ensinos de Jesus. Clemente de Alexandria declara: "Mas João, finalmente... sendo encorajado pêlos seus amigos e movido pelo Espírito, escreveu um Evangelho espiritual (29)."

Clemente deu a entender que João conhecia os sinóticos, mas resolveu não repeti-los. Escreveu, sim, para suplementar os sinóticos, abordando, com ênfase a natureza divina de Jesus. O propósito estabelecido pelo autor foi: "para que possais crer que Jesus e o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, possais ter a vida, mediante seu nome". João 20.31. Aos seus contemporâneos judeus a expressão "o Cristo" daria ênfase de que Jesus e o ungido de Deus. Aos gentios, "o Filho de Deus" enfatizaria sua natureza divina.

O Evangelho de João veio a lume mais tarde que os sinóticos. A maioria dos eruditos não o dataria antes que o ano 85 A.D. Em virtude de Jerusalém e o Templo terem sido destruídos pêlos romanos, no ano 70 A.D. A Igreja e a atividade apostólica deixaram de centralizar-se em Jerusalém. João foi para Éfeso antes ou posteriormente a destruição de Jerusalém. Muitos judeus e gentios ficaram, então, na mira de seus escritos evangelizantes. João partilhou a alegria do evangelho de Cristo com aqueles que experimentaram a inoperância das religiões de mistério, gnosticismo e judaísmo legalístico, em solucionar suas necessidades espirituais.

Alguns eruditos duvidam que João, o pescador, chamado por Jesus para ser apóstolo pudesse produzir a literatura do quarto Evangelho. Deveríamos nos lembrar de que João era muito jovem quando Jesus o chamou para ser discípulo. João não era ignorante, mas não tinha privado nas escolas e tradições rabínicas. Sua instrução formal poderia ter sido limitada à época de sua chamada, todavia, era homem de grande talento natural e dispunha de cinqüenta anos ou mais para memorar sua habilidade literária. Após tornar-se ministro do evangelho é intuitivo acreditar-se que deveria ter dedicado mais tempo ao seu aprimoramento intelectual. Dever-se-ia notar também que ele acreditava no poder do Espírito Santo para guiar o discípulo no conhecimento de toda a verdade. João (90 d.C)

O Evangelho do Filho de Deus COMEÇA com o fato que Ele é Deus: e TERMINA com a promessa da Sua vinda gloriosa e poderosa.

Os registros mais antigos: É bem razoável ajuizar que, após a morte de Jesus, Os apóstolos que, porventura, permaneceram em Jerusalém compartilhassem com outros aquilo que se lembravam dos ensinos de Jesus. Esses ensinos sem dúvida, teriam sido avivados logo depois do dia de Pentecostes. A pregação dos apóstolos não deveria se limitar às palavras exatas de Jesus, mas a fonte original teria sido acessível a Pedro, bem como a Mateus.

O livro de Atos afirma que os apóstolos permaneceram em Jerusalém por muitos anos. Isto significa evidentemente, que seu trabalho seria com os judeus ao passo que Lucas e Marcos, associados a Paulo, iriam para a obra missionária entre os gentios. A perspectiva do Evangelho de Mateus revela que Mateus procurou convencer os judeus a aceitar a Cristo como o Messias, através das citações freqüentes as Escrituras do Velho Testamento. Seu evangelho não nega que Jesus seja o Senhor de todo o universo, mas ele faz um apelo especial aos leitores judaicos. Pedro aparentemente, era o principal orador entre os discípulos, para atrair os judeus, mas não era necessariamente o escritor. Mateus, o coletor público, talvez fosse o elemento melhor preparado, como escriba, para guardar os registros de documentos do que qualquer outro apóstolo. Depois do dia de Pentecostes, os apóstolos continuaram juntos em Jerusalém e "perseveraram na doutrina dos apóstolos". At 2.42.

Portanto, o propósito principal dos evangelistas não foi oferecer uma história detalhada das circunstâncias que rodearam a vida do nosso Senhor e dos eventos que a marcaram tampouco se propuseram a reproduzir ao pé da letra os seus discursos e ensinamentos, nem as suas discussões com as autoridades religiosas dos judeus. Há, conseqüentemente, muitos dados relativos ao homem Jesus de Nazaré que nunca nos serão conhecidos. Jo 20.30 21.25.

Na realidade, eles não escreveram para nos transmitir uma completa informação de gênero biográfico, mas, como disse João, "para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (20.31). Os Evangelhos contêm, pois, um conjunto de narrações centradas na pessoa de Jesus de Nazaré e escritas com um propósito testemunhal, para a edificação da Igreja e para a comunicação da fé. Mas isso não significa que os evangelistas manejaram sem cuidado os dados, as palavras e os fatos que recompilaram e que foram os seus elementos de informação. Pois, se bem que é certo que eles não trataram de escrever nenhuma biografia (ao menos no sentido específico que hoje damos ao termo), igualmente é que os seus escritos respondem com fidelidade ao discurso histórico tal e como era elaborado então, seja por haverem conhecido pessoalmente a Jesus ou por terem sido companheiros dos apóstolos que viveram junto dele.

A obra dos evangelistas nutriu-se especialmente das memórias que, em relação ao Senhor, eram guardadas no seio da Igreja como um depósito precioso. Essas memórias transmitiram-se no culto, no ensinamento e na atividade missionária, isto é, na pregação oral, que, durante longos anos e com perspectiva escatológica, foi o meio idôneo para reviver, desde a fé e em benefício da fé, o acontecimento fundamental do Cristo ressuscitado.

Para a comunidade cristã, o valor dos Evangelhos é insubstituível e permanente ocupam um lugar único, tanto no âmbito geral da Igreja como no particular da devoção privada. Os Evangelhos são o único canal que conduz ao conhecimento da vida do nosso Senhor Jesus Cristo, pois não existe nenhum outro documento que o torne realmente presente. Ademais, põem de manifesto como o Espírito Santo inspirou nos evangelistas a boa nova da salvação, para que eles, por sua vez, proclamem-na com a sua própria voz, humilde e singela, mas chamada a fazer chegar a palavra de Deus a toda a humanidade.

Capitulo IV

Atos dos Apóstolos

História: registra a história da Igreja Primitiva e a atuação do Espírito Santo, nos seus primeiros primórdios. Atos dos apóstolos: são os Atos do Espírito Santo na igreja emergente. Atos é uma obra literária e também contem os principais acontecimentos relacionados à vida e obra do apóstolo Paulo.

Visão panorâmica de atos dos apóstolos

1. Localização

1.1. Quadragésimo-quarto livro da Bíblia

1.2. Quinto livro do NT

1.3. Situado entre os 4 Evangelhos e as Epístolas Paulinas

1.4. Nos primeiros anos foi chamado de Quinto Evangelho.

2. Dados estatísticos

2.1. Contém 28 capítulos e 1,007 versículos

2.2. O nome de João é mencionado 3 vezes

2.3. Cobre um período de aproximadamente 33 anos

2.4. Menciona 30 países, 39 cidades, 21 milagres e 15 pregações.

2.5. São relatadas 9 viagens missionárias.

2.6 . 57 pessoas estão associadas ao Ministério de Paulo.

2.7. Aparecem 28 títulos de Cristo;11de Deus Pai;e 4 do Espírito Santo.

2.8. Contem 25 referências do Antigo Testamento.

2.9. Tomados com um todo, o Evangelho de Lucas e o livro de Atos representam cerca de vinte e cinco dos escritos da Era Cristã

2.10. Mais de 100 nomes pessoais citados (isto certamente destaca o valor do indivíduo).

3. Destinatário: Teófilo

3.1. Nome grego: “amigo, amante de Deus”

3.2. Uma autoridade do Império Romano?

3.3. O advogado pessoal de Paulo durante sua defesa em Roma?

3.3. Um novo convertido, profundamente interessado no Evangelho?

3.4. Uma pessoa influente, interessada no Evangelho?

3.5. Um nome simbólico?

3.6. Muitos estudiosos afirmam que Teófilo deveria ter sido uma autoridade romano simpatico à causa do Evangelho. Talvez Lucas escreveu o livro de Atos como uma defesa do Cristianismo, em tempos de perseguição, a fim de demonstrar que não se tratava de um movimento subsersivo liderado pelos seguidores de Jesus.

4. Escritor: Lucas

4.1. Um médico conhecido, amigo e companheiro de Paulo, Cl 4.14; II Tm 4.11; Fl 24.

4.2. Escreveu o terceiro Evangelho. A similaridade de estilo e de vocabulário entre os dois livros não deixa dúvidas quanto à autoria de Lucas.

4.3. Escreveu provavelmente da Acaia ou de Roma

4.4. Lucas não foi uma testemunha ocular do ministério de Cristo. Ele escreveu Atos como o resultado do recolhimento de informações.

4.5. Ele foi companheiro e amigo de Paulo durante muitos anos. Veja o uso de EU e NÓS por exemplo em At 16:10-17; 20:5-16; 21:1-18; 27:1-28:16, etc.

5. Data: Escrito entre os anos 60 e 63 a.D.

6. Visão geral do conteúdo do livro

6.1. Um dos mais enfáticos livros da Bíblia, porque aborda um fator muito importante - a Igreja planejada, destinada, revelada e finalmente inaugurada.

6.2. Um livro de ações, de trabalho, de movimento contínuo, o que identifica a natureza da Igreja.

6.3. Único livro histórico do NT

6.4. Único livro que retrata a história da Igreja Primitiva

6.5. O mais extenso livro do NT.

6.6. Atos assinala a transição da atuação de Deus do meio dos judeus para uma dimensão universal de Sua Igreja. Em um senso real o leitor de Atos segue desde Jerusalém até os confines da terra. **(**Walvoord, Zuck, 1983, p.349**)**

Autoridades mencionadas em Atos:

⇒ Antipas - Anos 4 a.C. - 39 - Atos 4.27 13.1.
⇒ Cláudio Nero - anos 41 a 54 - Atos 11.28; 28.2 - Expulsa judeus de Roma.
⇒ Nero - anos 54 a 68 - Atos 25.21-25; 27.1; 28.19 - Paulo apela para Nero.
⇒ Agripa I - anos 37 a 44 - At.12 - Decapita Tiago. Prende Paulo.
⇒ Félix Antônio - anos 52 a 58 - Atos 23 e 24 - Procurador na Judéia e Samaria. Prendeu Paulo.
⇒ Pórcio Festo - anos 58 a 62 - Atos 24.27; 25; 26 - Mantém Paulo preso e o envia a Roma.
⇒ Agripa II - anos 52 a 70 - Atos 25 e 26 - Galiléia, Peréia e Ituréia - Ouviu defesa de Paulo.

Capitulo V

As Cartas Paulinas

Romanos; I Coríntios e II Coríntios; Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; I Tessalonicenses e II Tessalonicenses; I Timóteo e II Timóteo; Tito e Filemon

Uma viagem pelo "túnel do tempo" que parasse no primeiro século da Era Cristã, nos mostraria o que estava por detrás das palavras de Paulo em Gaiatas 4.4. O que significa a "plenitude dos tempos"? O tempo está "maduro" porque muitos fatores contribuíram para que o tempo da manifestação do Salvador viesse. Deus tem um relógio diferente do nosso. Enquanto o nosso registra datas, horas, o dele pensa em tempo oportuno e apropriado para revelar a sua vontade. Este é o ambiente da Teologia Paulina, que está distribuída ao longo de 13 epístolas no Cânon do Novo Testamento.

Igrejas teologicamente instáveis; divisões e contendas entre membros; Pecados estranhos no seio de congregações desencorajadas; falsos apóstolos; doutrinas estranhas; heresias. Nesse contexto eclesiástico do primeiro século foi que Paulo escreveu a maior coleção de conselhos e doutrinas dirigidos às igrejas então existentes.

Classificação das cartas de Paulo em 4 grupos:

1° grupo (I e 11 Tessalonicenses): Foram escritas durante a segunda viagem missionária entre 50 e 51 a.D., normalmente são conhecidas como proféticas e tratam da esperança cristã e consolação. Transmitem consolação a crentes que estavam enfrentando a morte e têm um estilo escatológico.

2° grupo (I e II Coríntios, Gálatas e Romanos): Foram escritas durante a terceira viagem missionária entre os anos 57 e 58 a.D. São conhecidas como polemica, tratam da fé cristã, cristologia, cruz, soteriologia. Revelam o conflito que provém do seguir a Jesus.

3° grupo (Efésios, Colossenses, Filemom, Filipenses): Foram escritas durante a primeira prisão em Roma entre os anos 62 e 63 a.D. São conhecidas como filosóficas e tratam do amor cristão e dos privilégios da salvação. Antecipam a conquista que nos é assegurada na Segunda Vinda de Cristo, o estilo é cristológico e contemplativo.

4° grupo (I e II Timóteo, Tito): Foram escritas durante a quarta viagem missionária e a segunda prisão em Roma entre os anos 65 e 68 a.D. São conhecidas como "epístolas pastorais" e tratam da ordem na vida cristã, Cristo, igreja, propósitos da salvação. Chamam a coerência entre a fé e a conduta cristã, esse gruo trata de eclesiologia e fala da organização da igreja. São administrativas e práticas.

Aspectos da Cristologia nestes grupos:

(a) No grupo I Cristo é o juiz e aponta para a glorificação.
(b) No grupo 2 Cristo é o redentor e implica em justificação.
(c) No grupo 3 Cristo é o Senhor e exige santificação.
(d) No grupo 4 Cristo é a autoridade e exige obediência.

Romanos: Romanos é a epístola de Paulo mais longa, mais teológica e mais influente. Talvez por essas razões foi colocada em primeiro lugar entre as do apóstolo. (Data: Cerca de 57 d.C).

I aos Coríntios: Corinto, uma cidade antiga da Grécia, era, em muitos aspectos, a metrópole grega de maior destaque nos tempos de Paulo. Assim como muitas das cidades prósperas do mundo de hoje, Corinto era intelectualmente arrogante, materialmente próspera e moralmente corrupta. O pecado, em todas as suas formas, grassava nessa cidade de má fama, pela sua licenciosidade. (Data: 55/56 d.C).

II aos Coríntios: Paulo escreveu esta epístola à igreja de Corinto e aos crentes de toda a Acaia (1.1), identificando-se duas vezes pelo nome (1.1; 10.1). Tendo Paulo fundado a igreja em Corinto, durante sua segunda viagem missionária, manteve contato freqüente com os coríntios a partir de então, por causa dos problemas daquela igreja. I Coríntios.

Gálatas: Paulo escreveu esta epístola (1.1; 5.2; 6.11) "às igrejas da Galácia" (1.2). O assunto principal de Gaiatas é o mesmo debatido e resolvido em Jerusalém (c. de 49 d.C.; cf. At 15). Tal assunto implica uma dupla pergunta: (1) A fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador é o requisito único para a salvação? (2) É necessário obedecer a certas práticas e leis judaicas do AT para se obter a salvação em Cristo? Talvez Paulo haja escrito Gálatas antes da controvérsia da lei, na Assembléia de Jerusalém (At 15), e antes de a igreja comunicar a sua posição final. (Data: Cerca de 49 d.C).

Efésios: Efésios é um dos picos elevados na revelação bíblica, ocupando lugar único entre as Epístolas de Paulo. Efésios transmite a impressão de um rico transbordar de revelação divina, brotando da vida de oração de Paulo. Ele escreveu a carta quando estava prisioneiro por amor a Cristo (3.1; 4.1; 6.20), provavelmente em Roma. Efésios tem muita afinidade com Colossenses, e talvez tenha sido escrita logo após esta. As duas cartas podem Ter sido levadas simultaneamente ao seu destino por um cooperador de Paulo chamado Tíquico (6.21; cf. Cl 4.7). (Data: Cerca de 62 d.C).

Filipenses: A cidade de Filipos, na Macedônia oriental, a 16 km do Mar Egeu, foi assim chamada em homenagem a Filipe II da Macedônia, pai de Alexandre Magno. A igreja de Filipos foi fundada por Paulo e sua equipe de cooperadores (Silas, Timóteo, Lucas) na sua segunda viagem missionária, em obediência a uma visão que Deus lhe dera em Trôade. At 16.9-40.

Um forte elo de amizade desenvolveu-se entre o apóstolo e a igreja em Filipos. Várias vezes a igreja enviou ajuda financeira a Paulo (II Co 11.9; Fp 4.15,16) e contribuiu generosamente para a coleta que o apóstolo providenciou para os crentes pobres de Jerusalém (cf. II Co 8-9). Parece que Paulo visitou a igreja duas vezes na sua terceira viagem missionária. At 20.1,3,6. Data: Cerca de 62/63 d.C.

Colossenses: A cidade de Colossos estava localizada perto de Laodicéia (cf. 4.16), no sudoeste da Ásia Menor, cerca de 160 quilômetros a leste de Éfeso. A igreja Colossenses, tudo indica, foi fundada como resultado do grandioso ministério de Paulo em Éfeso, durante três anos (At 20.31), cujos efeitos foram tão poderosos e de tão grande alcance que "todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus" (At 19.10). O motivo desta epístola foi o surgimento de ensinos falsos na igreja Colossenses, ameaçando o seu futuro espiritual (2.8). Quando Epafras, dirigente da igreja Colossenses e seu provável fundador, viajou com o objetivo de visitar Paulo e informar-lhe a respeito da situação em Colossos (1.8; 4.12), Paulo então escreveu esta epístola. Nessa ocasião Paulo estava preso (4.3,10,18), possivelmente em Roma (At 28.16-31), aguardando comparecer perante César (At 25.11,12). O cooperador de Paulo, Tíquico, entregou pessoalmente a carta em Colossos, em nome do apóstolo (4.7). (Data: Cerca de 62 d.C).

I Tessalonicenses: Tessalônica, situada a pouco menos de 160 km a sudoeste de Filipos, era a capital, cidade principal e porto da província romana da Macedônia. Entre os 200.000 habitantes da cidade, havia ali uma grande comunidade judaica. Quando Paulo fundou a igreja tessalonicense, na sua Segunda viagem missionária, seu frutífero ministério ali foi encerrado, prematuramente devido à intensa hostilidade judaica. At 17.1-9. Forçado a sair de Tessalônica, Paulo foi a Beréia, onde outro ministério breve, porém bem-sucedido, foi interrompido pela perseguição movida pêlos judeus que o seguiram desde Tessalônica. At 17.10-13. A seguir, viajou para Atenas (At 17.15-34), onde Timóteo se encontrou com ele; depois, Paulo enviou Timóteo de volta à Tessalônica para verificar a condição da nova igreja (3.1-5); ao mesmo tempo, Paulo seguiu para Corinto. At 18.1-17. Timóteo, ao completar sua tarefa, viajou para Corinto levando a Paulo informações sobre a igreja tessalonicense (3.6-8), o que levou Paulo a escrever esta carta, talvez três a seis meses depois de fundada a igreja. (Data: Cerca de 51 d.C).

II Tessalonicenses: Ao escrever Paulo esta epístola, a situação na igreja de Tessalônica era quase a mesma da ocasião em que ele escreveu a primeira carta. É provável, pois, que esta carta tenha sido escrita apenas poucos meses depois de I Tessalonicenses, quando Paulo ainda se encontrava trabalhando em Corinto com Silas e Timóteo (1.1; cf. At 18.5). Tudo indica que Paulo, ao ser informado do acolhimento da sua primeira carta e do progresso dos crentes tessalonicenses, foi movido a escrever esta segunda carta. (Data: 51 ou 52 d.C).

CARTAS PASTORAIS DO APOSTOLO PAULO

Nestas cartas encontramos não só indicações e orientações pessoais que Paulo transmite aos destinatários primários das cartas, mas também ensinos e princípios que permanecem até nós. Mesmo nas partes mais pessoais de cada carta podemos entender lições que se aplicam a nós.

As cartas chamadas pastorais - por se dirigirem aos líderes, ou seja, "pastores" das comunidades são: I e II Timóteo e Tito. Nessas cartas pastorais, há dezenas de exortações. Os verbos sempre estão no imperativo, como, por exemplo: "Combata o bom combate", "Exercite-se na piedade", "Fortifique-se na graça", "Pregue a palavra", "Seja moderado" etc. Se fizermos um arranjo desses imperativos, encontraremos oito exortações básicas.

1. Cuidado com a saúde, I Tm 5.23.

2. Cuidado com a vida devocional, I Tm 4.7,8 e II Tm 2.1.

3. Cuidado com a sexualidade, I Tm 5.2,22 e II Tm 2.22.

4. Cuidado com o exemplo, I Tm 4.12 e Tt 2.7.

5. Cuidado com as atitudes, I Tm 5.1,2,19 e II Tm 2.23,24.

6. Cuidado com a pregação, I Tm 4.6,13 e II Tm 2.8,15 e 4.2.

7. Cuidado com a doutrina, I Tm 4.7 e II Tm 1.13,14 e Tt 2.1.

8. Cuidado com a moderação, I Tm 5.22 e II Tm 4.5.

I Timóteo: Paulo escreveu I Timóteo depois dos eventos relatados no fim de Atos a primeira prisão de Paulo em Roma (At 28) terminou, segundo parece, com a sua libertação. II Tm 4.16,17. Posteriormente, segundo Clemente de Roma (cerca de 96 d.C.) e o Cânon Muratoriano (cerca de 190 d.C.), Paulo viajou de Roma, dirigindo-se para o oeste, até a Espanha, e ministrou a Palavra de Deus ali, como era seu desejo há longo tempo. Rm 15.23,24,28. Conforme relatam as Epístolas Pastorais, Paulo, a seguir, voltou à região do mar Egeu (especialmente Creta, Macedônia e Grécia) e aí continuou seu ministério. Durante esse período (cerca de 64,65 d.C.), Paulo comissionou Timóteo como seu representante apostólico para ministrar em Éfeso, e Tito para fazer o mesmo em Creta. Da Macedônia, Paulo escreveu sua primeira carta a Timóteo, e, pouco mais tarde, escreveu a Tito. Posteriormente, Paulo foi preso de novo em Roma, quando então escreveu uma segunda carta a Timóteo pouco antes do seu martírio em 67/68 (ver II Tm 4.6-8). (Data: Cerca de 65 d.C).

II Timóteo: Esta é a última carta de Paulo. Ela foi escrita quando o imperador Nero procurava impedir a expansão da fé cristã em Roma, perseguindo severamente os crentes. E Paulo voltara a ser prisioneiro do imperador de Roma (1.16,17). Estava sofrendo privações como se fosse um criminoso comum (1.15), e tinha consciência de que o seu ministério chegara ao fim, e que sua morte se aproximava, (4.6-8,18). Ante sua execução iminente, Paulo pede duas vezes a Timóteo que venha estar novamente com ele em Roma (4.9,21). Timóteo ainda residia em Éfeso quando Paulo lhe enviou esta segunda epístola. I Tm l.3; II Tm 1.18. (Data: Cerca de 67 d.C).

Tito: Como I e II Timóteo, é uma carta pessoal de Paulo a um dos seus auxiliares mais jovens. Tito, um gentio convertido (Gl 2.3), tornou-se íntimo companheiro de Paulo no ministério apostólico. Embora não mencionado nominalmente em Atos (por ser, talvez, irmão de Lucas), o grande relacionamento entre Tito e o apóstolo Paulo vê-se: (1) nas treze referências a Tito nas epístolas de Paulo, (2) no fato de ele ser um dos convertidos e fruto do ministério de Paulo (1.4; como Timóteo), e um cooperador de confiança (II Co 8.23),

(3) pela sua missão de representante de Paulo em pelo menos uma missão importante a Corinto durante a terceira viagem missionária do apóstolo (II Co 2.12,13; 7.6-15; 8.6,16-24), e (4) pelo seu trabalho como cooperador de Paulo em Creta (1.5). Paulo e Tito trabalharam juntos por um breve período na ilha de Creta (a sudoeste da Ásia Menor, no Mar Mediterrâneo), no período entre a primeira e a segunda prisão de Paulo em Roma. Paulo deixou Tito em Creta cuidando da igreja ali (1.5), enquanto ele (Paulo) seguia adiante para a Macedônia. I Tm 1.3.

Algum tempo depois, Paulo escreveu esta carta a Tito, incumbindo-o de completar a tarefa em Creta que os dois haviam começado juntos. É provável que Paulo tivesse mandado a carta pelas mãos de Zenas e Apoio, que passaram por Creta, em viagem (3,13). Nesta carta, Paulo informa sobre seus planos para enviar Ártemas ou Tíquico para substituir Tito dentro em breve. E nessa ocasião Tito devia encontrar-se com Paulo em Nicópolis (Grécia), onde o apóstolo planejava passar o inverno (3.12). Sabemos que isto aconteceu, já que na ocasião posterior, Paulo designara Tito para a Dalmácia, no litoral oriental do mar Adriático (na ex-Iugoslávia), em cuja região ficava Nicópolis, na Grécia (3.12). Data: Cerca de 65/66 d.C.

Filemom

Tema: Reconciliação Data: Cerca de 62 d.C.

Paulo escreveu esta "epístola da prisão" (1,9) como uma carta pessoal a um homem chamado Filemom, mais provavelmente durante sua primeira prisão em Roma (At 28.16-31). Os nomes idênticos mencionados em Filemom (1,2,10,23,24) e em Colossenses (Cl 4.9,10,12,14,17), indicam que Filemom morava em Colossos e que as duas cartas foram escritas e entregues juntas.

Filemom era um senhor de escravos (16) e membro da igreja de Colossos (compare 1,2 com Cl 4.17), talvez um convertido de Paulo (19). Onésimo era um escravo de Filemom que fugira para Roma; ali, teve contato com Paulo, que o levou a Cristo. Desenvolveu-se um forte vínculo de amizade entre os dois (9-13). Agora, Paulo, um tanto apreensivo, envia Onésimo de volta a Filemom, acompanhado por Tíquico, cooperador de Paulo, levando esta carta. Cl 4.7-9.

Este é o escopo das Epístolas Paulinas. Elas desenvolvem a doutrina da Igreja. Em suas cartas às sete igrejas (em Roma, em Corinto, na Galácia, em Éfeso, em Filipos, em Colossos, e em Tessalônica), encontra-se revelada a Igreja como o corpo de Cristo, "o mistério, desde os séculos oculto em Deus". Ef 3.9. Além disso, nestas Epístolas a Igreja é instruída sobre o seu lugar especial nos conselhos e propósitos de Deus. Embora Cristo ensinasse que a Igreja é um organismo, através de Paulo temos a revelação detalhada do corpo de Cristo em sua vocação, promessa e destino celestiais.

Através dele também se revelou a organização e a administração das igrejas locais (I Timóteo e Tito). O fato de Cristo vir para a sua Igreja, apresentado em Jo 14.3, foi revelado mais detalhadamente através de Paulo em I Co 15.51-58 e I Ts 4.13-18, onde ele ensina que "nem todos dormiremos", que "os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro" e que os crentes vivos serão "transformados" quando ele vier e serão "arrebatados ... para o encontro do Senhor nos ares".

A doutrina da graça dos ensinamentos de Cristo também teve maior revelação através de Paulo. Mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento, Paulo expõe a natureza e o propósito da lei; a base e o meio da justificação, santificação e glorificação dos crentes; a interpretação da morte e da ressurreição de Cristo, a posição, conduta, expectativa e o testemunho do Cristo glorificado, a cabeça da Igreja que é o seu corpo. É inevitável que um homem com o intelecto e o treinamento de Paulo, um judeu que foi inimigo tão ferrenho do Cristianismo, procure o Evangelho. Imediatamente após a sua conversão ele pregou Jesus como o Messias; mas a relação com a lei e, num grau menor, com as grandes promessas judaicas precisavam de explicação. Na Arábia esta explicação foi dada a Paulo "mediante a revelação de Jesus Cristo". Gl 1.11-12. O resultado foi que ele ensinou a salvação pela graça mediante a fé totalmente à parte das obras da lei.

Além disto, O Evangelho proclamado por Paulo nos leva a relacionamentos mais profundos, com o Pai, com o Filho, com o Espírito Santo e com os propósitos futuros de Deus. Apresenta não apenas a salvação do pecado e suas conseqüências, mas também a salvação num lugar bendito dentro dos conselhos divinos. E a Igreja em seu aspecto e função mais profundos requer explicação inspirada.

Esses são os temas principais das Epístolas Paulinas, e comumente chamadas de Epístolas da prisão (Efésios, Colossenses, Filemon e Filipenses). É possível que estas revelações máximas fossem recebidas através da disciplinada meditação do apóstolo e orações sinceras durante os silenciosos anos em Cesaréia.

BIOGRAFIA DO APÓSTOLO PAULO

A aparência Pessoal de Paulo: Uma tradição que vem do segundo século diz que era homem de estatura mediana, cabelos crespos, pernas curtas e arqueadas, olhos azuis, grandes e cerrados sobrancelhas, nariz cumprido, porém, cheio de graça e compaixão do Senhor, algumas vezes parecendo homem e outras vezes parecendo anjo. Diz outra tradição, que era pequeno de estatura, careca, nariz um pouco saliente, pernas tortas, robusto, sobrancelhas cerradas, porém, cheio de graça.

Se esta descrição merecer crédito, ela fala um bocado mais a respeito desse homem natural de Tarso, que viveu quase sete décadas cheias de acontecimentos após o nascimento de Jesus. Ela se encaixaria no registro do próprio Paulo de um insulto dirigido contra ele em Corinto. "As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra desprezível". II Co 10.10. Sua verdadeira aparência teremos de deixar por conta dos artistas, pois não sabemos ao certo. Matérias mais importantes, porém, demandam atenção — o que ele sentia, o que ele ensinava, o que ele fazia.

Paulo de Tarso: Em grego Paulos, derivado do latim "Paulus", que quer dizer pequeno. Nome do grande apóstolo dos gentios. O nome judaico anterior era Saulo; no hebreu, Shaul, no grego, Saulos; assim denominado nos Atos dos Apóstolos, mesmo até depois da conversão de Sérgio Paulo, procônsul de Chipre, At 13. 9.

Daqui em diante, só tem o nome de Paulo, que ele a si mesmo dá em todas as suas cartas. Não é de estranhar que alguns pensem que tomou este nome do procônsul Sérgio. Isto, porém, não é de modo algum aceitável, tendo em vista o modo gentil pelo qual Lucas o apresenta, dando-lhe o nome gentílico de Paulo, quando começou a sua obra de apóstolo das gentes.

É mais provável que, acompanhando o costume de muitos judeus, At 1.23; Cl 4.11, e principalmente os judeus da dispersão, o apóstolo usasse de ambos os nomes. Havia nascido em Tarso, cidade principal da Cilícia, At 9.11; 21. 39; 22.3, e pertencia à tribo, de Benjamim, Fp 3.5. Não se sabe como é que a sua família foi residir em Tarso. Uma antiga tradição afirma que ele havia sido levado de Giscala em Galiléia, pêlos romanos, depois que tomaram este último lugar. É possível, pois, que a família de Saulo em tempos anteriores, tivesse fixado residência em Tarso, em alguma das colônias que os reis da Síria estabeleceram ali ou que tivesse imigrado voluntariamente, como faziam muitos judeus por motivos de ordem comercial.

Tarso era centro intelectual do oriente onde existia uma escola famosa e onde dominava a filosofia estóica. É possível que Paulo crescesse ali sob estas influências. Seus pais, sendo como eram, fiéis à lei mosaica, o mandaram logo para Jerusalém para ser educado lá. A semelhança de outros rapazes da mesma raça, tinha de aprender um ofício, que no seu caso, foi o de fazedor de tendas, das que se usavam nas viagens, 18.3. Como ele mesmo diz, 22.3, foi educado em Jerusalém, para onde o mandaram, quando muito jovem. A educação consistia principalmente em fixar nele as tradições farisaica. "Foi instruído conforme a verdade da lei de seus pais". Teve como preceptor um dos mais sábios e notáveis rabinos daquele tempo, o grande Gamaliel, neto do ainda mais famoso Hilel. Foi este Gamaliel, cujo discurso se contém nos Atos dos Apóstolos 5.34-39, que aconselhou o Sanedrim a não tentar contra a vida dos apóstolos. Este Gamaliel possuía alguma coisa estranha ao espírito farisaico, a qual se avizinhava da cultura grega. O seu discurso já referido demonstra que ele não possuía o espírito intolerante e perseguidor, característico da seita dos fariseus. Celebrizou-se por seus vastos conhecimentos rabínicos.

A seus pés o jovem Saulo, vindo de Tarso, recebeu as lições sobre os ensinos do Antigo Testamento, porém já se vê, de acordo com as subtilezas e interpretações dos doutores, que acenderam no espírito ardente do jovem discípulo, um zelo feroz para defender as tradições de seus antepassados. Assim, pois o futuro apóstolo tornou-se fariseu zeloso, disciplinado nas idéias religiosas e intelectuais de seu povo. Não é para admirar, pois, que fosse tão feroz o seu ódio a ponto de promover-lhes o extermínio pela morte. Logo após o martírio de Estêvão, tomou parte ativa, dirigindo o movimento de perseguição contra os cristãos, At 8.2,3-22.4; 26.10,11; I Co 15.9; Gl 1.13; Fp 3.6; I Tm 1.13. Fazia tudo isto guiado por uma consciência mal informada. Era o tipo do inquisidor religioso.

Não satisfeito com a perseguição devastadora que fazia em Jerusalém, pediu cartas ao príncipe dos sacerdotes para as sinagogas de Damasco com o fim de levar presos para Jerusalém quantos achasse desta profissão, At 9.1,2. Os romanos davam largos poderes aos judeus para exercerem a sua administração interna. O governador de Damasco que obedecia à direção do rei Aretas, era particularmente favorável aos judeus, 9.23,24; II Co 11.32, favorecendo por este modo a perseguição de Paulo aos cristãos.

Sua conversão: Foi no caminho de Damasco que se deu a repentina conversão. Paulo e seus companheiros provavelmente iam a cavalo, como era costume nas viagens pêlos caminhos desertos da Galiléia para a antiga cidade. Estavam perto da cidade Era meio-dia, o sol ardente estava no seu zênite, At 26.13. Repentinamente uma luz vinda do céu, mais brilhante que a luz do sol caiu sobre eles, derrubando-os, 14. Todos se ergueram, continuando Paulo prostrado por terra, 9.7. Ouviu-se então uma voz que dizia em língua hebraica: "Saulo, Saulo, porque me persegues? Dura coisa é recalcitrares contra o aguilhão", 26.14. Respondeu ele então: "Quem és tu Senhor?" Ele respondeu: "Eu sou Jesus a quem tu persegues, 15. Levanta-te e vai à cidade e aí se te dirá o que te convém fazer", 9.6-22. 10. Os companheiros que o seguiam ouviam a voz sem nada ver, 9.7, nem entender, 22. 9. Paulo sentiu-se cego pelo intenso clarão da luz, e foi conduzido pela mão dos companheiros. Entrou em Damasco, hospedando-se na casa de Judas, 9.11, onde permaneceu três dias sem vista e sem comer, nem beber, orando, 9,11, e meditando sobre a revelação que Deus lhe fizera.

Ao terceiro dia, o Senhor mandou a certo judeu convertido, chamado Ananias, que fosse ter com Paulo e impor-lhe as mãos para recobrar a vista. O Senhor garantiu a Ananias, o qual tinha receio de encontrar-se com o grande perseguidor, que este, quando em oração, já o tinha visto aproximar-se dele. Portanto, Ananias obedeceu. Paulo confessou a sua fé em Jesus, recobrou a vista, e recebeu o batismo; e daqui em diante, com a energia que o caracterizava, e com grande espanto dos judeus, começou a pregar nas sinagogas que Jesus era o Cristo, Filho de Deus vivo, 9 10-22. Tal é a narrativa da conversão de Saulo de Tarso.

Vários racionalistas pretendem explicar a conversão de Paulo, sem tomar em conta a intervenção sobrenatural, mas essas opiniões são destruídas pelo testemunho do mesmo Paulo; afirmando a sua atitude de perseguidor, obedecia a motivos de consciência e que a sua mudança era devida ao soberano exercício do poder de Deus e à sua graça infinita. A frase "Dura coisa é recalcitrares contra o aguilhão", não quer dizer que ele agia contra a sua vontade, ou que já reconhecia a verdade do Cristianismo, quer dizer antes que era insensatez resistir aos propósitos divinos. A sua vida anterior deve ser reconhecida como um período de iniciação inconsciente para a sua missão futura. Durante mais de 30 anos trabalhou na obra do Senhor.

As últimas palavras do Apóstolo Paulo: II Tm 4:6-8

Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e O TEMPO DA MINHA PARTIDA ESTÁ PRÓXIMO. Combati o bom Combate, Acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda. A declaração mais sublime do maior mortal que já existiu. O velho combatente da cruz, recoberto de cicatrizes das batalhas, olhando retrospectivamente, para a luta longa, difícil e atroz, solta um brado de exaltação: "venci", não muito depois, o machado do carrasco, a mando de Nero, fazia a alma do apóstolo, desprender-se do seu corpo gasto e alquebrado, para ser conduzida pêlos anjos para os braços do Pai".

Capitulo VI

As Cartas Universais

Hebreus, Tiago, l Pedro, II Pedro, l João, II João, III João e Judas

As Epistolas universais são chamadas assim por se destinarem à Igreja em geral, e não a tal ou qual comunidade, como fizera Paulo. Elas também se originaram da necessidade pastoral, e já no começo do II século estavam incorporadas aos outros escritos do NT.

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

Autor: Desconhecido

Tema: Um Melhor Concerto Data: Cerca de 67-69 d.C.

Este livro foi destinado originalmente aos cristãos de Roma. O seu título, nos manuscritos gregos mais antigos, diz apenas "Aos Hebreus". Seu conteúdo, no entanto, revela que foi escrito a cristãos judeus. O emprego que o autor fez da Septuaginta (versão grega do AT), nas citações do AT, indica que os primeiros leitores foram provavelmente judeus de idioma grego que viviam fora da Palestina.

A expressão "Os da Itália vos saúdam" (13.24) significa provavelmente que o autor escrevia para Roma, e que na ocasião incluiu saudações de crentes italianos que viviam longe da pátria. O escritor não se identifica no título original, nem através do livro, embora fosse bem conhecido dos seus leitores (13.18-24). Por alguma razão, perdeu-se a sua identidade ao findar-se o século I. posteriormente, na tradição da igreja primitiva (séculos II e IV), surgiram muitas opiniões diferentes sobre o possível escritor de Hebreus. A opinião de que Paulo haja sido o autor não tinha aceitação até o século V. Muitos eruditos conservadores descartam a autoria de Paulo.

Propósito: Hebreus foi escrito principalmente para os cristãos judeus que estavam sob perseguição e esmorecimento. O escritor procura fortalecê-los na fé em Cristo, demonstrando cuidadosamente a superioridade e finalidade da revelação e redenção da parte de Deus em Jesus Cristo. Demonstra que as disposições divinas para a redenção vistas no Antigo Concerto cumpriram-se e tornaram-se obsoletas pela vinda de Jesus e pelo estabelecimento de um Novo Concerto, mediante a sua morte vicária. O escritor anima seus leitores (1) a manterem firme sua confissão de Cristo até o fim, (2) a prosseguirem para a maturidade espiritual, e (3) não volverem ao estado de condenação caso abandonem a fé em Jesus Cristo.

EPÍSTOLA UNIVERSAL DO APÓSTOLO TIAGO

Autor: Tiago

Tema: A Fé Manifesta-se Pelas Obras

Data: 45-49 d.C.

Tiago é classificado como "epístola universal" porque foi originalmente escrita para uma comunidade maior que uma igreja local. A saudação: "Às doze tribos que andam dispersas" (1.1), juntamente com outras referências (2.19,21), indicam que a epístola foi escrita inicialmente a cristãos judeus que viviam fora da Palestina.

Propósito: Tiago escreveu (1) para encorajar os crentes judeus que enfrentavam várias provações, que punham sua fé à prova, (2) para corrigir crenças errôneas a respeito da natureza da fé salvífica, e (3) para exortar e instruir os leitores concernente ao resultado prático da sua fé na vida de retidão e nas boas obras.

PRIMEIRA EPISTOLA UNIVERSAL DO APÓSTOLO PEDRO

Autor: Pedro

Tema: Sofrimento por Amor a Cristo

Data: Cerca de 60-63 d.C.

Pedro dirige esta carta aos "estrangeiros dispersos" nas províncias romanas da Ásia Menor (1.1). Alguns destes, talvez haja se convertido no dia de Pentecoste, ao ouvirem a mensagem de Pedro, e retornaram às suas respectivas cidades levando a fé que acabavam de conhecer (At 2.9,10). Estes crentes são chamados "peregrinos e forasteiros" (2.11), relembrando-lhes, assim, que a peregrinação cristã ocorre num mundo hostil a Jesus Cristo; mundo este, do qual só podem esperar perseguição. Embora Pedro possa ter visitado alguma vez a grande colônia de judeus ortodoxos em Babilônia, é mais consentâneo entender, aqui, a presença de Pedro. Silas (5.12) e Marcos (5.13), juntos em Roma (Cl 4.10), no começo da década de 60, do que em Babilônia. Pedro escreveu mais provavelmente entre 60 e 63 d.C., antes do terrível banho de sangue em Roma, ordenado por Nero (64 d.C.).

Propósito: Pedro escreveu esta epístola de alegre esperança a fim de levar o crente a ver a perspectiva divina e eterna da sua vida terrestre e prover orientação prática aos cristãos que se encontravam sob o fogo do sofrimento entre os pagãos. O cuidado de Pedro visava a evitar que entre os crentes não perturbassem, sem necessidade, o governo, e sim seguissem o exemplo de Jesus no sofrimento, sendo inocente, mas portando-se com retidão e dignidade.

SEGUNDA EPISTOLA UNIVERSAL DO APÓSTOLO PEDRO

Autor: Pedro

Tema: A verdade de Deus e o falso ensino dos homens

Data: Cerca de 66-68 d.C.

Na saudação, Simão Pedro identifica-se como o autor da carta. Mais adiante ele declara aos seus leitores que esta é a sua segunda epístola (3.1), indicando assim que está escrevendo aos mesmos crentes da Ásia Menor, a quem dirigira a primeira epístola. I Pe 1.1. Visto que Pedro, assim como Paulo, foi executado por decreto do perverso Nero (que, por sua vez, morreu em junho de 68 d.C.), é mais provável que Pedro escreveu esta epístola entre 66 e 68 d.C., pouco antes do seu martírio em Roma (1.13-15). Propósito: Pedro escreveu (1) para exortar os crentes a buscarem com diligência a santidade de vida e p verdadeiro conhecimento de Cristo e (2) para desmascarar e repudiar a atividade traiçoeira dos falsos profetas e mestres que agiam nas igrejas da Ásia Menor, pervertendo a verdade bíblica. Pedro resume o propósito do livro, em 3.17,18, onde exorta os crentes verdadeiros (1) a estarem alerta para não serem enganados por homens perversos (3.17) e (2) a crescer "na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (3.18).

PRIMEIRA EPISTOLA UNIVERSAL DO APÓSTOLO JOÃO

Autor: João

Tema: Verdade e Justiça

Data: 85-95 d.C.

Cinco livros do NT levam o nome de João: um Evangelho, três epístolas e o Apocalipse. O assunto principal desta epístola é o problema dos falsos ensinos a respeito da salvação em Cristo e seu processo no crente. Certas pessoas, que anteriormente conviveram com os leitores da epístola, deixaram as congregações (2.19), mas os resultados dos seus falsos ensinos continuavam a distorcer o evangelho, quanto à "saber" que tinham a vida eterna. Doutrinariamente, a sua heresia negava que Jesus é o Cristo (2.22; cf. 5.1) ou que Jesus veio em carne (4.2,3). Na área moral, ensinavam que não era necessário à fé salvífica (cf. 1.6; 5.4,5), a obediência aos mandamentos de Jesus (2.3-4; 5.3) e uma vida santa, separada do pecado (3.7-12) e do mundo (2.15-17). Portanto, o propósito de João ao escrever esta epístola foi duplo: (1) expor e rebater os erros doutrinários e éticos dos falsos mestres e (2) exortar seus filhos na fé a manter uma vida de santa comunhão com Deus, na verdade e na justiça, cheios de alegria (1.4) e de certeza da vida eterna (5.13), mediante a fé obediente em Jesus, o Filho de Deus (4.15; 5.3-5,12), e pela habitação interior do Espírito Santo (2.20; 4.4,13).

SEGUNDA EPISTOLA UNIVERSAL DO APÓSTOLO JOÃO

Autor: João

Tema: Andando na Verdade

Data: 85-95 d.C.

João dirige esta carta "à senhora eleita e a seus filhos" (1). Alguns interpretam "a senhora eleita", figuradamente, como uma igreja local, sendo "seus filhos" os membros dessa igreja e sua "irmã, a eleita" (13), como uma congregação idêntica. Outros interpretam a endereçada, literalmente, como uma viúva cristã de destaque, conhecida de João, numa das igrejas da Ásia Menor, sob seus cuidados pastorais. A família dessa senhora (1), bem como os filhos da sua irmã (13) são pessoas de destaque entre as igrejas daquela região. Como as outras epístolas de João, II Jo provavelmente foi escrita de Éfeso, em fins da década de 80 ou no começo da década de 90.

Propósito: João escreveu esta carta a fim de prevenir "a senhora eleita" contra os falsos obreiros (mestres, evangelistas e profetas) que perambulavam pelas igrejas. Os tais abandonaram os ensinos do evangelho e propagavam os seus falsos ensinos. A destinatária não devia recebê-los, dialogar com eles, nem auxiliá-los. Fazer isso significaria ajudá-los a disseminar os seus erros e participar da sua culpa, A carta repudia o mesmo falso ensino denunciado em I João.

TERCEIRA EPISTOLA UNIVERSAL DO APÓSTOLO JOÃO

Autor: João

Tema: Procedendo com Fidelidade

Data: 85-95 d.C.

João, o apóstolo amado, apresenta-se novamente como "o presbítero". Esta carta pessoal é endereçada a um fiel cristão chamado Gaio (1), talvez pertencente a uma das igrejas da Ásia Menor. Assim como as demais epístolas de João, III Jo foi certamente escrita em Éfeso, em fins da década de 80 d.C. ou início da década de 90 d.C.

Visão panorâmica: Três homens são mencionados por nome em III João. (1) Gaio é calorosa e honrosamente mencionado pela sua piedosa vida na verdade (3,4), e pela sua hospitalidade exemplar para com os irmãos viajantes (5-8). (2) Diótrefes, um dirigente ditador, é denunciado pelo seu orgulho ("procura ter entre eles o primado", 9), cujas manifestações são: rejeitar uma carta anterior de João (9), calúnia contra João (9), recusar o acolhimento aos mensageiros de João e ameaçar com exclusão aqueles que os receberem (10). (3) Demétrio, talvez o portador desta carta, ou pastor de uma comunidade na vizinhança, é louvado como um homem de boa reputação, e lealdade à verdade (12) e uma advertência indireta ao petulante Diótrefes.

EPISTOLA UNIVERSAL DE JUDAS

Autor: Judas

Tema: Batalhar pela Fé

Data: 70-80 d.C.

Judas se identifica simplesmente como o "irmão de Tiago" (1). Os únicos irmãos do Novo Testamento que têm nomes de Judas e Tiago são os dois irmãos de Jesus. Mt 13.55; Mc 6.3. Talvez Judas mencionou Tiago porque a posição de destaque do seu irmão, sendo dirigente da igreja de Jerusalém serviria para esclarecer sua própria identidade e posição. Esta curta epístola, porém de linguagem enérgica, foi escrita contra os falsos mestres, que eram abertamente antinominianos (i.e., ensinavam que a salvação pela graça lhes permitia pecar sem haver condenação) e que zombando, rejeitavam a revelação divina a respeito da Pessoa e da natureza de Jesus Cristo, segundo as Escrituras (4). Dessa maneira, dividiam as igrejas, concernente à fé (19a, 22) e quanto à conduta (4,8,16). Judas descreve esses homens vis como "ímpios" (15), que "não têm o Espírito" (19).

Propósito: Judas escreveu esta carta (1) para, com empenho, advertir os crentes sobre a grave ameaça dos falsos mestres e sua influência destruidora nas igrejas, e (2) para energicamente conclamar todos os verdadeiros crentes a resolutamente "batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos".

Capitulo VII

Apocalipse

Profético: também chamado de revelação das coisas dos últimos dias que deverão acontecer. É um livro apocalíptico. Apocalipse.

Autor: João

Data: Cerca de 85 d.C.

Autor Divino: O próprio Deus. É esta a primeira declaração do Livro próprio Deus o notificou a João, por meio de Jesus Cristo, por intermédio de um anjo, e João o registrou e enviou o Livro resultante para as sete igrejas, 1.1,4. Há críticos racionalistas modernos que entendem que o Livro não contém nada de profecia inspirada, mas apenas "a atividade desenfreada da fantasia religiosa, revestindo-se de forma visual irreal". A tal opinião rejeitamos com desgosto.

Cremos absolutamente que o Livro é exatamente aquilo que se declara ser; que traz consigo a marca do seu divino Autor; que algumas das suas passagens são entre as mais sublimes e as mais preciosas da Bíblia inteira; que sua grandeza, que vai atingindo um clímax, forma uma terminação condigna da história bíblica; e que suas visões gloriosas da obra completada de Cristo fazem que o Livro seja um verdadeiro caminho de Deus para chegar à alma humana.

Patmos: "Uma ilha que deve seu renome àquele que nela esteve preso". Fica 96 km a sudoeste de Éfeso; tem uns 16 km de extensão por uns 10 de largura: desprovida de árvores, e rochosa.

Dizem que João esteve exilado aí, na perseguição de Domiciano, 95 d.C. e que foi solto, sendo-lhe permitido voltar a Éfeso sob o imperador seguinte, Nerva, 96 d.C., vivendo até o reinado de Trajano, que começou em 98 d.C. O pretérito do verbo em l:9, "achei-me" em Patmos, parece indicar que, embora tivesse as visões nessa ilha, foi depois de solto que escreveu o livro, entre a perseguição Domiciano e a de Trajano, tendo esta última começado em 100 d.C.

Pano de fundo histórico do livro: Estas visões foram concedidas, e o Livro foi escrito na luz lúgubre de mártires sendo queimados. A igreja não tinha mais do que uns cinqüenta anos de vida. Tinha crescido enormemente. Tinha sofrido, e continuava a sofrer, enormes perseguições. O livro retrata as circunstâncias históricas do reinado de Domiciano, o qual exigiu que todos os seus súditos lhe chamassem de "Senhor e Deus". Sem dúvida, o decreto do imperador originou um confronto entre os que se dispunham a adorá-lo, e os crentes fiéis que confessavam que somente Jesus era "Senhor e Deus". Destarte, o livro foi escrito num período em que os crentes enfrentavam intensa perseguição por causa de seu testemunho. A tribulação aparece através do contexto do livro de Apocalipse (1.19; 2.10,13; 6.9-11; 7.14-17; 11.7; 12.11,17; 17.6; 18.24; 19.2; 20.4).

A primeira perseguição dos cristãos promovida pelo Império romano, levada a efeito uns vinte anos antes de ter sido escrito este Livro, foi a de Nero, 64-67 d.C. Naquela perseguição, multidões de cristãos foram crucificados, ou lançados aos animais selvagens, ou ainda, envoltos em roupas altamente combustíveis e queimados vivos enquanto Nero dava gargalhadas ao ouvir os gritos lancinantes de homens e mulheres morrendo queimados. No decurso desta perseguição de Nero, Paulo e Pedro sofreram o martírio.

A segunda perseguição imperial foi instituída pelo Imperador Domiciano, em 85-86 d.C. Foi curta, mas extremamente severa. Mais do que 40.000 cristãos foram torturados e mortos. Foi durante esta perseguição que João foi banido para a Ilha de Patmos, 1.9.

A terceira perseguição imperial aquela de Trajano, estava para começar, 98 d.C. João tinha vivido no meio das duas primeiras perseguições, e estava prestes a entrar nesta terceira tentativa do Império Romano, de aniquilar a fé cristã. Foram dias negros para a Igreja. E dias ainda mais negros estavam para raiar. E não havia só o problema da perseguição vindo de fora - havia também os sinais da corrupção e da apostasia que começavam a solapar a Igreja, vindos de dentro da Igreja.

GÊNESIS X APOCALIPSE

Há um nítido paralelo entre Gênesis e Apocalipse, como se nota:

GÊNESIS	APOCALIPSE
Início	Fim
Criação da terra	Nova terra
Criação do céu	Novo céu
Criação do sol	A Nova Jerusalém não precisa do sol
Vitória de Satanás	Derrota de Satanás
Adão	Cristo
Eva	Igreja (noiva)
Entrada do pecado	Fim do pecado
Maldição	Fim da maldição
Bloqueado caminho à árvore da vida.	Acesso à árvore da vida.

Capitulo VIII

Cristo em cada Livro do Novo testamento

⇒ **Em Mateus:** Ele é a Promessa Viva
⇒ **Em Marcos:** Ele é o Servo de Deus
⇒ **Em Lucas:** Ele é o Filho do Homem
⇒ **Em João:** Ele é o Filho de Deus
⇒ **Em Atos:** Ele é o Senhor Redivino
⇒ **Em Romanos:** Ele é a nossa Justiça
⇒ **Em I e II Coríntios:** Ele é o Senhor e a nossa Suficiência
⇒ **Em Gálatas:** Ele é o nosso Libertador do jugo da lei
⇒ **Em Efésios:** Ele é o nosso Tudo em Todos
⇒ **Em Filipenses:** Ele é a nossa Alegria
⇒ **Em Colossenses:** Ele é a nossa Vida
⇒ **Em I e II Tessalonicenses:** Ele é Senhor que irá Voltar
⇒ **Em I e II Timóteo:** Ele é o nosso Mestre e Exemplo
⇒ **Em Tito:** Ele é o nosso Modelo
⇒ **Em Filemom:** Ele é o nosso Senhor e Mestre
⇒ **Em Hebreus:** Ele é o nosso Intercessor junto ao trono de Deus
⇒ **Em Tiago:** Ele é o nosso Modelo da Verdade
⇒ **Em I e II Pedro:** Ele é a nossa Força e a Pedra Angular de nossa Fé
⇒ **Em I, II e III João:** Ele é a nossa Vida, a nossa Verdade e o nosso Caminho
⇒ **Em Judas:** Ele é o nosso Protetor
⇒ **Em Apocalipse:** Ele é o nosso Rei Triunfante.

I. Seu Nascimento

1. Estava escrito que Ele nasceria em Belém: Miquéias 5.2
2. Estava escrito que Ele nasceria de uma virgem: Isaias 7.14
3. Estava escrito a forma sobrenatural que Ele iria nascer: SI 2.7
4. Estava escrito como seria o seu nome: Isaias 7.14
5. Estava escrito sobre a sua descendência: Gn 49.10 e Nm 24.17
6. Estava escrito que Ele nasceria em Belém, mas iria para o Egito: Oséias 11.1.

E para que se CUMPRISSE A ESCRITURA (João 19.36) Naquela noite (dois mil anos atrás) nasceu o Messias. O nascimento de Jesus de Nazaré não foi prematuro, nem tardio. Ele nasceu no tempo exato, de acordo com a agenda profética de Deus, Não se tratou de um acidente, ou de um golpe do destino. Tudo foi planejado, predito e prometido com centenas de anos de antecedência.

II. Seu Ministério

1. Estava escrito que Ele surgiria da Galiléia: Isaias 9. l
2. Estava escrito que Ele seria um grande profeta: Deuteronômio 18.18
3. Estava escrito que o Espírito de Deus iria repousar sobre Ele: Isaias 11.2
4. Estava escrito que Ele seria anunciado por um mensageiro do deserto: Ml 3.1
5. Estava escrito que Ele curaria cegos e surdos: Is 35.5
6. Estava escrito que Ele curaria os coxos e os mudos: Is 35.6
7. Estava escrito que Ele falaria em parábolas: SI 78.2
8. Estava escrito que Ele seria aclamado rei, em um jumento: Zc 9.9.

E para que se CUMPRISSE A ESCRITURA (Jo 19.36) Jesus Cristo foi plenamente fiel a tudo quanto havia sido profetizado a respeito de sua missão. Lucas 3.23, afirma que Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou seu ministério, e isto abre entendimento para crermos em uma vida curta enquanto na terra. Jesus mostrou que a vida humana depois do pecado não deve ser vista como a mais importante uma vez que a vida eterna é dádiva divina, Rm 6.23. Mostrou também que um homem pode viver pouco fisicamente, e fazer muito espiritualmente, construindo e edificando onde nem a traça e nem a ferrugem podem estar, Mt 6.20, e nem ladrões podem minar.

III. Sua Humanidade

1. Possuía corpo humano, Mt 26.12
2. Possuía alma racional, Mt 26.38
3. Possuía espírito humano, Lc 23.46
4. Sentiu fome, Mt 21.18
5. Sentiu sede, Jo 19.28
6. Sentiu cansaço, Jo 4.6
7. Sentiu sono, Mt 8.24
8. Viveu sem pecado, II Co 5.21; Hb 7.26

IV. Os seus Ofícios

1. Como Profeta: Dt 18.15,18; Mt 21.11; Lc 24.19; Jo 6.14
2. Como Sacerdote: Hb 3.1; 5.6; 6.20; 7.11,15-17, 20-28; 8.1,2,6
3. Como Rei: SI 72.8,11; Is 9.6,7; 32.1; Jr 30.9; Mt 2.2,6; Lc 1.33; Jo 1.49; 12.19
   3.1. Como Profeta - Cristo ensinou a vontade de Deus.
   3.2. Como Sacerdote — Cristo ofereceu o Seu sangue. Hb 7.25; 9.11-14
   3.3. Como Rei - Cristo possuiu todo poder. Mt 28.18; Jo 18.36,37; Apoc 15.4.

V. Sua Morte Sacrificial

1. Estava escrito que Ele seria rejeitado: SI 118.22
2. Estava escrito que Ele seria traído por um amigo: SI 41.9
3. Estava escrito que Ele seria vendido por trinta moedas de prata: Zc 11.12
4. Estava escrito que essas moedas seriam dadas a um oleiro: Zc 11.13
5. Estava escrito que Ele seria ferido, e depois abandonado: Zc 13.7
6. Estava escrito que Ele seria acusado injustamente: SI 35.11
7. Estava escrito que Ele seria ferido pelas nossas transgressões: Is 53.5
8. Estava escrito que Ele não responderia aos seus acusadores: Is 53.7
9. Estava escrito que Ele seria cuspido e esbofeteado: Is 50.6

10. Estava escrito que Ele seria zombado depois de preso: SI 22.7,8
11. Estava escrito que Ele teria os pés e mãos transpassadas: SI 22.16
12. Estava escrito que Ele seria ferido na terra dos seus amigos: Zc 13.6
13. Estava escrito que Ele estaria junto com transgressores: Is 53.12
14. Estava escrito que Ele oraria pêlos seus inimigos: SI 109.4
15. Estava escrito que Ele seria rejeitado e ferido por nossos pecados: Is 53.3-5
16. Estava escrito que lançariam sortes para repartir as suas vestes: SI 22.18
17. Estava escrito que eles ofereceriam vinagre para Ele beber: SI 69.21
18. Estava escrito que Ele clamaria a Deus no seu desamparo: SI 22. l
19. Estava escrito que Ele entregaria seu espírito a Deus: SI 31.5
20. Estava escrito que Ele não teria nenhum de seus ossos quebrados: SI 34.20
21. Estava escrito que a terra se escureceria, mesmo sendo dia: Am 8.9,10.
22. Estava escrito que um rico o sepultaria: Is 53.9.

E para que se CUMPRISSE A ESCRITURA (Jo 19.36) Jesus seguiu em direção ao calvário. Cristo não morreu meramente como um mártir. Ele foi mais que um mártir: Sua morte é universalmente suficiente, mas restrita em sua eficácia por causa da dureza do coração humano. A sua morte foi:

1. Predeterminada, At 2.23
2. Voluntária, Jo 10.17,18
3. Vicária, a favor dos outros, l Pe 3.18
4. Sacrificial, como holocausto pelo pecado, l Co 5.7
5. Expiatória, apaziguando ou tornando satisfatória. Gl 3.13
6. Propiciatória, cobrindo ou tornando favorável, l Jo 4.10
7. Redentora, resgatando por meio de pagamento. Gl 4.4,5
8. Substitutiva, em lugar de outros, l Pe 2.24

VI. Sua Ressurreição

1. Como profetizada, SI 16.9,10.
2. Como ensinada por Ele mesmo, Mt 12.40; 26.32; Mc 9.9; Jo 2.19,21.
3. Como testemunhada pelo anjo, Mt 28.6
4. Como ensinada pêlos apóstolos, At 2.24; Rm 1.4; Ef 1.20; Hb 13.20; I Pe 1.3.

VII. Sua Ascensão

1. Como profetizada, SI 68.18
2. Como ensinada por Ele mesmo, Jo 6.62
3. Como recordada pelo escritor evangélico, Mc 16.19
4. Como recordada pelo historiador inspirado, At 1.9
5. Como declarada pêlos apóstolos, At 3.21; Ef 1.20; 4.8; I Tm 3.16
6. Como provada por sua presença a destra do Pai, At 7.56.

Jesus Cristo: Um Mito ou um Homem da Historia?

Nenhum personagem fora tanto escrutinado como o homem de Nazaré; cientistas, arqueólogos, paleontólogos, antropólogos, historiadores, sociólogos, psicólogos, teólogos, ateus, agnóstico... Enfim, todos querem comentar sobre esse personagem chamado Jesus! Uns para abordar sua importância sociológica e o teor de suas mensagens, outros para absorver sua teologia e ensinamentos. Entretanto, os que mais chamam atenção e batem recordes de vendas de livros e revistas, são aqueles que querem desmistificar o homem Jesus ou aqueles que arvoram a não existência do Cristo.

A mídia atual sabe que, apesar da morte de Deus ter sido anunciada pêlos iluministas, o mundo está cada vez mais voltado à religiosidade e ao espiritualismo, por isso as abordagens sobre o tema se tornam cada vez mais acirradas e controvertidas. Um desses autores que tem batido recordes de vendas é a escritora K. Armstrong, ela afirma o seguinte sobre a existência de Jesus: "Sabemos muito pouco sobre Jesus. O primeiro relato mais abrangente sobre sua vida aparece no evangelho segundo Marcos, que só foi escrito por volta do ano 70, cerca de 40 anos depois de sua morte. Aquela altura, os fatos históricos achavam-se misturados a elementos míticos... É esse significado, basicamente, que o evangelista nos apresenta, e não uma descrição direta e confiável".

Nesse escopo, no qual procurarei mostrar a historicidade de Cristo, utilizarei fontes não só de autores cristãos, mas principalmente de autores seculares e de credibilidade, além de documentos reconhecidos como provas comprobatórias disponíveis em grandes bibliotecas. O que seria um personagem da História? No sentido mais simples da palavra, um indivíduo é um personagem da história quando:

1. Esse personagem realmente existiu;
2. Se sabe sobre ele de uma maneira segura um certo número de informações;
3. Eventualmente, que lhe podem ser atribuídos certos escritos ou palavras.

A problemática da fonte: O escritor secular Mário Curtis Giordani comenta o seguinte sobre essa problemática: Sobre as origens do Cristianismo, de modo especial sobre a vida de Cristo e sua doutrina, as fontes, por excelência, são, primeiramente, os livros do Novo Testamento, entre os quais podemos pôr em relevo as epístolas paulinas e os quatro evangelhos.

Para um conhecimento mais aprofundado da mentalidade religiosa dominante na Palestina nos tempo de Cristo, constituem fontes de primeira ordem os famosos manuscritos descobertos a partir de 1947 nas plagas inóspitas do Mar Morto. Uma terceira classe de fontes referentes às origens cristãs, encontramo-las em escritos de autores pagãos como Plínio - o Jovem, Tácito, Seutônio e na obra do escritor judeu Flávio Josefo.

Quanto aos livros do Novo Testamento, em geral, e aos Evangelhos, em particular, ao focalizarmo-los como fontes históricas, surge logo à interrogação: até que ponto tais escritos, impregnados de espírito sobrenatural, contendo não poucos relatos miraculosos, podem ser considerados como fontes fidedignas para uma reconstituição científica do passado? Ante essa interrogação, vem-nos à mente as palavras do conhecido historiador Francês Joseph Calmette: O historiador digno deste nome, não pode, com efeito, pense o que pensar em seu fórum íntimo, nem adotar a linguagem do orador de panegírico pronunciado seu elogio do alto da cátedra sagrada, nem o ceticismo do ateu ou materialista que afasta a priori de seu campo de visão toda a noção de espiritual. O historiador não pode, portanto nutrir ideia preconcebida contra qualquer espécie de fonte, antes que a mesma passe pelo crivo da mais rigorosa crítica científica.

Com relação aos livros do Novo Testamento e, muito particularmente, aos quatro evangelhos, devemos observar que jamais documento algum sofreu tão cerrado exame da crítica histórica. Não há uma palavra dos Evangelhos que não tenha sido objeto de cuidadosa consideração. A autenticidade, a veracidade e a integridade substancial desses escritos têm sido sobejamente provadas.

Encontramos, é verdade, algumas aparentes divergências em certas narrações contidas nos Evangelhos. Tais divergências, porém, são apenas de detalhe e para as mesmas sobram explicações dos exegetas. Do ponto de vista da crítica histórica, convém frisar que essas divergências não são, nem de longe, suficientes para infirmarem o valor do depoimento dos evangelistas... Se aplicássemos a muitas outras fontes históricas os mesmos rigores de que a crítica racionalista e até mesmo a cristã usaram no estudo dos evangelhos, um bom número de acontecimentos do passado sobre cuja autenticidade não levantamos dúvida passaria para o terreno das lendas. Ainda é W. Durant que observa: No entusiasmo de suas descobertas a alta crítica submeteu o Novo Testamento a prova de autenticidade tão severas, que, se as aceitarmos em outros campos, um cento de verdades históricas, como Hamurabi, Davi, Sócrates passará para o campo da lenda... (pg. 308,309).

Jesus Cristo - Um Homem localizado na História

A atuação de Jesus deu-se na Palestina, pequena faixa de terra com área de 20 mil quilômetros quadrados, dividida de alto abaixo por uma cadeia de montanhas. A cidade de Jerusalém contava com aproximadamente 50 mil habitantes. Por ocasião das grandes festas religiosas, chegava a receber 180 mil peregrinos. A economia centrava-se na agricultura, pecuária, pesca e artesanato. O poder efetivo sobre a região estava nas mãos dos romanos, que respeitavam a autonomia interna das regiões dominadas. O centro do poder político interno localizava-se no Templo de Jerusalém. Assessorado por 71 membros do Sinédrio (tribunal criminal, político e religioso), o sumo sacerdote exercia grande influência sobre os judeus, mesmo os que viviam fora da Palestina. Para o Templo e as sinagogas convergia a vida dos judeus. E foi nesta realidade que Jesus apareceu na História dessa região. Os Evangelhos dizem-nos imensas coisas sobre Jesus.

Mesmo se o seu objetivo, propriamente dito, não é contar a história dia a dia e nem fazer a descrição jornalística como gostaríamos hoje de fazer. Contudo, eles são muito mais precisos do que se pensou durante muito tempo. Acontece que estão cheios de pormenores acerca das cidades e aldeias do tempo, das maneiras de viver, de falar, acerca das personagens oficiais. A história e a arqueologia confirmam que todos estes elementos são exatos, verídicos.

Aliás, certos pormenores não podiam ter sido inventados ou escritos mais tarde porque certas instituições, certas práticas tinham mudado pouco tempo depois da morte de Jesus, particularmente no ano 70, ano da destruição de Jerusalém. 1900 anos depois dos acontecimentos, descobre-se que os Evangelhos é que tinham razão ao contrário do que, durante muito tempo, os historiadores julgaram que estava errado, precisamente em algumas das suas passagens: por exemplo, no Evangelho segundo S. João, considerado o mais espiritual e, portanto, o menos concreto, menos preciso, mais afastado dos tempos e dos locais, encontramos o nome de mais vinte localidades concretas do que nos outros três evangelistas.

Certos números destas localidades desapareceram completamente, mas puderam ser identificadas. Só recentemente os historiadores puderam provar a sua existência... Também em dada altura se perguntou se a localidade de Nazaré não tinha sido inventada pêlos Evangelhos. Por quê? Porque o Antigo Testamento e os antigos comentários hebraicos não falam dela. Críticos e jornalistas fizeram disto um romance completo. Mas, na realidade, já em 1962, uma equipa de arqueólogos israelitas, dirigida pelo professor Avi Jonah tinha encontrado nas ruínas de Cesaréia Marítima uma placa gravada em hebreu, datando do século III antes de Cristo e com o nome da aldeia de Nazaré... Em 1927, o arqueólogo francês Vincent encontrou o lithostrotos ou Gabbatha esse espaço lajeado do pretório em que Jesus esteve quando compareceu diante de Pilatos. João 19.13.

Quanto ao próprio Pilatos, o prefeito romano que condenou Jesus à morte e do qual não se encontrava rasto concreto ao longo de dezoito séculos (ainda que Pilatos seja várias vezes citado pelo Historiador épico Flávio Josefo), arqueólogos italianos encontraram em 1961, também nas ruínas de Cesaréia Marítima, o seu nome gravado numa pedra com o seu título exacto: praefectus. Esta averiguação a partir dos dados arqueológicos, geográficos e políticos podia ser muito mais desenvolvida. Entretanto, a falta de espaço dessa apostila não nos permite nos determos mais nessa questão, mas cada um poderá compreender como o argumentado é fidedigno! Fontes não-bíblicas atestam a historicidade de Jesus

Flávio Josefo (37-100 d.C**)**

O historiador Josefo que viveu ainda no primeiro século (nasceu no ano 37 ou 38 e participou da guerra contra os romanos no ano 70, escreveu em seu livro Antiguidades Judaicas: "(O sumo sacerdote) Hanan reúne o Smedrim em conselho judiciário e faz comparecer perante ele o irmão de Jesus cognominado Cristo (Tiago era o nome dele) com alguns outros" (Flávio Josefo, Antiguidades Judaicas, XX, p.l, apud Suma Católica contra os sem Deus, dirigida por Ivan Kologrívof. Ed José Olympio, Rio de Janeiro 1939, p. 254). E mais adiante, no mesmo livro, escreveu Flávio Josefo: "Foi naquele tempo (por ocasião da sublevação contra Pilatos que queria servir-se do tesouro do Templo para aduzir a Jerusalém a água de um manancial longínquo), que apareceu Jesus, homem sábio, se é que, falando dele, podemos usar este termo - homem. Pois ele fez coisas maravilhosas, e, para os que aceitam a verdade com prazer, foi um mestre. Atraiu a si muitos judeus, e também muitos gregos.

Foi ele o Messias esperado; e quando Pilatos, por denúncia dos notáveis de nossa nação, o condenou a ser crucificado, os que antes o haviam amado durante a vida persistiram nesse amor, pois Ele lhes apareceu vivo de novo no terceiro dia, tal como haviam predito os divinos profetas, que tinham predito também outras coisas maravilhosas a respeito dele; e a espécie de gente que tira dele o nome de cristãos subsiste ainda em nossos dias". (Flávio Josefo, História dos Hebreus, Antiguidades Judaicas, XVIII, III, 3, ed. cit. p. 254). (l, pg.311e3).

Tácito (56-120 d.C**)**

Tácito, historiador romano, também fala de Jesus. "Para destruir o boato (que o acusava do incêndio de Roma), Nero supôs culpados e infringiu tormentos requintadíssimos àqueles cujas abominações os faziam detestar, e a quem a multidão chamava cristãos. Este nome lhes vem de Cristo, que, sob o principado de Tibério, o procurador Pôncio Pilatos entregara ao suplício. Reprimida incontinenti, essa detestável superstição repontava de novo, não mais somente na Judéia, onde nascera o mal, mas anda em Roma, pra onde tudo quanto há de horroroso e de vergonhoso no mundo aflui e acha numerosa clientela" (Tácito, Anais, XV, 44 trad.) (l pg. 311).

Suetônio (69-122 d.C**)**

Suetônio, na Vida dos Doze Césares, publicada nos anos 119-122, diz que o imperador Cláudio "expulsou os judeus de Roma, tornados sob o impulso de Chrestos, uma causa de desordem"; e, na vida de Nero, que sucedeu a Cláudio, acrescenta: "Os cristãos, espécie de gente dada a uma superstição nova e perigosa, foram destinados ao suplício" (Suetônio, Vida dos doze Césares, n. 25, apud S C contra os sem Deus, p. 256-257). Plínio, o moço, em carta ao imperador Trajano (Epist. lib. X, 96), nos anos 111-113, pede instrução a respeito dos cristãos, que se reuniam de manhã para cantar louvores a Cristo.

Tertuliano (155-220 d.C**)**

Escritor latino. Seus escritos constituem importantes documentos para a compreensão dos primeiros séculos do cristianismo. (6). Ele escreveu: "Portanto, naqueles dias em que o nome cristão começou a se tornar conhecido no mundo, Tibério, tendo ele mesmo recebido informações sobre a verdade da divindade de Cristo, trouxe a questão perante o Senado, tendo já se decidido a favor de Cristo...".

Os Talmudes Judeus: A tradição judaica recolhe também notícias acerca de Jesus. Assim, no Talmude de Jerusalém e no da Babilônia incluem-se dados que, evidentemente, contradizem a visão cristã, mas que confirmam a existência histórica de Jesus de Nazaré e também os pais da igreja: Policarpo, Eusébio, Irineu, Justino, Orígenes, etc. Para se ter uma ideia do quanto à existência de Cristo é rica em suas fontes, analisemos analogamente a biografia de Alexandre (o Grande) e Jesus. As duas biografias mais antigas sobre a vida de Alexandre foram escritas por Adriano e Plutarco depois de mais de 400 anos da morte de Alexandre, ocorrida em 323 a.C. e mesmo assim os historiadores as consideram muito confiáveis. Para a maioria dos historiadores, nos primeiros 500 anos, a história de Alexandre ficou quase intacta. Portanto, comparativamente, é insignificante saber que os evangelhos foram escritos 60 ou 30 anos (isso no máximo) depois da morte de Jesus e esse tempo seria insuficiente para se mitificar um indivíduo. Por exemplo, embora os Gathas de Zoroastro, que datam de 1000 a.C., sejam consideradas autênticas, a maior parte das escrituras do zoroastrismo só foram postas por escrito no século III d.C.

A biografia pársi mais popular de Zoroastro foi escrita em 1278 d.C. Os escritos de Buda, que viveu no século VI a.C., só foram registrados depois da era cristã. A primeira biografia de Buda foi escrita no século I d.C. Embora as palavras de Maomé (570-632 d.C.) estejam registradas no Alcorão, sua biografia só foi escrita em 767 d.C., mais de um século depois de sua morte. Portanto, o caso de Jesus não tem paralelo, e é impressionante o quanto podemos aprender sobre ele fora do Novo Testamento... Ainda que não tivéssemos nenhum dos escritos do Novo Testamento e nenhum outro livro cristão, poderíamos ter um prisma nítido do homem que viveu na Judéia no século I.

Saberíamos, em primeiro lugar, que Jesus era um professor judeu; segundo, muitas pessoas acreditavam que ele curava e fazia exorcismos; terceiro, algumas acreditavam que ele era o Messias; quarto, ele foi rejeitado pêlos líderes judeus; quinto, foi crucificado por ordem de Pôncio Pilatos durante o reinado de Tibério; sexto, apesar de sua morte infame, seus seguidores, que ainda acreditavam que ele estivesse vivo, deixaram a Palestina e se espalharam, assim é que havia muitos deles em Roma por volta de 64 d.C.; sétimo, todo tipo de gente, da cidade e do campo, homens e mulheres, escravos e livres, o adoravam como se ele fosse Deus. Sem dúvida a quantidade de provas corroborativas extra bíblicas é muito grande. Com elas, podemos não somente reconstruir a vida de Jesus sem termos de recorrer à Bíblia como também ter acesso à informação sobre Cristo por meio de um material mais antigo do que os próprios evangelhos. (Adaptado de 7 pg. 113 e 114).

Pelo que argumentamos acima, diante de tão significativa testemunha documental, podemos afirmar que verdadeiramente Jesus Cristo é um homem da História, tanto que ele a dividiu em antes e depois dele. O pesquisador que acurar a questão sem preconceito chegará à conclusão que as provas são substanciais. As provas existem, mas quem quiser escapar a elas, escapa. Como se, afinal de contas, Jesus nos quisesse deixar a decisão de lhe conceder um lugar na história, na nossa história. Recordemos quando Ele devolveu a pergunta aos apóstolos: "E vós, quem dizeis que eu sou?".

⇒ Ao filosofo é entregue uma coroa.
⇒ Ao general três gemadas e quatro estar.
⇒ Ao musicista uma batuta.
⇒ Ao cientista o segredo de saber.
⇒ Ao economista à confiança.
⇒ Ao juiz uma toga.
⇒ Ao rei um trono.
⇒ Ao advogado a pasta do processo.
⇒ Ao missivista a dignidade do vernáculo.
⇒ Ao magnata a nobreza.
⇒ Ao executivo a execução.
⇒ Ao legislativo a legislação.
⇒ Ao judiciário a jurisdição.
⇒ Mas a Jesus foi entregue todo poder nos céus e na terra. Fp 2.10,11.
⇒ O nome de Jesus é nome que os demônios respeitam. Mc 16.17.
⇒ O nome de Jesus é nome que apavora as enfermidades. Mc. 16.18.
⇒ Jesus Cristo é incomparável.
⇒ Jesus Cristo é inigualável.

Capitulo IX

O Novo Testamento e a Atuação do Espírito Santo

1. Conceituação

O termo Espírito Santo pode ser conceituado a partir de dois (2) enfoques; Primeiro, o lingüístico Ruah (Espírito) no hebraico e Pneuma (Espírito) no grego traduzido por vento, ar, sopro; e o, Segundo, o bíblico-teológico: Ruah Yavé (Espírito de Javé) ou Espírito de Deus (Gn 1.2, Is 32.15) e Ruah Gadosh (Espírito de Javé) ou Espírito Santo (SI 51.11 e Is 63.10). Ambos significando que o Espírito Santo é o Espírito de Deus no Antigo Testamento e o Espírito do Senhor Ressurreto (II Co 3.17el8 e Gl 4.6) no Novo Testamento e ainda é a 3a. Pessoa da Trindade, fruto da reflexão teológica da Igreja sobre os atos salvífico de Deus revelados nas Escrituras que levaram os teólogos a formularem a doutrina da Trindade aceita pela Igreja Cristã através dos tempos.

Portanto, a definição lingüística do termo Espírito como Ruah (hebraico), vento, sopro ou ar, sem a contextualização bíblico-teológica permitiria ver o Espírito, simplesmente como uma energia impessoal e física. Ao passo que a reflexão bíblico-teológica revela que o Espírito é um Deus pessoal, dinâmico, ativo, inteligente e amoroso, criador dos céus e da terra e Senhor - Soberano sobre todo o Universo.

(a) Ele pensa, Rm 8.27

(b) Ele sente, Rm 15.30

(c) Ele determina, I Co 12.11

(d) Ele revela, II Pe l.21

(e) Ele clama, Gl 4.6

(f) Ele entristece-se, Ef 4.31

(g) Ele fala, Ap 2.7

O Espírito Santo é o Espírito de Cristo Ressurreto que se tornou carne e osso. Não ocupa uma posição inferior e subalterna ao Deus Pai e ao Deus Filho, Mas, sim uma posição de igualdade e com o mesmo poder.

ATUAÇÃO DO ESPÍRITO NO ANTIGO TESTAMENTO

Embora muitos achem que o Espírito tenha começado a agir apenas depois da ascensão de Jesus, na verdade ele sempre atuou de forma poderosa em toda a história bíblica, inclusive nos dias do Antigo Testamento.

No Período da Criação

Quando a Bíblia diz que no princípio criou Deus os céus e a terra (Gn l.2), não quer dizer que neste ato agiu apenas uma das pessoas da divindade. Pai, Filho e Espírito estavam envolvidos na obra da criação. O Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Este texto indica a atuação do Espírito do Senhor na criação do universo. A expressão "pairava sobre a face das águas" poderia ser literalmente traduzida "continuava cobrindo-a", como faz a ave ao chocar seus ovos. O Espírito traz ordem onde há o vazio, abrindo caminho para a poderosa atuação do Deus Criador. Vemos então que no início Ele estava ao lado de Deus Pai e de Cristo, Jó 26.13; Jo 1.1-3. O próprio Jó reconhece que o Espírito de Deus dá vida, 33. 4.

No Período Antediluviano

Primeiro houve a criação do universo e dos seres viventes. Só depois Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, Gn 1.26. Mais tarde Ele deu ao homem uma auxiliadora, 2.22. Deus os colocou no Jardim do Éden, dando-lhes uma ordem que deveria ser obedecida, 2.16-l7. Vencidos pelo golpe do diabo, Adão e Eva desobedeceram a Deus e foram expulsos do Jardim, 3.23. A raça humana se multiplica a cada dia, e com isso também a maldade do seu coração, 6.5. Então Deus se arrepende de ter criado o homem e decide consumi-lo da face da terra, enviando sobre ela um dilúvio, 6.7 e 17.

O espaço de tempo entre a criação e o dilúvio é chamado de período antediluviano. Nesse período, vemos claramente o Espírito agindo para que o plano de Deus se realizasse da seguinte forma: (a) Avisando - Gn 6.13. A palavra "Deus" neste versículo, no original hebraico, está no plural (Elohim). Isso mostra que a Trindade estava presente quando Deus avisava Noé sobre o dilúvio; (b) Contendendo - Gn 6.3. Aqui está uma referência ao ministério do Espírito Santo no A.T semelhante ao que Ele realiza no Novo. A geração daqueles dias estava pervertida, e somente Noé e sua família permaneceram fiéis a Deus. O Espírito Santo continuou agindo nos corações durante 120 anos, e só então Deus pronunciou a sentença de destruição, (c) Orientando - Gn 6,13-22. Novamente a pessoa do Espírito está presente na forma hebraica Elohim, orientando Noé na construção da arca.

No Período Pós-Diluviano

Este período vai desde o dilúvio até a descida do Espírito Santo no dia de Pentecoste, At 2.2. O Espírito continuou operando ativamente, habilitando temporariamente os servos de Deus na execução de algumas tarefas importantes, ou seja, o Espírito Santo era dado a pessoas especiais para tarefas especiais. Ele era dado, mas também podia ser retirado dessas pessoas. Ele atuava nas pessoas que Deus escolhia para tarefas especiais, capacitando e equipando-as para a obra que deviam realizar. Ele estava sobre Moisés e Josué, quando eles guiavam o povo de Israel para a terra prometida. Foi ele quem deu habilidade a Bezalel para fazer as obras de artes para o Tabernáculo. Êx 35.31. Foi ele quem capacitou os setenta anciãos para ajudarem a Moisés. Nm 11.16-25. Foi ele quem revestiu os juizes de poder e autoridade para libertar e julgar o povo de Israel. Jz 3.10; 6.34; 11.29; 13.25; 14.6,19; 15.14. Quando Saul e Davi foram ungidos reis, o Espírito Santo veio sobre eles para qualificá-los para a importante missão. I Sm 10.6,10; 16.13,14. O Espírito Santo falou através dos profetas. Ne 9.30. Mas foi no dia de Pentecostes que Ele veio para ficar para sempre com o povo de Deus.

ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO NOVO TESTAMENTO

A diferença mais marcante entre o Velho Testamento e o Novo Testamento sobre a atuação do Espírito Santo de Deus foi anunciada pelo profeta Joel em 2.28 residindo no fato de que antes de Jesus Cristo nascer, no Velho Pacto, o Espírito atuava de modo específico sobre pessoas que eram escolhidas por Deus para realizarem uma tarefa especial em favor do povo escolhido. Foi o caso de Noé que construiu a Arca, Moisés que libertou o povo do cativeiro Egípcio, Josué que conduziu o povo até a conquista da Terra Prometida, Saul, Davi, Salomão, Ester, Sansão, Elias, Josué, Rute e tantos outros, homens e mulheres que receberam de Deus uma missão para cumprir. Ex 31.3; 35.31. Deus enchia a quem Ele queria! Depois do nascimento de Jesus Cristo, no Novo e Eterno Pacto, o episódio descrito por Lucas em Atos dos Apóstolos no capítulo dois, apresenta uma nova e definitiva atuação do Espírito Santo em favor do povo de Deus, que ocorreria em todos os filhos de Deus que mediante o arrependimento e a fé em Jesus Cristo nascem para uma nova vida sob a atuação permanente do Espírito de Deus.

I. O Espírito Santo atuando na Vida de Jesus

1. Atuação do Espírito Santo na concepção de Jesus. Mt 1.18-20, Lc 1.31-35.
2. Atuação do Espírito Santo no batismo de Jesus. Mt 3.13-17, Jo 1.32
3. Atuação do Espírito Santo em Jesus ao enfrentar a tentação. Lc 4.1
4. Atuação do Espírito Santo no ministério de Jesus. Is 61 e Lc 16.16.
5. Atuação do Espírito Santo na ressurreição de Jesus. Rm 8.11.

II. O Espírito Santo atuando na Vida dos Apóstolos

1. Os apóstolos foram o que foram por causa da atuação do Espírito Santo
2. Os apóstolos fizeram o que fizeram por causa da atuação do Espírito Santo
3. O apóstolo Pedro cheio do Espírito Santo evangelizou os judeus
4. O apóstolo Paulo cheio do Espírito Santo evangelizou os Gentios
5. A atuação do Espírito Santo na vida dos apóstolos fez a diferença.

III. O Espírito Santo atuando na Vida da Igreja Primitiva

1. A atuação do Espírito Santo na Criação da Igreja, Atos 2.1-13
2. A atuação do Espírito Santo na Capacitação da Igreja, I Co 12.1,4-11
3. A atuação do Espírito Santo no Ministério da Igreja, Ef 4.11,1 Co 12.11
4. A atuação do Espírito Santo na Koinonia da Igreja, Atos 2.42-47
5. A atuação do Espírito Santo no Cotidiano da Igreja, (Livro de Atos).

IV. O Espírito Santo atuando na Vida da Igreja Contemporânea

1. A atuação do E. Santo na Igreja Atual a torna Semelhante à Igreja primitiva
2. A atuação do E. Santo na Igreja Atual a torna Indestrutível como no passado
3. A atuação do E. Santo na Igreja Atual a torna Poderosa como no passado
4. A atuação do E. Santo na Igreja Atual a torna Solidária como no passado
5. A atuação do E Santo na Igreja Atual a torna Exemplar como a Igreja primitiva.

Capitulo X

O Novo Testamento e os Apóstolos

No começo do seu ministério Jesus escolheu doze homens que o acompanhassem em suas viagens. Teria esses homens uma importante responsabilidade: Continuariam a representá-lo depois de haver ele voltado para o céu. A reputação deles continuaria a influenciar a igreja muito depois de haverem morrido. Por conseguinte, a seleção dos Doze foi de grande responsabilidade. "Naqueles dias retirou-se para o monte a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. E quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolo". Lc 6.12-l3.

A maioria dos apóstolos era da região de Cafarnaum, desprezada pela sociedade judaica refinada por ser o centro de uma parte do estado judaico e conhecida, em realidade, como "Galiléia dos gentios". O próprio Jesus disse: "Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno", Mt 11.23. Não obstante, Jesus fez desses doze homens líderes vigorosos e porta-vozes capaz de transmitir com clareza a fé cristã. O sucesso que eles alcançaram dá testemunho do poder transformador do senhorio de Jesus.

Nenhum dos escritores dos Evangelhos deixou-nos traços físicos dos doze. Dão-nos, contudo, minúsculas pistas que nos ajudam a fazer "conjeturas razoáveis" sobre como pareciam e aluavam. Um fato importante que tem sido tradicionalmente menosprezado em incontáveis representações artísticas dos apóstolos é sua juventude. Se levarmos em conta que a maioria chegou a viver até ao terceiro e quarto quartéis do século e que João adentrou o segundo século, então eles devem ter sido não mais do que jovens quando aceitaram o chamado de Cristo.

O Destino dos Apóstolos: Todos os apóstolos que andavam com Jesus morreram como mártires, com exceção de dois: Judas Iscariotes, que traiu Jesus e acabou se enforcando, e João, que após ser exilado na ilha de Palmos, obteve a liberdade e morreu de morte natural. PAULO, que não era apóstolo oficialmente, foi considerado apóstolo dos gentios por causa da sua grande obra missionária nos países gentílicos. Foi decapitado em Roma por ordem de Nero.

1. Matias que ficou no lugar de Judas Iscariotes, foi martirizado na Etiópia.
2. Simão O Zelote foi crucificado.
3. Judas Tadeu morreu como mártir pregando o evangelho na Síria e na Pérsia.
4. Tiago (o mais jovem) pregou na Palestina e no Egito, sendo ali crucificado.
5. Mateus morreu como mártir na Etiópia.
6. Tomé pregou na Pérsia e na índia, sendo martirizado perto de Madras.
7. Bartolomeu foi missionário na Armênia, sendo golpeado ale a morte.
8. Filipe pregou na Frigia e morreu como mártir em Hierápolis.
9. André pregou na Grécia e Ásia Menor. Foi crucificado.
10. Tiago (o mais velho) pregou em Jerusalém e na Judéia. Foi decapitado
11. Simão Pedro pregou entre os judeus chegando até a Babilônia, esteve em Roma, onde foi crucificado com a cabeça para baixo.

Capitulo XI

O Novo Testamento e a Igreja

A palavra igreja vem do grego ekklesia, que tem origem em kaleo ("chamo ou convosco"). Na literatura secular, ekklesia referia-se a uma assembléia de pessoas, mas no Novo Testamento a palavra tem sentido mais especializada. A literatura secular podia usar a apalavra ekklesia para denotar um levante, um comício, uma orgia ou uma reunião para qualquer outra finalidade. Mas o Novo Testamento emprega ekklesia com referência à reunião de crentes cristãos para adorar a Cristo. Assim como no antigo testamento a figura de ISRAEL é predominante, da mesma forma, no novo testamento aparece a IGREJA como uma das figuras principais.

Quarenta dias depois de sua ressurreição, Jesus deu instruções finais aos discípulos c ascendeu ao céu. At 1.1-11. Os discípulos voltaram a Jerusalém e se recolheram durante alguns dias para jejum e oração, aguardando o Espírito Santo, o qual Jesus disse que viria. Cerca de 120 pessoas seguidores de Jesus aguardavam.

Cinqüenta dias após a Páscoa, no dia de Pentecoste, um som como um vento impetuoso encheu a casa onde o grupo se reunia. Línguas de fogo pousaram sobre cada um deles e começaram a falar em línguas diferentes da sua conforme o Espírito Santo os capacitava. Os visitantes estrangeiros ficaram surpresos ao ouvir os discípulos falando em suas próprias línguas. Alguns zombaram, dizendo que deviam estar embriagados. At 2.13. Mas Pedro fez calar a multidão e explicou que estavam dando testemunho do derramamento do Espírito Santo predito pelos profetas do Antigo Testamento. At 2.16-21; Jl 2.28-32.

Alguns dos observadores estrangeiros perguntaram o que deviam fazer para receber o Espírito Santo, Pedro disse: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo". At 2.38. Cerca de 3 mil pessoas aceitaram a Cristo Salvador. At 2.41. Naquele momento estava nascendo em Jerusalém à igreja de Jesus Cristo. Ali foi fundada e estabelecida à base da Igreja, At 2.4147.

Durante alguns anos Jerusalém foi o centro da igreja. Muitos judeus acreditavam que os seguidores de Jesus eram apenas outra seita do judaísmo. Suspeitavam que os cristãos estavam tentando começar um nova "religião de mistério" em torno de Jesus de Nazaré. É verdade que muitos dos cristãos primitivos continuaram a cultuar no templo (At 3.1) e alguns insistiam em que os convertidos gentios deviam ser circuncidados. At 15. Mas os dirigentes judeus logo perceberam que os cristãos eram mais do que uma seita. Jesus havia dito aos judeus que Deus faria uma Nova Aliança com aqueles que lhe fossem fiéis (Mt 16.18); ele havia selado esta aliança com seu próprio sangue. Lc 22.20. De modo que os cristãos primitivos proclamavam com ousadia haverem herdados os privilégios que Israel conhecera outrora.

Não eram simplesmente uma parte de Israel - eram o novo Israel. Ap 3.12; 21.2; Mt 26.28; Hb 8.8; 9.15. "Os líderes judeus tinham um medo de arrepiar, porque este novo e estranho ensino não era um judaísmo estreito, mas fundia o privilégio de Israel na alta revelação de um só Pai de todos os homens."

As Características da Igreja Verdadeira: Com tantas igrejas existentes, cria-se uma dificuldade: Qual igreja seguir e em qual acreditar? Quem "pegar o bonde da salvação errado, vai desembarcar no céu errado"? Muitas têm características da igreja verdadeira, mas só com objetivo de atrair as pessoas. A igreja verdadeira não é caracterizada pela prática de expulsão de demônios ou pelo uso do nome de Jesus. Há igrejas que até usam o nome de Jesus, expelem demônios em seu nome, mas ele não as reconhece, Mateus 7.22-23. Há elementos fundamentais que não podem faltar a uma igreja verdadeira. Vejamos alguns.

1. Serve ao Deus verdadeiro

Os hindus crêem em cerca de 300 milhões de deuses. Adoram macacos, elefantes, vacas, cobras e até ratos. Embora se creia na existência de muitos deuses, que elementos os tornam verdadeiros? O apóstolo Paulo disse aos coríntios: (I Co 8.5-6).

2. Tem a Escritura verdadeira

O filósofo francês Voltaire (1694-1778) afirmou que a Bíblia, cem anos após a sua morte, seria um livro esquecido, ultrapassado, e empoeirado em todas as estantes em que estivesse. Antes que se completassem os cem anos de sua morte, na casa em que ele residia, abriu-se uma editora de Bíblias. Voltaire não conhecia a Bíblia, pois ela diz: Mt 24.35. Vale a pena ressaltar que alguns céticos, tentando denegrir as palavras da Bíblia, têm afirmado pejorativamente: "Lembrem-se, a Bíblia foi escrita por homens"! Citando as palavras do pastor Paulo Romero, respondemos: "E vocês queriam que fosse escrita por um cavalo?". Deus usou o que era mais óbvio, o homem, ser inteligente e capaz. E a escrita, comum a todos os povos, o meio prático de que sua Palavra passaria de geração a geração, Dt 6.6-9.

3. Tem o Messias verdadeiro

Muitos homens têm vindo ao mundo afirmando que foram enviados por Deus ou foram tidos como deuses: Buda, Maomé, Zoroastro., Confúcio, reverendo Moon, Yuri Tais, e tantos outros. Dizem-se portadores de uma mensagem divina. São eles messias verdadeiros? O que dizem veio de um Deus verdadeiro? Quais as credenciais de um verdadeiro messias? Vejamos algumas:

(a) O reconhecimento do próprio Deus: Mt 3.17; I Jo 5.9
(b) Profecias se cumpriram a seu respeito: Is 7.14; 9.6; 11.1-5; 53.1-7
(c) A natureza de sua missão: Lc 4.14-21
(d) Os poderes que possui: Lc 7.12-15
(e) A autoridade que tem: Mt 7.29
(f) A capacidade de aproximar o homem de Deus, Jo l.29; I Jo l.7

(g) A capacidade de vencer a morte: Lc 24.1-6
(h) A capacidade de perdoar pecados: Lc 5.20
(i) Sua origem celestial: Jo 3.11-13.

Napoleão Bonaparte, francês que tentou conquistar o mundo, disse o seguinte sobre Jesus: "Eu tive um reino que desmoronou rapidamente, Onde estão os meus seguidores? Onde estão aqueles que vinham aprender as minhas palavras? Onde estão os impérios que se ergueram na humanidade: babilônios, assírios, gregos e romanos? Todos acabaram assim como o meu.

Mas Jesus Cristo ergueu um reino que já dura quase dois mil anos, e não terá fim". Jesus dividiu a história, e sem ele a história é incompreensível. Ele é Senhor, Rei e Deus. Apoc 17.14; Tt 2.13. O Messias verdadeiro traz em suas mãos as chagas deixadas pela cruz, na qual morreu para salvar todo aquele que nele crê. Jo 20.24-29; Cl 2.13-17. Jesus é o Messias verdadeiro, todos os outros são falsos. Mt 24.24. Jesus não é maior do que Buda, Maomé, Zoroastro, Confúcio, Kardec, ou qualquer outro, JESUS É SIMPLESMENTE INCOMPARÁVEL.

4. Tem a mensagem verdadeira

Conta-se que um menino de cinco anos estava no gabinete de seu pai fazendo-lhe várias perguntas. O pai, não conseguindo trabalhar, pegou um mapa com todos os países do mundo e recortou-os um por um, pedindo ao menino que os levasse para seu quarto e os colocasse em ordem. Não demorou cinco minutos e o menino já estava de volta com o mapa montado. O pai, espantado com a rapidez do menino, perguntou-lhe como havia montado tão facilmente o mapa. O Menino respondeu: "Havia um homem desenhado do outro lado, do tamanho do mapa, depois que coloquei o homem em ordem, vi que tinha colocado o mundo também".

Só há uma forma deste mundo se tornar melhor, é mudar o ser humano, e a Bíblia é o livro que tem esta proposta. Jo 2.25; I Co 15.1-4. A mensagem verdadeira é baseada na graça de Deus, arrependimento de pecados, não em méritos humanos. At 17,30; Ef 2.8-9. É uma mensagem de salvação e vida eterna. At 16.29-31; Jo 3.16. Infelizmente esta mensagem tem sido distorcida, e muitas pessoas já não se aproximam mais de Jesus pela cruz (Jo 12.32-33), mas por interesses pessoais. Várias tendências teológicas têm surgido, distorcendo a verdadeira mensagem da salvação.

5. Tem um povo verdadeiro

Adolf Hitler quase destruiu o mundo porque achava que os alemães eram urna raça pura, superior e que só eles deveriam mandar e governar o planeta, mas os seus ideais não permaneceram. Os judeus foram considerados para Deus um povo especial, o qual ele escolheu para se manifestar, Dt 7.6. Hoje, o povo de Deus não é caracterizado pela raça, etnia, mas por ter nascido de novo, Jo 3.3-8. É um povo chamado e escolhido por Deus, mediante Jesus Cristo (Gl 3.28; Rm 9.21-25;27-33), que recebeu Jesus como Salvador, tomando-se filho de Deus, Jo 1.12.

Esse povo busca as coisas de Deus (Cl 3.1-3) é templo do Deus verdadeiro (I Co 3.16), anda nos passos de seu Redentor (Cl 2.6-7), e espera a sua volta, At 1.11; I Ts 4.16-17. Deus tem tolerado a maldade do mundo somente por causa deste povo, Mt 24.22. É um povo selado pelo Deus verdadeiro, Ef 1.13.

Portanto, IGREJA NÃO É PRÉDIO - sempre que conhecemos um irmão, a primeira pergunta dirigida um ao outro é: Qual a sua igreja? Outros dizem: Eu vou ou eu fui a igreja. Isso está ocorrendo porque o povo não consegue ver a igreja de Cristo sem prédio, porque sem a estrutura física e sem a figura do "pastor", as ovelhas sentem-se perdidas. Nesse sentido, é um equívoco alguém perguntar qual a sua igreja? Ou dizer a minha igreja, ou eu vou a igreja. Porventura seria possível alguém fundar ou ir a uma igreja, sendo nós a igreja de Cristo? O homem tem edificado instituições religiosas, as quais são rotuladas com placas, mas igreja, somente a que Cristo resgatou com o seu sangue.

Por isso recomendamos aos amados, a não associar a igreja de Cristo com o edifício da praça, ou a organizações religiosas que dizem serem igrejas, porque não são. Como também muitos pregadores tratam a estrutura material como santuário, altar do Senhor, ou a casa do tesouro, isso é um equívoco, um engodo para atrair fieis. Porque a igreja de Cristo é gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Ef 5.27. E o Evangelho tem preparado a igreja para se apresentar como uma virgem pura ao marido, a saber, a Cristo Jesus (II Co 11.2), que Ele resgatou com o seu próprio sangue. Atos 20.28.

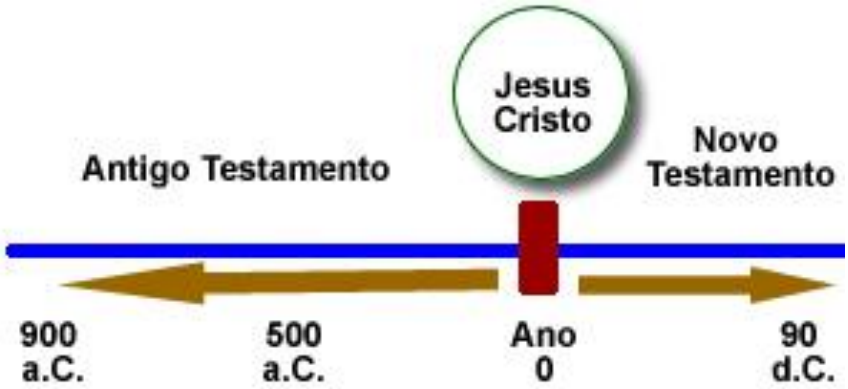
NOSSO CORPO É O TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO. I Co 12.12-27. Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Porque Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. E, se todos fosse um só membro, onde estaria o corpo? Agora, pois, há muitos membros, mas um corpo. Porque Deus assim formou o corpo, para que não haja divisão no corpo, mas, antes, tenham os membros iguais cuidados uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.

I Coríntios 16.16, 17: Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo. No Antigo Testamento, o Templo (estrutura física) era o lugar oficialmente destinado ao povo judeu para adorar e oferecer sacrifícios a Deus. Na Nova Aliança, a palavra de Deus relata que o nosso corpo é o templo de Deus, porque o Espírito Santo habita em nós. E se alguém destruir o nosso corpo, Deus também o destruirá, porque o templo do Espírito é santo. Os servos constituem o corpo, e Cristo é a cabeça da igreja: Conhecemos primeiramente que a igreja de Cristo não é instituição religiosa, nem tão pouco a estrutura material o lugar santo, como muitos pregam, mencionando que para servir a Deus e receber as suas bênçãos se faz necessário membrar-se a essas instituições rotuladas por placas, mas o povo santo de Deus constitui a igreja gloriosa que Cristo arrebatará no seu grande e terrível dia.

Por isso, a igreja de Cristo precisa manter a unidade da fé, e a igreja rotulada é algo que não poderia existir no meio evangélico, basta acatar a palavra: Está Cristo divido? Foi Paulo crucificado por vós? E, se o irmão é membro do corpo de Cristo, porque irá membrar-se em ministérios idealizados por homens? Quem ama a Cristo, guarda os seus mandamentos. João 14.14.

Capitulo XII

O Novo Testamento e os Apóstolos



Quem escreveu o Novo Testamento? Por que não aceitar os evangelhos apócrifos, gnósticos ou o evangelho de Tomás? Existem razões sólidas para confiar na lista atual de livros do Novo Testamento. Como mencionado anteriormente, os escritores dos Evangelhos Mateus, Marcos, Lucas e João eram seguidores próximos de Jesus.

Os outros autores eram considerados dignos de confiança também: Tiago e Judas (meio-irmãos de Jesus, que, inicialmente, não acreditavam nELe), Pedro (um dos 12 apóstolos), e Paulo (a quem Jesus fez apóstolo depois de sua morte e ressurreição). A igreja sabia sobre esses homens e sua ligação com Jesus. Além de tudo, o que eles escreveram era consistente com o que as pessoas tinham visto e escutado sobre Jesus, passado adiante para seus filhos. Assim, quando outros livros foram escritos e apareceram centenas de anos mais tarde (como o Evangelho de Pedro, apesar de Pedro já ter morrido há muito tempo), não foi difícil para a igreja identificá-los como falsos, forjados.

Um outro exemplo é o evangelho de Tomás (a quem Maomé faz referência no Alcorão). O Evangelho de Tomás foi escrito por volta de 140 d.C., muito depois da morte de Tomás. Apesar de ter algumas semelhanças com o autêntico Evangelho de Mateus do Novo Testamento, também continha mensagens radicalmente diferentes. A descrição de Jesus não correspondia a nada do que a igreja primitiva sabia ser verdade sobre Ele. Aqui está um exemplo que mostra o contraste entre os evangelhos do Novo Testamento e os evangelho de Tomás.

Por todos os evangelhos do Novo Testamento, Jesus tratava as mulheres com uma dignidade não típica da cultura do Oriente Médio dos dias de Jesus. Ele ensinou às mulheres tanto quanto aos homens, falou contra as leis de divórcio injustas, era gentil com as mulheres (até mesmo com as de caráter questionável) e depois da ressurreição apareceu primeiro para as mulheres, encarregando-as de dar a mensagem de que Ele estava vivo. O respeito de Jesus pelas mulheres contrariava todas as normas culturais e era um dos assuntos que deixavam os líderes religiosos de sua época enraivecidos.

Contudo, o Evangelho de Tomás contém afirmações completamente contraditórias sobre Jesus: "Deixe Maria sair da nossa presença porque as mulheres não são dignas da vida". E: "porque toda mulher que se fizer homem entrará no reino dos céus". Além desses apócrifos outros livros tem sido usado por teólogos e historiadores, como por exemplo, o Didaquê (100-120); Pseudo-Barnabé (70-79); As Sete Epístolas de Inácio (100) e ainda existiram muitos outros apócrifos do Novo Testamento.

Portanto, o que diferencia a Bíblia dos livros das outras religiões é o fato Dela possuir 66 livros escritos por mais de 40 autos diferentes e em períodos, contextos e regiões destinas, contudo todos os livros se casam se completando maravilhosamente sem contradições, quando analisados no todo.

Essa característica é exclusiva da Bíblia, isso inviabiliza os argumentos que dizem que Ela foi simplesmente escrita por homens, já que estes são extremamente limitados aos contextos nos quais eles estão inseridos e também em conceitos pessoais oriundos da razão que, apesar de ser um elemento comum aos homens, também é o que os diferencia.

As Bíblias que contém sete livros a mais, foram extraídas da "Bíblia Grega", ou "Septuaginta", traduzida da Bíblia hebraica para o grego no ano 250 a.C., quando, então, foram incluídos outros sete livros, que não faziam parte dos livros inspirados da Bíblia hebraica original.

Alguns erros ensinados pelos sete livros não inspirados, que se chocam frontalmente com os 66 livros canônicos da Bíblia.

1. Narração de anjo mentindo sobre sua origem. Tobias 5.1-19 (Comp. Is 63.8 e Os 4.2)
2. Diz que se deve negar o pão aos ímpios. Eclesiástico 12:4-6 (Comp. Prov 25.21-22)
3. Uma mulher jejuando toda a sua vida. Judith 8.5-6 (Comp, Mt 4.1-2)
4. Deus dá espada para Simeão matar siquemitas. Judith 9:2 (Comp. Gn 34.30-49.5-7)
5. Queimar fígado de peixe expulsa demônios. Tobias 6:6-8 (Comp. Atos 16.18)
6. Dar esmola purifica do pecado. Tobias 12.9 e Eclesiástico 3.30 (Comp. l Pe 1.18-19)
7. Nabucodonosor foi rei da Assíria, em Nínive. Judith 1.1 (Comp. Daniel 1.1)
8. Honrar o pai traz o perdão dos pecados. Eclesiástico 3.3 (Comp. l Pe 1.18-19)
9. Ensino de magia e superstição. Tobias 2.9 e 10; 6.5-8; 11.7-16 (Comp. Tg 5.14-16)
10. Antíoco morre de 3 maneiras. I Macabeus 6.16 - II Mac 1.16; 9.28 (Is 63.8; Mt 5.37)
11. Recomenda a oferta pêlos mortos. II Macabeus 1242-45 (Comp. Ecl 9.5-6)
12. Ensino do purgatório ou imortalidade da alma. Sabedoria 3.14 (I Jo 1.7; Hb 9.27)
13. O suicídio é justificado e louvado. II Macabeus 14.41-46 (Comp. Êx 20.13).

Capitulo XIII

Curiosidades do Novo Testamento

1. O Cânon do Novo Testamento: Como no Antigo Testamento, homens inspirados por Deus escreveram aos poucos os livros que compõem o câ¬non do Novo Testamento. Sua formação levou apenas duas gerações: quase 100 anos. Em 100 d.C. todos os livros do Novo Testamento estavam escritos. O que demorou foi o reconhecimento canônico, isto motivado pelo cuidado e escrúpulo das igrejas de então, que exigiam provas conclu-dentes da inspiração divina de cada um desses livros. Ou¬tra coisa que motivou a demora na canonização foi o surgi¬mento de escritos heréticos e espúrios com pretensão de autoridade apostólica. Trata-se dos livros apócrifos do Novo Testamento, fato idêntico ao acontecido nos tempos do encerramento do cânon do Antigo Testamento. A ordem dos 27 livros do Novo Testamento, como te¬mos atualmente em nossas Bíblias, vem da Vulgata, e não leva em conta a seqüência cronológica. Há também livros mencionados no Novo Testamento até ago¬ra desaparecidos. I Co 5.9; Cl 4.16.

2. As Epístolas de Paulo. Foram os primeiros escritos do Novo Testamento. São 13: de Romanos a Filemom. Fo¬ram escritas entre 52 e 67 d.C. Pela ordem cronológica, o primeiro livro do Novo Testamento é I Tessalonicenses, escrito em 52 d.C. II Timóteo foi escrita em 67 d.C, pouco antes do martírio do apóstolo Paulo em Roma. Esses livros foram também os primeiros aceitos como canônicos. Pedro chama os escritos de Paulo de "Escrituras" - título aplica¬do somente à Palavra inspirada de Deus!. II Pe 3.15,16.

3. Os Atos dos Apóstolos. Escrito em 63 d.C, no fim dos dois anos da primeira prisão de Paulo em Roma. At 28.30.

4. Os Evangelhos. Estes, a princípio, foram propagados oralmente. Não havia perigo de enganos e esquecimento porque era o Espírito Santo quem lembrava tudo e Ele é infalível. Jo 14.26. Os Sinóticos foram escritos entre 60 a 65 d.C. Marcos, em 65. Em 1 Timóteo 5.18, Paulo, escrevendo em 65 d.C, cita Mateus 10.10. João foi escrito em 85. Entre Lucas e João foram escritas quase todas as epístolas. Note-se que Paulo chama Mateus e Lucas de "Escrituras" ao citá-los em 1 Timóteo 5.18; o original dessa cita¬ção está em Mateus 10.10 e Lucas 10.7.

5. As Epístolas, de Hebreus a Judas, foram escritas en¬tre 68 e 90 d.C. Quanto à autoria de Hebreus, só Deus sabe de fato. Agostinho (354-430 d.C), bispo de Hipona, África do Norte, afirma que seu autor é Paulo. As igrejas orientais atribuíram-na a Paulo, mas as ocidentais, até o IV século recusaram-se a admitir isto. A opinião ainda hoje é a favor de Paulo. Orígenes (185-254) - o homem mais ilustre da igreja antiga, e, anterior a Agostinho - afirma: "Quem a escreveu só Deus sabe com certeza".

6. O Apocalipse. Escrito em 96 d.C, durante o reinado do imperador Domiciano. Muitos livros antes de serem finalmente reconhecidos como canônicos foram duramente debatidos. Houve muita relutância quanto às epístolas de Pedro, João e Judas bem como quanto ao Apocalipse. Tudo isto tão-somente revela o cuidado da Igreja e também a responsabilidade que envolvia a canonização. Antes do ano 400 d.C, todos os livros estavam aceitos. Em 367, Atanásio, patriarca de Alexan¬dria, publicou uma lista dos 27 livros canônicos, os mes-mos que hoje possuímos; essa lista foi aceita pelo Concilio de Hipona (África) em 393.

7. Data do reconhecimento e fixação do cânon do Novo Testamento: Isso ocorreu no III Concilio de Cartago, em 397 d.C. Nessa ocasião, foi definitivamente reconhecido e fixado o cânon do Novo Testamento. Como se vê, houve um ama¬durecimento de 400 anos.

A necessidade da mensagem escrita do Novo Testamento: A mensagem da Nova Aliança precisava ter forma escrita como a da Antiga. Após a ascensão do Senhor Jesus, os apóstolos pregaram por toda parte sem haver nada es¬crito. Sua Bíblia era o Antigo Testamento. Com o correr do tempo, o grupo de apóstolos diminuiu. O Evangelho espa-lhou-se. Surgiu a necessidade de reduzi-lo à forma escrita, para ser transmitido às gerações futuras. Era o plano de Deus em marcha. Muitas igrejas e indivíduos pediam explicações acerca de casos difíceis surgidos por perturbações, falsas doutrinas, problemas internos, etc. I Coríntios 1.11; 5.1; 7.1.

Os judeus cumpriram sua missão de transmitir ao mundo os oráculos divinos. Rm 3.2. A Igreja também cumpriu sua parte, transmitindo as palavras e ensinos do Senhor Jesus, bem como as que Ele, pelo Espírito Santo inspirou aos escritores sacros. Ele mesmo disse: "Tenho muito que vos dizer... mas o Espírito de verdade... dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir". Jo 16.12,13.

Dão testemunho da existência de livros do Novo Testa¬mento, em seu tempo, os seguintes cristãos primitivos, cujas vidas coincidiram com a dos apóstolos ou com os discípulos destes: Clemente de Roma, na sua carta aos Coríntios, em 95 d.C. cita vários livros do Novo Testamento. Policarpo, na sua carta aos Filipenses, cerca de 110 d.C, cita diversas epístolas de Paulo. Inácio, por volta de 110, cita grande número de livros em seus escritos. Justino Mártir, nascido no ano da morte de João, escre¬vendo em 140 d.C, cita diversos livros do Novo Testamento. Irineu (130-200 d.C), cita a maioria dos livros do Novo Testamento, chamando-os "Escrituras". Orígenes (185-254 d.C), homem erudito, piedoso e viajado, dedicou sua vida ao estudo das Escrituras. Em seu tempo, os 27 livros já estavam completos; ele os aceitou, embora com dúvida sobre alguns (Hebreus, Tiago, 2 Pedro, 2 e 3 João).

8. Gólgota ou Calvário. João 19.17. Literalmente significa "caveira". É o nome do lugar onde Jesus foi crucificado. Tinha este nome porque ali ficavam jogados os ossos de algumas das pessoas que eram crucificadas. Quando pensavam neste lugar, só lembravam das caveiras que tinham sido deixadas lá.

9. Corinto era uma importante cidade Grega aos tempos do Novo Testamento. Nessa época era uma cidade com cerca de 600 mil habitantes. Era uma metrópole com várias religiões. Ali havia adoração a todos os deuses.

O principal culto praticado nesta região era a adoração à Afrodite (deusa do amor erótico - e daí vem a palavra afrodisíaco). Quando Paulo chegou ali, muitas vidas que estavam cansadas do pecado entregaram suas vidas ao Senhor Jesus, e a partir disso uma grande igreja começou a nascer naquela grande cidade.

10. O primeiro livro do Novo Testamento foi escrito cerca de 400 anos depois do último livro do Velho Testamento. Neste período de 400 anos foram escritos alguns livros não inspirados por Deus conhecidos por "apócrifos", que são justamente os livros excedentes da bíblia católica.

11. Judeu. Rm 1.16. Este era o nome do povo que vivia numa tribo de Israel chamada JUDÁ. Com o passar do tempo todos os israelitas passaram a ser chamados de "judeus", pois hoje a nação de Israel ocupa apenas a região que era ocupada pela tribo de Judá. Se alguém tem descendência judaica, então é um judeu, mesmo que venha a nascer em outro país.

12. O idioma que Jesus falava era o aramaico. Sim, esta era a língua praticada na Judéia e na Galiléia dos tempos de Jesus. O Hebraico - idioma dos hebreus (judeus) descaracterizou-se em anos anteriores aos tempos do Novo Testamento e desta descaracterização é que surgiu o aramaico, o idioma que Jesus e seus discípulos falavam

13. Aba. Mc 14.36. Esta é uma palavra aramaica que significa simplesmente "pai". Quando na oração Jesus disse "aba", o autor do livro estava apenas informando qual foi a palavra exata que saiu da boca de Jesus.

14. Lucas e Atos provavelmente são os únicos livros da Bíblia que não foram escritos por israelitas. O médico Lucas (Cl. 4.14) é o autor desses dois livros. Todos os autores dos livros bíblicos têm origem israelita, menos Lucas. Ele era grego e não tinha qualquer descendência israelita. Também, ao contrário do que muitos imaginam, não tinha sido discípulo de Jesus.

15. Igreja. Mt 16.18. Esta palavra ocorre 109 vezes na Bíblia, mas não aparece nenhuma vez no Antigo Testamento. É a tradução da palavra grega "eklesia" e significa "chamados para fora". O conceito exato é que igreja é um povo que Jesus comprou com Seu sangue. A igreja não tem nome, nem endereço, nem cor, nem tribo, nem nação. Ela não é uma instituição com templos, organizações etc. A igreja são as pessoas, o povo de Deus.

16. O Novo Testamento foi originalmente escrito em Grego.

17. Inicialmente, os escritos da Bíblia não eram divididos em capítulos e versículos; a divisão em capítulos só veio a acontecer no ano 1250 d.C., pelo Cardeal Hugo de Sancto Caro, monge dominicano, que dele se serviu para a sua concordância com a Vulgata. Alguns pesquisadores atribuem essa divisão também a Stephen Langton, falecido em 1228. No ano de 1551, Robert Stephen fez a divisão em versículos, publicando a primeira Bíblia, assim dividida em 1555, a Vulgata.

18. Nenhum dos livros da Bíblia recebeu qualquer título na época em foram escritos. Os títulos dos livros vieram muitos anos depois que os livros já estavam circulando.

19. O AT termina com uma maldição, e o NT termina com uma benção.

20. A palavra Bíblia vem do grego, através do latim, e significa: livros. A primeira Bíblia em português foi impressa em 1748. A tradução foi feita a partir da Vulgata Latina e iniciou-se com D. Diniz (1279-1325). No ano de 1250 o cardeal Caro dividiu a Bíblia em capítulos, que foram divididos em versículos no ano de 1550, por Robert Stevens.

21. A Bíblia inteira foi escrita num período que abrange mais de 1600 anos. É uma obra de cerca de 40 autores, das mais variadas profissões: de humildes agricultores, pescadores até renomados reis. O Livro mais antigo da Bíblia pode não ser o Gênesis, mas o livro de Jó. Se for o mais antigo, pode ser que tenha sido escrito por Moisés, quando esteve no deserto, portanto décadas antes do Pentateuco.

22. Dos quatro evangelistas só dois andaram com Jesus; Marcos e Lucas não foram seus discípulos. O profeta que veio depois de Malaquias foi João Batista. Judas foi o único dos doze apóstolos que não era Galileu. João era o discípulo mais jovem dos doze.

23. Paulo, o grande apóstolo dos gentios, segundo a tradição cristão, foi decapitado em Roma por ordem do tirano Nero.

24. As melhores e "maiores" pregações de Jesus foram feitas por ele assentado. Mt 5.1-2. Lc 4.20-21. Lc 5.3.

25. O nome "cristão" só aparece três vezes na Bíblia. At 11.26; 26.28; I Pe 4.16.

26. Paulo pregou o sermão mais longo descrito na Bíblia, até de madrugada. At 20.7-11

27. A questão salarial e a responsabilidade trabalhista são uma preocupação divina há tempos. Tg 5.4.

28. Em que livro cita que Paulo não era casado? Em I Coríntios 7:8 (era viúvo ou solteiro) - mais provavelmente viúvo, porque ele pertencia ao Sinédrio (Supremo Tribunal dos Judeus) At 26.10. E ao Sinédrio só era permitido ser membro quem fosse casado.

29. Qual o capítulo que está na metade do N.T.? O capítulo 8 de Romanos.

30. O maior profeta nunca realizou um milagre, mas foi o pregador mais convincente - João Batista. Jo 10.41-42.

31. O tio e a tia de Jesus se tornaram "crentes" na sua pregação antes de sua crucificação. Lc 24.13-18; Jo 19.25.

32. O idioma que Jesus falava era o aramaico. Sim, esta era a língua praticada na Judéia e na Galiléia dos tempos de Jesus. O Hebraico - idioma dos hebreus (judeus) descaracterizou-se em anos anteriores aos tempos do Novo Testamento e desta descaracterização é que surgiu o aramaico, o idioma que Jesus e seus discípulos falavam.

33. Porque devemos estudar o Antigo Testamento?

A Bíblia é uma revelação progressiva. Se você pular a primeira metade de qualquer livro bom e tentar terminá-lo, você vai ter dificuldade de entender seus personagens, o enredo e o final. Da mesma forma, o Novo Testamento só pode ser completamente entendido quando é visto como o cumprimento dos eventos, personagens, leis, sistema de sacrifício, alianças e promessas do Velho Testamento. Se apenas tivéssemos o Novo Testamento, iríamos ler os evangelhos sem saber por que os judeus estavam esperando pelo Messias (Um Rei Salvador). Sem o Velho Testamento, não entenderíamos por que esse Messias estava vindo (veja Isaías 53), e não poderíamos ter identificado Jesus de Nazaré como o Messias através das várias profecias detalhadas que foram dadas a Seu respeito; por exemplo: Seu lugar de nascimento (Miquéias 5.2); Sua forma de morrer (Salmos 22, principalmente versículos 1,7-8, 14-18; Salmos 69.21, etc.), Sua ressurreição (Salmos 16.10), e muitos outros detalhes de Seu ministério. Isaías 52.19; 9.2, etc.

Sem o Velho Testamento, não entenderíamos os costumes judaicos que são mencionados no Novo Testamento. Não entenderíamos as distorções que os fariseus tinham feito à lei de Deus por acrescentarem suas tradições. Não entenderíamos por que Jesus estava tão transtornado ao purificar o Templo. Não entenderíamos que podemos usar a mesma sabedoria que Cristo usou em Suas muitas respostas aos Seus adversários (humanos e demoníacos).

Sem o Velho Testamento, nós iríamos deixar de entender várias profecias detalhadas que só podiam se tornar verdade se a Bíblia é a Palavra de Deus, não dos homens (veja os profetas maiores e menores), tais como Daniel 7 e os capítulos seguintes. Essas profecias dão detalhes específicos sobre a ascenção e queda de nações, como iriam cair, se vão ascender de novo, quais poderes seriam os próximos a emergir, quem seriam os principais personagens (Ciro, Alexandre o Grande, etc.), e o que iria acontecer com seus reinos quando morressem. Essas profecias detalhadas são tão exatas que céticos acreditam que só podiam ter sido escritas depois do ocorrido.

O Velho Testamento contém várias lições para nós através das vidas de seus personagens falíveis que possuíam a mesma natureza que possuímos hoje. Ao observar suas vidas, podemos nos encorajar a confiar em Deus não importando a situação (Daniel 13) e a não ceder nas coisas pequenas (Daniel 1), para que possamos ser fiéis depois nas grandes coisas. Dn 6. Podemos aprender que é melhor confessar nossos pecados com sinceridade logo, ao invés de botar a culpa em outra pessoa. I Sm 15. Podemos aprender a não brincar com o pecado, pois o pecado vai nos descobrir e sua mordida é fatal. Jz 13-16.

Podemos aprender que precisamos confiar e obedecer a Deus se almejamos experimentar da Sua "terra prometida" ainda nessa vida e do Seu Paraíso na vida futura. Nm 13. Aprendemos que se contemplamos o pecado, estamos apenas nos preparando para cometê-lo. Gn 3; Js 6-7. Aprendemos que nosso pecado tem consequências não só para nós mesmos, mas para aqueles ao nosso redor que amamos tanto; assim como o nosso bom comportamento tem recompensa para nós e para os que estão ao nosso redor também. Gn 3; Êx 20.5-6.

O Velho Testamento também contém grandes quantidades de sabedoria que o Novo Testamento não tem. Muitos desses estão escritos nos livros de Salmos e Provérbios. Esses ensinos de sabedoria revelam como posso ser mais sábio do que meus professores, qual o resultado de vários pecados (é sempre bom poder ver o anzol que a isca está escondendo), e quais realizações o mundo tem a oferecer (nenhuma!). Como posso perceber se sou um tolo (tolo moral, quer dizer)? Como posso acabar afastando pessoas sem ser esse o meu objetivo? Como posso abrir as portas para sucesso duradouro? Como posso achar sentido para minha vida? Novamente, tem tanta coisa nesses livros só esperando ser descoberta por aqueles que realmente querem aprender.

Sem o Velho Testamento não teríamos nenhuma base para nos guardar contra os erros das perversões politicamente corretas da nossa sociedade, na qual evolução é vista como sendo o criador de todas as espécies durante um período de milhões de anos (ao invés de ser o resultado de uma criação especial de Deus em seis dias literais). Nós acreditaríamos na mentira de que casamentos e famílias são estruturas em evolução que devem continuar a mudar com a sociedade (ao invés de serem vistos como um plano de Deus cujo propósito é de criar filhos que O seguem e de proteger aqueles que seriam usados e abusados se não estivessem em tal estrutura – frequentemente mulheres e crianças).

Sem o Velho Testamento, não entenderíamos as promessas que Deus ainda vai cumprir à nação israelita. Como resultado, não veríamos propriamente que o período de Tribulação é um período de sete anos no qual Ele vai estar trabalhando especificamente com a nação de Israel por ter rejeitado Seu primeira vinda, mas que vai recebê-lO na Sua segunda vinda. Não entenderíamos como o reino futuro de Cristo de 1000 anos se encaixa com as promessas aos judeus, nem como os gentios vão fazer parte também. Nem veríamos como o final da Bíblia conecta tudo que estava solto no começo da Bíblia, restaurando o paraíso que Deus originalmente criou esse mundo para ser, no qual teríamos um relacionamento íntimo e pessoal com Deus no Jardim do Éden.

Em resumo, o Velho Testamento é um espelho que permite que nos vejamos nas vidas dos seus personagens e nos ajuda a aprender de forma indireta de suas vidas. Explica tantas coisas sobre quem Deus é, as maravilhas que tem criado e a salvação que tem providenciado.

Conforta aqueles que estão passando por perseguição ou problemas (especialmente o livro de Salmos). Revela através de tantas profecias cumpridas por que a Bíblia é um livro tão único entre os outros livros santos – só ela é capaz de demonstrar o que clama ser: a Palavra inspirada de Deus. Revela muita coisa sobre Cristo página após página dos seus manuscritos. Contém tanta sabedoria que vai muito além do que o Novo Testamento cita ou alude. Em resumo, se você ainda não se aventurou profundamente nas suas páginas, você está perdendo muito do que Deus tem disponível para você.

Ao ler o Velho Testamento, vai ter muita coisa que você não vai entender de primeira, mas vai ter muito que você vai entender e aprender. À medida que você continua a estudá-lo, pedindo a Deus para lhe ensinar mais, sua escavação vai lhe recompensar com grandes tesouros!

34. Principais diferenças entre o Antigo e Novo Testamento

O grande problema é que muitos cristãos e alguns pregadores, mestres e líderes e denominações é não compreendem A GRANDE DIFERENÇA ENTRE O ANTIGO E O NOVO TESTAMENTO. As seitas se formam, os cristãos erram, os pseudo-líderes enganam pelo simples motivo das pessoas não conhecerem a diferença gritante entre o Novo e o Velho Vinho. Assim como não dá para colocar remendo velho em roupa nova, assim o cristão tem que optar se irá viver pelas leis do Antigo ou do Novo Testamento. Gl 5 e 6. Para ter a roupagem nova do Espírito, o cristão precisa ter como regra de fé e prática O NOVO TESTAMENTO, e não o Antigo. Cristo exclui qualquer obra reparadora. Precisa haver a produção de uma nova roupa.

Evidentemente O ANTIGO TESTAMENTO É TÃO INSPIRADO QUANTO O NOVO TESTAMENTO. Um completa o outro. Em ambos Deus falou e orientou os homens a viverem segundo o seu propósito. Ainda, nas belas palavras de Henrietta C. Mears: "O Antigo Testamento é o alicerce; o Novo é a superestrutura... Um edifício é impossível, a não ser que haja um fundamento. Assim, o Antigo e o NT são essenciais um ao outro". Porém tem as suas particularidades.

35. Qual a importâncias da descoberta dos Rolos do Mar Morto?



Os Rolos do Mar Morto, descobertos, provavelmente, em 1947 por beduínos árabes chegaram às mãos dos estudiosos no fim daquele ano e no começo de 1948. As descobertas se realizaram nas cavernas nos penhascos margosos que distam entre um e dois km ao oeste da extremidade nordeste do Mar Morto, localidade esta que é conhecido pelo nome árabe de Cunrã (Qumran), perto de uma fonte copiosa de água doce chamada Ain Fexca (Feshkha). Esta localização à margem do deserto de Judá, faz que às vezes haja a expressão "Rolos de Ain Fexca", ou "Rolos do Deserto de Judá".

Os rolos foram vistos por vários estudiosos na parte posterior do ano 1947, e alguns deles confessam que na época, menosprezaram-nos como sendo falsificações.

Um dos professores que reconheceram a verdadeira anti guidade dos rolos foi o falecido Prof. Eleazar L. Sukenik da Universidade Hebraica, e ele conseguiu mais tarde comprar alguns deles. Outros rolos foram levados para a Escola Americana de Pesquisas Orientais em Jerusalém, onde o Diretor interino, Dr. John C. Trever, percebendo seu grande valor, mandou fotografar os pedaços que foram levados a ele. Uma das suas foto grafias foi enviada ao Prof. William F. Albright, que imediatamente declarou que esta foi "a descoberta a mais importante que já tinha sido feita no assunto de manuscritos do Antigo Testamento".

Os rolos que foram comprados pela Universidade Hebraica incluíam o Rolo de Isaías da Universidade Hebraica (lQIsb), que contém uma parte do Livro, a Ordem da Guerra, conhecido também como A Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas (1QM), e os Hinos de Ações de Graças, ou Hodayot (1 QH).

Os rolos comprados pelo arcebispo sírio e publicados pelas Escolas Americanas de Pesquisas Orientais incluíam o Rolo de Isaías de São Marcos (lQI5a), que é um rolo do Livro inteiro, o Comentário de Habacuque (lQpHab), que contém o texto dos caps. 1 e 2 de Habacuque com um comentário, e o Manual de Disciplina (1QS), que contém as regras para os membros da comunidade de Cunrã. Subseqüentemente, estes rolos passaram a integrar o patrimônio do Estado de Israel, e são conservados num santuário especial da Universidade Hebraica em Jerusalém. Têm sido publicados em numerosas edições e recensões, e traduzidos para várias línguas, havendo grandes facilidades para quem deseja estudá-los em tradução ou em fac-símile.

Depois da descoberta destes rolos, que são de grande importância por ter sido quase unanimemente reconhecido que pertencem ao último século a.C. e ao primeiro século d.C., a região onde foram achados tem sido sujeitada a exploração sistemática. Numerosas cavernas têm sido achadas, e até agora, onze destas cavernas têm oferecido materiais da mesma época dos rolos originais. A maior parte destes rolos tem vindo da quarta caverna a ser explorada (Caverna Quatro, ou 4Q), e outros de grande significado foram achados nas cavernas 2Q, 5Q, e 5Q. Segundo as últimas notícias, as descobertas as mais significativas têm sido as da caverna 11Q.

Só da caverna 4Q, os fragmentos achado representam um mínimo de 382 manuscritos diferentes, e uma centena destes são manuscritos bíblicos. Estes incluem fragmentos de todos os livros da Bíblia hebraica menos Ester. Alguns dos livros são representados em muitas cópias diferentes: há, por exemplo, 14 manuscritos diferentes de Deuteronômio, 12 manuscritos de Isaías, e 10 manuscritos dos Salmos, representados nos fragmentos achados em 4Q; outros fragmentos destes mesmo livros têm sido achados em 11Q, mas ainda não foram publicados. Um dos achados significantes, que pode ter grande valor em avaliar teorias sobre data e autoria, diz respeito ao Livro de Daniel, fragmentos do qual têm a mudança do hebraico para o aramaico em Dn 2:4, e do aramaico para o hebraico em Dn 7:28-8:1, exatamente como nos textos de Daniel que se empregam mais recentemente.

Além dos achados de Livros bíblicos, descobriram-se fragmentos de livros deuterocanônicos, especificamente Tobias e Eclesiástico, e também de vários escritos não canônicos. Alguns destes já eram conhecidos: Jubileus, Enoque, o Testamento de Levi, etc. Outros foram totalmente desconhecidos, especial mente os documentos que pertenciam ao grupo de Cunrã: Salmos de ações de graças, o Livro da Guerra, os comentários sobre trechos das Escrituras, etc. Estes últimos nos oferecem uma visão da natureza e das crenças da comunidade de Cunra.

Perto dos penhascos no planalto aluvial que domina as praias do Mar Morto há os alicerces de um prédio antigo e complexo, muitas vezes chamado de “mosteiro”. Este foi totalmente escavado durante várias estações, e isto tem desvendado informações importantes quanto à natureza, ao tamanho e à data da comunidade de Cunrã.

As moedas achadas ali, junta¬mente com outros vestígios, têm oferecido indicações para fixar a data da comunidade entre 140 a.C. e 67 d.C.

Os membros eram quase todos masculinos, embora que a literatura regulamente as condições para a admissão de mulheres e crianças. O número de pessoas que viviam ali ao mesmo tempo seria aproximadamente entre 200 e 400. Uns 2 km ao sul, em Ain Fexca, foram descobertos remanescentes de outras construções, cuja natureza não tem sido exatamente esclarecida. A água doce da fonte provavelmente foi usada para o plantio, e para outras necessidades da comunidade.

Pela literatura que a seita deixou, sabemos que o povo de Cunrã era judaico, um grupo que se separara da corrente central do judaísmo que se situava em Jerusalém, e que até criticava e mostrava hostilidade aos sacerdotes de Jerusalém. O fato de adotarem o nome “Filhos de Zadoque”, levou alguns estudiosos a postular que os sectários de Cunrã fossem vinculados aos Zadoquitas ou Saduceus; outros estudiosos acreditam que seria mais correto identificá-los com os Essênios, uma terceira seita do judaísmo, descrita por Josefo e Fílon. Não é impossível que haja elementos de verdade em ambas es tas teorias, e que tenha havido originalmente uma cisão na linhagem sacerdotal ou saducéia que aderiu ao movimento chamado dos hasideanos, os antepassados espirituais dos fariseus, seguida por outra separação posterior para formar uma seita fechada, separatista, parte da qual se situou em Cunrã. Devemos aguardar mais descobertas antes de procurar dar uma resposta final a este problemas complexos.

A comunidade dedicava-se ao estudo da Bíblia. A vida da comunidade era ascética, na sua mor parte, e suas práticas incluíam o banho ritual, que às vezes tem sido chamado batismo. Alguns estudiosos têm entendido que esta prática foi a origem do batismo de João Batista. Uma comparação do batismo de João com o dos cunranianos mostra, no entanto, que as duas práticas eram inteiramente distintas entre si. Isto sendo o caso, mesmo se João tivesse pertencido a esta comunidade (o que não se comprovou, e talvez nunca venha a ser provado), este deve ter desenvolvido distinções importantes na sua própria doutrina e prática do batismo.

Alguns estudiosos acreditam que haja elementos do zoroastrismo nos escritos de Cunrã, especificamente no que diz respeito ao dualismo e à angelologia. O problema é extremamente complexo. O dualismo do zoroastrismo desenvolveu-se consideravelmente na era cristã, e por este motivo é precário argumentar que as crenças do zoroastrismo conforme hoje as conhecemos representem as crenças de um ou dois séculos antes de Cristo.

As descobertas de Cunrã são importantes para estudos bíblicos em geral. Não se pode tirar conclusões acerca do cânon, sendo que o grupo de Cunrã era cismático desde o princípio, e além disto, a ausência do Livro de Ester não implica necessariamente que rejeitava este Livro do Cânon. Quanto à matéria do texto do Antigo Testamento, os rolos do Mar Morto têm grande importância. O texto do Antigo Testamento Grego, ou Septuaginta, e as citações do Antigo Testamento no Novo, indicam que tenha havido outros textos além daquele que veio até nós (o Texto Massorético).

O estudo dos rolos do Mar Morto revela claramente que, na época de serem produzidos, que seria mais ou menos na época da elaboração dos manuscritos bíblicos utilizados pelos autores do Novo Testamento, havia no mínimo três tipos de textos circulando: um pode ser chamado o precursor do Texto Massorético; o segundo estava nitidamente relacionado com aquele utilizado pelos tradutores da Septuaginta; o terceiro era diferente de ambos. As diferenças não são grandes, e em passagem alguma envolvem assuntos de doutrina; mas para um estudo textual pormenorizado é importante que nos libertemos do conceito que o Texto Massorético seja o único texto autêntico.

A verdade é que as citações do Antigo Testamento que se acham no Novo, dão margem para se compreender que não foi o Texto Massorético aquele que mais se empregava pelos autores do Novo Testamento. Precisamos qualificar estas declarações pela explicação que a qualidade do texto é diferente entre os vários livros do Antigo Testamento, e que há muito mais uniformidade no texto do Pentateuco do que em algumas outras porções da Bíblia Hebraica. Os rolos do Mar Morto têm feito uma grande contribuição para, o estudo do texto dos Livros de Samuel.

No que diz respeito ao Novo Testamento, os rolos do Mar Morto são igualmente de grande importância. Obviamente, não existe nenhum texto do Novo Testamento nas descobertas de Cunrã, sendo que o primeiro Livro do Novo Testamento foi escrito muito pouco tempo antes da destruição da comunidade de Cunrã. Além disto, não há motivo algum para que alguma escrita neotestamentária tenha sido trazido a Cunrã. Por outro lado, há certas referências e pressuposições no Novo Testamento, mormente na pregação de João Batista e Jesus Cristo, e nas escritas de Paulo e João, que podem ser colocados contra um pano de fundo reconhecidamente semelhante àquele descrito nos documentos de Cunrã.

Por exemplo, o pano de fundo gnóstico de certas escritas paulinas que antigamente foi considerado como situação histórica do gnosticismo grego do segundo século d.C. — o que implicaria numa data posterior para a composição da Epístola aos Colossenses — reconhecese agora como sendo o gnosticismo judaico do primeiro século d.C. ou ainda antes da era cristã. Semelhantemente, o estilo do Quarto Evangelho revela-se como sendo palestiniano e não helenístico. Muita coisa tem sido escrito no assunto do relacionamento entre Jesus Cristo e a comunidade de Cunrã. Não há evidência nos documentos de Cunrâ que Jesus tenha sido membro da seita, e nada há no Novo Testamento que exija tal ponto de vista.

Bem ao contrário, a maneira de Jesus encarar o mundo, e mais especialmente, Seu próprio povo, é diametricalmente oposta à cosmo visão de Cunrã, e podemos declarar, sem medo de errar, que Jesus não tenha sido membro daquele grupo em tempo algum. Pode ter sido alguns discípulos que tenham surgido de um passado deste tipo, mais especificamente os discípulos que antes seguiam a João Batista, mas há muita falta de provas neste assunto. A tentativa de comprovar que o Ensinador da Retidão de Cunrã tenha servido como padrão da descrição de Jesus que se registra nos Evangelhos não se corrobora pelo estudo dos rolos do Mar Morto.

Avaliação: Bibliologia II (NT**)**

1. Quais forças principais contribuíram para que o mundo cristão da antiguidade providenciasse o reconhecimento oficial dos 27 livros canônicos do Novo Testamento?

_____
_____
_____

2. Que pressão política, em especial, influiu na igreja primitiva, pressionando-a a estabelecer o cânon do Novo Testamento?

_____
_____
_____

3. Como é conhecida a tradução do Novo Testamento que circulou na Síria, no fim do século IV, representando um texto que datava do século II e incluía todos os 27 livros do Novo Testamento, exceto II Pedro, II e III João, Judas e Apocalipse?

_____
_____
_____

4. Que historiador bem resumiu a situação do cânon do Novo Testamento no Ocidente no início do século IV, em sua obra História Eclesiástica?

_____
_____
_____

5. O testemunho de apoio ao cânon do Novo Testamento não se limitou a vozes individuais. Dois concílios locais ratificaram os 27 livros canônicos do Novo Testamento. Que concílios foram esses?

_____
_____
_____

6. Qual carta do Novo Testamento ocasionou maiores dúvidas quanto à sua autenticidade e por que?

_____
_____
_____

7. Como eram chamados os escritos originais, autênticos, saídos da mão de um profeta ou apóstolo, ou de um secretário ou amanuense, sempre sob a direção do homem de Deus?

_____
_____
_____

8. Os manuscritos do Antigo Testamento geralmente vêm de dois amplos períodos de produção. Que períodos são esses?

_____
_____
_____

9. Durante os três primeiros séculos a integridade do Novo Testamento resulta do testemunho combinado de fontes, por causa do caráter de ilegalidade do cristianismo. Não se encontram muitos manuscritos completos desse período, mas os existentes são significativos.

_____
_____
_____

10. Descreva o que são os chamados “Rolos do Mar Morto”.

_____
_____
_____
_____

ANOTAÇÕES

Bibliografia

CPAD
A.A Autores Anônimos
Anísio Renato de Andrade
Bíblia de Estudos Pentecostal
Isaltino Comes Coelho Filho
Ev. Luiz Henrique de Almeida Silva / Paulo Cristiano da Silva
A Bíblia Explicada, S.E. Mcnair
Conhecendo as Doutrinas Bíblicas, MyerPearlma
Bíblia de Estudo Pentecostal
Apostila FAETEL módulo VI
Ev. Luiz Henrique de Almeida Silva
Pr. Airton Evangelista da Costa
Prof. Marcos Alexandre R. G. Faria
Chamada.com.br
Dr. Ed Hindson (EUA).
João Flávio Martinez do CACP
ThomasH.
Wharton
EdwardC.
Wrigh
Hasel
Cerhard F
Asa Routh
WalterC.
Hurtado
LarryW
Augusto Belo de Souza Filho
Henry Melvill Gwatkin
Pr. Roque Lopes de Carvalho Filho
CACP
Augustus Nicodemus Lopes
Prof. Anísio Renato de Andrade
Manual Bíblico – Halley
Pr. Geziel Gomes (Atos dos Apostolos)

Hermenêutica Bíblica

A Ciência da Interpretação

HERMENÊUTICA

A Ciência da Interpretação



ITIbrasil

www.itibrasil.com

Índice

Capitulo I: Necessidade da Hermenêutica (Página 137**)**

Capitulo II: A Hermenêutica e do Antigo Testamento (Página 141**)**

Capitulo III. A Hermenêutica do Novo Testamento (Página 144**)**

Capitulo IV: Linguagem Literal e Figurada (Página 146**)**

1. Metáfora
2. Sinédoque
3. Metonímia
4. Prosopopéia
6. Hipérbole
7. Alegoria
8. Fábula
9. Enigma
10. Tipo
11. Símbolo
12. Símile
13. Interrogação
14. Apóstrofe
15. Antítese
16. Provérbio
17. Paradoxo
18. Personificação
19. Zoomorfismo
20. Antropopatismo
21. Antropomorfismo
22. Eufemismo
23. Parábola

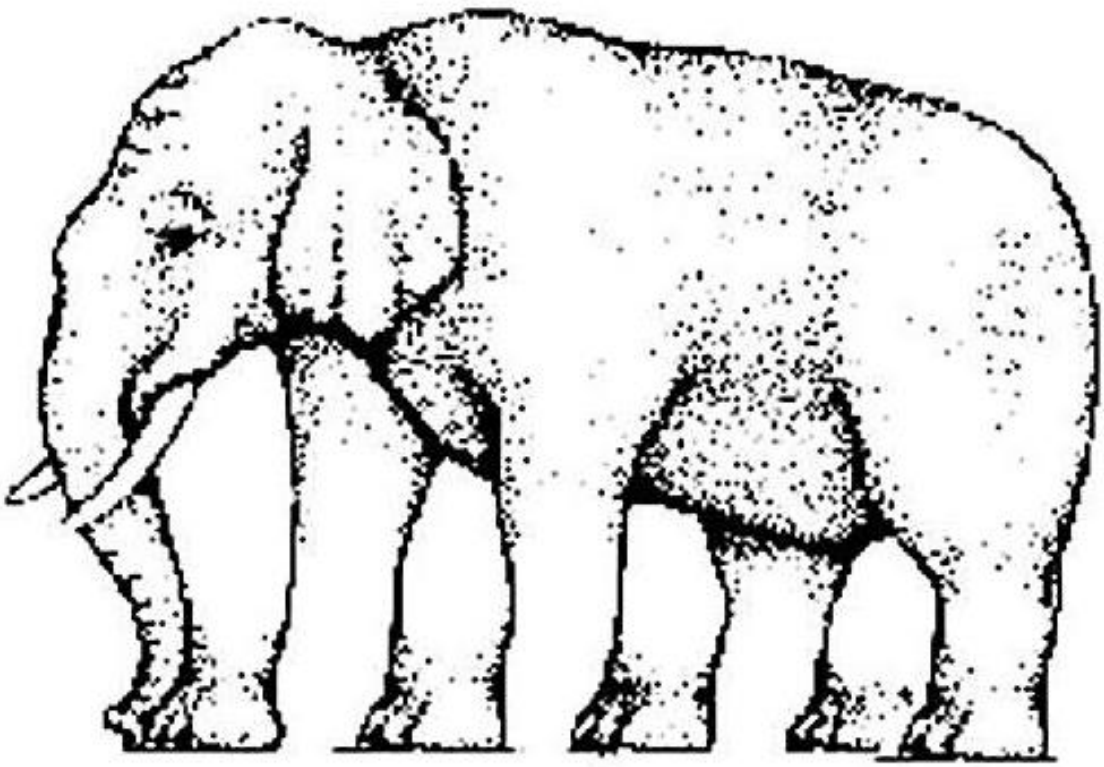
Capitulo V: Os Perigos da Ausência da Hermenêutica (Página 156**)**

Capitulo VI: Os Pressupostos na Interpretação Bíblica (Página 163**)**

Capitulo VII: Limites da Hermenêutica (Página 165**)**

Capitulo VIII: Significado, Cumprimento, Obediência e Aplicação de Princípios (Página 168**)**

OLHE BEM PARA A FIGURA ABAIXO



QUANTAS PERNAS ESSE ELEFANTE POSSUI?

Fazer hermenêutica é saber que só existe elefante de quatro pernas. Embora, muitos hermeneutas têm visto elefantes de cinco ou mais pernas. Às vezes o que você pensa que vê não condiz com a realidade. Todo cuidado é pouco.

Introdução

Vivemos em uma época na qual a busca por significados é preponderante. Temos uma cultura pós-moderna que não consegue entender o porquê das coisas, porque se perdeu a intenção original de uma mensagem, de um texto, de uma passagem. Aditemos a ideia deu que há vários significados em um único texto. Ou seja, lidamos não apenas com a questão da hermenêutica como um processo objetivo de busca pela intenção autoral, mas também lidamos agora com a questão de que não existe nada no texto para ser buscado, e o sentido depende do leitor do texto.

Essa é o nosso desafio neste momento. É o real desafio que temos diante de nós. Todos aqui, desde os líderes eclesiásticos até os membros das Igrejas precisamos conhecer a arte da interpretação. Não apenas a arte, mas também essa ciência bíblica. Nesse sentido a hermenêutica não é somente para os acadêmicos nas salas de aulas, mas, também, matéria para a igreja.

Imagine que você está em casa. De repente toca a campainha, sua mãe vai atender a porte, lá está uma carta. Você pergunta:

Você - Mãe, o que é?

Mãe responde - é uma carta?

Você pergunta - Quem mandou?

Mãe responde - um tal de João.

Você pergunta - de onde?

Mãe responde – de São Paulo.

Você pergunta - para quem?

Mãe responde - para você.

Você pergunta - Qual a data?

Mãe responde - 00/00/2011.

Você Pergunta - o que diz a carta?

Mãe responde - fala do seu aniversário!

Como pode ser observado fazemos isso com frequência, estes são os passos necessários para uma hermenêutica. O processo e o caminho é esse. Nós temos um documento (livro, carta) procuramos saber quem é o seu autor. Depois, o local de onde procede tal livro ou carta, para quem foi endereçada, a data da escrita, qual o conteúdo e o propósito. Nós fazemos isso constantemente e nem percebemos. Isso é hermenêutica! Vivemos interpretando o mundo que nos cerca, a vida, e as circunstâncias da vida, mas quando tentamos fazer isso com o texto sagrado parece ser algo difícil.

Capitulo I

Necessidade da Hermenêutica

Definição de Hermenêutica:

A palavra HERMENÊUTICA é derivada do termo grego HERMENEUTIKE e o primeiro homem a empregá-la como termo técnico foi o filósofo Platão. A hermenêutica é a ciência que estabelece os princípios, leis e métodos de interpretação. Em sua abrangência trata da teoria da interpretação de sinais, símbolos de uma cultura e leis. Divisão A divisão da hermenêutica é reconhecida como geral e específica. A geral é aquela que se aplica à interpretação de qualquer obra escrita. A específica é aquela que se aplica a determinados tipos de produção literais tais como: Leis, histórias, profecias, poesias, etc; e que será tratada neste estudo por estar dentro do campo de aplicação a literatura sacra – A BÍBLIA como inspirada Palavra de Deus. II Tm 3.16.

I. A NECESSIDADE DA HERMENÊUTICA

Com certa frequência encontramos com alguém que diz com muito fervor: "Você não precisa interpretar a Bíblia; leia-a, apenas, e faça o que ela diz." Usualmente, semelhante observação reflete o protesto contra o "profissional", o estudioso, o pastor, o catedrático ou o professor da Escola Dominical que, por meio de "interpretar," parece estar tirando a Bíblia do homem ou da mulher comum. É sua maneira de dizer que a Bíblia não é um livro obscuro. "Afinal das contas," argumenta-se, "qualquer pessoa com metade de um cérebro pode lê-la e entendê-la. O problema com um número demasiado de pregadores e professores é que cavam tanto que tendem a enlamear as águas. O que era claro para nós quando a lemos já não é mais tão claro."

Há muito de verdade em tal protesto. Concordamos que os cristãos devam aprender a ler a Bíblia, crer nela, e obedecê-la. E concordamos especialmente que a Bíblia não precisa ser um livro obscuro, se for corretamente estudada e lida. Na realidade, estamos convictos que o problema individual mais sério que as pessoas têm com a Bíblia não é uma falta de entendimento, mas, sim o fato de que entendem bem demais a maior parte das coisas! O problema de um texto tal como: "Fazei tudo sem murmurações nem contendas" (Fp 2.14), por exemplo, não é compreendê-lo, mas, sim, obedecê-lo — colocá-lo em prática.

Concordamos, também, que o pregador ou o professor estão por demais inclinados a escavar primeiro, e a olhar depois, e assim encobrir o significado claro do texto, que frequentemente está na superfície. Seja dito logo de início — e repetido a cada passo, que o alvo da boa interpretação não é a originalidade, não se procura descobrir aquilo que ninguém jamais viu.

A interpretação que visa a originalidade, ou que prospera com ela, usualmente pode ser atribuída ao orgulho (uma tentativa de "ser mais sábio" do que o resto do mundo), ao falso entendimento da espiritualidade (segundo o qual a Bíblia está repleta de verdades profundas que estão esperando para serem escavadas pela pessoa espiritualmente sensível, com um discernimento especial), ou a interesses escusos (a necessidade de apoiar um preconceito teológico, especialmente ao tratar de textos que, segundo parece, vão contra aquele preconceito). As interpretações sem igual usualmente são erradas.

Não se quer dizer com isto que o entendimento de um texto não possa frequentemente parecer sem igual para alguém que o ouve pela primeira vez. O que queremos dizer mesmo é que a originalidade não é o alvo da nossa tarefa. O alvo da boa interpretação é simples: chegar ao "sentido claro do texto." E o ingrediente mais importante que a pessoa traz a essa tarefa é o bom-senso aguçado. O teste de uma boa interpretação é se expõe o sentido do texto. A interpretação correta, portanto, traz alívio à mente bem como uma aguilhoada ou cutucada no coração. Mas, se o significado claro é aquilo sobre o que a interpretação diz respeito, então para que interpretar? Por que não ler, simplesmente? O significado simples não vem pela mera leitura? Em certo sentido, sim. Mas num sentido mais verídico, semelhante argumento é tanto ingênuo quanto irrealista por causa de dois fatores: a natureza do leitor e a natureza da Escritura.

II. AS DUAS NATUREZAS DA BÍBLIA

Ao estudarmos sobre este assunto. Devemos nos concentrar na ideia de que a hermenêutica se faz necessária por causa da natureza dupla das Escrituras. A Bíblia tem sido reconhecida como um livro divino e humano. Ou como coloca um biblista “Palavra de Deus em palavras humanas” (Cássio,2003, p.11). É neste patamar que precisamos estar para compreender a mensagem do evangelho de Deus revelado na Bíblia.

1. A Bíblia como Livro Humano

Lidar com essa característica tem sido muito dificil pelos evangélicos de nossos dias. Mas antes de tudo queremos dize que o “objetivo dessa parte introdutória é levantar alguns aspectos da natureza da Bíblia que tornam indispensável um esforço consciente para interpretá-la” (Lopes, 2001, p.23).

A necessidade de interpretação bíblica situa-se no fato de que a Bíblia foi escrita por pessoas comuns, mas estas pessoas viveram em uma outra época, cultura, costumes, políticas diferentes dos nossos.

a) O Problema do contexto Histórico: Há passagens nas Escrituras que para ser, devidamente interpretadas, precisamos conhecer o contexto no qual cada declaração foi usada e dita. Um exemplo clássico é quando olhamos o livro do profeta Jonas no qual fica figurada a antipatia dele pelos ninivitas - e o contexto histórico nos mostra que o problema estava vinculado ao fato de que aquele povo era extremamente cruel.

b) O Problema da cultura: A Bíblia como livro vindo da lavra humana tem perspectivas culturais significativas. Ler o livro de Gênesis e perceber fatos como no capítulo 15 - o dividir os animais ao meio - e saber que culturalmente era assim que se processava na cultura de então ao afirmar uma aliança; nos ajuda a entende porque Deus não permitiu que o patriarca passe no meio daqueles pedaços partidos. Alguém já disse que cada “um de nós vê a realidade através dos olhos condicionados pela cultura e por uma variedade de outras experiências.” (Virkler,1987, p.12)

c) O Problema da Língua: A Bíblia foi escrita em outra língua que não é a nossa. As Escrituras foi redigida em três idiomas diferentes e até desconhecido para a maioria de nós: Há uma necessidade de compreendermos essas línguas para que possamos tem um melhor entendimento da mensagem bíblica. É esse o nosso desafio quando estudamos a hermenêutica.

Portanto, o fato de que a Bíblia tem um lado humano é nosso encorajamento; também é o nosso desafio, e é a razão porque precisamos interpretar. Porém, um dos aspectos mais importantes do lado humano da Bíblia é que Deus, para comunicar Sua Palavra para todas as condições humanas, escolheu fazer uso de quase todo tipo de comunicações disponível: a história em narrativa, as genealogias, as crônicas, leis de todos os tipos, poesia de todos os tipos, provérbios, oráculos proféticos, enigmas, drama, esboços biográficos, parábolas, cartas, sermões e apocalipses.

Para interpretar corretamente o "lá e então" dos textos bíblicos, não somente se deve saber algumas regras gerais que se aplicam a todas as palavras da Bíblia, como também se deve aprender as regras especiais que se aplicam a cada uma destas formas literárias (gêneros). E a maneira de Deus comunicar-nos Sua Palavra no "aqui e agora" freqüentemente diferirá de uma forma para outra. Por exemplo, precisamos saber como um salmo, uma forma que freqüentemente era dirigida a Deus, funciona como a Palavra de Deus para nós, e como os Salmos diferem das "leis," que freqüentemente eram dirigidas a pessoas em situações culturais que já não existem mais. Como tais "leis" nos falam, e como diferem das "leis" morais, que sempre são válidas em todas as circunstâncias? Tais são as perguntas que a natureza dupla da Bíblia nos impõe.

2. A Bíblia como livro divino:

Uma razão mais significante para a necessidade de interpretação acha-se na natureza da própria Escritura. Historicamente a igreja tem compreendido a natureza da Escritura de maneira muito semelhante à sua compreensão da Pessoa de Cristo — a Bíblia é, ao mesmo tempo, humana e divina. Conforme o Professor George Ladd certa vez expressou o fato: "A Bíblia é a Palavra de Deus dada nas palavras de (pessoas) na história." É esta natureza dupla da Bíblia que exige da nossa parte a tarefa da interpretação.

Porque a Bíblia é a Palavra de Deus, tem relevância eterna; fala para toda a humanidade em todas as eras e em todas as culturas. Porque é a Palavra de Deus, devemos escutar — e obedecer. Mas porque Deus escolheu falar Sua Palavra através das palavras humanas na história, todo livro na Bíblia também tem particularidade histórica; cada documento é condicionado pela linguagem, pela sua época, e pela cultura em que originalmente foi escrito (e nalguns casos também pela história oral que teve antes de ser escrito). A interpretação da Bíblia é exigida pela "tensão" que existe entre sua relevância eterna e sua particularidade histórica.

Há alguns, naturalmente, que acreditam que a Bíblia é meramente um livro humano, e que contém somente palavras das pessoas na história. Para estas pessoas, a tarefa de interpretar é limitada à pesquisa histórica. Seu interesse, como no caso de Cícero ou Milton, é com as idéias religiosas dos judeus, de Jesus, ou da igreja primitiva. A tarefa para eles, no entanto, é puramente histórica. O que estas palavras significavam para as pessoas que as escreveram? O que pensavam acerca de Deus? Como se compreendiam a si mesmos?

Há, do outro lado, aqueles que pensam na Bíblia somente em termos da sua relevância eterna. Porque é a Palavra de Deus, tendem a pensar nela como sendo apenas uma coletânea de proposições a serem cridas e de imperativos a serem obedecidos — embora, invariavelmente, haja grande medida de selecionamento e escolha a ser feita entre as proposições e imperativos. Há, por exemplo, cristãos que baseados em Deuteronômio 22.5 ("A mulher não usará roupa de homem"), argumentam literalmente que a mulher não deve usar calça comprida nem short. As mesmas pessoas, porém, raras vezes tomam literalmente os demais imperativos naquela lista, que incluem a construção de um parapeito no telhado da casa (v. 8), a não plantação de dois tipos de sementes numa vinha (v. 9), e fazer borlas nos quatro cantos do manto (v. 12).

A Bíblia, no entanto, não é uma série de proposições e imperativos; não é simplesmente uma coletânea de "Ditados da parte do Presidente Deus," como se Ele olhasse para nós aqui em baixo, estando Ele no céu, e dissesse: "Ei, vocês aí em baixo, aprendam estas verdades. Número 1: Não há Deus senão Um só, e Eu o sou. Número 2: Eu sou o criador de todas as coisas, inclusive a humanidade" — e assim por diante, chegando até a proposição número 7.777 e ao imperativo número 777.

Estas proposições, naturalmente, são verdadeiras; e acham-se na Bíblia (embora não nessa forma exata). Realmente, semelhante livro poderia ter tornado muitas coisas mais fáceis para nós. Mas, felizmente, não foi assim que Deus escolheu falar conosco. Pelo contrário, escolheu falar Suas verdades eternas dentro das circunstâncias e eventos específicos da história humana. É isto também que nos dá esperança. Exatamente porque Deus escolheu falar no contexto da história humana, real, podemos ter certeza que estas mesmas palavras falarão novamente em nossa própria história "real", conforme têm feito no decorrer da História da igreja.

Capitulo II

A Hermenêutica do Antigo Testamento

O primeiro livro foi escrito aproximadamente há 3.400 anos **(**AT**)**

e o último em torno de 1.900 anos **(**NT**)**

O Antigo Testamento trata basicamente da relação entre Deus e a nação de Israel. O Pentateuco lida com a criação de Israel e com Deus estabelecendo a sua aliança com Israel. Os livros históricos registram a história de Israel, suas vitórias e sucessos, assim como suas derrotas e fracassos. Os livros poéticos nos permitem uma olhada mais íntima no relacionamento de Deus com Israel e o Seu grande desejo para que essa nação O adorasse e obedecesse. Os livros proféticos são o chamado de Deus para que Israel se arrependesse de sua idolatria e infidelidade e restaurasse o seu relacionamento de obediência e fidelidade espiritual.

Definir o conteúdo da bíblia em dois grandes volumes, a saber o Antigo e Novo Testamento, está correto. O erro é conceituá-los como volumes independentes, ou que se opõem. Esta tese não encontra fundamento nos registros bíblicos e nem na história da nossa fé. Sabemos que a legislação judaica (leis para escravos, divórcios, sacrifícios) não se aplica a nós, no entanto, os atos de fé e o plano de Deus para o homem se estendem a todos. Em poucas palavras iremos revelar a unicidade da Palavra de Deus e o centro da narrativa bíblica.

Jesus, o centro da história

Assim como nosso calendário, que é dividido em antes e depois de Cristo (a.C \ d.C), a bíblia também está dividia desta forma. A narrativa bíblica apresenta Jesus como sendo o centro da narrativa bíblica.

O nascimento de Jesus abre a narrativa do Novo Testamento, especialmente os sinópticos Mateus e Lucas, tem a preocupação de revelar a genealogia de Jesus. Esta atitude consiste na necessidade de alocar Jesus na história dos Judeus. Mateus regride até Abraão, deixando claro que Jesus era judeu e da descendência de Abraão. Lucas é ainda mais audacioso e remete a Adão, ou seja, Lucas revela a genealogia de Jesus e retrocede até o primeiro homem, então, revela que Jesus não somente era da descendência de Abraão, mas também que é o filho de Adão, que é filho de Deus.

Os livros do Antigo Testamento profetizam a vinda do Messias; em cada um dos livros do antigo testamento é possível identificar (algumas vezes por figuras) a representação de Jesus e da sua importância para a humanidade. Como exemplo o texto de Gênesis cap 3, verso 15 diz "...entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar." O termo "descendente", no singular, faz referencia clara a pessoa de Jesus Cristo como descendente de Eva, e não toda a raça humana.

Em continuação a proposta do Antigo Testamento, os livros do novo testamento registram o ministério de Jesus através do evangelhos, enquanto os demais livros continuam a testificação da presença de Jesus na terra e a continuação do seu ministério terreno. Como exemplo deste testemunho da presença do Salvador, Lucas inicia o livro de Atos "relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar." (Lc. 1.1); o autor de Hebreus inicia a epístola atestando que, no passado Deus havia " (…) falado aos pais, pelos profetas (...)", e que nos últimos dias "(...) nos falou pelo Filho (...)" (Hb 1:1-2)

Antigo Testamento

Como já foi revelado o Antigo testamento narra a revelação do início da humanidade com a criação de Deus, a história do povo de israel, e também o registro dos profetas que ao longo da história orientam o povo quanto a vontade de Deus. O decorrer da narrativa apresenta profecias e figuras de Jesus, enquanto é preparado o momento para a chegada do Messias.

A unicidade do texto bíblico

É indissociável o Antigo Testamento do Novo Testamento. Em qualquer que seja o estudo bíblico é possível notar claramente o mesmo testemunho em ambos os testamentos. A mensagem da bíblia é sempre a mesma não importa em qual seção da bíblia está sendo observada.

Logo no início da narrativa bíblica, em Gênesis cap. 4, é contada a história de como Caim mata Abel após Deus haver aceitado a oferta de Abel. No verso 7, Deus diz a Caim: "Se procederes bem, não é certo que serás aceito? E se não precederes bem, o pecado jaz a porta, e sobre ti será o teu desejo, mas sobre ele deves dominar." Logo após o pecado, Deus procura Caim e da a ele a chance de recomeçar; ainda diz que, mesmo que o pecado esteja por perto, é preciso dominá-lo. Note que aqui Deus não tem a intenção de punir Caim, e sim de conduzi-lo ao arrependimento.

O profeta Joel, registra no verso 13 do capítulo 2 a seguinte instrução: "Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao SENHOR, vosso Deus, porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e se arrepende do mal." Aqui está claramente a mesma doutrina encontrada em gênesis (3:7); o profeta Joel instrui ao arrependimento, era costume rasgar as roupas em grande angustia ou em sinal de arrependimento, mas o profeta ensina que o coração deve ser rasgado e não somente as roupas, em outras palavras podemos afirmar que Deus está realmente interessado é, em um coração verdadeiro.

Em terceiro lugar vale citar o texto que serve de base para a doutrina da justificação do apóstolo Paulo, que é o texto de Habacuque cap 2 verso 4 quando diz: "(...) mas o justo viverá pela sua fé." O Dr. Sheed contribui com a interpretação deste verso dizendo: "(...) a confiança em Deus traz a vida (…). O homem foi e sempre será salvo pela graça mediante a fé.3" Vemos que em pleno cumprimento da lei (Antigo testamento), não somente como regra religiosa, mas também civil, o povo é ensinado sobre a importância e superioridade da fé.

Jesus por muitas vezes citou o Antigo testamento, por exemplo em Mateus 24:34 “Pois assim como foi nos dias de Noé, assim será a vinda do Filho do homem” e Lucas 11:30 “porquanto, assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, também o Filho do homem o será para esta geração.” Até mesmo o dia de pentecostes, tão citado pelos evangélicos de orientação pentecostal, a justificativa para este acontecimento, foi o conhecimento do apostolo Pedro sobre um texto do Antigo testamento (Joel 2:28 e 29), a saber, Atos 2:16-17 “Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, os vossos anciãos terão sonhos;”

Apesar de toda a complexidade aparente do texto bíblico podemos notar claramente a unicidade na doutrina da salvação apresentada no Antigo e Novo testamento. Muitos outros exemplo poderíamos acrescentar para argumentar sobre as ocorrências correspondentes entre o Antigo e Novo testamento, no entanto, acredito que os exemplos citados acima são suficientes para lançar luz sobre o tema e excluir qualquer dúvida quanto a unicidade do texto bíblico.

Portanto, é espantoso observar que o Antigo Testamento é desprezado em algumas igrejas. A maioria dos pastores parecem não compreender a importância de todo o livro sagrado. Existem comentaristas que dizem que se o Antigo Testamento for trocado por páginas em branco, poucos notariam a diferença em suas bíblias.

A bíblia é a revelação de Deus para o homem. Não podemos resumi-la ao Novo Testamento, ou simplesmente pensar que a utilização do Novo Testamento no culto público é o bastante, sabemos que Deus se revela ao homem através da sua Palavra. Quando dizemos “palavra” não está sendo resumido o Novo Testamento, mas sim, toda a narrativa bíblica.
No decorrer deste trabalho, foi destacado o fator histórico da bíblia, assim como o desenvolvimento histórico, que tem início no antigo testamento e plena continuação no novo testamento. Teologicamente falando não é impossível compreender o novo testamento sem compreender o antigo; um testamento se torna sem valor se omitido o conteúdo do outro. De que adianta profecias se elas não se cumprem.

Doutrinariamente não existe dissociação entre o ensino no Antigo e Novo Testamento. Tudo o que foi ensinado no Antigo continua sendo necessário no Novo. Os preceitos da religião judaica (judaísmo) não se aplicam ao cristianismo, no entanto, isto não quer dizer que o Novo testamento anula o Antigo, e sim que o sacrifício de Jesus cumpre o Antigo Testamento e nos da a oportunidade de ter acesso a Deus. Jesus mesmo declara que veio para cumprir a lei quando diz: “Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir.” Mateus 5.17.

Através dos argumentos acima apresentados, podemos determinar que não é apenas recomendado, e sim essencial a pregação no Antigo Testamento. Visto que ele também representa a revelação da vontade de Deus para todos, está repleto de experiências de homens e mulheres com Deus; além de conselhos para a vida tão atuais como se estivessem sendo escritos nos dias de hoje. Não existe a menor evidencia bíblica para o desprezo do Antigo Testamento ante ao novo. Nem no conteúdo bíblico (testemunho de Jesus e dos Apóstolos), nem quanto aos pais da Igreja (Tertuliano, Agostinho), nem por Jerônimo (autor da Bíblia Vulgata), nem dos reformadores (Lutero e Calvino) para tal prática. Outrossim, cabe a nós receber Bíblia como a palavra de Deus, sagrada, única, completa e indissolúvel.

Capitulo III

A Hermenêutica do Novo Testamento

O NT Interpretando o AT

Os escritores do Novo Testamento buscaram nos textos do Antigo Testamento suas referências e fundamentos para as afirmações em relação a Jesus e à mensagem evangélica. Nos Evangelhos podemos vê-lo repetidamente nas palavras de Jesus: João 6.30-33, interpretando o Salmo 78.24; Marcos 12.35-37, interpretando o Salmo 110.1; Marcos 12.26-27 interpretando Êxodo 3.6 e Atos 2.22-31 é uma interpretação do Salmo 15.8-11. 10% do conteúdo do Novo Testamento compõem-se de citações do Velho, incluindo menção a 30 de seus livros. Jesus e os autores do Novo Testamento citam o Velho Testamento quase sempre interpretando-o de modo literal.

Na primeira festa de Pentecostes que se seguiu à morte e ressurreição de Jesus, o Espírito Santo desceu sobre a comunidade cristã de Jerusalém, em forma de línguas de fogo. Os discípulos, cujo idioma materno era o aramaico, passaram momentaneamente a falar em línguas estrangeiras, e assim puderam ser entendidos pelos judeus da diáspora, presentes ao encontro. O milagre de Pentecostes é entendido assim como um sinal para a divulgação do Evangelho (Boa Nova) a todos os povos do mundo.

Os apóstolos e os primeiros discípulos, que continuavam a participar do culto judaico, conservavam e transmitiam oralmente as lembranças e palavras de Cristo. Mas, à medida que se iam distanciando, no tempo, da morte de Jesus, e no espaço, de Jerusalém, impôs-se a necessidade de registros escritos. Foi-se formando assim um acervo de textos. O Antigo Testamento desenvolvera-se em meio relativamente homogêneo. Os livros do Novo Testamento contemplam comunidades lingüísticas e culturais bem diversas, que compreendem, num primeiro período, desde os judeus da Palestina até os gentios do Egito, Pérsia, Roma e mar Negro. O registro escrito seria a forma mais segura e prática de manter a unidade de pensamento e assegurar a divulgação.

Os livros que compõem o Novo Testamento podem ser agrupados em quatro conjuntos: (1) os Evangelhos, que transmitem diretamente a palavra de Jesus e relatam os fatos de sua vida, paixão, morte e ressurreição; os três primeiros -- Mateus, Marcos e Lucas, chamados sinópticos -- podem ser vistos como um conjunto, em virtude da semelhança de suas versões, e nisso se diferenciam do quarto Evangelho, de autoria de são João; (2) os Atos dos Apóstolos, livro histórico, que narra os primeiros tempos do apostolado e a formação da igreja; (3) as epístolas, cartas dirigidas às primeiras comunidades cristãs pelos apóstolos, com a finalidade de instruí-las sobre pontos eventualmente polêmicos ou ainda obscuros e de incentivá-las à prática de uma vida autenticamente cristã; (4) o Apocalipse, único livro profético do Novo Testamento.

Visualização rápida dos livros bíblicos e suas características principais:

Nome	Significado	Subdivisões	Sumário	Comentários
Evangelhos	"Boas Notícias"	**Evangelhos Sinóticos**	A vida de Jesus, enfatizando seus últimos dias.	**Problema Sinótico** Análise da relação entre os três primeiros evangelhos.
		Marcos	O mais breve. Narrativa centrada nas ações.	
		Lucas	Escrito para leitores grego-judaico, a ênfase no universalismo do evangelho.	
		Mateus	Enfatiza o Antigo Testamento para provar que Jesus era o Messias prometido.	
		João	O mais teológico dos Evangelhos, centrado na divindade de Jesus.	
Atos dos Apóstolos	"Apóstolos" = mensageiros	Uma continuação do Evangelho de Lucas	História da Igreja depois da ascensão de Jesus; as primeiras missões cristãs.	
Epístolas	Cartas	Geralmente identificados por nomes de beneficiários	Correspondências enviadas por líderes apostólicos às comunidades cristãs e/ou pessoas.	As cartas paulinas contêm as primeiras referências a Jesus.
Apocalipse	Originalmente: = mistério escondido, ensino)		O desenvolvimento e conclusão da história, com a vitória de Cristo e sua Igreja.	Reflete um forte contexto de perseguição aos primeiros cristãos.

Capitulo IV

Linguagem Literal e Figurada

Certos textos devem ser entendidos literalmente. Há também na Bíblia passagens em linguagem figurada. Devemos ler a bíblia deixando-a significar o que quer dizer. Sua linguagem figurada é geralmente indicada pelo contexto; sues símbolos e tipos são explicados por outras passagens, quando não o são no prórpio texto ou no contexto imediato. Fora disso, sua linguagem deve ser entendida literalmente, a não ser que o sentido requeira interpretação figurada.

"A pregação bíblica começa com a exegese do texto, e a exegese segue os princípios gramaticais. Ela procura entender o significado verbal do texto analisando a função e o sentido das palavras empregadas...".

Dividem-se assim os diversos gêneros literários encontrados na Bíblia:

⇒ Narrativo:
⇒ Legislativo
⇒ Sapiencial
⇒ Profético
⇒ Cânticos

Um dos aspectos do lado humano da Bíblia, Deus escolheu fazer quase todo tipo de comunicações disponíveis: Exemplos:

⇒ Genealogias
⇒ Crônicas
⇒ Leis de todo tipo
⇒ Poesia
⇒ Drama
⇒ Parábola
⇒ Etc.

I. Linguagem Literal

A definição para este modo de interpretação é a seguinte: Conforme a letra do texto, sujeito ao rigor das palavras; esta forma de interpretação das escrituras sagradas são mais aceitas no meio cristão, por vários motivos:

⇒ Este sistema de interpretação é a maneira aceita em todas as línguas, povos e nações;
⇒ Esta forma de interpretação respeita as parábolas, sonhos e simbologia;
⇒ No sentido literal de interpretação é possível fazer comparações com outros textos.
⇒ Esta forma de interpretação considera todo o contexto e não só uma parte do texto isolado das demais;

I. Linguagem Figurada

Os propósitos das figuras de linguagem. A figura de linguagem é uma forma de expressão em que as palavras usadas comunicam um sentido não literal. É uma representação legítima que pretende comunicar mais clara e graficamente uma idéia literal.

⇒ Dá vida e cor a uma passagem.
⇒ Chamar a atenção.
⇒ Tornar idéias abstratas mais completas.
⇒ Ajudar a guardar informações.
⇒ Abreviar uma idéia. Jo 1.29
⇒ Encorajar reflexão, ponderação. Sl 52.8

Exporemos em seguida uma série de figuras com seus correspondentes exemplos, que precisam ser estudados detidamente e repetidas vezes.

1. Metáfora

A Bíblia é rica em linguagem metafórica. A metáfora afirma de modo inconfundível que uma coisa é outra totalmente diferente. O termo origina-se de dois vocábulos gregos que significam estender. Um objeto é equiparado a outro. Aqui temos dois exemplos do uso de metáforas:

⇒ Pois o Senhor Deus é sol e escudo. Sl 84.11;

⇒ Ele é o meu refúgio e minha fortaleza. Sl 91.2.

Dessa forma, como pode ser observado, metáfora é um termo conhecido por nós "na área da experiência que faz sentido, e indica que determinado objeto, possuidor de propriedades especiais, transfere-as a outro objeto pertencente a uma área mais elevada, de modo que o anterior nos dá uma idéia mais completa e realista das propriedades que o último deve ter". Nas passagens supracitadas, tudo o que é relacionado ao Sol, ao escudo, ao refúgio e à fortaleza é transferido para o Senhor. O Sol, por exemplo, é fonte de luz, calor e poder. A vida na Terra depende das propriedades do Sol. Portanto, o Senhor como Sol é a fonte de toda a vida. No evangelho de João não existem parábolas propriamente ditas, mas há, entretanto, uma série de metáforas impressionantes como:

⇒ Eu sou o bom pastor. Jo 10.11.
⇒ Eu sou a videira verdadeira. Jo 15.1.
⇒ Eu sou a porta. Jo 10.7.
⇒ Eu sou o pão da vida. Jo 6.35.
⇒ Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Jo 14.6.

2. Sinédoque

Faz-se uso desta figura quando se toma a parte pelo todo ou o todo pela parte, o plural pelo singular, o gênero pela espécie, ou vice-versa. Exemplos: Toma a parte pelo todo: "Minha carne repousará segura", em vez de dizer: meu corpo. Sl 16.9. Toma o todo pela parte: "...beberdes o cálice", em lugar de dizer: do cálice, ou seja, parte do que há no cálice. Portanto, Sinédoque trata mais de idéias e conceitos. Textos: Sl 16.9; At 24.5; Gn 6.12; Rm 1.16.

3. Metonímia

Emprega-se esta figura quando se emprega a causa pelo efeito, ou o sinal ou símbolo pela realidade que indica o símbolo. Exemplos: Jesus emprega a causa pelo efeito: "Eles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos", em lugar de dizer que têm os escritos de Moisés e dos profetas. Lc 16.29. Jesus emprega o símbolo pela realidade que o mesmo indica: "Se eu não te lavar, não tem parte comigo."

Lavar é o símbolo da regeneração. Portanto Metonímia É o emprego de um nome por outro com o qual tem relação. É empregar a causa pelo efeito, ou o sinal ou símbolo pela realidade que indica o símbolo. Textos: Jo 13.8; I Jo 1.7; I Co 10.21; Hb 13.4.

4. Prosopopéia

Esta figura é usada quando se personificam as cousas inanimadas, atribuindo-se-lhes os feitos e ações das pessoas. Exemplos: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" I Co 15.55. Paulo trata a morte como se fosse uma pessoa. "Os montes e os outeiros romperão em cânticos diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas." Is 55.12. "Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram. Da terra brota a verdade, dos céus a justiça baixa o seu olhar." Sl 85.10,11. Leia: Is 55.12.

5. Ironia

Faz-se uso desta figura quando se expressa o contrário do que se quer dizer, porém sempre de tal modo que se faz ressaltar o sentido verdadeiro. Exemplo: "Clamai em altas vozes... e despertará." Elias dá a entender que chamar por Baal é completamente inútil. I Rs 18.27.

6. Hipérbole

É a figura pela qual se representa uma cousa como muito maior ou menor do que em realidade é, para apresentá-la viva à imaginação. É um exagero. Exemplos: "Vimos ali gigantes... e éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos... as cidades são grandes e fortificadas até aos céus.". Nm 13.33. "Nem no mundo inteiro caberiam os livros que seria, escritos". Jo 21.25. "Rios de águas correm dos meus olhos, porque não guardam a tua lei". Sl 119.136. Leia também: Dt 1.28; Mt 5.29,30.

7. Alegoria

Não é fácil distinguir entre parábola e alegoria. Esta última não é uma metáfora ampliada e dela difere por não comportar a transferência de qualidades e de propriedades. Tanto as parábolas como as metáforas abrangem expressões e frases, servindo para desvendar e explicar algumas verdades ocultas que não poderiam ser facil¬mente compreendidas sem essa roupagem.

Num verbete de Fairbairn sobre as "parábolas", em sua renomada Biblical enciclopaedia [Enciclopédia bíblica], ele diz: "A alegoria corresponde rigorosamente ao que se encontra na origem da palavra. E o ensinamento de uma coisa por outra, da segunda pela primeira; deve existir uma semelhança de propriedades, uma seqüência de acontecimentos semelhantes de um lado e de outro; mas a primeira não toma o lugar da segunda; as duas se mantêm inconfundíveis. Considerada dessa forma, a alegoria, em sentido mais amplo, pode ser tida como um gênero, do qual a fábula, a parábola e o que geralmente chamamos alegorias são espécies".

A. alegoria, explica o dr. Graham Scroggie, "... é uma declaração de fatos supostos que aceita interpretação literal, mas ainda assim exige ou admite, com razão, interpretação moral ou figurada". A alegoria difere da parábola por conter aquela menos mistérios e coisas ocultas que esta. A alegoria se interpreta por si só e nela "a pessoa ou objeto, ilus-trado por algum objeto natural, é imediatamente identificado com esse objeto".

Diz o dr. Salmond: "Quando nosso Senhor conta a grande alegoria da vinha, do agricultor e dos ramos, em que ensina aos seus discípulos a verdade sobre o relaciona-mento que ele próprio tinha com Deus, começa dizendo que ele pró¬prio é a videira verdadeira e seu Pai, o agricultor. Jo 15.1.

Desejando uma melhor compre¬ensão das figuras de linguagem mencionadas na Bíblia, recomendamos ao leitor a obra de grande fôlego do dr. E. W. Bullinger sobre o assunto, a qual, sem dúvida, é o melhor estudo já feito sobre o método figurado empregado pela Bíblia. O dr. Bullinger lembra que há grande controvérsia sobre a definição e significado exato de alegoria e declara que, na verdade, os símiles, as metáforas e as alegorias são todos baseados na comparação.

⇒ Símile é a comparação por semelhança.
⇒ Metáfora é a comparação por correspondência.
⇒ Alegoria é a comparação por implicação.

Na primeira, a comparação é afirmada; na segunda, é substituída; na terceira, é subentendida. A alegoria é então diferente da parábola, pois esta é um símile continuado, enquanto aquela representa algo ou dá a entender que alguma coisa é outra.

Há uma alegoria a que Paulo se refere de modo inequívoco: "... Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. Todavia, o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa. O que se entende por alegoria..." (coisas que ensinam ou dizem mais do está escrito — v. Gl 4.22,24).

Bullinger chega a provar que a ale¬goria pode algumas vezes ser fictícia; no entanto, Gaiatas 4 mostra que uma história verdadeira pode ser alegorizada (ou seja, pode mostrar algum ensinamento além daquele que, na verdade, se observa), sem no entanto anular a verdade da história. A alegoria é sempre apresentada no passado e nunca no futuro. Dessa forma, distingue-se da profecia. A alegoria oferece outro ensinamento com base nos acontecimentos do passado, enquanto a profecia trata de acontecimentos futuros e corresponde exatamente ao que se diz.

Hillyer Straton, em seu A guide to the parables of Jesus [Guia das parábolas de Jesus], comenta que "a alegoria é uma descrição codificada. Ela personifica coisas abstratas; não põe uma coisa ao lado da outra, mas faz a substituição de uma pela outra. Cada aspecto da alegoria se torna importante". O dr. Straton, então, acaba por citar a mais famosa alegoria de toda a literatura, O peregrino, em que John Bunyan usou a sua imaginação notavelmente fértil para ressaltar a verdade da peregrinação cristã.

8. Fábula

A fábula é uma narração fictícia que pretende ilustrar um princípio oudência. A fábula, usada poucas vezes nas Escrituras, está a quilômetros de distância da parábola, embora uma possa, em alguns momentos, ser semelhante à outra nos as¬pectos externos. Comparando qualquer das fábulas de Esopo com as parábolas de Jesus, percebe-se que a fábula é um tipo inferior de linguagem figurada e trata de assuntos menos elevados. Está associada à terra e focaliza a vida e os negócios comuns a todos. Tem por função transmitir lições de sabedoria prudente e prática e gravar nas mentes dos ouvintes as virtudes da prudência, da diligência, da paciência e do autocontrole.

Também trata do mal como loucura e não como pecado, além de ridicularizar as falhas e desdenhar os vícios, escarnecendo deles ou os temendo. Essa é a razão por que a fábula faz grande uso da imaginação, dotando plantas e animais de faculdades humanas, fazendo-os raciocinar e falar. A parábola, no entanto, age numa esfera mais sublime e espiritual e nunca se permite a zombaria ou a sátira. Tratando das verdades de Deus, a parábola é naturalmente sublime, com ilustrações que correspondem à realidade—nunca monstruosas ou anti-naturais. Na parábola, nada existe contra a verdade da natureza. Fairbairn diz: "A parábola tem um objetivo mais admirável [...] A parábola poderia tomar o lugar da fábula, mas não o contrário".

9. Enigma

Um tipo de alegoria, porém sua solução é difícil e abstrata. Exemplo: "Do comedor saiu comida e do forte saiu doçura." Jz 14.14

10. Tipo

Designam fatos semelhantes, pessoas ou objetos no porvir. É prefigurativo. Exemplos: A serpente de metal levantada no deserto foi mencionada por Jesus como um tipo para representar sua morte na cruz. Jo 3.14. Jonas no ventre do grande peixe, foi usado como tipo por Jesus para representar a sua morte e ressurreição. Mt 12.40. O primeiro Adão é um tipo para Cristo o último Adão. I Co 15.45. Portanto, todas as figuras de linguagem que a Bíblia emprega são elos de uma corrente unida de forma inseparável; os elos como um todo só podem ser desvinculados em detrimento de alguns. Os muitos tipos da Bíblia constituem um estudo independente e fascinante.

11. Símbolo

Representa alguma cousa ou algum fato por meio de outra cousa ou fato familiar que se considera a propósito para servir de semelhança ou representação. Exemplos: Representa-se: A majestade pelo leão, a força pelo cavalo, a astúcia pela serpente, o corpo de Cristo pelo pão, o sangue de Cristo pelo cálice. É ilustrativo. 2 Rs 13.14-19.

12. Símile

O vocábulo símile signifi¬ca parecença ou semelhança, exemplificado no Salmo dos dois homens: "Será como a árvore plan¬tada junto a ribeiros de águas [...] Os ímpios [...] são como a moinha que o vento espalha" Sl 1.3,4.

O símile difere da metáfora por ser apenas um estado de semelhança, enquanto a metáfora transfere a representação de forma mais vigorosa, como podemos ver nestas duas passagens: "Todos os homens são como a erva, e toda a sua beleza como as flores do campo. Seca-se a erva, e caem as flores..." (Is 40.6,7); "Toda a carne é como a erva, e toda a glória do homem como a flor da erva. Seca-se a erva, e cai a sua flor..." I Pe 1.24.

No símile, a mente apenas repou¬sa nos pontos de concordância e nas experiências que se combinam, sempre alimentadas pela descoberta de semelhanças entre coisas que dife-rem entre si. O dr. A. T Pierson ob¬serva que "a parábola autêntica é, no uso das Escrituras, um símile, geralmente posto em forma de narrativa ou usado em conexão com algum episódio". Portanto, parábolas e símiles se parecem.

13. Interrogação

Somente quando a pergunta encerra uma conclusão evidente é que é uma figura literária. "Interrogação é uma figura pela qual o orador se dirige ao seu interlocutor, ou adversário, ou ao público, em tom de pergunta, sabendo de antemão que ninguém vai responder." Exemplos: "Não fará justiça o Juiz de toda a terra?". Gn 18.25. "Não são todos eles espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação?". Hb 1.14 "Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus?". Rm 8.33 "Com um beijo trais o Filho do homem?". Lc 22.48.

14. Apóstrofe

O vocábulo indica que o orador se volve de seus ouvintes imediatos para dirigir-se a uma pessoa ou cousa ausente ou imaginária. Exemplos: "Ah, Espada do Senhor, até quando deixarás de repousar?". Jr 47.6.

"Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão!". II Sm 18.33. Portanto, apóstrofe é uma figura usada pelo orador, no discurso. Consiste em interrompê-lo subitamente, para dirigir a palavra, ou invocar alguma pessoa ou coisa, presente, ausente, real ou imaginária. Jr 47.6; Sl 114.5-8; Is 14.9-32; Dt 32.1.

15. Antítese

"Inclusão, na mesma frase, de duas palavras, ou dois pensamentos, que fazem contraste um com o outro." Exemplos: "Vê que proponho hoje a vida e o bem, a morte e o mal." Dt 30.15. "Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz a perdição e são muitos os que entram por ela) porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela." Mt 7.13,14; Mt 7.13-14.

16. Provérbio

É um dito comum, popular. Os provérbios do Antigo Testamento estão redigidos em sua maior parte em forma poética, consistentes em dois paralelismos, que geralmente são sinônimos, antitéticos ou sintéticos. É uma parábola condensada, é um dito conciso que comunica uma verdade de uma forma estimulante. Exemplos: "Médico cura-te a ti mesmo". Lc 4.23; "Nenhum profeta é bem recebido em sua própria terra." Mt 6.4; Mt 13.57; Lc 4.23; Mc 6.4; II Pe 2.22.

Portanto, ainda que os princí¬pios da parábola estejam presentes em alguns dos pequenos provérbios, das declarações proféticas enigmá¬ticas e das máximas enigmáticas da Bíblia (I Sm 10.12; Sl 78.2; Pv 1.6; Mt 24.32), no entanto, diferem do provérbio propriamente dito, que é em geral breve, trata de assuntos menos sublimes e não se preocupa em contar histórias.

Os apócrifos reúnem parábolas e provérbios num só grupo: "Os países maravilhar-se-ão diante de seus provérbios e parábolas"; "Ele buscará os segredos das sentenças importantes e estará familiarizado com parábolas enigmáticas". Ec 47.17; 39.3.

Embora parábola e provérbio sejam termos permutáveis no NT, Trench ressalta "que os chamados provérbios do evangelho de João tendem a ter muito mais afinidade com a parábola do que com o provérbio, e são de fato alegorias. Dessa forma, quando Cristo demonstra que o relacionamento dele com o seu povo se assemelha ao pastor com as ovelhas, tal demonstração é denominada provérbio, embora os nossos tradutores, mais fiéis ao sentido que o autor pretendia, a tenham traduzido por parábola. Jo 10.6. Não é difícil explicar essa troca de palavras. Em parte deve-se a um termo que no hebraico significa ao mesmo tempo parábola e provérbio". Pv 1.1 com I Sm 10.12 e Ez 18.2. De modo geral, provérbio é um dito sábio, uma expressão batida, um adágio.

17. Paradoxo

De para (contra) + doxa (opinião). Uma declaração oposta à opinião comum, que parece absurda, porém, quando estudada, torna-se correta e fundamentada. Exemplos: "Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos". Mt 8.22. "Coais o mosquito e engolis o camelo". Mt 23.24. "Porque quando sou fraco, então é que sou forte". II Co 12.10. Leia também: Mt 19.24; Mc 8.35.

18. Personificação

É atribuir características humanas a coisas, idéias ou animais. Gn 4.10; Nm 22.30.

19. Zoomorfismo

É atribuir características animais a homens ou a Deus. Exemplo: Sl 91.4

20. Antropopatismo

É atribuir sentimentos humanos a Deus. Gn 6.6

21. Antropomorfismo

É atribuir características humanas a Deus. Sl 8.3

22. Eufemismo

É suavizar a expressão duma idéia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mas polida. At 7.60; Gn 4.1; I Ts 4.13.

23. Parábola

É uma espécie de alegoria apresentada sob forma de uma narração, relatando fatos naturais ou acontecimentos possíveis, sempre com o objetivo de declarar ou ilustrar uma ou várias verdades importantes. Na parábola, a imagem do mundo visível é emprestada e se faz acompanhar de uma verdade do mundo invisível ou espiritual. As parábolas são os portadores, os canais da doutrina e da verdade espiritual. Cumpre ressaltar que as parábolas não foram feitas para ser interpretadas de uma única forma. Em algumas, há grandes disparidades e aspectos que não podem ser aplicados espiritualmente. Estão sempre ligadas ao domínio do possível e do verdadeiro. Os discursos e as frases, cheios de sabedoria espiritual e de verdade, são chamados parábolas por dois motivos:

a) Por infundir um senso de culpa e a compreensão da autoridade divina;

b) Por ser a pedra de toque da verdade—normas que, portanto, devem ser seguidas.

A parábola já foi definida como "a bela imagem de uma bela mente". A parábola é também a justaposição de duas coisas que divergem na maioria dos seus aspectos, mas concordam em alguns. "Os milagres", diz o dr. A. T. Pierson, "ensinam sobre as forças da criação; as parábolas, sobre as formas da criação. Quando a parábola for profética, estará sempre em roupagem alegórica; quando instrutiva e didática, em roupagem factual e histórica".

"Diferente do símile e da metáfora e considerada uma espécie de alegoria", diz Fairbairn, "pode-se dizer que a parábola é uma narrativa, ora verdadeira, ora com aparência da verdade; exibe na esfera da vida natural um processo correspondente ao que existe no mundo ideal e espiritual". É possível que a Parábola do filho pródigo seja o relato de fatos reais. As parábolas são "pomos de ouro em quadros (molduras) de prata".

O valor da instrução por parábolas: O ensino por parábolas tem mui¬tas utilidades e possui vantagens sem igual. Seu mérito ou valor, como instrumento pedagógico, está no fato de ser um teste de caráter cujo resultado pode ser punição ou bênção. Smith, em seu Biblical dictionary [Dicionário da Bíblia], diz: "Às vezes, a parábola afasta a luz daqueles que amam a escuridão. Protege a verdade contra os escarnecedores. Deixa uma mensagem aos descuidados, que depois pode ser interpretada e compreendida. Releva-se, entretanto, aos que buscam a verdade".

A parábola pode ser ouvida, assim como o seu signi¬ficado pode ser compreendido, ain-da que os ouvintes jamais se preocupem com o seu significado real. Em meio às muitas vantagens, pode-se provar que as parábolas das Escrituras são muito proveitosas, porque a parábola:

1. É atraente e, quando completamente compreendida, é mais fácil de lembrar. É de grande ajuda à memória. Estamos mais inclinados a nos lembrar de uma narração ou ilustração do que de qualquer outra coisa proferida em um sermão. A parábola pode ser relembrada mui¬to depois de já termos esquecido o tema principal do sermão.

2. Presta grande auxílio à mente e à capacidade de raciocinar. Os seus significados devem ser estudados. E como uma mina de ouro, e devemos escavá-la e buscá-la com toda a nos¬sa diligência, para descobrir o verdadeiro veio. O método parabólico nos faz pensar. "O Mestre dos mestres sabia que não poderia ensinar nada aos seus ouvintes, se não os levasse a ensinar a si próprios. Ele deveria alcançar a mente deles e fazê-los trabalhar com a dele. A forma da parábola atraía a todos, mas apenas os pensadores entendiam o seu significado". O significado não podia ser encontrado sem o uso do pensamento. A parábola ao mesmo tempo atraía e peneirava a multidão.

3. Estimula os afetos e desperta as consciências, como quando o inferno, numa parábola, é mostrado como uma fornalha de fogo e a consciência como um verme roedor.

4. Chama e prende a atenção. Atentos às parábolas de Jesus, os ouvintes se mostravam maravilhados e diziam: "Nunca ninguém falou como este homem". Ele precisava fazer o povo ouvi-lo e conseguiu! Era maravilhosa a forma em que usava, pronta e espontaneamente, as sugestões do momento; desse modo chamava e prendia a atenção dos que estivessem à sua volta!

5. Preserva a verdade. Ao escre¬ver acerca desse mérito em particular, Cosmo Lang disse: "Quando as pessoas pensam por si mesmas, nunca esquecem; o exercício da mente produz esse efeito. Além do mais, a linguagem dos símbolos — expressa por aquilo que o olho pode ver e construída na imaginação— é mais poderosa e de efeito mais duradou¬ra do que a linguagem que utiliza somente palavras abstratas.

Ela comunica e traz de volta à mente o significado interior com rapidez e segurança; traz consigo uma mensagem rica em sugestões e associações. As palavras mudam constantemente de significado, ao passo que os símbolos usados para a vida e para a natureza, como os que foram empregados pelo Senhor em suas parábolas, são tão duradouros quanto a própria natureza e a vida. Ao comentar acerca das parábolas de Mateus 13, Finis Dake, em sua Annotated reference Bible [Bíblia de referências anotada], apresenta sete benefícios do uso das parábolas:

1. Revelar a verdade de forma inte¬ressante e despertar maior inte¬resse. Mt 3:10,11,16
2. Tornar conhecidas novas verda¬des a ouvintes interessados. Mt 13:11,12,16,17
3. Tornar conhecidos os mistérios por comparações com coisas já conhecidas. Mt 13.11
4. Ocultar a verdade de ouvintes desinteressados e rebeldes de coração. Mt 13.11-15
5. Acrescentar mais conhecimento da verdade aos que a desejam muito mais. Mt 13.12
6. Afastá-la do alcance dos que a odeiam ou que não a desejam. Mt 13.12
7. Cumprir as profecias. Mt 13.14-17,35.

Regras de interpretação das parábolas:

1ª. Todos os termos devem ser interpretados.
2ª. Devemos procurar o ponto central.
3ª. Deve-se conhecer a interpretação dos símbolos bíblicos.
4ª. Prestar atenção no início e no fechamento.
5ª. Os passos mais obscuros interpretam-se pelos mais claros.
6ª. Em certos casos um termo, pode aplicar-se com variadas modalidades.
7ª. Descubra a natureza e os detalhes exatos de costumes, praticas e elementos que formam a parte material ou natural da parábola.
8ª. Descubra quanto da parábola é interpretada pelo próprio Senhor Jesus
9ª. Descubra se existe alguma pista no contexto a respeito do sentido da parábola
10ª. Não torce o sentido da parábola
11ª. Tenha cuidado com o uso doutrinário da parábola
12ª. Um claro entendimento da época para o qual muitas das parábolas foram enunciadas é necessário para sua total interpretação.

Capitulo V

Os Perigos da Ausência da Hermenêutica

Um homem estava no cartório, aguardando o momento do seu casamento. Minutos antes de assinar os documentos, a polícia chegou e o algemou, levando-o para a cadeia. A noiva desconsolada, ficou sabendo que o seu noivo era um homicida. Alguns anos depois dos seus crimes, ele entregou sua vida para Jesus e passou a estudar a Bíblia. No momento da prisão ele se defendeu citando o seguinte texto bíblico: Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo.

A hermenêutica é a matéria mais importante no currículo do estudante da Bíblia, pois um erro de interpretação pode produzir grandes estragos. Earl Radmacher, um estudioso do assunto disse: "Tendo ensinado e escrito na área de hermenêutica há quase trinta anos, estou convicto do fato de que não há matéria mais importante no currículo do seminário para o treinamento nas Escrituras." O que tem gerado interpretações erradas?

1. Aceitação cega de uma explicação sem investigações.
2. Influência de programas e livros evangélicos.
3. Colocação da experiência acima das Escrituras.
4. Falta de conhecimento do contexto histórico-cultural.
5. Falta de conhecimento da revelação progressiva de Deus
6. Falta de conhecimento e aplicação de regras de interpretação.

Exemplo:

Tudo posso naquele que me Fortalece. Fl 4.13

Será que o Cristão pode fazer de tudo? Será que temos, por meio de Cristo, poder para realizar qualquer feito? O que é que Paulo quis dizer com esta declaração ousada?

O contexto imediato

Esta passagem tem sido entendida por muitos Cristãos como uma afirmação geral de que realmente "tudo" podemos fazer. Como sempre é necessário observar o contexto da passagem. O contexto imediato (Fl 4.10-20) indica que Paulo está tratando de necessidades pessoais. Podemos ver isso quando ele usa frases e termos como "pobreza" (v. 11) "fartura e fome"; "abundância e escassez" (v. 12); "dar e receber" (v. 15) e "necessidades" (vv. 16 e 19). Todas estas palavras e frases tratam de necessidades físicas e imediatas como comida e moradia. Ele pessoalmente passou por necessidades nestas áreas e está mostrando como Cristo lhe deu força para enfrentá-las.

Paulo poderia, de repente, sair deste contexto para formalizar uma afirmação sobre todas as necessidades em geral. Ou, como alguns entendem pela frase isolada, ele poderia dizer que, por meio de Cristo, consegue realizar de tudo. No entanto, para fazer isso, seria esperado que Paulo desse algum sinal de tal mudança. A ausência de uma sinalização não impede de forma categórica esta possibilidade. Mas, sendo que o contexto imediato é satisfatório, e que não há evidência clara dele ter intencionado uma afirmação mais geral, devemos concluir que o ponto dele neste versículo é de que, dentro das necessidades pessoais (embora estas necessidades sejam enormes), com Cristo, ele terá tudo que precisa para lidar com elas.

Como Paulo usava "tudo"

Ajuda-nos a entender que Paulo, como autores e oradores modernos, às vezes usava o adjetivo "tudo" (gr. panta de pas) para se referir à maior parte ou à maioria de uma categoria, sem necessariamente se referir a algo em sua totalidade. Podemos ver este tipo de uso em passagens como I Co 9.22 "...Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns." Paulo não quis dizer que havia se tornado absolutamente tudo para com toda a humanidade. O ponto dele foi de que ele se esforçou, negando seus próprios interesses e tendências, para influenciar todos aqueles com quem ele teve contato e oportunidade.

De forma parecida, em Colossenses 1.28 Paulo afirmou "o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo". Aqui Paulo não quis dizer que ensinava literalmente todos os homens existentes, nem que aquilo que ele ensinava fosse toda a sabedoria existente. O ponto dele, novamente, se restringia àqueles dentro do seu raio de alcance e à sabedoria necessária e suficiente para a plena vida em Cristo.

Da mesma forma, em Filipenses 2.21, ao dizer "pois todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus." Paulo não estava se referindo à totalidade da raça humana, nem a todos da cidade de Roma, onde ele se encontrava. Fl 1.13. Ele estava se referindo a muitos outros que não se preocupavam com seus interesses da forma como Timóteo havia feito. Mas, presumimos que Paulo contaria entre aqueles em quem confiava pessoas como Epafrodito (4.18) e os da casa de César (4.22). Portanto, ele não estava relegando nem a raça como um todo, nem toda a população de Roma ao grupo dos que "buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus." Ele quis dizer que muitos eram assim, porém Timóteo era diferente.

De igual modo, ao dizer em Filipenses 4.13 "Tudo posso naquele que me fortalece", Paulo não quis dizer "tudo" num sentido absoluto. O que ele quis dizer era que, de todas as coisas que havia passado que necessitavam de poder para enfrentar, como pobreza, fome, escassez e necessidades, Cristo supria toda esta força que ele precisava. É neste sentido que Paulo escreveu "Tudo posso naquele que me fortalece". Pelo que já havia passado, Paulo tinha confiança, e quis passar esta mesma confiança aos Cristãos em Filipos, de que Cristo havia de suprir toda a força que eles precisavam, seja qual fosse a situação. É por isso que ele encoraja os Cristãos em Filipos com as palavras "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades." 4.19.

O foco da passagem

Embora muitas traduções modernas como a NVI, ARA e BJ traduzam o verso praticamente igual como "tudo posso naquele que me fortalece", aqui a NTLH traz uma tradução bastante interessante "Com a força que Cristo me dá, posso enfrentar qualquer situação". Esta tradução é salutar, pois coloca a ênfase em Cristo e demonstra que o objetivo não é as conquistas do homem e sim sua capacitação para, com Cristo, enfrentar as situações, tão adversas quanto forem, que a vida traz.

É um eqúivoco pensar que o ponto de Paulo é que, com Cristo, ele pode alcancar grandes realizações ou conquistas. Paulo, embora falando das coisas que fazia por conta própria, já descartou a imporância das grandes realizações pessoais. Em 3.4-8 Paulo relembrou suas grandes conquistas em nome do zelo religioso. Daí, ele mostrou como o simples conhecer e comunhão com Cristo eram muito superior a todas as suas conquistas. 3.8,10. Dificilmente Paulo agora estaria chamando a atenção dos Cristãos em Filipos para a idéia de realizar grandes coisas, mesmo com Cristo. O ponto de Paulo é de assegurar estes irmãos de que, na abundância ou na adversidade, Cristo os faria fortes o suficiente para lidar com qualquer situação, permanecendo fiéis a Ele.

Perigo de interpretação

Existe pelo menos um perigo de uma interpretação demasiadamente genérica deste versículo. Crentes podem ficar frustrados ou duvidando das promessas de Deus se tentarem coisas que consideram dentro da vontade de Deus, mas falharem. "Cristãos frequentemente anunciam, 'Tudo posso naquele que me fortalece', para assegurar a outros (e a eles mesmos) que podem ser bem sucedidos em empreendimentos para os quais eles podem ou não ser qualificados. Fracasso subsequente os deixa transtornados com Deus como se ele tivesse quebrado uma promessa!".

Se "tudo posso naquele que me fortalece" significa que posso realizar qualquer obra ou feito, desde que seja algo que Deus teoricamente ia querer, então haverá muita frustração, pois nem sempre Deus de fato faz tudo que pode. Deus podia ter evitado que Cristo morresse na cruz. Mt 26.53. Certamente Ele não queria que Cristo tivesse que morrer na cruz. Mas, por causa do grande amor dEle por nós (outro aspecto da sua soberana vontade), Ele permitiu. Se nem Deus sempre faz tudo que pode e tudo que quer, podemos concluir que nem tampouco o homem fará, ou que Deus o fará por meio dele.

A Paulo, um homem de fé sincera e poderosa, foi negado algo bom e desejável que pediu ao Senhor – uma cura. Em II Coríntios 12.8-9 vimos que, apesar de toda sua fé e amor ao Senhor, Paulo não recebeu o que queria. Tudo posso naquele que me fortalece? Sim, se for da vontade de Deus. Paulo tinha o dom de curar e curou muitas pessoas, chegando a curar todos numa ilha inteira. At 28.7-9. Mas, houve ocasião em que Paulo não pôde curar um discípulo próximo a ele, Trófimo. II Tm 4.20. Tudo posso naquele que me fortalece? Sim, dentro dos limites que Deus estabelece e permite.

Haverá ocasiões em que vamos querer fazer coisas boas, até coisas para Deus, mas não conseguiremos, porque não era a vontade de Deus naquele momento, ou naquela situação, ou com aquela pessoa.

A respeito desta passagem D.A. Carson alerta: Uma antiga preferência é Filipenses 4.13: "... tudo posso naquele que me fortalece". O "tudo" não pode ser completamente ilimitado (e. g., saltar sobre a lua, resolver "de cabeça" complexas equações matemáticas ou transformar areia em ouro); portanto, a passagem geralmente é exposta como um texto que promete aos crentes a força de Cristo em tudo o que eles têm a fazer ou em tudo o que Deus lhes ordena que façam. Sem dúvida, este é um conceito bíblico; contudo, no que se refere a esse versículo, dá-se pouca atenção ao contexto. O "tudo" aqui consiste em viver alegre em meio a fartura ou fome, em abundância ou escassez. Fp 4.10-12. Seja qual for sua situação, Paulo pode lutar com alegria por meio de Cristo, que o fortalece.

Concluímos que o ponto de Paulo em Filipenses 4.13 quanto àquilo que ele pode fazer se refere à força para enfrentar situações que a vida traz a ele, especificamente no sentido de necessidades pessoais. Mas a ênfase não está nele só, e sim nAquele que lhe dá esta força – Cristo Jesus. O versículo pode ser dividido em duas partes “tudo posso” e “naquele que me fortalece”. O mundo declara com orgulho e confiança “tudo posso” e pronto. O Cristão corrige, com humildade temperada pela fé em Jesus “Sei que enfrentarei muitas dificuldades nesta vida, e que sozinho seria derrubado, mas, ‘Com a força que Cristo me dá, posso enfrentar qualquer situação’.”

Hoje em dia os Cristãos ainda enfrentam as incertezas do desemprego, o medo da violência e da doença. É preciso assegurá-los de que, com Cristo, podemos lidar com qualquer situação, não importa quão adversa for. Podemos confiar em Deus de que Ele nos dará a força que precisamos. Basta caminharmos junto a Jesus.

E o “tudo” que podemos fazer?

Alguns ainda querem saber, "o homem pode fazer tudo o que ele precisa fazer?" Até isso, na verdade, é relativo. O homem às vezes pensa que precisa fazer algo, tenta fazer e se frustra quando não consegue. Ele declara que Deus não existe, ou reclama que Deus não ouviu suas orações. Mas, Deus muitas vezes sabe que há uma grande diferença entre o que o homem pensa que precisa e o que ele realmente precisa. Dentro da vontade soberana (e para nós muitas vezes misteriosa) de Deus, sim, diria que o homem pode fazer o que precisa. Mas, esse fazer nem sempre será o que ele quer. Prova disso é que há muita coisa que, além de poder fazer, devíamos fazer, mas nem sempre fazemos.

Talvez a grande questão não é se Deus me capacita para fazer tudo que preciso. Dentro da soberana vontade dEle, Ele sempre capacita. O problema é que eu nem sempre quero fazer tudo para o qual Ele me capacitou. Talvez para Deus parece que queremos saber se podemos fazer de tudo, quando tão pouco fazemos com o “tudo” que já podemos. Que Deus nos ajude a, como Paulo, nos contentarmos não só com aquilo que Ele nos deu, mas com aquilo que Ele nos capacitou a fazer, e esmeremo-nos ao fazê-lo.

Existem outros agravantes, tais como:

Invenção de Versículos: Muitas pessoas mencionam ditados populares, ou até impopulares, e afirmam se tratar de versículos bíblicos. Por exemplo: “Faça a tua parte que eu te ajudarei”; “Não cai uma folha de uma árvore sem que seja da vontade de Deus”; “Uma alma vale mais que o mundo inteiro”, etc. Algumas frases desse tipo podem até conter uma idéia verdadeira, mas não estão escritas na bíblia.

Distorção de Versículos: Aprendemos muitos versículos por ouvi-los citados por outras pessoas ou através da letra de alguma música. Algumas vezes, os versículos sofrem ligeira alteração para se adequarem à melodia. Com isso, aprendemos um texto que não corresponde ao que a bíblia diz, e isso pode conduzir a entendimentos incorretos. Por exemplo, cita-se com freqüência o seguinte texto como se fosse passagem bíblica:

“Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e todas as outras coisas vos serão acrescentadas”. Porém, o que Jesus disse foi: “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. A troca de “estas” por “todas as outras” muda totalmente o sentido do texto. Muitos estão esperando que Deus lhes dê riqueza material, empresas, casas de luxo, carros importados, etc. Ele pode dar, mas Jesus não prometeu isso. O que ele estava dizendo é que Deus daria a comida, a bebida, e as vestes. “Estas” coisas são aquelas mencionadas nos versículos anteriores a Mateus 6.33.

Isolamento de Versículos: A facilidade de se guardar um pequeno versículo transforma-se em risco na medida em que passamos a “compreendê-lo” fora do seu contexto original. Sabemos muitos versículos sem, contudo, ter idéia a respeito do capítulo ou do livro onde o mesmo se encontra inserido.

Interpretação Livre: O desconhecimento das regras e princípios da hermenêutica faz com que muitos se aventurem de modo perigoso no terreno da interpretação bíblica. Assim, não compreendem de fato as Escrituras, mas inventam um sentido para o texto, de acordo com suas idéias e desejos. A hermenêutica nos permite uma interpretação parametrizada. Os princípios e regras procuram nos impedir de cair no precipício do erro teológico.

A idéia que muitas pessoas têm sobre o conteúdo bíblico e seu significado pode ser ilustrada por um amontoado de letras e números embaralhados, borrados e rabiscados. Os princípios da hermenêutica permitirão um processo de organização desses elementos na medida do possível. Vamos colocar cada coisa em seu lugar: lei, graça, Israel, igreja, passado, presente, futuro, Velho Testamento, Novo Testamento, letra, espírito, etc. É verdade que nosso entendimento não ficará 100% claro e organizado. Isto se deve às limitações humanas, incluindo limitações da hermenêutica, diante das grandezas espirituais, mas vamos obter um nível de organização bastante razoável, o que nos permitirá uma boa qualidade de interpretação bíblica e a possibilidade de evitarmos muitos erros absurdos.

Portanto a falsa compreensão das Escrituras pode parecer algo inofensivo, mas sua grande ameaça é a produção de heresias, que são falsas doutrinas baseadas no erro de interpretação. Assim, muitos líderes exigem coisas absurdas e proíbem o que seria direito legítimo dos fiéis. Fazendo isso em nome de Deus, prejudicam gravemente aqueles que deveriam estar sendo conduzidos de modo sensato.

Quantos líderes estão levando as pessoas a ofertarem tudo no altar, sob o argumento de que elas serão abençoadas com riqueza material? Quantos são proibidos de usarem roupas de determinada cor, proibidos de se casarem, proibidos de comerem este ou aquele alimento. I Tm 4.1-3. É verdade que as heresias não se limitam aos erros de interpretação bíblica, mas têm neles sua base principal.

Tais equívocos de compreensão bíblica produzem idéias erradas sobre Deus e expectativas infundadas em relação ao cristianismo, que vão gerar frustração, revolta e apostasia. O pior efeito possível desse processo é a perdição eterna. As heresias são comparáveis a um alicerce de areia. Jesus disse que algumas pessoas haveriam de ouvir a sua palavra, mas, por não obedecerem, seriam comparáveis ao homem que edificou sua casa sobre a areia. Mt 7.26. Depois, por causa do vento, da chuva e dos rios, aquela casa caiu. Por quê essas pessoas não obedeceram a palavra? Podemos mencionar diversos motivos, mas, certamente, um deles é a falta de entendimento do verdadeiro sentido das palavras do Senhor. É o caso daquela semente que caiu à beira do caminho e foi levada pelas aves. Mt 13.19.

Muitas das religiões e denominações hoje existentes surgiram do falso entendimento das Escrituras, embora outras tenham surgido do esforço de se corrigirem erros do passado. As heresias têm duas fontes possíveis: o homem (Gálatas 5.19-20) e o Diabo (Gn 3.1; Mt 4.6). Precisamos compreender bem a bíblia porque, de outro modo, correremos o risco de cair no engano de Satanás ou ele simplesmente procurará se aproveitar do nosso próprio engano.

A Hermenêutica de Satanás

X

Hermenêutica de Cristo

Que a Bíblia é a palavra de Deus, isso eu não discuto, mas que a interpretação (hermenêutica) que nós fazemos e a mensagem que nós pregamos a partir dela é mensagem de Deus, aí já não coloco a mão no fogo. Pois mesmo a Bíblia sendo palavra de Deus, os princípios de interpretação que você tiver vão definir se o que você fala vem da parte de Deus ou de outras partes.

Citar a bíblia para afirmar uma verdade sua não quer dizer nada demais. Gostaria de tirar como base alguns princípios que encontrei na hermenêutica usada por Satanás e por Jesus Cristo no episódio da tentação no deserto. Mt 4.1-11.

Quando Satanás tenta Jesus no alto do templo, falando para Ele provar que é filho de Deus pulando lá de cima, Satanás cita Salmo 91:1 e 2, rogando as promessas do cuidado de Deus para os Seus filhos.

Se até Satanás pode citar e interpretar a bíblia, a grande questão é: quais são os princípios que vamos usar na nossa interpretação para não ser os mesmos princípios de Satanás e sim de Jesus?

Quando o querer do interprete é maior que a bíblia, ele usa as bênçãos para si e as recomendações para os outros. Foi assim que satanás usa a bíblia com Jesus. Como é interessante ver que as três vezes que Jesus cita a bíblia para responder Satanás, Ele interpreta para Ele mesmo e não para atacar satanás. Ele afirma que não só de pão ele vive, mesmo estando 40 dias sem comer. Não tentarás o senhor teu Deus, mesmo sabendo que Deus responderia os desejos do seu coração, e que ele deveria adorar somente a Deus. Todas as citações foram de encontro com Ele mesmo e não diretamente a Satanás.

Pensando bem nos dias de hoje e neste texto, o que estava por trás dos desafios que satanás colocou a Jesus? Fico pensando que Jesus poderia transformar não só a pedra em pão como o próprio diabo em pão. Não pularia do templo e pediria para os anjos pegarem, ria da cara de Satanás e sairia voando. E na hora de que Satanás pedisse para ele se prostrar, com um dedo ele apontaria para Satanás e o fazia beijar seu pé naquela mesma hora. Esta é a reação de um Jesus todo poderoso! Não é?

Mas se ele reagisse dessa forma, ele teria caído nas três tentações de Satanás: prazer, poder e fama. Teria interpretado os princípios do Reino com os princípios da hermenêutica de Satanás. Mas Jesus, ao vencer as tentações, mostra que seu reino não teria os princípios deste mundo, e sim, princípios de renuncia, serviço e humildade.

Esta é a grande diferença entre a hermenêutica de satanás e a hermenêutica de Jesus, uma parte da prerrogativa do que dá prazer, poder e fama e a outra, da prerrogativa do amor: renúncia, serviço e humildade. Que Deus nos ajude a viver os princípios da hermenêutica de Cristo.

Até satanás cita a Bíblia quando lhe convém.

Capitulo VI

Os Pressupostos na Interpretação Bíblica

Quando vamos ao encontro das Sagradas Escrituras, levamos conosco uma série de pressupostos, ou seja, suposições prévias, preconceitos, expectativas e desejos. Já vamos "preparados" para encontrar algo que nem sempre está lá ou, se está, não se encontra em toda a parte nem na medida que gostaríamos.

Os pressupostos podem ser bons ou maus, importantes ou perigosos. Depende de quais são eles e de como conduzem nossa compreensão e aplicação das Escrituras. Exemplificando de modo prático: o policial que vai ao encontro do suspeito pressupõe que o mesmo se encontra armado. Tal pressuposto pode salvar a vida do policial, mas pode também levar à morte do suspeito. Depois do desfecho da situação, se constatará se o indivíduo possuía ou não uma arma. Será tarde demais para corrigir um erro cometido por causa de um pressuposto equivocado.

Os pressupostos são muito variados. Por exemplo, se uma turma de amigos vai viajar, a expectativa de cada um pode ser bastante diferente dos demais, dependendo dos desejos e interesses particulares. Quem supervaloriza um tema, em detrimento de outros, tende a ver aquilo por toda parte. Por exemplo, algumas pessoas têm preferência e grande interesse pela escatologia. Terão, possivelmente, a tendência de fazer uma "leitura escatológica" de uma grande porção das Escrituras ou até da sua totalidade. Isto pode produzir erros quando a idéia escatológica não existe, de fato, em determinado texto. Quem tem preferência pelas questões relacionadas à cura poderá se sentir propenso a relacionar tudo com esse assunto. Outros temas que formam pressupostos atualmente são: prosperidade, batalha espiritual, demônios, bênção e maldição, dízimos e ofertas, boas obras, etc.

Um exemplo digno de nota é o caso do escritor que afirmou que Jó perdeu tudo porque não era dizimista. Sua preferência pelo tema produziu uma conclusão infundada. O mesmo autor afirma que o dono dos porcos que foram destruídos pelos demônios sofreu aquele prejuízo por não ser dizimista. Há também quem use o versículo de I Coríntios 9.7, "Deus ama quem dá com alegria", para se referir aos dízimos. Outro versículo usado com esse propósito é Lucas 6.38. Contudo, ambos os versos não se referem aos dízimos, mas à ajuda ao próximo. Podemos extrair princípios que se aplicam a várias situações, mas não podemos afirmar que o escritor bíblico estivesse se referindo ao assunto que gostaríamos.

A linha denominacional do leitor determina muitos dos seus pressupostos. Assim, o pentecostal pode ter a tendência de ver tudo sob o prisma do poder, dos dons e do Espírito Santo. O "tradicional" deixará de ver muitos desses aspectos. As ênfases denominacionais podem criar uma espécie de "filtro" ou "lente" que poderá nos ajudar em determinadas passagens bíblicas e provocar interpretações erradas em outras. No sentido mais pejorativo, os pressupostos podem ser comparados a "trilhos", "fôrmas" e "viseiras".

O que fazer? Precisamos identificar nossos pressupostos, preconceitos, expectativas, e julgar tudo isso sob a luz dos princípios hermenêuticos que, por sua natureza didática e impessoal, podem nos conduzir a uma leitura bíblica mais consistente e fiel ao conteúdo textual.

A religião do leitor ou sua linha teológica também produzirão muitos pressupostos. Nós, cristãos, fazemos uma leitura cristã do Velho Testamento, embora Jesus não seja ali mencionado literalmente. Evidentemente, temos razões suficientes no Novo Testamento para fazermos tal leitura do Velho. Os judeus, em geral, por não aceitarem o Novo Testamento, também não admitem uma leitura cristã do Antigo.

Outro exemplo é o caso dos teólogos da libertação. Julgando que a salvação seja um processo de libertação social e econômica, esses estudiosos lêem a bíblia com uma visão diferente daqueles que entendem a salvação como um livramento, sobretudo espiritual e eterno.

Católicos, espíritas e protestantes fazem leituras bíblicas diferentes. A idéia que temos sobre Deus também interfere nessa leitura. Nossa cosmovisão, teologia, soteriologia, etc, acabam formando um arcabouço teórico no qual procuramos encaixar o que lemos na bíblia. Já nos aproximamos das Escrituras com muitos preconceitos formados, quando deveríamos tomá-la "desarmados".

Por exemplo, o texto de João 3.3, sobre o novo nascimento, é entendido pelos espíritas como uma referência à reencarnação. Parece que Nicodemos também teve um entendimento semelhante, mas foi imediatamente corrigido por Jesus, que lhe mostrou tratar-se de um nascimento espiritual.

Alguém disse o seguinte: "O sapo acha que o mundo é um brejo". Por outro lado, "quem sempre viveu na terra seca pode duvidar que exista o mar". Nossas experiências e preferências podem criar muitos condicionamentos que levamos para a leitura bíblica. Precisamos abrir nossa mente, com cuidado. Precisamos admitir que existem na bíblia outros assuntos além daqueles que preferimos. Precisamos deixar que os autores bíblicos falem, ao invés de colocarmos em suas palavras o significado que gostaríamos de encontrar nelas.

Não quero dizer com isso que todos os pressupostos estejam errados. Existem conceitos corretos e necessários que nos auxiliam na compreensão da Bíblia. Questões como inerrância, inspiração, literalidade, veracidade e historicidade das Escrituras, existência de Deus, divindade de Cristo, trindade, igreja, compreensão dos conceitos de lei e graça e suas relações, tudo isso, quando compreendido corretamente, será determinante para a interpretação bíblica. O fato de termos ou não algum tipo de compromisso com Deus também influenciará nosso entendimento da Bíblia. Podemos vê-la como uma carta de Deus para nós, ou como um documento estranho que fala sobre as relações de povos antigos com um Deus que não conhecemos.

Capitulo VII

Limites da Hermenêutica

Evitando os extremos supracitados, precisamos conciliar possibilidade e limites. O alpinista, diante de uma montanha, não deve desistir nem ir além do que sua capacidade e seus instrumentos permitem. A hermenêutica nos oferece um conjunto de princípios e regras para a interpretação bíblica. Porém, precisamos estar conscientes de que o texto bíblico está envolvido não apenas por questões técnicas, mas, sobretudo, por questões espirituais que não podem ser decifradas por regras humanas. A realidade bíblica e espiritual está dividida em três partes: O que sabemos o que podemos saber e o que não podemos saber.

⇒ O que Sabemos (as coisas reveladas que já conhecemos. Dt 29.29a)

⇒ O que podemos Saber (as coisas reveladas que podemos conhecer. Dt 29.29a)

⇒ O que não podemos Saber (as coisas ocultas que são mistérios de Deus. Dt 29.29b)

- ⇒ Não nos orgulhemos de tão pequeno conhecimento (o que sabemos).
- ⇒ Devemos buscar o conhecimento que está disponível (o que podemos saber).
- ⇒ Sejamos humildes para reconhecer nossa limitação (o que não podemos saber).

Portanto, ainda que tenhamos acesso ao conhecimento progressivo, precisamos estar conscientes de que Deus não permitirá que saibamos tudo. Nunca seremos oniscientes. A bíblia menciona alguns mistérios. Podemos citar: o mistério da iniqüidade (II Ts 2.7), o mistério da fé (I Tm 3.9), o mistério da piedade (I Tm 3.16), o mistério de Cristo. Cl 4.3.

Alguns mistérios de Deus ficam ocultos por um tempo determinado. Na época certa, Deus os revela para as pessoas a quem ele quer. Daniel, um dos homens mais sábios do Velho Testamento, não compreendeu algumas de suas visões. Pediu ao Senhor a revelação, mas Deus não lhe concedeu. “Tu, porém, Daniel, cerra as palavras e sela o livro até o fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará... Eu, pois, ouvi, mas não entendi; por isso perguntei: Senhor meu, qual será o fim destas coisas? Ele respondeu: Vai-te, Daniel, porque estas palavras estão cerradas e seladas até o tempo do fim. Muitos se purificarão, e se embranquecerão, e serão acrisolados; mas os ímpios procederão impiamente; e nenhum deles entenderá; mas os sábios entenderão.” Dn 12.4,8-10.

O mistério de Cristo esteve oculto durante todo o período do Velho Testamento, mas foi revelado no Novo Testamento. Ef 3.4; Cl 1.26-27. Outros mistérios, como aqueles que dizem respeito aos últimos dias, estão selados até que chegue a hora determinada pelo Pai. O livro de Apocalipse fala sobre a abertura dos selos. Isto representa o desvendamento de vários mistérios.

O que quero demonstrar é que a hermenêutica tem seus limites, mas isto serve apenas para nos alertar e não para nos desestimular em relação ao estudo. Precisamos apenas estar conscientes de que nem tudo pode ser desvendado pela hermenêutica. Por exemplo, a "trindade" é um mistério indecifrável para nós. Por mais que criemos figuras e exemplos, não temos como explicar o fato de Deus ser um só e ao mesmo tempo ser três pessoas.

A bíblia apresenta vários níveis de complexidade. Para o ímpio, por exemplo, ela pode parecer um livro sem sentido. "Os ímpios procederão impiamente; e nenhum deles entenderá; mas os sábios entenderão." Dn 12.10. "Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, é naqueles que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus." II Co 4.3-4. "Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado." Mt 13.11.

Quando nos convertemos, a bíblia passa a fazer sentido. Porém, algumas porções das Escrituras dependem do conhecimento de outras, como um quebra-cabeças com múltiplas interdependências. Na medida em que vamos lendo e estudando, nossa compreensão vai crescendo. Entretanto, algumas passagens bíblicas vão depender da revelação divina ou do seu efetivo cumprimento para serem compreendidas. Vemos isso em relação ao Velho Testamento em suas passagens referentes ao Messias. Muito do que foi escrito não foi compreendido enquanto o Messias não veio. A revelação divina sobre as Escrituras é dada à igreja. Não se trata de uma experiência pessoal isolada ou exclusiva.

Os grandes doutores da lei em Israel, com todo o seu conhecimento técnico, achavam que o Messias estabeleceria um reino terreno em oposição a Roma e outros inimigos humanos. Neste sentido, precisamos ter uma vida de comunhão com Deus para que o nosso conhecimento técnico não nos afaste dos propósitos do Senhor. Lembremo-nos de Nicodemos. Jesus jogou por terra toda a sabedoria daquele homem ao falar do novo nascimento. "Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode ser isto? Respondeu-lhe Jesus: Tu és mestre em Israel, e não entendes estas coisas?" Jo 3.9-10.

A condição espiritual do leitor ou do estudante interfere na interpretação bíblica. Caso contrário, o ímpio poderia estudar hermenêutica e interpretar corretamente a bíblia. A parábola do semeador nos mostra que alguns ouvem a palavra, mas não entendem. Outros entendem, mas não obedecem. Mt 13.10-19; II Pe 3.15-16; II Co 4.3-4.

"Falou Jesus, dizendo: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos". Mt 11.25. A compreensão de algumas verdades espirituais dependerá de revelação. Mt 16.16-17. Porém, precisamos ter bastante cuidado nessa questão, pois muitos dizem que receberam revelação do Senhor. Toda revelação deverá estar coerente com o ensino geral das Escrituras e, mesmo não sendo produzida a priori pela Hermenêutica, deverá estar coerente com os princípios de interpretação bíblica.

Por exemplo, em Atos 2, quando Pedro citou os escritos de Davi e os relacionou à ressurreição de Cristo, ele interpretou de forma inédita aquela passagem bíblica do Velho Testamento. Os judeus nem esperavam que o Messias morresse, quanto menos que viesse a ressuscitar. O apóstolo compreendeu aquela Escritura por uma revelação do Espírito Santo. Ele não poderia depender da hermenêutica, embora também não estivesse contra ela.

A revelação progressiva: Tudo o que hoje conhecemos a respeito de Deus foi mistério um dia. Nada havia que o homem pudesse fazer para conhecer o Senhor e as realidades espirituais. Portanto, Deus tomou a iniciativa de se fazer conhecer. Na medida em que a bíblia foi sendo escrita, a revelação estava sendo dada aos homens. Contudo, algumas porções das Escrituras continuavam sendo mistérios, embora registrados por escrito.

No decorrer da história, Deus foi desvendando tais segredos, na medida em que isso se fazia oportuno e necessário. Por exemplo, Cristo estava oculto como um mistério nas páginas do Velho Testamento. No período da Nova Aliança, esse mistério foi revelado à igreja. Ef 3.1-10; II Co 3.14-18. Rm 16.25-26. Daí em diante, se alguém ainda não compreendeu a obra do Senhor Jesus, é porque não se converteu ou tem sido negligente em relação às Escrituras. II Co 4.3-4.

Algumas pessoas se gabam de terem recebido uma "revelação" sobre determinada passagem bíblica. Entretanto, tudo o que Deus quis revelar sobre a bíblia até agora, ele o fez à igreja como um todo. No momento em que indivíduo se converte, ele passa a ter acesso a toda essa revelação. Antes disso, a bíblia lhe parecia loucura. O que lhe resta a partir de então é a dedicação para alcançar a compreensão de tudo o que Deus já revelou. Dn 9.2.

A revelação não estará acontecendo naquele momento, pois Deus já desvendou aquele mistério há muito tempo atrás. A revelação das Escrituras não é objeto de domínio particular. Revelar significa "retirar o véu". Quando Deus libera o conhecimento de determinado mistério, ele está removendo o que poderíamos chamar de "véu universal" que cobria aquela verdade espiritual. Por quê então todos não passam a compreender imediatamente aquilo que Deus revelou?

Existem os "véus individuais", conforme Paulo escreveu aos Coríntios a respeito dos judeus. II Co 3.14-16. Deus já tinha removido o véu que ocultava a mensagem cristã presente no Velho Testamento. Contudo, os judeus ainda não haviam compreendido a revelação porque cada um tinha sobre si o véu da incredulidade. Quando alguém se converte, esse "véu particular" é removido, restando-lhe, então, dedicar-se à leitura e ao estudo para compreender tudo o que Deus colocou à sua disposição em termos de conhecimento espiritual.

A hermenêutica é ineficaz na investigação dos mistérios divinos, mas nos auxilia na compreensão daquilo que o Senhor já revelou.

Capitulo VIII

Significado, Cumprimento, Obediência e Aplicação de Princípios

Um texto bíblico terá um significado, às vezes dois ou mais. As profecias poderão ter mais de um cumprimento. As promessas, da mesma forma. Além disso, podemos extrair princípios espirituais, lições, dos textos bíblicos que poderão ser aplicados em inúmeras situações.

Tomemos, por exemplo, a bênção de Jacó sobre seus filhos. A primeira preocupação do leitor é saber o significado do texto. As figuras ali utilizadas, poderão ser melhor compreendidas se estudarmos no próprio livro de Gênesis a história dos filhos de Jacó. O verso 5 diz: "Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência". Para saber o significado desse texto, é preciso ler o capítulo 34, onde está o relato da chacina realizada pelos dois irmãos. Em seguida, em Gn.49, consta uma maldição contra eles e sua descendência.

Portanto, aquela profecia se cumpriria na história das tribos de Simeão e Levi. Resolvidas as questões de significado e cumprimento, podemos pensar nos princípios que podemos extrair do texto. Aprendemos sobre o risco da união para a prática do pecado, sobre a colheita daquilo que plantamos, sobre o poder que os pais têm para abençoar ou amaldiçoar seus filhos, etc. Os princípios são conceitos ou "leis" espirituais que podem ser aplicados em qualquer tempo e lugar, apesar das mudanças culturais.

Em outro ponto do capítulo 49, Jacó disse: "Judá, a ti te louvarão teus irmãos; a tua mão será sobre o pescoço de teus inimigos: diante de ti se prostrarão os filhos de teu pai. Judá é um leãozinho. Subiste da presa, meu filho. Ele se encurva e se deita como um leão, e como uma leoa; quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de autoridade dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence; e a ele obedecerão os povos. Atando ele o seu jumentinho à vide, e o filho da sua jumenta à videira seleta, lava as suas roupas em vinho e a sua vestidura em sangue de uvas. Os olhos serão escurecidos pelo vinho, e os dentes brancos de leite".

Esses versículos têm duplo sentido e muitos cumprimentos. Em primeiro lugar, o texto se refere a Judá, filho de Jacó. Em segundo lugar, o texto se aplica à tribo de Judá e seus descendentes, prevendo o estabelecimento da monarquia em Israel e a ocupação do trono pelos descendentes de Judá. Em último lugar, essa passagem é uma profecia sobre Jesus, relacionando-se até ao fato de sua entrada em Jerusalém, montado em um jumento, sua morte e o seu reino. Essa profecia mencionou fatos que influenciariam toda a história futura até o Apocalipse, onde novamente o "Leão da Tribo de Judá" é mencionado. Outro exemplo: as palavras de Deus para Abraão, em Gênesis 12, cumpriram-se na vida daquele patriarca e também na vida de Isaque, Jacó, e continuam se cumprindo até hoje no povo de Israel, alcançando também a igreja por meio de Jesus Cristo. Promessas de bênção ou maldição podem ter inúmeros cumprimentos. Funcionam como um "dispositivo automático" que é ativado sempre que determinadas condições se satisfazem.

Aplicação – objetivo final da interpretação

Mesmo que um texto não tenha vários sentidos, ele pode ser aplicado de várias formas, desde que não venha a induzir ao erro ou a um sentido contraditório ou a um ensinamento anti-bíblico. Aplicação é a utilização do texto na nossa realidade. Portanto, tomando o texto sobre Simeão e Levi, podemos relacioná-lo a diversas situações da nossa vida, sem com isso alterar o significado do texto. Extrairemos dali os princípios espirituais que o texto contém e os aplicaremos à nossa realidade. Outro exemplo: Podemos ler sobre o fato de Pedro ter negado Jesus três vezes. Daí extraímos vários princípios:

1. O risco que todos corremos de cair em pecado, por mais fortes que possamos ser.
2. A necessidade do compromisso com Jesus e fidelidade em qualquer situação.
3. As dificuldades para que se mantenha um testemunho íntegro.
4. Jesus nos conhece profundamente e até nossos futuros erros.
5. A humildade necessária para reconhecer o erro e voltar ao caminho certo.
6. Jesus nos ama a ponto de nos perdoar por tê-lo negado.
7. Mesmo alguém que negou o Senhor pode ser restaurado e poderosamente usado por Deus.

Os princípios nos mostram padrões da ação humana, divina ou até mesmo demoníaca. Os homens de hoje têm a mesma natureza que Pedro ou outro personagem bíblico. Depois de entender a história de Pedro, podemos fazer analogias, comparações com situações atuais em que alguém possa ser tentado a negar a Cristo. Assim, estaremos aplicando os princípios, as lições do texto, à nossa realidade.

Objetividade e Subjetividade da Interpretação

A interpretação bíblica que tem sido praticada no decorrer dos séculos pode ser dividida em dois tipos ou aspectos (embora possamos classificá-la de várias outras maneiras). Refiro-me à objetividade e subjetividade da interpretação. Aquilo que é objetivo está ligado ao objeto em estudo (a bíblia). O que é subjetivo está mais ligado ao sujeito, ao intérprete. Precisamos compreender essa distinção para podermos julgar nossas próprias interpretações, estando aptos a perceber o caráter firme ou volátil de nossas afirmações a respeito das Escrituras.

Por exemplo, um estudo objetivo de Gênesis 22 seria a identificação dos personagens (Abraão e Isaque), do local (monte Moriá), o conhecimento do episódio que envolve o pedido de Deus para que o patriarca sacrificasse seu filho, e a intervenção divina para impedir a consumação daquele ato. Daí extraímos lições objetivas a respeito da fé e da obediência de Abraão, da humildade e obediência de Isaque e do caráter provedor de Deus. Estes são elementos presentes no texto. Uma análise subjetiva seria vermos em Abraão a figura de Deus Pai, em Isaque um tipo de Cristo e naquela cena sacrificial um protótipo da crucificação. Isto é subjetivo porque não se trata de afirmação bíblica, mas apenas uma alegorização por parte do intérprete. Tal entendimento pode estar correto, mas não pode ser comprovado como algo que pudesse estar presente na intenção do autor bíblico.

Não podemos apresentar tal alegoria como sendo o significado do texto, mas podemos utilizá-la deixando claro para os nossos ouvintes que se trata de uma analogia, uma comparação, entre duas realidades bíblicas distintas e independentes.

Objetividade X Subjetividade

Exemplo objetivo: Compreensão do Salmo 22 comprovada por Mateus 27.46

Exemplo subjetivo: Afirmar que Cristo e a igreja estão retratados em Cantares. Pode estar certo, mas não pode ser comprovado.

Outro exemplo: a compreensão literal das palavras do Apocalipse é algo bastante objetivo, pois toma por base o contexto da época e o sentido léxico-gramatical das palavras. Por outro lado, querer ligar certa passagem daquele livro a um episódio histórico, identificando-o como cumprimento da profecia, já é algo subjetivo. Vemos, portanto, que é uma atitude passível de erro. Contudo, podem ocorrer também acertos nesse tipo de identificação. O estudante sério da Bíblia deve estar ciente disso. Poderá até se aventurar na subjetividade, mas tomará o cuidado próprio de quem anda em um campo minado.

Um estudo objetivo das sete cartas do Apocalipse envolveria informações sobre as cidades e as situações ali mencionadas. Seria, porém, subjetivo dizer que cada carta se refere a um período da história da igreja desde Atos até o fim dos tempos. Isto não pode ser comprovado. Mais subjetiva ainda é a afirmação do pregador ao dizer que a "Jezabel" mencionada em Apocalipse 2 seja um demônio. Além de improvável, tal afirmação nos parece absurda. Existem, portanto, graus de objetividade e subjetividade que se encontram em determinado ponto e se distanciam em outros.

Ao interpretarmos determinada passagem bíblica, precisamos verificar se estamos caminhando na direção objetiva ou subjetiva. A hermenêutica trabalha com o lado objetivo da interpretação. De fato, muitos eruditos da área não admitem sequer a validade de se examinar alguma interpretação subjetiva. Nós admitimos tal possibilidade, desde que amparada na objetividade. Existem interpretações que, embora sejam subjetivas, são plausíveis e se baseiam no ensino geral das Escrituras. Existem outras que não possuem qualquer fundamento, sendo até mesmo absurdas.

A hermenêutica se restringe às questões objetivas, pois, enquanto ciência, precisa de provas e busca conclusões seguras. O lado subjetivo não é regido por regras e, portanto, não pode ser objeto da hermenêutica propriamente dita. Sendo assim, não podemos ficar presos à objetividade nem abandoná-la. Ficando presos, entenderemos apenas a letra e não a essência bíblica. Teríamos, por exemplo, dificuldade para ver Cristo no Velho Testamento, a não ser nas passagens citadas pelo Novo. Por outro lado, se abandonarmos a objetividade, poderemos inventar heresias. Para os contemporâneos de Jesus e dos autores do Novo Testamento, a interpretação ou uso que eles fizeram do Velho pareceria algo totalmente subjetivo. No entanto, estavam corretos, como é óbvio concluir. Por exemplo: João 3.14; Mt 12.40; II Co 9.9-10. Os "pais da igreja" fizeram uma leitura cristã subjetiva do Velho Testamento, afirmando que somente assim ele poderia ser considerado um documento útil aos cristãos.

A interpretação subjetiva pode parecer um universo livre a ser percorrido de acordo com a idéia de cada um. Porém, não é assim. Nossas interpretações, por mais subjetivas que sejam, precisam estar coerentes com o ensino geral da bíblia. Se não houver essa base, além de subjetivo, nosso ensinamento será falso.

Avaliação

1. Como podemos conhecer os vários métodos de interpretação bíblica que se sucederam?

_____
_____
_____

2. Como você define a Hermenêutica Moderna?

_____
_____
_____

3. Porque John interpretou as palavras de Mary de forma totalmente equivocada?

_____
_____
_____

4. Na sua avaliação qual o maior dificuldade para fazer uma boa exegese de certos textos bíblicos?

_____
_____
_____

5. Qual a melhor maneira de conhecer a linguagem bíblica?

_____
_____
_____

6. Quais os principais perigos da ausência da hermenêutica?

_____
_____
_____

7. Os pressupostos podem ser bons ou maus, importantes ou perigosos? Por quê?

_____
_____
_____

8. Quais os limites da hermenêutica?

_____
_____
_____

9. A hermenêutica trabalha com o lado objetivo ou subjetivo da interpretação?

_____
_____
_____

Bibliografia

zuck, roy b., a interpretação bíblica – ed.vida nova.
stein, robert h., guia básico para a interpretação da bíblia – ed.cpad
pierson, a.t., chaves para o estudo da palavra – ed.tesouro aberto.
stuart, douglas, fee, gordon d., entendes o que lês? – ed.vida nova.
carson, donald a., os perigos da interpretação bíblica – ed.vida nova.
arthur, kay, como estudar sua bíblia pelo método indutivo – ed.vida.
virkler, henry a., hermenêutica avançada – ed.vida
bíblia de referência thompson - tradução de joão f.de almeida - versão contemporânea - ed. vida
bíblia apologética - tradução de joão ferreira de almeida – icp editora.
ferreira, aurélio b. de holanda, novo dicionário aurélio da língua portuguesa – ed.nova fronteira.
prof. anísio renato de andrade
dennis downing
bullinger, e. w. (1898). figures of speech used in the bible (page 615). london; new york: eyre & spottiswoode; e. & j. klein, w. w., blomberg, c., hubbard, r. l., & ecklebarger, k. a. (1993). introduction to biblical interpretation (page 481). dallas, tex.: word pub.
carson, d.a. "os perigos da interpretação bíblica" (antiga "exegese e suas falácias"), são paulo: edições vida nova, 1992, numa seção intitulada "inferências injustificadas" (pg 108-9)
will durant, the story of civilization (simon and schuster, 1950), vol. iii, 657.
peter brown, augustine of hippo (university of california press, 1967), 213.
edwin p. booth, martin luther: the great reformer (harbour publishing, inc., urichsville, ohio).
marcos botelho
Bíblia Apologética

ANOTAÇÕES

Homilética

A Ciência da Pregação

HOMILÉTICA

A Ciência da Pregação



ITIbrasil

www.itibrasil.com

Índice

Capitulo I: A Contemporaneidade na Pregação Apostólica **(**Página 179**)**
Capitulo II: A Contemporaneidade na Pregação Pós-Apostólica **(**Página 182**)**
Capitulo III: A Contemporaneidade na Pregação dos Reformadores **(**Página 185**)**
Capitulo IV: A Contemporaneidade na Pregação XIX e XX **(**Página 187**)**
Capitulo V: A Pós-modernidade, Um Desafio à Pregação do Evangelho (Página 189**)**
Capitulo VI: Sermões que não Edificam **(**Página 195**)**

1. O Sermão Sedativo
2. O Sermão Insípido
3. O Sermão Óbvio
4. O Sermão Indiscreto
5. O Sermão Reportagem

Capitulo VII: Estrutura Básica do Sermão **(**Página 197**)**

1. Texto bíblico
2. Titulo
3. Introdução
4. Corpo
5. Conclusão
6. Apelo

Capitulo VIII: Tipos de Sermões **(**Página 201**)**

1. Sermão Textual
2. Sermão Temático
3. Sermão Expositivo

Capitulo IX: O Valor das Ilustrações **(**Página 206**)**
Capitulo X: O Preparo Espiritual do Pregador **(**Página 209**)**
Capitulo XI: O Preparo Intelectual do Pregador **(**Página 211**)**
Capitulo XII: Cuidados Físicos do Pregador **(**Página 212**)**
Capitulo XIII: As Dificuldades na Vida do Pregador **(**Página 215**)**
Capitulo XIV: O Pregador e o Púlpito **(**Página 216**)**

1. O Pregador e sua Postura
2. Caminhando para o Púlpito
3. Sentando-se no Púlpito
4. Assumindo o Altar para Pregar
5. Durante a Pregação
6. Erros na Postura
7. A Comunicação através do Corpo
8. Expressão Facial
9. Contato com os Olhos
10. Maus Hábitos
11. Outras regras de Púlpito

Capitulo XV: O Pregador e os Princípios da Interpretação Bíblica **(**Página 223**)**

Introdução

A Homilética é uma das matérias de suma importância dentro da grade do curso teológico, tendo em vista que a mesma trata exatamente de como compor e expor com eficiência um sermão bíblico. É através desta ferramenta, que o estudante aprenderá a desenvolver seus sermões de forma que proporcione melhor compreensão aos seus ouvintes; facilite sua comunicação e expressão; receba orientação de um modo geral sobre a arte de pregar e aprenda a fazer uma autocrítica de sua atuação.

I. A Origem da Homilética

O termo "homilética" surgiu durante o Iluminismo, entre os séculos XVII e XVIII, quando as principais disciplinas teológicas receberam nomes gregos, como, por exemplo, dogmática, apologética e hermenêutica.

A arte de falar em publico nasceu na Grécia antiga com o nome de “retórica”. O Cristianismo passou a usar essa “arte” como meio da pregação evangélica com o nome de “oratória sacra”, que no século XVII passou a ser chamada nos meios acadêmicos de Homilética.

A Homilética propriamente surgiu como discurso religioso, quando os pregadores cristãos começaram a estruturar suas mensagens segundo as técnicas da retórica Grega e da oratória romana. Despontou-se no século IV AD, com os pregadores Gregos, Basílio e Crisóstomo e com os latinos Ambrósio e Agostinho.

II. Definição de Homilética

O termo "homilética" tem suas raízes etimológicas em 3 palavras da cultura grega:

1. Homilos, que significa "multidão", "turma", "assembléia do povo" **(**cf. At 18.17**)**;
2. Homilia, que significa "associação", "companhia" **(**cf. 1 Co 15.33**)**; e
3. Homileo, que significa "falar", "conversar" **(**cf. Lc 24.14s.; At 20.11,24.26**)**.

Segundo o dicionário Aurélio, homilética é a arte de preparar sermões religiosos. É arte, quando considerada em seus aspectos estéticos **(**a beleza do conteúdo e da forma**)**; é ciência, quando considerada sob o ponto de vista de seus fundamentos teóricos **(**históricos, psicológicos e sociais**)**; e é técnica, quando considerada pelo modo específico de sua execução ou ensino." Ainda podemos dizer que Homilética é:

a**)** O estudo dos fundamentos e princípios de como preparar e proferir sermões.
b**)** A ciência cuja arte é a pregação e cujo resultado é o sermão.
c**)** A ciência que ensina os princípios fundamentais de discursos em públicos
d**)** A arte da organização das idéias que serão apresentadas.
e**)** A arte do uso do idioma.
f**)** A arte da apresentação do sermão.

Convém observar atentamente que a homilética não é a mensagem. Ela disciplina o pregador para melhor entregar a mensagem. Não nos esqueçamos: a mensagem é de Deus. Ef 6.19.

III. Seu objetivo primordial

O objetivo principal da homilética desde o seu remoto princípio foi orientar os pregadores na dissertação de suas prédicas e, ao mesmo tempo, fazer que os mesmos adquiram princípios gerais corretos e despertá-los a terem idéia dos erros e falhas que os mesmos em geral cometem.

IV. A homilética e a eloqüência

A missão principal da homilética é conservar o pregador na rota traçada pelo Espírito Santo. Ela ensina onde e como deve começar e terminar o sermão. A eloqüência é a capacidade intelectual de convencer pelas palavras. Palavras esclarecem, orientam e movem as pessoas. O orador que consegue mover as pessoas, persuadindo-as a aceitar suas idéias, é eloqüente, pois eloqüência é a capacidade de persuadir pela palavra. Apolo era eloqüente. At 18.24. O sermão tem por finalidade convencer os ouvintes. Um sermão bem elaborado, com a unção do Espírito Santo, e com uma eloqüência profusa, terá resultados maravilhosos. Eis o porquê a homilética encontra-se vinculada à eloqüência. Como podemos convencer? Existem várias maneiras de persuadirmos ou convencermos alguém a seguir nossa orientação:

a) Pela força moral (princípios e doutrinas) – regras fundamentais.

b) Pela força social (costumes, normas e leis) – o direito.

c) Pela força física (braços e armas) – a guerra.

d) Pela força pessoal (exemplo) – influência psicológica.

e) Pela força verbal (falada ou escrita) – retórica.

f) Pela força Divina (atuação do Espírito Santo) – Ele convence.

g) O poder da persuasão pode convencer (Moisés, Ex 32.7-14; Abraão, Gn 18.23-33)

V. O Valor da Homilética

A homilética contribuiu, no sentido geral, na propagação da Palavra de Deus. Os servos de Deus apossaram-se de tão bela arte para tornar notório o Evangelho do Senhor Jesus. O seu valor é inestimável para o pregador da Palavra de Deus. Tornou-se uma ferramenta sine qua non para o pregoeiro da Verdade Divina. Dando-lhe condições de expor com precisão, clareza e coordenação a maior de todas as mensagens.

A homilética é para o pregador, como uma planta de construção o é para o mestre de obras. Ela é para o pregador, como uma receita é para o cozinheiro. Jesus falando do preço do discipulado o comparou as pessoas que ponderam naquilo que vão ou pretendem fazer antes de fazê-lo. “O que vai edificar uma torre primeiro deve se assentar para ver os gastos, para que começado a obra, e não tendo com que acabá-la, as pessoas zombem dele dizendo: começou, mas não pôde terminar! E o que sai para a guerra assenta-se para ver se com dez mil pode vencer o adversário que vem contra ele com vinte mil (Lc 14.25-35, especialmente os versículos 28-32). “O sermão pode ser comparado a uma planta de uma torre e a uma estratégia de guerra”.

Capitulo I

A Contemporaneidade na Pregação Apostólica

Quando pensamos em pregação apostólica, tendo por fonte de pesquisa o Novo Testamento, ficamos restritos a dois expoentes na pregação da Igreja Primitiva: Pedro e Paulo. O primeiro muito mais pelo sermão pregado no Pentecostes (Atos capítulo 2) e o sermão incompleto pregado na casa de Cornélio (Atos capítulo 10). Com relação a Paulo, temos os sermões transcritos em Atos, o primeiro na sinagoga de Antioquia da Psídia (capítulo 13), o segundo no Areópago, em Atenas (capítulo 17), o terceiro em Mileto, aos anciãos da Igreja em Éfeso (capítulo 20), o quarto ao povo judeu irado, em Jerusalém, o que na verdade não pode ser considerado um sermão, mas um testemunho pessoal (capítulo 22) e o derradeiro na presença do rei Agripa (capítulo 26). Além disso, as treze epístolas atribuídas à autoria paulina igualmente podem nos auxiliar neste intento.

Quanto à pregação de Pedro, pouco podemos analisar face a falta de esboços. Entretanto, podemos assegurar que atingiu em cheio o objetivo da pregação pela resposta dada pela população, conforme nos assevera a Bíblia, quando quase três mil almas se converteram seguida pela mesma resposta na casa do oficial romano.

Sabemos ser improvável que Lucas tenha registrado as palavras exatas de Pedro, mas, certamente, registrou a essência do sermão pregado pelo apóstolo. Tal sermão visou provar tanto pela profecia de Joel como pelo salmo de Davi que Jesus era verdadeiramente o Messias, e que este ressuscitara dentre os mortos. Tão bem sucedido foi o pregador que os ouvintes o inquiriram acerca de que atitude deveria tomar.

Podemos afirmar que Pedro utilizou-se exatamente das ferramentas adequadas para tratar com israelitas de diversas nacionalidades: ele os chama "israelitas" e não judeus, justamente porque a segunda forma de tratamento pressupunha que habitavam em Judá; além disso, utiliza argumentação puramente veterotestamentária para persuadi-los.

Outro fato a destacar é que o próprio Espírito Santo cooperou para que não houvesse barreiras na comunicação da Verdade, pois Ele deu a cada israelita estrangeiro a oportunidade de ouvir na sua própria língua o testemunho dos discípulos. No envio de Pedro à casa de Cornélio, por obra do Espírito - que convenceu o apóstolo reticente e lhe possibilitou compreender que o Evangelho era igualmente destinado aos gentios - encontramos outro exemplo de que o próprio Espírito Santo ensina o caminho da contextualização.

O material acerca da pregação do apóstolo Paulo é muito mais farto, justamente por que o livro de Atos lhe dá especial destaque. Além disso, temos toda a sua produção literária constituída por suas epístolas que muito nos podem auxiliar na averiguação do estilo de pregação do apóstolo.

C. H. Dodd ressalta a riqueza de informações que o Novo Testamento nos apresenta acerca de Paulo e, com base nestas informações, enaltece a inteligência e a versatilidade da pregação do apóstolo.

As cartas de Paulo são intensamente vivas - vivas como poucos documentos chegados até nós de tão remota antiguidade. Elas nos dão não um mero esquema de pensamento, mas um homem vivo. Era uma pessoa de extraordinária versatilidade e variedade. (...) Era igualmente alguém capaz de aplicar a fria crítica da razão aos seus próprios sonhos, e de julgar com sereno equilíbrio o valor verdadeiro dos fenômenos anormais da religião. (...) O seu pensamento é forte e sublime, mais aventuroso que sistemático.

Possuía uma inteligência colhedora e uma faculdade de assimilar e usar as idéias dos outros, o que é um grande atributo para quem tenha uma nova mensagem para propagar; sabia pensar nos termos das outras pessoas. É justamente esta habilidade última observada por Dodd, de que Paulo sabia pensar nos termos das outras pessoas, que ressalta a contemporaneidade de sua pregação.

No congresso realizado na cidade suíça de Lausanne, em 1974, o missiólogo Michael Green asseverou dentre várias características da evangelização por parte da Igreja Apostólica, que esta era flexível em sua mensagem. Para ele aquela Igreja adaptava-se ao público e às circunstâncias, de acordo com a necessidade do momento, com a cultura, o lugar, o povo. Esta flexibilidade é característica na pregação do apóstolo Paulo.

Especificamente acerca da pregação do apóstolo Paulo, o Dr. Shepard enaltece sua personalidade e a capacidade de adaptar-se às circunstâncias, classificando-o como "o maior dos pregadores, exceto Cristo".

Foi uma personalidade altamente enriquecida, tanto dos dons hereditários como de educação aprimorada. Nos seus discursos, às vezes, a veemência da natureza corre como o rio, avolumado por chuvas torrenciais; às vezes aparece tão terna e mansa a sua palavra como o amor de mãe. O seu fim no trabalho foi a edificação do caráter cristão. A sua habilidade de adaptar-se às circunstâncias do seu ministério parecia infinita.

Os seus sermões eram a lógica personificada, uma correnteza de argumento e apelo que levava tudo de vencida, na sua força irresistível. (...) Majestoso pelo seu intelecto estupendo, versatilíssimo, poderoso no uso da palavra, incansável, infinito em adaptabilidade, esse gênio natural, reforçado pelo preparo mais completo, entregue nas mãos de Deus, representa nas cenas da história o papel de verdadeiro gigante espiritual proeminente na lista dos heróis da fé.

Assim, não resta dúvidas de que um dos pontos altos da pregação de Paulo era sua habilidade em contextualizar-se para alcançar a relevância junto a seus ouvintes. Podemos ainda destacar com relação à pregação apostólica registrada no Novo Testamento, que era essencialmente bíblica, referindo-se fartamente a textos do Antigo Testamento, que era Cristocêntrica, pois a cruz de Cristo era o ponto central, além de flexível em sua forma.

Sendo bíblica e contextualizada, a pregação apostólica nos serve de modelo pois, é justamente este binômio que entendemos ser fundamental à pregação eficiente.

A flexibilidade da mensagem se expressa muito bem também nos sermões pregados por Pedro, Estevão, além dos pregados por Paulo em Atos e nas cartas endereçadas às várias Igrejas:

Aos judeus o tema da mensagem foi "Jesus o Messias e o Servo Sofredor", isto claramente posto na pregação de Pedro no Pentecostes e no discurso de Estevão.

Aos romanos a temática foi a "justificação e o senhorio de Cristo", conforme bem podemos perceber na epístola aos Romanos;

e aos gregos o tema da pregação foi "a ressurreição dos mortos" e "O Logos de Deus".

Isto também é observado por Orlando Costas, ao afirmar que todo pregador necessita ter em conta a cultura de seus ouvintes se é que deseja comunicar-se eficazmente. Ele nota nos pregadores bíblicos a capacidade de refletir profundamente sobre a cultura de seu tempo e cita como exemplos os apóstolos Paulo e João:

Paulo se acerca dos filósofos estóicos em Atenas fazendo uso das próprias categorias deles, lhes fala do deus desconhecido e capta sua atenção. Daí passa ao problema básico dos gregos: a ressurreição dos mortos, e especificamente, a ressurreição de Cristo (Atos 17). João toma emprestado um termo da filosofia clássica grega (logos) para comunicar a fé cristã, usando, pois, os símbolos característicos de sua cultura, e expõe ante seu mundo a mensagem cristã.

Desta forma, o Novo Testamento nos oferece elementos para dizermos que a Igreja Primitiva cumpria seu papel de pregação da Palavra eficientemente, porque era bíblica e, ao mesmo tempo, flexibilizava a mensagem, levando em conta a realidade dos ouvintes.

Capitulo II

A Contemporaneidade na Pregação Pós-Apostólica

Segundo G. Burt, o período que seguiu o dos pais apostólicos foi assinalado por uma decadência. Ele afirma que o material homilético dos três séculos seguintes ao apostólico, é muito escasso. Mesmo assim cita algumas instruções de Clemente de Roma, Ignácio e Dionísio, no primeiro século, Aniceto no segundo e Cipriano, no terceiro. L. M. Perry e C. Sell referem-se a Clemente de Roma (30-100 AD) como um pregador de objetivos éticos e que conseguia, através de suas mensagens, propiciar "consolo para as pessoas que atravessavam tribulação". Outro pregador deste período destacado por estes autores é Tertuliano (150-220 AD). Este teria sido um pregador exímio através de mensagens acerca da paciência e da penitência.

Um período de ascensão da oratória na Igreja iniciou-se no quarto século, quando a partir de então floresceram Ambrósio, Basílio, Gregório, Crisóstomo e Agostinho, os mais célebres pregadores da Igreja Antiga. Outros pegadores dos primeiros séculos, dignos de serem citados, são Orígenes, Lactâncio, Jerônimo e Cirilo de Alexandria, dentre outros, dos quais temos somente discursos e homilias. Destes pregadores, conforme Burt, destacam-se Crisóstomo e Agostinho, que trouxeram relevante contribuição à literatura Homilética.

A obra Peri Hierosynes, ou "De Sacerdócio", de Crisóstomo, escrita no início de seu ministério, expressa, ainda que indiretamente, alguns preceitos fundamentais para a Homilética da época:

1. O clérico - ou ministro - deve ser prudente e douto;
2. Deve possuir alocução fácil;
3. Deve conhecer as controvérsias entre gregos e judeus;
4. Deve ser hábil na dialéctica (como Paulo, não menos grande na arte de falar do que nos escritos e ações);
5. Há necessidade de um longo e sério preparo para o ministério;
6. É indispensável o desdém pelos aplausos humanos;
7. Cada sermão deve ser um meio de glorificar a Deus.

Parece-nos que a capacidade de flexibilizar a mensagem a ponto de torná-la adequada ao contexto dos ouvintes ainda que não esteja explicitamente anunciada acima, pode ser compreendida nas entrelinhas destas afirmações. Entretanto, parece óbvio que a maior preocupação era para com a oratória e a dialéctica.

Ao referir-se a este mesmo pregador o Dr. Shepard ressalta que ele foi proeminente entre os principais pregadores de todos os tempos. Refere-se à sua instrução na ciência do direito, do seu intelecto extraordinário e de seu despontamento como mestre no discurso argumentativo e da retórica. Ainda sobre Crisóstomo, Shepard destaca que "conhecia a natureza humana e nos seus discursos jamais se esqueceu de que os seus argumentos eram para convencer o povo". Para este autor os sermões de Crisóstomo refletem de modo vivo as condições do seu tempo.

Outra característica deste célebre pregador era sua simplicidade, sua clara preocupação em falar ao povo de sua época. Shepard enaltece a capacidade de Crisóstomo de interpretar a Palavra e de aplicá-la às necessidades do povo de sua época. Na verdade, João de Constantinopla (c. 347-407), que era natural de Antioquia da Síria e filho de mãe cristã, foi bispo de Constantinopla. Quando ocupou este tão importante cargo seu primeiro objetivo foi reformar a vida do clero. Justo Gonzales relata que alguns sacerdotes que diziam ser celibatários tinham em suas casas mulheres que chamavam de irmãs espirituais, e isto escandalizava a muitos. Além disso, outros clericos haviam se tornado ricos e viviam em grande luxo e o trabalho pastoral da Igreja era negligenciado.

As finanças foram submetidas a um sistema de controle detalhado. Os objetos de luxo que havia no palácio do bispo foram vendidos para dar de comer aos pobres. (...) É desnecessário mencionar que isto tudo, apesar de lhe conquistar o respeito de muitos, também lhe granjeou o ódio de outros. O empenho do bispo de Constantinopla não limitou-se apenas ao clero. Seus sermões exortavam os leigos a que levassem uma vida nos moldes dos princípios cristãos:

Este freio de ouro na boca do teu cavalo, este aro de ouro no braço do teu escravo, estes adornos dourados em teus sapatos, são sinal de que estás roubando o órfão e matando de fome a viúva. Depois de morreres, quem passar pela tua casa dirá: "Com quantas lágrimas ele construiu este palácio? Quantos órfãos se viram nus, quantas viúvas injuriadas, quantos operários receberam salários injustos?" Assim, nem mesmo a morte te livrará dos teus acusadores. Eis aí um exemplo de pregador contextualizado ao seu povo. Ele recebeu o título de "Crisóstomo" (língua de ouro) cerca de 100 anos após a sua morte, face ao respeito que conquistou com seus sermões, tratados e cartas publicados. A história nos conta que Crisóstomo morreu no exílio, nas montanhas da Ásia Menor.

O outro grande pregador destacado neste período foi Agostinho de Hipona (354-430). Tido por muitos como o maior teólogo da antiguidade, converteu-se em Milão em meio a uma exortação ouvida por acaso num jardim, tirada de Romanos 13:13-14; foi batizado por Ambrósio em 387. Antes de sua conversão fora mestre de retórica; por isso em suas obras podem ser encontradas muitas instruções quanto à oratória, especialmente na obra De Proferendo, um dos quatro livros que constituem a sua Doctrina Christiana. Dela podemos retirar o conceito de "ótimo pregador" de Agostinho: "É aquele de quem a congregação ouve a Verdade, compreendendo o que ouve". Para Agostinho a vitória do pregador consistia em levar o ouvinte a agir. A pregação atraente devia ser temperada de sã doutrina e gravidade.

Agostinho foi ordenado bispo em Hipona, no norte da África, em 395. Dentre seus escritos merece atenção especial as suas Confissões, uma autobiografia onde o conta a Deus, em oração, suas lutas e peregrinação. É tida como uma obra única em seu gênero na antiguidade. Outra obra a destacar é A Cidade de Deus, escrita sob a motivação da queda da cidade de Roma, em 410, e tida como a maior de todas as suas obras literárias. Nesta, Agostinho responde àqueles que afirmavam que Roma tivesse caído porque se tinha entregue ao cristianismo e abandonado os velhos deuses que a tinham feito grande.

Dennis F.Kinlaw enaltece grandemente tanto a obra literária como a pregação de Agostinho. Para ele o bispo de Hipona exemplifica o dever de todo pregador em ser um intérprete de sua época. Este autor sugere a leitura do sermão pregado por Agostinho no primeiro domingo após o recebimento da notícia de que Roma caíra nas mãos dos invasores godos, liderados por Alarico, em 410, como um digno exemplo de sermão contextualizado. Kinlaw define Agostinho como um homem de "visão clara de onde se encontrava a humanidade na sua peregrinação para Deus". No intento de comprovarmos a preocupação com a mensagem contextualizada por parte dos pregadores na história da pregação, reconhecemos que após o ápice alcançado com Crisóstomo e Agostinho, houveram pelo menos sete séculos de obscurantismo. O Dr. Ruben Zorzoli, professor do Seminário Internacional de Buenos Aires, descreve este período como tendo sido marcado "por completa escuridão e declínio".

Segundo Zórzoli, alguns fatores que contribuiram para este declínio foram a corrupção do clero, o crescimento das formas litúrgicas (que substituíram o lugar da pregação), a elevação da função sacerdotal sobre a do pregador, as controvérsias doutrinais, e o declínio no conteúdo da pregação pelo uso extremo da alegorização bíblica. O Dr. G. Burt comenta que nesta época utilizava-se a postilla, uma brevíssima paráfrase do texto bíblico, e que apenas alguns privilegiados tinham direito a assistí-la. Estes privilegiados eram chamados akpoumenoi na Igreja grega e audientes na latina.

Nos séculos XII e XIII houve uma recuperação no prestígio da pregação. Zorzoli ressalta como motivos desta mudança as reformas na vida do clero, o avivamento intelectual resultante do escolasticismo e que elevou o conteúdo da pregação; a propagação de seitas heréticas que faziam uso da pregação. O mesmo autor assevera que, apesar desta recuperação, este período da história da pregação ainda foi marcado pelos erros, dentre os quais destaca o uso do material extra bíblico como se fosse bíblico, a interpretação e aplicação equivocados, o uso extremo da alegoria e a frequente falta de texto bíblico nas mensagens.

Com o surgimento das ordens missionárias dos Franciscanos e Dominicanos, no século XIII, a pregação ganha mais notoriedade. A preocupação de falar ao povo, de contextualizar-se à realidade dos ouvintes, parece existir numa obra de Guibert de Nogent, abade francês que morreu em 1124. Dentre os seus preceitos homiléticos destacam-se os seguintes: o pregador deve exercitar o seu talento o mais frequentemente possível, nunca deve assumir o púlpito sem ter orado, deve ser breve, dar preferência a assuntos práticos e não dogmáticos. Conclui que "poucas coisas ouvidas e guardadas valem mais que muitas que passem pela cabeça do auditório, sem penetrar nem a inteligência, nem a consciência."

Perry e Sell destacam deste período alguns pregadores. Um deles é o alemão Berthold von Regensburg (1220-1272) que, com seus sermões práticos "atacou os pecados de todas as classes na época de um grande interregno na Alemanha". Acrescentam ainda que Regensburg buscava sempre atingir as necessidades do povo. Destacam também o inglês John Wycliffe (1329-1384), igualmente realçado como um pregador "prático, que se dedicou ao cuidado das almas". Já nos séculos XIV e XV houve um novo declínio na ênfase da pregação, quando esta deixou de priorizar a população, dando lugar ao intelectualismo árido do escolasticismo. Além disso, contribuíram para isto o período de estabilidade que passava a Igreja Católica, sem as ameaças hereges. Um novo despertamento viria com o século XVI e a Reforma.

Capitulo III

A Contemporaneidade na Pregação dos Reformadores

A Reforma marca um avivamento na pregação. Como fatores mais importantes deste avivamento Zórzoli destaca a nova ênfase na pregação como um elemento vital na vida e na adoração, tendo a mensagem proferida por um pregador voltado ao lugar que a missa havia ocupado. Além disso, o mesmo autor ainda acrescenta a influência da pregação na luta contra os erros patrocinados pela Igreja Papal, a volta da utilização do texto bíblico na pregação e o refinamento dos métodos homiléticos até então utilizados.

Os precursores anabatistas, além de Lutero, Calvino e Zwinglio, atestam o restabelecimento da prioridade da pregação. Neste período surgem obras no campo da Homilética que merecem destaque, como a Ratio Brevissima Concionandi, de Felippe Melanchton (1517) e que em sua primeira parte discorre sobre as várias partes do discurso (exórdio, narração, preposição, argumentos, confirmação, ornamentos, amplificação, confutação, recapitulação e peroração), em seguida enfoca a maneira de desenvolver temas simples, depois como trabalhar com temas complexos, e assim por diante. Constitui-se numa das principais obras do gênero, conforme Burt.

Outra obra Homilética citada pelo mesmo autor é o Ecclesiastes, Sive Concionator Evangelicus, de Erasmo (c. de 1466-1536), que se dividiu em quatro livros: o primeiro sobre a dignidade, piedade, pureza, prudência e outras virtudes que o pregador deve cultivar; o segundo sobre estudos que o pregador deve fazer; os demais sobre figuras do discurso e o caráter do sacerdócio.

Embora Martinho Lutero (1483-1546) não tenha escrito uma obra específica sobre a arte de pregar, Burt destaca suas Palestras à Mesa, das quais resume os seguintes preceitos homiléticos:

O bom pregador deve saber ensinar com clareza e ordem. Deve ter uma boa inteligência, uma boa voz, uma boa memória. Deve saber quando terminar, deve estudar muito para saber o que diz. Deve estar pronto a arriscar a vida, os bens e a glória, pela Verdade. Não deve levar a mal o enfado e a crítica de quem quer que seja.

Ainda sobre ensinos de Lutero acerca da pregação, Burt destaca estas palavras do reformador, voltadas especificamente aos jovens pregadores: Tende-vos em pé com garbo, falai virilmente, sede expeditos. Quando fores pregar, voltai-vos para Deus e dizei-lhe: "Senhor meu, quero pregar para tua honra, falar de ti, magnificar e glorificar o teu nome". E que o vosso sermão seja dirigido não aos ouvintes mais conspícuos, mas aos mais simples e ignorantes. Ah! que cuidado tinha Jesus de ensinar com simplicidade. Das videiras, dos rebanhos, das árvores, deduzia Ele as suas parábolas; tudo para que as multidões compreendessem e retivessem a Verdade. Fiéis à vocação, nós receberemos o nosso prêmio, senão nesta vida, na futura.

Podemos perceber nestes conselhos de Lutero a preocupação de tornar a mensagem compreensível ao povo mais simples que compõe a Congregação. Esta é uma das características principais dos reformadores deste período.

Com relação a João Calvino (1509-1564), que foi pastor da Église St. Pierre, em Genebra, na Suíça, podemos destacar sua obra literária que foi amplamente distribuída e lida em todas as partes da Europa e que influenciou grandemente o movimento reformador.

Como teólogo e pastor, Calvino deu prioridade ao ensino das Escrituras, tendo escrito comentários sobre 23 livros do Antigo Testamento e sobre todos os livros do Novo Testamento, menos Apocalipse. Suas Institutas, obra composta de 79 capítulos e completada em 1559, é o principal de seus escritos.

Dentre outras coisas, Calvino é tido como um pregador preocupado com a delimitação do verdadeiro papel da Igreja na sociedade, tendo sido precursor de um grande impacto na sociedade de sua época. Ensinava que a Igreja precisava orar pelas autoridades políticas.

Comentando I Timóteo 2:2, afirmou que precisamos não somente obedecer a lei e os governantes, mas também em nossas orações suplicar pela salvação deles. Expressou também grande preocupação com a injustiça social. Comentando Salmo 82:3 , afirmou: "um justo e bem equilibrado governo será distinguido por manter os direitos dos pobres e dos aflitos". Sua pregação levou a Igreja de Genebra a batalhar contra os juros elevados, a lutar por oportunidades de empregos e tudo aquilo que era pertinente a uma sociedade secular mais humana.

Dentre os grandes pregadores do século XVI podemos destacar ainda John Knox (1514-1572), o reformador escocês. Uma de suas características marcantes foi sua visão social bem esclarecida expressa na defesa da obrigação de cada cristão cuidar dos pobres e no sistema elaborado por ele mediante o qual cada igreja sustentaria seus próprios necessitados e administraria escolas de catequese para todas as crianças, ricas e pobres.

Para Zórzoli, no geral, os séculos XVII e XVIII foram de novo declínio, com uma quase generalizada pobreza de púlpitos na Europa. Destaca pregadores como Baxter, Bunyan e Taylor, na Inglaterra, e Bossuet e Fenelon, na França, como sendo exceções no século XVII. Destaca como grandes pregadores e exceções do século XVIII, que considera marcado pela mediocridade, John e Carl Wesley, juntamente com George Whitefield, na Inglaterra, que produziram um avivamento centrado na pregação às multidões. Na América do Norte destaca Jonathan Edwards. Todos estes foram pregadores que conseguiram fazer a ponte da Palavra aos corações de multidões de pessoas.

Sobre Jonathan Edwards (1703-1758), cujo mais famoso sermão foi intitulado "Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado", pregado na Igreja Congregacional em Northampton, Massachusetts, em 1741, podemos destacar o seu sermão de despedida do pastorado daquela igreja, depois de 23 anos de ministério ali. Pecadores nas Mãos de um Deus Irado (Sermão pregado em 08 de Julho de 1741 em Enfield, Connecticut – EUA).

Capitulo IV

A Contemporaneidade na Pregação XIX e XX

Há quem iguale o prestígio e eficiência da pregação do século XIX com o século primeiro, com Pedro e Paulo, e com o século IV, com Crisóstomo e Agostinho. Inegavelmente, este século foi marcado por grandes e renomados pregadores, como Finney, Brooks, Broadus, Moody, Spurgeon, Hall e Mclaren, alistados como os príncipes da pregação neste período.

Como grandes pregadores do século XIX Perry e Sell destacam, dentre outros, o norte americano Henry Ward Beecher (1813-1887). Beecher notabilizou-se pela pregação contra os vícios sociais de sua época, tendo sido líder do movimento anti escravista. Segundo estes autores, este pregador costumava pregar diretamente a respeito das necessidades pessoais de seus ouvintes.

Outro grande pregador deste período destacado por Perry e Sell é Phillips Brooks (1835-1893). Referem-se a Brooks como tendo sido um pregador "extraordinariamente sensível para com as necessidades humanas". Contam que ele costumava investir suas tardes em visitas ao seu povo, especialmente os pobres, doentes e atribulados. Transcrevem um comentário feito por um adimirador, de nome Bryce: "Brooks fala ao seu auditório como um homem fala ao seu amigo".

No intento de demonstrar a preocupação com a contemporaneidade por parte de ilustres pregadores, citamos como exemplos dois dentre estes mais destacados, Finney e Spurgeon.

Primeiramente citamos Charles G. Finney (1792-1875), que viveu uma intensa experiência de conversão em Nova Iorque, em 1821, sendo introduzido à Igreja Presbiteriana. Foi pastor presbiteriano e depois congrecionalista. Pregador avivacionalista, chega a ser apontado como "o mais ungido evangelista de reavivamento dos tempos modernos". Estima-se que mais de 250 mil almas se converteram como resultado de suas pregações.

Em sua obra Lectures on Revival (Preleções Sobre o Reavivamento), de 1835, Finney demonstrou sua esperança de que o reavivamento varresse os Estados Unidos, trazendo progresso e reformas sociais; democracia e abolição da escravidão, dentre outras consequências. Finney não pregava simplesmente sobre a vida eterna em Jesus, mas que a fé em Jesus seria o caminho para que a sociedade americana fosse redimida.

Outro ilustro pregador deste período foi o célebre Charles Haddon Spurgeon (1834-1892), um um pastor batista muito influente na Inglaterra. Em 1854 iniciou um ministério de 38 anos consecutivos na capela batista na Rua New Park, em Londres e, com apenas vinte e dois anos de idade era o pregador mais popular de Londres.

Em 1861 foi edificado o Tabernáculo Metropolitano nas Ruas Elephant e Castle, um templo com capacidade de abrigar 6 mil pessoas, onde Spurgeon ministrou ininterruptamente até sua morte. Junto ao Tabernáculo foi criado um seminário e uma sociedade de colportagem que enfatizava a distribuição de literaturas. Calcula-se que 14 mil membros foram acrescentados àquela Igreja durante o ministério de Spurgeon. Teve muitos de seus sermões publicados, num total de 3.800 deles!

Na obra "Lições Aos Meus Alunos" encontramos farto material resultante de preleções deste ilustre pregador que bem podem expressar sua preocupação com a relevância que a pregação precisa encontrar nas vidas dos ouvintes. Assim Spurgeon expressa sua preocupação com o desempenho eficiente dos pregadores:

É desejável que os ministros do Senhor sejam os elementos de vanguarda da Igreja. Na verdade, do Universo todo, pois a época o requer. Portanto, quanto a vocês, em suas qualificações pessoais, dou-lhes este moto: Sigam avante. Avante nas conquistas pessoais, avante nos dons e na graça, avante na capacitação para a obra, e avante no processo de amoldagem à imagem de Jesus.

Sobre a eficiência na comunicação da Verdade ao povo, Spurgeon afirmava que o ministro só seria verdadeiramente eficiente se fosse apto para ensinar. Sobre ministros inaptos, ele asseverou em tom hilário:

Vocês sabem de ministros que erraram a vocação e, evidentemente, não têm dons para exercê-la. Certifiquem-se de que ninguém pense a mesma coisa de vocês. Há colegas de ministério que pregam de modo intolerável: ou nos provocam raiva, ou nos dão sono. Nenhum anestésico pode igualar-se a alguns discursos nas propriedades soníferas. (...) Se alguns fossem condenados a ouvir os seus próprios sermões, teriam merecido julgamento, e logo clamariam como Caim: "É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo." Oxalá não caiamos sob a mesma condenação.

Esta tão bem humorada declaração de Spurgeon demonstra sua preocupação com a relevância da pregação na vida dos ouvintes. Esta foi a característica dos ilustres pregadores desta e das demais épocas.

Com relação ao nosso século, podemos notar algumas tendências que indicam o desprestígio da pregação nas Igrejas e a perda da centralidade no minstério pastoral. Para Martyn Lloyd-Jones, que enxergava este declínio da importância da pregação na Igreja do século XX, tal desprestígio se deve, primeiramente, à perda da crença na autoridade das Escrituras. Outra razão apontada pelo autor para este declínio é o fato de "a forma ter-se tornado mais importante que a substância, a oratória e a eloquência por conseguinte, coisas valiosas por si mesmas". Tal declínio da pregação no nosso século se acentua, porque, segundo Lloyd-Jones, "a pregação tornou-se uma forma de entretenimento".

A situação da pregação na atualidade é enfocada na próxima etapa da pesquisa, onde a opinião supra citada é reforçada com depoimentos de outros autores. Nos preocupamos também em discorrer acerca das consequências deste declínio de prestígio da pregação.

Capitulo V

A Pós-modernidade, Um Desafio à Pregação do Evangelho

Uma das questões que tornam mais difícil a missão da Igreja é sua lentidão em ler os tempos. Foi uma advertência de Jesus, que soubéssemos ler os sinais dos tempos. Mas muitas vezes nós nos fechamos em nosso mundo de conceitos, queremos que o mundo nos leia, porém não lemos o mundo. Via de regra, nosso universo é fixista, com a mentalidade de que "Deus falou, tá falado e o mundo tem que ouvir". Que Deus falou e está falado, é óbvio e não se discute. Mas a forma como nos dirigimos ao mundo é que pesa um pouco. Necessitamos saber como o mundo pensa e qual é a sua perspectiva de vida, para poder comunicar o evangelho de modo eficiente.

Agrava a situação o fato de que muita gente que está a lidar na pregação do evangelho ao mundo não tem a menor noção do que seja o mundo ao seu redor. Ouviram conceitos que repetem sem refletir. Lêem livros, muitos deles ultrapassados, mas não lêem os sinais dos tempos. E não lêem uma das coisas mais importantes para se ler: gente.

Não é difícil de entender. O universo religioso é fixista, prende-se muito ao ontem. E não tem vontade de aprender. Na realidade, tem enorme relutância em aprender. Nós sabemos, o mundo não sabe. Nós estamos certos, o mundo está errado. Gastamos mais tempo conosco mesmo do que preparando-nos para o exercício de nossa missão junto ao mundo. Somos pouquíssimos autocríticos e terrivelmente autodefensivos. As estruturas acabam se tornando um fim em si mesmas e aprisionando a idéia para a qual foram criadas.

Vivemos num mundo em mudanças drásticas. Dez anos atrás, insinuar a homossexualidade de alguém era uma ofensa inominável. Hoje, quem é heterossexual quase tem que pedir desculpas por isso. Os heróis das entrevistas nos órgãos escritos e nos programas de tevê são homossexuais. Uma revista de circulação nacional dedicou dois números seguidos ao homossexualismo. Um, diretamente. Outro, no bojo de uma reportagem sobre um cantor falecido por complicações decorrentes da AIDS. O tom era de desafio e de virtude. Fala-se do perigo de drogas, mas cantores que morrem por overdose de drogas são mostrados como heróis.

Neste mundo em mudanças, o elemento plasmador de hábitos, a mais importante corrente geradora de cultura, presentemente, é a pós-modernidade. Ela molda o comportamento dos jovens. Na sua maioria, as novelas, os filmes, a cultura social, são padronizados por ela. É o nosso assunto. Não é modismo. Para muita gente desavisada, filosofia e ciências sociais são perda de tempo. Não são. A pós-modernidade se dissemina sub-repticiamente na nossa vida. Quem não a conhece é por seus conceitos enredado. Quem a conhece pode analisar o que sucede ao seu redor. Vamos ver se passamos a conhecê-la um pouco melhor.

Estamos vivendo um momento novo na história. Costuma-se dizer que a Idade Contemporânea começou em 1789, com a Revolução Francesa. Sociólogos, filósofos e antropólogos têm declarado que a Idade Contemporânea acabou e que entramos em uma nova Idade, a Pós-Moderna. Está acontecendo uma revolução enorme na maneira de ver o mundo, e isto tem muito a ver com a Igreja. Em 1789, o Iluminismo entronizou a Razão como deusa dos homens.

Entramos no período da razão, uma época racionalista e científica. Na Catedral de Notre Dame, símbolo maior do cristianismo, na França, uma estátua simbolizando a Deusa Razão foi instalada. O cristianismo foi mostrado como sendo apenas uma relíquia cultural. Nos anos sessentas e setentas, vimos, muitas vezes, ataques contundentes ao evangelho e à religião, em nome da ciência e da lógica. A religião era considerada como um absurdo. A razão humana era suficiente para explicar o mundo. Tomando o lugar de Deus no ideário humano, ela poderia nos ajudar a resolver todos os nossos problemas. Nós nos bastávamos. Esta auto-suficiência marcou a modernidade.

Mas em 1989 o mundo foi sacudido de maneira como poucas vezes o fora anteriormente. Caiu o muro de Berlim. Poucas pessoas entenderam que não era apenas um evento, mas uma nova era na história da humanidade. Foi o início do fim do comunismo, o início da agonia do materialismo dialético (embora ainda haja materialistas dialéticos e comunistas nas universidades do Brasil). Foi o fim do maior império mundial de todos os tempos.

O mundo começou a mudar mais depressa, ainda. A deusa Razão estava morrendo. O materialismo dialético explicava o mundo e todos problemas humanos pela luta de classes e pela exploração do homem pelo homem. O comunismo pretendia ter a solução para estes problemas: o fim da propriedade privada e o fim da exploração do homem pelo homem. Todas as fases da sociedade, e não apenas a economia, seriam planejadas, tendo o homem como fim. Seria o clímax do uso da razão e da ciência. Toda a vida humana seria planejada.

O fim do comunismo mostrou o equívoco de tentar se reduzir a vida humana a fórmulas, e acabou com a idéia de que se pode planejar toda a vida dos homens em todos os níveis. A ciência falhou, o materialismo dialético fracassou, o lugar de Deus nos corações e nas mentes dos homens não foi ocupado pela ideologia. A queda do muro de Berlim mostrou que em vez de potência, os países do bloco comunista eram países de quarto mundo, como a Albânia.

1. Pós-modernidade, mais um modismo?

"É mais um rótulo", dirá alguém. Não é. É uma atitude cultural assumida por um grupo cada vez maior de pessoas, nas mais diversas áreas da vida humana. É uma mudança de hábitos que está a sepultar aqueles que conhecemos e praticamos. Um conjunto novo de valores na música, na literatura, na arte, nos filmes, nas novelas, no modo de vestir e no trato com as pessoas. Está aí e nós o vivenciamos. Tanto que há certo tipo de pregação evangélica que já se amoldou a ela, como comentaremos depois.

"Até agora não vi nada que justifique este assunto", dirá alguém desavisado. Ora, não se prega o evangelho no vazio. Prega-se dentro de um contexto. O nosso contexto é mudancista e é moldado pela pós-modernidade. Como é o mundo para o qual pregamos? Como as pessoas pensam?

2. Como pregar e educar uma Igreja neste contexto

É uma situação desvantajosa para o pregador, que sempre é um educador, geralmente produto de outra cultura. Muitas vezes ele mesmo vive em conflito por causa do choque cultural. Foi criado num estilo, mas já assimilou padrões de outro estilo. Como pregar numa sociedade pós-moderna?

Primeiro: Lembrando que temos valores eternos, como cristãos, que somos. Há valores temporários, locais e mutáveis. Há valores inegociáveis. O pregador e o pastor necessitam ter uma cosmovisão cristã completa, saber de sua fé e de seus valores e vivê-los. Muitos pastores não têm uma visão global do mundo, e, o que é pior, muitos não têm sequer uma visão global de sua fé, sabendo encaixar o mundo nela, analisando o mundo por ela. Sua fé é atomizada, de pequenos credos, sem uma visão holística do evangelho. Sem ver o evangelho como uma cosmovisão, uma explicação global do mundo. Isto é trágico para um pastor. Ele observa a vida cristã por um determinado dom, por uma visão de ministério, pelo modismo contemporâneo, de igreja com propósito ou outro qualquer. Sem uma visão global do evangelho fica difícil analisar o mundo.

Segundo: Nossas comunidades, sejam igrejas sejam congregações, não podem se fiar apenas na repressão. Devem ser comunidades calorosas, sadias e honestas. As pessoas devem ser ouvidas e levadas a sério. Devem ver seriedade no trato, rigor com respeito. O jovem continua necessitando de balizas, de norte. Busca um guia-líder confiável. O que leva jovens a se envolverem com seitas exóticas como Moon e alguns pastores que promovem a autolatria? É que esses líderes os aceitam e lhes servem de referencial. Nossas igrejas podem oferecer este ambiente ao jovem? Ela é agradável ou é um fardo? O pastor pode ser um referencial, no sentido de ser uma pessoa que sabe o quer e para onde vai? O estilo de vida do pastor é entusiasmante? Ou ele é um profissional de religião?

Terceiro: Coerência é fundamental. "Os jovens de hoje não querem mestres, querem testemunhas". Querem pessoas que creiam nos valores que propagam. O pastor digno do nome é alguém que busca ser modelo. Há pastores que não amam as pessoas, mas o seu ministério, o seu trabalho, sua filosofia ministerial e, algumas vezes, o reino de Deus. Isto não é errado, mas se não ama gente terá grandes dificuldades em seu trabalho.

Outros têm o ministério apenas como ganha-pão. Coisificam pessoas e pessoalizam idéias e conceitos. "Vem para o meio", disse Jesus ao homem da mão mirrada. O educador e o líder cristão que se prezam colocam a pessoa no centro. Amamos nossos templos, nossos prédios, nossas instituições. Mas e as ovelhas? São apenas um detalhe aborrecedor e irritante? Conheço pastores intratáveis.

Há líderes apaixonados por si e com comichão nos ouvidos e também na língua, desejos de ouvir novidades e espalhá-las. Mas não ligam para as pessoas. Elas apenas fazem parte do seu trabalho, do seu ministério. Isto é grave. As pessoas sabem quando são usadas e manipuladas e sabem quando são aceitas e amadas, mesmo que discordemos delas.

Quarto: Precisamos amar o que fazemos. Uma das questões mais atacadas pela pós-modernidade é exatamente a hipocrisia dos líderes, com um discurso e com outra prática. Gente tem valor, é preciosa, e lidar com gente pressupõe amá-las. Pastorear pressupõe amar o trabalho que se faz. Pode-se fazer algo mecanicamente em uma linha de montagem, sem amar as máquinas e os parafusos. Mas lidar com gente sem amá-las e sem amar o trabalhar com gente, é sinal de fracasso. O amor ao que se faz dá forças para superar as crises e capacidade para se atualizar. Digo que pastorado é uma atividade que só pode ser feita passionalmente. Deve ser feito com coração. As marcas ficarão na vida das pessoas que entrarem em contato conosco.

Quinto: A igreja precisa dar respostas relevantes para a vida real das pessoas. Não vou entrar em área de conteúdo teológico, mas que respostas nossas igrejas estão dando para a vida? Em um culto voltado para jovens, o pregador convidado falou por quase 50 minutos sobre dicotomia ou tricotomia. Segundo ele, este era um assunto palpitante, com o qual ele estava "muito preocupado". E daí? Que diferença isto faria para os jovens?

Pregamos o que gostamos ou o que as pessoas precisam ouvir? O púlpito está dando respostas sérias ou é um falatório sobre religião? Pregamos apenas assuntos ou pregamos uma pessoa, Jesus, que tem respostas para a vida das pessoas? Com que estamos preocupados? Com assuntos que nos dizem respeito ou com as necessidades dos ouvintes? De que se ocupa o púlpito? De Cristo ou de política denominacional. Para que o usamos? Para glorificar a Cristo ou para enviar recados aos outros?

Sexto: A fé precisa ser viva numa igreja. Parece banal, mas tem nexo no que quero dizer. A igreja deve expressar o caráter cristão nas suas relações e no seu ambiente. O pós-moderno necessita ver uma igreja como uma instituição séria, espiritual, coerente em sua fé. Ele está cansado de dicotomia entre conduta e fé. Farto de fingimentos. O jovem pós-moderno clama, no dizer de Faus, nos seguintes termos: "quem me vende um pouco de autenticidade? A espiritualidade continua fora do culto? Cantamos o corinho "esta igreja ama você" na hora de saudar o visitante. Mas, acabado o culto, temos interesse nele? Se trouxer um problema a igreja mostrará que o ama? A fé e os relacionamentos aparecem apenas na hora do culto ou permeiam a vida das pessoas?

Sétimo: O púlpito precisa ser cristocêntrico. Cristo precisa voltar a ser o centro e o interesse da pregação. Valorizam-se dons, exalta-se o Espírito Santo, mas a segunda pessoa da trindade tem sido esquecida na sua própria Igreja.

Oitavo: A Igreja precisa de rumo. Mencionei anteriormente que o pós-moderno é pragmático e não idealista, que pensa localmente em vez de globalmente. Isto está acontecendo com as igrejas. A Igreja deixou de ser a comunhão dos santos e só se pensa em mega-igreja.

Neste afã, doutrinas e posições históricas são sacrificadas por métodos esquisitos e antibíblicos, desde que estes dêem certo. O que vale é o pragmatismo de ajuntar gente, de ter uma "igrejona". A Igreja precisa de rumo. Ela não precisa de novos propósitos como alguns parecem interpretar. Jesus já deixou propósitos para sua Igreja. Basta ler Mateus 28.18-20 e Marcos 16.15. Que uma igreja deve ter rumo e delinear bem seu propósito ministerial, isto é indiscutível. Mas isto não é novo. É neotestamentário. Não criemos novos rumos nem nos desviemos dos traçados pelo Senhor da Igreja.

Talvez mais questões poderiam ser alistadas aqui. Mas creio que, mostradas as linhas da pós-modernidade, não será uma tarefa difícil pensar em como trabalhar cristãmente dentro das suas características. Mas, sem resvalar para a pieguice, a frase de nosso irmão do passado, Tiago, pode nos ajudar: "Ora, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não censura, e ser-lhe-á dada". Tg 1.5. Um pastor, um pregador, um educador cristão se preparam espiritualmente, diante de Deus, para cumprir sua tarefa.

Portanto, o pregador e a igreja, precisam fugir do pragmatismo. Estamos vivendo uma época em que o mundo passou a avaliar tudo apenas pelo resultado. É filosofia do pragmatismo. O que é pragmatismo? O pragmatismo é muito semelhante ao utilitarismo. É a crença de que os resultados, e/ou utilidade, estabelece o padrão para aquilo que é bom. Para um pragmatista/utilitarista se uma técnica, ou mesmo um método produz o resultado desejado, a utilização de tal recurso é válida.

Quando, se usa o pragmatismo para estabelecer juízos acerca do certo e do errado, ou quando se faz dele uma filosofia de vida, que passa a dirigir a teologia, ou do ministério, haverá inevitavelmente um choque desastroso com as Sagradas Escrituras. Veja porque: As realidades bíblicas e espirituais não são determinadas tomando-se como base o que funciona, o que não funciona. Observe que, em I Co 1.22,23; e 2.14, Paulo nos alerta que nem sempre o Evangelho produz uma resposta positiva. Por outro lado, as heresias e o engano satânico podem ser bastante eficazes. Mt 24.23,24; II Co 4.3,4. Jesus também alerta que a reação da maioria nem sempre pode ser usada como parâmetro seguro para determinar o que é válido. Outro aspecto igualmente importante é que a prosperidade não serve para constatar a veracidade. Jó 12.6.

De uma maneira sutil, em vez uma vida regenerada, é a aceitação por parte do mundo e a quantidade de pessoas presentes nos cultos que vem se tornando o alvo maior das igrejas contemporâneas. Pregar a Palavra e confrontar o pecado com ousadia são vistos como coisas antiquadas, meios ineficazes de alcançar o mundo para Cristo. Essa maneira de pensar distorce por completo a missão da igreja, porque a grande comissão não é um manifesto de marketing. O evangelismo não precisa de vendedores, e, sim profetas.

Mudança de culto de Teocêntrico para Antropocêntrico: Um dos sinais mais visíveis do pragmatismo na área evangélica são as mudanças convulsivas que, nas últimas décadas, tem "revolucionado" o culto nas igrejas. Onde a filosofia passou a ser planejar e realizar cultos dominicais que sejam mais divertidos do que reverentes. Mais show do que adoração.

O resultado é culto mais centrado na pessoa humana (antropocêntrico), do que centrado na pessoa de Deus (teocêntrico). O mais grave é que a teologia é forçada a ceder o lugar de honra à metodologia.

Vejam o que escreveu Elmer l. Towns: "antigamente a declaração de fé representava a razão de ser de uma denominação. Hoje, a metodologia é o vínculo que mantém as igrejas unidas. Uma declaração ministerial define a igreja e sua própria existência ministerial". Observem a sutileza desta afirmação, ele diz entre linhas, escancaradamente, que Deus, Jesus e o Espírito Santo e a sua santa revelação deixaram de ser o vínculo de união entre as igrejas. Por incrível que pareça muitos acreditam que essa idéia é um avanço para igreja atual. Alguns pastores chegam a afirmar que a igreja dos nossos dias precisa de algo mais do que as quatro prioridades apresentadas no livro de Atos: A doutrina dos apóstolos, a comunhão, o partir do pão e as orações. At 2.42.

Surgimento de Novas Metodologias: Encantados na onda do "resultado", de encher rapidamente as igrejas, muitos líderes embarcaram numa verdadeira corrida aos mais variadas metodologias de "crescimento". Livros dos mais variados foram escritos, uns incentivando o marketing, outros a auto-ajuda, outros entretenimento e muito mais. O resultado é que a recreação, o entretenimento, e mesmo a música, de forma perspicaz, passaram a apagar o verdadeiro culto e a comunhão. Irmãos, não podemos colocar nossa confiança em métodos e fórmulas. Nossa confiança deve estar no Todo Poderoso. Mas, há um detalhe muito especial: é preciso ter vida espiritual, é preciso haver dedicação, é preciso ter o caráter de Jesus. É obvio que a espiritualidade tem um custo.

Por outro lado, com as fórmulas e métodos não é preciso ser espiritual, não é preciso gastar tempo recebendo a mensagem de Deus, não é preciso ter uma vida devocional, basta seguir as fórmulas de marketing, agradar ao povo, dar um show nos púlpitos... Nesse embalo, novos e bonitos nomes tais como: "celebração", "gospel", "nova unção", "renovação", foram inseridos em nosso linguajar, para justificar "novos tempos". A pregação é encarada como antiquada principalmente a pregação expositiva. "Ninguém se preocupa em verificar se o que está sendo pregado é verdadeiro ou falso. Um sermão é um sermão, não importa o assunto; só que quanto mais curto melhor". Já faz mais de cem anos que Spurgeon proclamou essas palavras, mas infelizmente elas ainda continuam atuais para os nossos dias.

O pragmatismo como filosofia norteadora do ministério é defeituoso e desleal para com a igreja de Jesus Cristo. Como prova de veracidade, chega mesmo a ser satânico, porque atende aos objetivos do maligno de afastar o crente da realidade da Palavra de Deus, de que as Escrituras são uma questão de vida e não apenas de crença. Qual o tipo de ministério que agrada a Deus? "Prega a Palavra". II Tm 4.2. O centro de nossos ministérios deve ser a obediência a esse simples mandamento. A tarefa do pregador é proclamar as Escrituras. Rm 10.14; Ne 8.8.

Capitulo VI

Sermões que não Edificam

Tipos de sermões que atrapalham o Culto

Apenas para ilustrar, vamos fazer uma rápida classificação dos sermões que mais atrapalham o culto. Se você freqüenta igreja há vários anos, é provável que já se tenha encontrado com alguns desses sermões mais de uma vez. A seguir, descrevem-se os tipos de sermão que atrapalham o culto.

1. O Sermão Sedativo

É aquele que parece anestesia geral. Mal o pregador começou a falar e a congregação já está quase roncando. Caracteriza-se pelo tom de voz monótono, arrastado, e pelo linguajar pesado, típico do começo do século, com expressões arcaicas e carregadas de chavões deste tipo: "Prezados irmãos, estamos chegando aos derradeiros meandros desta senda", Porque não dizer: "Irmãos, estamos chegando às últimas curvas do caminho"? Seria tão mais fácil de entender.

Ficar acordado num sermão desse tipo é quase uma prova de resistência física. Como dizia Spurgeon: "Há colegas de ministério que pregam de modo intolerável: ou nos provocam raiva ou nos dão sono. Nenhum anestésico pode igualar-se a alguns discursos nas propriedades soníferas. Nenhum ser humano que não seja dotado de infinita paciência poderia suportar ouvi-los, e bem faz a natureza em libertá-lo por meio do sono".

2. O Sermão Insípido

Esse sermão pode até ter uma linguagem mais moderna e um tom de voz melhor, mas não tem gosto e é duro de engolir. As idéias são pálidas, sem nenhum brilho que as torne interessantes. Muitas vezes é um sermão sobre temas profundos, porém sem o sabor de uma aplicação contemporânea, ou sem o bom gosto de uma ilustração. É como se fosse comida sem sal. É como pregar sobre as profecias de Apocalipse, por exemplo, sem mostrar a importância disso para a vida prática. O pregador não tem o direito de apresentar uma mensagem insípida, porque a Bíblia não é insípida. O pregador tem o dever de explorar as belezas da Bíblia, selecioná-las, pois são tantas, e esbanjá-las perante a congregação.

3. O Sermão Óbvio

É aquele sermão que diz apenas o que todo mundo já sabe e está cansado de ouvir. O ouvinte é quase capaz de "adivinhar" o final de cada frase de tanto que já ouviu. É como ficar dizendo que roubar é pecado ou que quem se perder não vai se salvar (é óbvio). Isso é uma verdade, mas tudo o que se fala no púlpito é verdade. Com raras exceções, ninguém diz inverdades no púlpito. O que falta é apenas revestir essa verdade de um interesse presente e imediato.

4. O Sermão Indiscreto

É aquele que fala de coisas apropriadas para qualquer ambiente menos para uma igreja, onde as pessoas estão famintas do pão da vida. Às vezes, o assunto é impróprio até para outros ambientes. Certa ocasião ouvi um pregador descrever o pecado de Davi com Bate-Seba com tantos detalhes que quase criou um clima erótico na congregação. Noutra ocasião, uma senhora que costumava visitar a igreja confessou-me que perdeu o interesse porque ouviu um sermão em que noventa por cento do assunto girava em torno dos casos de prostituição da Bíblia, descritos com detalhes. E acrescentou: "Achei repugnante. Se eu quiser ouvir sobre prostituição, ligo a TV". De outra vez, um amigo me contou de um sermão que o fez sair traumatizado da igreja, pois o pregador gastou metade do tempo relatando as cenas horrorosas de um caso de estupro. Por favor, pregadores: o púlpito não é para isso. Para esse tipo de matéria existem os noticiários policiais.

5. O Sermão Reportagem

É aquele que fala de tudo, menos da Bíblia. Inspira-se nas notícias de jornais, manchetes de revistas e reportagens da televisão. Parece uma compilação das notícias de maior impacto da semana. É um sermão totalmente desprovido do poder do Espírito Santo e da beleza de Jesus Cristo. É uma tentativa de aproveitar o interesse despertado pela mídia para substituir a falta de estudo da Palavra de Deus. Notícias podem ser usadas esporadicamente para rápidas ilustrações, nunca como base de um sermão.

6. O Sermão Metralhadora

É usado para disparar, machucar e ferir. Às vezes a crítica é contra um grupo com idéias opostas, contra administradores da igreja, contra uma pessoa pecadora ou rival ou mesmo contra toda a congregação. Seja qual for o destino, o púlpito não é uma arma para disparar contra ninguém.

Às vezes o pregador não tem a coragem cristã de ir pessoalmente falar com um membro faltoso e se protege atrás de um microfone, onde ninguém vai refutá-lo, e dispara contra uma única pessoa, sob o pretexto de "chamar o pecado pelo nome". Resultado: a pessoa fica ferida, todas as outras, famintas, e o sermão não ajuda em nada. Às vezes o disparo é contra um grupo de adultos ou de jovens supostamente em pecado. Não é essa a maneira de ajudá-los. Convém ressaltar que chamar o pecado pelo nome não é chamar o pecador pelo nome. Chamar o pecado pelo nome significa orar com o pecador e se preciso chorar com ele na luta pela vitória. A congregação passa a semana machucando-se nas batalhas de um mundo pecaminoso e de uma vida difícil e chega ao culto precisando de remédio para as feridas espirituais, não de condenação por estar ferida.

Todos esses sermões mencionados acima atrapalham o culto mais do que ajudam. Prejudicam o adorador, prejudicam a adoração. São vazios de poder. Se você quer ser um pregador de poder, busque a Deus, gaste dezenas de horas no estudo da Bíblia antes de pregá-la, experimente o perdão de Cristo e estude os recursos da comunicação que ajudam a chegar ao coração das pessoas.

Capitulo VII

Estrutura Básica do Sermão

I. Texto bíblico

II. Titulo

III. Introdução

IV. Corpo

V. Conclusão

VI. Apelo (compõem o que chamamos de "Estrutura do Sermão").

Qualquer explicação requer organização, ordenação, lógica e clareza. Sendo o sermão uma explicação da Palavra e vontade de Deus esse deve ser didático. Alguns elementos básicos que devem estar presentes nos sermões, dando a eles uma estrutura que facilita o desenvolvimento da mensagem são:

1. Texto Bíblico

Evidentemente o sermão deverá ser baseado em um texto bíblico. O texto bíblico é a passagem bíblica que serve de base para o sermão. Esse texto deverá fornecer a idéia ou verdade central do sermão. Nunca se deve tomar um texto somente por pretexto, e logo se esquecer dele. Existem algumas vantagens no uso de um texto bíblico:

a. O texto dá ao sermão a autoridade da Palavra de Deus.
b. O texto constitui a base e alma do sermão;
c. Através da pregação por texto o pregador ensina a palavra de Deus;
d. O uso do texto ajuda os ouvintes a reter a idéia principal do sermão;
e. O texto limita e unifica o sermão;
f. Permite uma maior variedade nas mensagens;
g. O texto é um meio para a atuação do Espírito Santo.

O pregador não pode negligenciar a Exegese, pois ela é o trabalho de exposição de um texto bíblico e pelo menos 10 passos devem ser observados para se estabelecer uma boa exegese.

a. Leia o texto em voz alta, comparando com versões para maior compreensão.
b. Reproduza o texto com suas próprias palavras. (Fale sozinho)
c. Observe o texto imediato e remoto.
d. Verifique a linguagem do texto (história, milagre, ensino, parábola, profecia, etc.)
e. Pesquise o significado exato das principais palavras;
f. Faça anotações;
g. Pesquise o contexto (época, país, costumes, tradição, etc.)
h. Pergunte sempre onde? Quem? O que? Por quê?
i. Organize o texto em seções principal e secundárias;
j. Resuma com a seguinte frase: "O assunto mais importante deste texto é..."

2. Titulo

Para que o ouvinte possa ter uma idéia do que você tem a falar é imprescindível o emprego de um tema. O ouvinte realmente estará adentrando no seu sermão. O tema do sermão contém a idéia principal e o objetivo da mensagem. Deve ser estimulante e despertar o interesse, a curiosidade e a atenção do ouvinte. Deve ser claro, simples e preciso bem como, oportuno e obedecer o texto. Para se desenvolver um bom tema o pregador precisa ter criatividade, hábito de leitura, visão global do sermão e ser sintético.

Tipos de Temas: Interrogativos: Uma pergunta, que deve ser respondida no sermão. Ex.: Onde estás? Que farei de Jesus? Tenho uma arma o que fazer com ela?. Lógico: Explicativo - Ex.: O que o homem semear, ceifará; Quem encontra Jesus volta por outro caminho. Imperativos: Mandamento, uma ordem; Caracteriza-se pelo verbo no modo imperativo. Ex: Enchei-vos do espírito; Não seja incrédulo; Não adores a um Deus morto. Enfáticos: Realçar um aspecto específico; Ex.: Só Jesus salva; Dois tipos de cristãos.

3. Introdução

Começar bem é provocar interesse e despertar atenção. Começar é difícil. Muitos escritores escrevem a introdução quando terminam o livro. A introdução é tão importante quanto à decolagem de um avião que, deve ser bem perfeita para um vôo estabilizado. Ela, por certo, deve envolver o ouvinte, despertar o interesse e curiosidade e, também, ser um meio de conduzir os ouvintes ao assunto que está sendo tratado no sermão. Uma boa introdução dá ao pregador segurança, tranqüilidade, firmeza e liberdade na pregação.

Tipos de Introdução:

a) Direta
b) Indireta
c) Improviso

Evitar na Introdução:

a) Desculpas
b) Sensacionalismo
c) Excesso de Humor
d) Excesso de Humildade
e) Expressões Rotineiras

Portanto, uma introdução bem estruturada, deve apresentar algumas características como, clareza e simplicidade, deve ser um elo de ligação com o corpo do sermão e uma ordenação de pensamentos de forma lógica e sistematizada e, não deve prometer mais do que se pode dar. É preciso estar atento para o tempo de duração da introdução que, deve ser breve e proporcional ao sermão. Evitar desculpas que possam trazer uma má impressão.

4. Corpo

Essa é a principal parte. Onde deverá está o conteúdo de toda mensagem, ordenado de forma lógica e precisa. Neste ponto também deverão ser abordadas algumas aplicações utilizadas durante o sermão como: Ilustrações, figuras de linguagem, material de preparação.

5. Conclusão

Uma conclusão desanimada deixará os ouvintes desanimados. Baseados no objetivo específico do sermão a conclusão é uma síntese do mesmo e deve ser uma aplicação final à vida do ouvinte. A conclusão é o clímax da aplicação do sermão.

"Para terminar!", "Concluindo", "Só para encerrar", "Já estamos terminando". Você já ouviu estas frases? Muitas pessoas não sabem terminar uma conversa, ficam dando voltas ou se envolvem em outros assuntos, sem ao menos perceber que o tempo está passando e o ouvinte já está angustiado com a demora. Assim, muitos pregadores não sabem ou não conseguem concluir um sermão. Isso acontece por que estes não preparam um esboço e suas idéias estão desordenadas, logo, não conseguem encontrar uma linha condutora da conclusão do sermão.

Como deve ser a conclusão?

a. Apontar o objetivo específico da mensagem;

b. Clara e específica;

c. Resumo do sermão (o sermão em poucas palavras)

d. Aplicação direta a vida dos ouvintes;

e. Pequena;

f. Faça um desfecho inesperado.

Logo, uma boa conclusão deve proporcionar aos ouvintes satisfação, no sentido de haver esclarecido completamente o objetivo da mensagem. É preciso ter um ponto final para que o pregador não fique perdido. É preciso tomar cuidado, para não pregar um segundo sermão.

6. Apelo

Um esforço feito para alcançar a consciência, o coração e a vontade do ouvinte. São os frutos do sermão. Apelo não é apelação.

Dois tipos de apelos:

a. Conversão/Reconciliação – Aos ímpios e aos desviados.

b. Restauração - A igreja

Como deve ser o apelo?

a. Convite

b. Impactante e direto

c. Não forçado ou prolongado

d. Logo após a mensagem.

No apelo você deve dizer ao ouvinte o que ele deve fazer para confirmar a sua aceitação. Seja claro e mostre como ele deve agir.

a. Levantar as mãos;

b. Ir a frente;

c. Ficar em pé;

d. Procurar uma igreja próxima;

e. Conversar com o pastor em momento oportuno.

Portanto estes elementos “Texto Bíblico, Tema, Introdução, Corpo, Conclusão e Apelo” compõem o que chamamos de Estrutura do Sermão são imprescindíveis, pois norteiam a linha de pensamento do pregador direcionando o ouvinte para o conteúdo da mensagem.

Capitulo VIII

Tipos de Sermões

Sermão Textual

Sermão Temático

Sermão Expositivo

I. Sermão Textual

É aquele cuja divisão (idéias principais) é tirada do texto bíblico. As idéias secundárias podem ser buscadas em outros textos bíblicos. Este gênero de trabalho para o púlpito faz fixar a atenção numa parte das Escrituras. É profundamente bíblico e ajuda a levar o ouvinte mais perto do coração da Bíblia. Obriga o pregador a estudar constantemente a Bíblia. É muito apropriado para as pregações sistemáticas e consecutivas de livros da Bíblia e de textos isolados. Geralmente usa se um ou dois versos. Exemplos de sermões textuais:

Titulo: O homem Feliz. Ref.: Salmo 1.1

1. Não anda no conselho dos ímpios;
2. Não se detém no caminho dos pecadores;
3. Nem se assenta na roda dos escarnecedores.

Titulo: A Fases da Tribulação. Ref.: II Co 4.17

1. Nossa Tribulação;
2. Leve Tribulação;
3. Momentânea Tribulação;
4. O Fim da Tribulação.

Titulo: O Caminho Certo. Ref.: Lc 9.23

1. Se alguém quiser vir após mim:
2. Negasse a si mesmo.
3. Se alguém quiser vir após mim:
4. Tome cada dia a sua cruz.
5. Se alguém quiser vir após mim:
6. Siga-me.

O pregador pode também utilizar-se do Textual Tópico: As divisões correspondem às frases textuais, mas não são expressas nas palavras do texto. Utilizasse as mesmas divisões do texto, mas com outras palavras sinônimas. Exemplos:

Titulo: Um Visitante Desejável. Ref.: Apoc 3.20.

1. Eis que estou a porta e bato;
2. Se alguém ouvir e abrir a porta; (Textual Fraseológico)
3. Cearei com ele e ele comigo.

Titulo: Um Carteiro Especial. Ref.: Apoc 3.20

1. Ele quer entrar;
2. Ele esta chamando; (Textual Tópico)
3. Ele entra em sua vida.

O pregador pode também utilizar-se do Textual eferente. As divisões são inferidas das frases textuais. É usado poucas vezes por sua dificuldade de elaboração. As orações textuais reduzidas a uma expressão sintética ou palavra que encerra o conteúdo, sendo, portanto, a essência da frase ou declaração. Esta modalidade prestasse a análise de textos que não podem ser divididos naturalmente. Exemplos:

Titulo: Porque Jesus não Lançaria fora nenhuma Pessoa?. Ref.: Jo 6.37

1. Não seria de acordo com a sua promessa;
2. Seria abandonar a obra que começou;
3. Seria fugir do Plano do Pai.

Titulo: Como Procurar a Cristo. Ref.: Jr 29.13

1. Não Procurar com Palavras;
2. Não Procurar com Gestos;
3. Não Procurar com a Aparência.

Conclusão: Procurar com o Coração Sincero.

É importante observarmos que os o sermão textual, tem vantagens e desvantagens. Vejamos primeiro as vantagens.

Quanto ao ouvinte:

a. Fixa a atenção do ouvinte numa parte das Escrituras;

b. É mais fácil para o ouvinte seguir o sermão no texto;

c. É muito apreciado pelo ouvinte e pelo povo;

d. Leva o ouvinte um maior contato com a bíblia.

Quanto ao pregador:

a. Era usado pela igreja primitiva;

b. Exige do pregador um conhecimento profundo das Escrituras;

c. Obriga o pregador a estudar a bíblia constantemente;

d. É o que mais se presta no doutrinamento dos cristãos;

e. Obriga o pregador a levar uma vida de oração;

f. E mais fácil de preparar.

g. É o que mais se adapta ao pregador de cultura mediana, mas com vasto conhecimento das Escrituras e de certos tratados teológicos;

Desvantagens do Sermão textual:

a. Limitasse a uns poucos textos (um versículo);

b. O texto pode conter mais idéias que o pregador possa explicar;

c. Corre o risco de tornar o sermão artificial, porque às vezes o pregador não tem o trabalho de estudar o sermão e orar pelo resultado.

II. Sermão Temático

É aquele cuja divisão das idéias é extraída do tema. Ou aquele cuja forma ou estrutura resulta das palavras ou idéias contidas no assunto. É o tipo de sermão mais usado por ser o de mais fácil divisão e mais fácil de ser preparado. É muito apropriado para a evangelização, o ensino das doutrinas, o estudo bíblico, discussão de temas éticos, etc. A divisão está independente do texto (uma vez usado o texto, não tem que usar-se mais. A não ser que contenha a idéia central). É o de mais lógica. O sermão temático é o que mais se presta à observação da ordem e harmonia das partes. É o mais apropriado para os que estão iniciando no púlpito. Escolhe-se o tema e busca-se em qualquer pane da Bíblia, textos que apóiem as idéias selecionadas. Exemplos de sermões temáticos:

Titulo: Causas para a Oração não Respondida

1. Pedir mal. Tg 4.3;

2. Pecado não confessado. Sl 66.18;

3. Duvidar da palavra de Deus. Tg 1.6-7;

4. Vãs repetições. Mt 6.7;

5. Desobediência à Palavra. Pv 18.9;

6. Mal relacionamento conjugal. I Pe 3.7.

Titulo: As marcas de um crente dedicado

1. Como o escravo (tem a marca do seu dono a quem serve. Gl 6.17)

2. Como o soldado (tem a marca da devoção ao comandante a quem serve. II Tm 2.3; II Co 5.15)

3. Como o devoto (tem a marca de adorador do Mestre, a quem Venera. Fp 1.20; II Co 4.5).

Titulo: A Esperança do crente

1. É uma esperança viva;

2. É uma esperança segura;

3. É uma esperança invisível;

4. É uma esperança eterna.

Vantagens do Sermão Temático: E o de divisão mais fácil. E mais fácil dividir um tema do que um texto, visto que este e mais complexo; E o de ordem mais fácil, que melhor serve a observação da ordem e da harmonia das partes; Conserva melhor a unidade; Permite ao pregador discutir qualquer assunto que julgue necessário, seja: moral, evangelístico, doutrinário, ocasional, etc; E uma excelente oportunidade para o aperfeiçoamento retórico do discurso; Agrada muito as pessoas intelectuais, por seu apelo ao raciocínio, a lógica e a razão.

Desvantagens do Sermão Temático: Pode conduzir a negligência da Palavra de Deus. Usa-se o texto como pretexto, sem se importar com uma exegese completa e exata; Não cultiva no povo o desejo de estudar a Palavra de Deus; O ouvinte tem sua atenção despertada para o pregador em detrimento da Palavra de Deus; Encoraja o secularismo, e pode ficar muito na filosofia, na criação intelectual, satisfazendo apenas o ego humano; Não alimenta o povo com a Palavra de Deus, exceto se internamente estiver recheado pelas Escrituras; Pode afastar o pregador das Escrituras fixando-o em temas seculares; Escolher a forma de acordo com o público: Forma Retórica A Fidelidade de Deus; Forma Lógica Deus é Fiel. O ouvinte mais culto prefere a forma retórica, o mais simples prefere a forma lógica.

III. Sermão Expositivo

É aquele que surge de uma passagem bíblica com mais de dois ou três versículos. Teoricamente este tipo de sermão difere do sermão textual, principalmente pela extensão da passagem bíblica em que se baseia; na prática ambos se sobrepõem. É o que se ocupa principalmente da exegese ou exposição completa de um texto, frases ou palavra das Escrituras. A palavra chave é “exposição”, que dá uma idéia de “explicar”, “por diante de”. O pensamento bíblico ou do escritor bíblico que determina a essência da pregação expositiva. A pregação expositiva seria a forma mais autêntica da pregação e segue a prática dos grandes pregadores do passado, como: Santo Agostinho, Lutero, Calvino, etc.

A mensagem expositiva faz mais das Escrituras, contribuindo para um maior conhecimento bíblico, criando maior interesse na Bíblia e não nos assuntos. Isto honra as Escrituras e alimente os ouvintes. “Nos quatro Evangelhos quase todos os parágrafos contêm material para um sermão expositivo, que pode não ser difícil de preparar. Especialmente as parábolas se prestam a isso, pois todas elas evidenciam a imaginação inspirada operando como os fatos da vida.” Exemplos de sermões expositivos:

Titulo: O Cordeiro de Deus. Ref.: Ex 12. 1-13

1. Foi um cordeiro divinamente determinado (vv. 12.1-3)
2. Foi um cordeiro perfeito (12.5);
3. Foi um cordeiro morto (12.6);
4. Foi um cordeiro redentor (12.7; 12-13);
5. Foi um cordeiro sustentador (12.8-11).

Titulo: Luta da Fé e a Condição para a Vitória. Ref.: Efésios 6.10-18

Assunto: Aspectos relacionados com a batalha espiritual do cristão.

1. A Moral do Cristão. v 10 -14a.
   2.1. Deve ser elevada. v 10.
   2.2. Deve ser time. v 11-14a.
2. A Armadura do Cristão. v 14-17
   2.1. Armas de defesa. v 14-17a.
   2.2. Armas de ataque. v 17b.
3. A Vida de oração do Cristão. v 18.
   3.1. Deve ser persistente. v 18.
   3.2. Deve ser intercessora. v 18b.

Titulo: As Revelações de Jesus. Ref.: Jo 9.35-41

1. Revelação de Jesus aos cegos;
2. Revelação de Jesus aos religiosos;
3. Revelação de Jesus ao mundo.

Desvantagens do Sermão Expositivo: É mais difícil de preparar. Mal preparado não interessa ao ouvinte; Pode tornar-se demasiadamente longo; Pode tornar-se monótono devido a extensão do sermão.

Capitulo IX

O Valor das Ilustrações

O uso do Material Ilustrativo no Sermão

A palavra "ilustrar" vem do latim, ilustrare, e significa "lançar luz ou brilho, ou tornar algo mais evidente e claro". Os educadores reconhecem que uma das principais leis de ensino, para alcançar a mente e o coração é a associação de idéias. O material ilustrativo tem sido comparado a janelas, que deixam a luz entrar e iluminar uma casa. A ilustração visa ajudar os ouvintes a "ver a verdade".

I. O uso de material ilustrativo na Bíblia

1. Natã usou a ilustração de um homem pobre com uma cordeirinha para levar o Rei Davi a condenar-se a si mesmo. II Sm 12.1-14.

2. Aías rasgou a sua roupa nova em doze pedaços e deu dez para Jeroboão, representando o fato de que Deus havia determinado que dez das doze tribos de Israel seriam tiradas de Reoboão. I Rs 11.26-40.

3. Isaías enquanto pregava durante certa época de seu ministério, andou descalço e despido como sinal de como o povo de Deus seria levado preso pelos Assírios, Egípcios e Etíopes. Is 20.1-6.

4. Jeremias usou muitos sermões visuais, como a parábola do cinto de linho (13.1-11), o jarro quebrado (13.12-14), o vaso do oleiro (18.1-17), a botija quebrada (19.1-15), os canzis simbólicos (27:1-22), além da compra de um terreno que simbolizava a esperança na restauração de Israel depois do exílio. 32.1-25.

5. Ezequiel usou tanto o método visual e ilustrativo que chegou a se queixar com Deus: "Ah Senhor Deus! eles dizem de mim: não é este um fazedor de alegorias?" (20.49).

6. Jesus Cristo quase sempre usava material ilustrativo para apresentar profundos conceitos de natureza espiritual. As parábolas (52% do Evangelho de Lucas é composto de parábolas). O uso de uma moeda para ensinar o dever do bom cidadão. Mt 22.19. A pregação significativa através de uma bacia e de uma toalha. Jo 13.1-17. Jesus também falou das aves dos céus, dos lírios do campo, do pão, da água.

Jesus, também usou uma criança para mostrar que é preciso se tornar como uma criança para entrar no Reino de Deus. (Observe o comentário de Mateus ao uso das parábolas por Jesus. Mt 13:34-35, 53-54).

II. Os propósitos para o emprego de material ilustrativo

1. Despertar o interesse e prender a atenção dos ouvintes.
2. Aclarar, iluminar e explicar as verdades apresentadas.
3. Confirmar, fortalecer os argumentos e persuadir os ouvintes a aceitarem estas verdades.
4. Ajudar os ouvintes a gravarem bem as idéias do sermão.
5. Tocar nos sentimentos dos ouvintes.
6. Dar mais vida ao sermão.
7. Ornamentar e embelezar o sermão.
8. Tornar o sermão mais agradável, trazendo descanso mental aos ouvintes.
9. Ajudar com a repetição da verdade.

IV. Tipos de ilustrações e fontes de bom material ilustrativo

1. A própria Bíblia é um verdadeiro tesouro de ilustrações.
2. O mundo da literatura, da ciência e da medicina.
3. Biografias e autobiografias;
4. Obras de ficção, poesia;
5. Dramas (como de Shakespeare), mitologia (egípcia, grega, romana), etc
6. A história. Aquilo que aconteceu no passado e no presente.
7. Experiências pessoais.
8. Acontecimentos em geral.

9. Obras de arte, como pinturas de quadros e obras de escultura servem como ilustração. Exemplo: Miguel Ângelo certa vez encontrou uma grande pedra que tinha sido jogada fora num terreno baldio. Ele inspecionou a pedra e depois mandou removê-la para o seu estúdio, onde fez daquela pedra suja de mármore uma famosa obra de escultura: a estátua de Davi! Deus muitas vezes vê em alguém uma obra de arte escondida em uma pedra suja como aquela, e a transforma em uma obra prima de Sua graça e misericórdia.

V. Advertências quanto ao uso de ilustrações

1. Não é necessário ilustrar as coisas óbvias. (Dr. Key fez referência a um sermão que ouviu, onde o pregador contou de um soldado, do século 16, que saiu para uma batalha com a metralhadora na mão!)
2. Ilustrações que tem pouco a ver com o ponto que está sendo focalizado no sermão ou cuja relação com ela é vaga, ou que esclarece pouco, não devem ser utilizadas.
3. Evite ilustrações cujas bases não têm relação com a vida dos ouvintes.
4. Evite ilustrações que parecem exageradas ou improváveis, mesmo que tenham acontecido.
5. Não faça o seu sermão somente de ilustrações.
6. Evite ilustrações que exijam muitas explicações para entendê-las.
7. Não use ilustrações para mostrar o seu grande conhecimento ou impressionar os ouvintes.
8. Não é bom destacar uma só ilustração ao ponto de deixar o resto do sermão prejudicado.
9. Não se deve usar uma ilustração somente para fazer o povo rir.
10. nunca conte a experiência de outrem como se fosse sua.
11. Tenha muito cuidado em elogiar pessoas não crentes em suas ilustrações.
12. Evite o se desculpar pelo uso de qualquer ilustração pessoal.
13. Varie o tipo de ilustração que você utiliza.
14. Tenha cuidado com ilustrações "enlatadas".
15. Use no máximo duas ilustrações por sermão. Toda ilustração deve ter uma aplicação e devem ser comentadas com simplicidade e naturalidade.

Capitulo X

O Preparo Espiritual do Pregador

"Nem todos os livros escritos poderiam substituir uma vida santa. Os homens acreditarão, não no que o pastor [pregador] prega, mas no que a igreja pratica em sua vida. Com excessiva freqüência, a influência do sermão pregado do púlpito é anulada pelo sermão feito na vida dos que professam ser partidários da verdade".

Nossas palavras, atos, comportamento e vestuário, tudo deve pregar. Não somente com as palavras devemos falar ao povo, mas tudo quanto diz respeito a nossa pessoa deve constituir para eles um sermão.

O ministério da pregação não requer apenas a preparação do serão, mas também o preparo do pregador. Ao abordar este assunto, os compêndios de homilética geralmente discutem o preparo intelectual e emocional do ministro. O primeiro resulta de seus estudos acadêmicos e o segundo de uma série de fatores relacionados à experiência prática. Todavia, nenhum pregador deve alimentar qualquer esperança de proclamar eficientemente a mensagem divina se não cuidar do seu preparo espiritual. E essa parece ser a área mais negligenciada na vida de muitos pregadores.

A importância do preparo espiritual do pregador é prontamente reconhecida por aqueles que mais se destacam nesse ministério, os quais enfatizam especialmente a oração. João Calvino, por exemplo, afirmou: "Nós devemos ter sempre em mente que desperdiçamos nosso trabalho de arar, semear e regar, a não ser que o crescimento venha do céu.

Logo, não será suficiente executar a tarefa de ensinar diligentemente se, ao mesmo tempo, não se buscar a bênção do Senhor, para que o trabalho não seja inútil ou infrutífero. A partir disso, é evidente que não é em vão que o zelo pela oração é recomendado aos ministros da Palavra". O inglês Henry Fish afirmou certa vez: "Uma pessoa não pode fazer um sermão edificante enquanto o coração estiver inerte" (The Banner of Truth pg. 19). Nos dias atuais, John Piper adverte para o fato de que "o aroma de Deus não permanecerá em alguém que não permanece na presença de Deus" (The Supremacy of God in Preaching pg. 60). Os testemunhos históricos poderiam ser multiplicados, mas as citações acima parecem suficientes para o argumento.

O próprio ativismo ministerial pode ser identificado como uma causa da negligência no preparo espiritual do pregador. Em seu ministério, D.M.Lloyd-Jones já admitia que "o perigo que todos nós corremos é que simplesmente vamos fazendo o nosso trabalho e ficamos tão imersos nele que corremos o risco de não vermos a floresta por causa de uma árvore apenas" (Discernindo os Tempos pg.179). Se o pregador não atentar para os perigos envolvidos nisso, ele corre o risco de falar acerca do evangelho, em vez de apresentar o evangelho. Em grande parte, o sucesso será de acordo com a pureza e perfeição do instrumento. Não é tanto o grande talento que Deus abençoa, mas a semelhança a Jesus. "Um ministro santo é uma tremenda arma nas mãos de Deus" (Reavivamento pg. 15). Não pode faltar na vida do pregador:

1. Estudo da Bíblia: O pregador deve levar a sério o estudo das Sagradas Escrituras. Para obter sucesso em sua labuta no dia a dia, o pregador ou pastor precisa desenvolver o hábito de estudar com afinco o Santo Livro. A leitura Bíblica diária é um dos hábitos que precisamos cultivar, devemos nos alimentar da Palavra de Deus, assim como nos alimentamos fisicamente todos os dias. "Não se aparte de sua boca o livro desta lei, antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito; porque então farás proseperar o teu caminho, e serás bem sucedido". Js 1.8.

Neste pequeno e excelente versículo, temos uma receita divina. Deus, aqui, mostra o que futuro sucesso de Josué, seria observar e pôr em prática o Santo Livro. Paulo também sabia do valor das Escrituras Sagradas na vida de Timóteo, seu filho na fé. Eis o conselho que Paulo deu ao Jovem Timóteo: "Procure apresentar-te diante de Deus aprovado, como obreiro que maneja bem a palavra da verdade". II Tm 2.15. As Santas Escrituras são instrumentos poderosíssimos na vida de quem quer dedicar na causa do Evangelho. Paulo, o maior pregador de todos os tempos, abaixo de Cristo, disse: "Porque não me envergonho do Evangelho, pois o é poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego". Rm 1.16.

John Wesley a John Trembath: O que tem lhe prejudicado excessivamente nos últimos tempos e, temo que seja o mesmo atualmente, é a carência de leitura. Eu raramente conheci um pregador que lesse tão pouco. E talvez por negligenciar a leitura, você tenha perdido o gosto por ela. Por esta razão, o seu talento na pregação não se desenvolve. Você é apenas o mesmo de há sete anos. É vigoroso, mas não é profundo; há pouca variedade; não há seqüência de argumentos. Só a leitura pode suprir esta deficiência, juntamente com a meditação e a oração diária. Você engana a si mesmo, omitindo isso. Você nunca poderá ser um pregador fecundo nem mesmo um crente completo. Vamos, comece! Estabeleça um horário para exercícios pessoais. Poderá adquirir o gosto que não tem; o que no início é tedioso, será agradável, posteriormente. Quer goste ou não, leia e ore diariamente. É para sua vida; não há outro caminho; caso contrário, você será, sempre, um frívolo, medíocre e superficial pregador.

2. Oração: Alguém, numa certa ocasião, disse acertadamente: "A oração é a primeira, a segunda e a terceira coisa necessária ao pregador". O pregador que não se dedica à oração, não pode ser bem sucedido em seu ministério.

Políticos resolvem problemas em parlamentos; Homens de negócios em restaurantes; Corretores nas esquinas; mas, Pregadores resolvem seus problemas no altar de Deus.

É bem conhecido de todos que, para um homem ser bem sucedido em algum tipo de ministério, ele passa pela fonte da oração! Tiago, apóstolo de Jesus Cristo, quando foi sepultado, descobriram os seus joelhos e verificaram que eles estavam marcados por dois grandes calos, como que de camelos, pelo fato de orar tanto. Jorge Muller teve mais de 50.000 orações respondidas e, dentre as quais, pelo menos 5.000 orações foram respondidas no mesmo dia em que foram feitas. Moody: quando perguntaram ao grande evangelista da América: "O senhor ora muito?", ele respondeu: "Nunca oro mais do que 10 minutos, porém, não me lembro que tenha passado mais do que 10 minutos sem orar. E o exemplo maior Jesus Cristo - um exemplo de Oração: Orava de madrugada, Mc 1.35; À tarde, Mc 6.46 e 47; À noite, Lc 6.12; Sozinho, Lc 5.15; Com os discípulos, Lc 9.18; Em público, Jo 11.41e 42, etc.

Capitulo XI

O Preparo Intelectual do Pregador

O pregador deve buscar conhecimentos através do estudo, da pesquisa, da leitura de bons livros. II Tm 2.15. O preparo intelectual deve ser equilibrada com o espiritual.

Preparação intelectual: É natural que o pregador seja amante dos livros. Indispensável, pois, se torna que vá, aos poucos, formando a sua biblioteca. Devido ao elevado custo atual dos livros, deve o pregador selecionar os volumes que precisa adquirir, evitando gastar tempo e dinheiro com obras que poderia dispensar.

O pregador compreensivo se dedicará às matérias essenciais, ao tipo de estudo mais proveitoso para o seu ministério. Não perderá os seus momentos preciosos com leituras supérfluas ou que nada edificam.

Além da Bíblia, que é o primordial, e da Arte de Pregar, a língua materna deve merecer sua atenção perene. Como é lamentável o pregador, e quanto é prejudicial à mensagem, cometer graves erros de português. Não se fala de ser um erudito, mas de evitar erros primários. Quanto mais cultura ele tiver, mais fácil e mais eficiente será o seu ministério. O pregador precisa conhecer bem o homem e a cultura de seu tempo: suas idéias, seus costumes, seus problemas, seus recursos, sua personalidade e sua psicologia. Por isso, o pregador não pode contentar-se em estudar apenas sua Bíblia. O pregador não deve ser "homem de um livro só". Mas, há muita gente que se ufana disso. Quem afirma que o pregador deve estudar só a Bíblia revela ignorância ou preguiça mental.

O pregador precisa estar em dia com o seu tempo, com a cultura de seu povo ou do povo a quem ele vai ministrar. Se ele está no Brasil, precisa conhecer a psicologia do povo brasileiro, o grau de cultura deste povo, suas aspirações, suas frustrações, o que faz, como o faz, o que pensa e o que pretende. Se ele dirigir a outro país, terá que conhecer o mesmo a respeito do povo daquele país. Precisará não só conhecer essa cultura, mas assimilá-la e integrar-se nela.

Por isso, o pregador terá que ler muito (ser leitor inveterado e insaciável de informações). Ler jornais, revistas, livros; ouvir rádio, ver televisão (menos o que não presta); estar se informando dos mais diversos noticíarios do mundo. Ele precisa ver, ouvir e sentir o seu povo.

Paulo, o apóstolo aos gentios, não esquecia do seu preparo intelectual, e isto se nota quando ele pediu ao seu colega Timóteo, os livros e pergaminhos. II Timóteo 4.13. Concluimos, pois, que Paulo valorizava o preparo intelectual.

Capitulo XII

Cuidados Físicos do Pregador

Quase sempre os cuidados físicos são colocados em segundo plano, ou em importância inferior. Mas os cuidados físicos são importantes com a voz, descanso, exercícios (isto pode ser visto no púlpito enquanto pregam), entre outros cuidados. O pregador não pode negligenciar o cuidado de si mesmo, daí a recomendação de Paulo a Timóteo: "Tem cuidado de ti mesmo (a pessoa) e da doutrina" (o trabalho). I Tm 4.16.

Boa condição do organismo; saúde equilibrada. A Bíblia fala muito a respeito do equilíbrio das refeições. Nunca devemos exagerar na alimentação. Só recentemente que a ciência descobriu que a comida em excesso, pode ser prejudicial. Porém, a Bíblia Sagrada ensinava essa verdade há 3.500 anos atrás. Levítico 7.22-24.

Temos conhecimento no dia de hoje, quão pernicioso é o colesterol em nosso sangue. O exercício também é muito importante para quem quer servir ao Senhor. Longas caminhadas e outras atividades que "desemperram" os músculos são indispensáveis na vida do servo do Senhor.

Acredito que um dos fatores que pesou na longevidade de anos na vida dos servos do Senhor, foi sem dúvida alguma, as longas caminhadas que eles eram obrigados a fazer no cotidiano de suas vidas. Abraão, Isaque, Jacó e muitos outros patriarcas eram caminhantes inveterados.

O próprio Moisés caminhou no deserto, conduzindo o povo de Israel, pelo menos quarenta anos. Não é de admirar que Moisés morreu com 120 anos de idade. Dt 34.7. Se Moisés tivesse algum problema sério de saúde, naturalmente não seria usado por Deus para estar à frente do povo hebreu por longos quarenta anos. Vamos imaginar se Moisés fosse um cardíaco. Como resistiria ele as longas caminhadas naquele deserto abrasador? É necessário, portanto, que o

O Cuidado com a Voz

A voz é um instrumento extremamente delicado e por isso requer um cuidado especial já que danos na saúde vocal podem ser irreversíveis. Para o pregador a saúde vocal é algo indispensável, mas muitos não sabem como utilizar e preservar a sua voz, ou nem mesmo sabem que a voz requer cuidados e que para utilizá-la na pregações a voz requer cuidados ainda mais especiais.

A voz é produzida pela laringe. Quando inspiramos, o ar entra nos pulmões, as pregas vocais neste instante estão abertas para permitir a entrada do ar. Ao falar elas se aproximam e o ar passa por elas na expiração, a vibração das pregas vocais acontece na passagem do ar na expiração, e é esta vibração que produz o som a voz.

Este som a voz é produzido na laringe e amplificado pelas cavidades de ressonância que são: faringe, boca e nariz. É articulado pela cavidade oral, pelos movimentos da língua, dos lábios, mandíbula e palato. A coordenação bem sincronizada de todas estas estruturas dará como resultado uma correta emissão vocal que é vista como uma voz agradável, bem entendida e devidamente projetada, produzida sem esforço.

Muitas das vezes pregadores são talentos natos e portanto, não recebem nenhum tipo de formação para cantar ou pregar, e muitas vezes surgem problemas vocais pela utilização inadequada da voz, e isso pode ser um obstáculo para realização plena de seus talentos. É por isso que cada vez mais pregadores e pastores têm procurado a Fonoaudiologia para prevenir distúrbios vocais, para aperfeiçoar a voz e a fala ou para tratar distúrbios já existentes.

Algumas dicas que podem ajudar a preservar a Saúde Vocal

1. Não fale em excesso, o uso da voz continuadamente sem preparo é prejudicial para a laringe, pois submete o aparelho vocal a um esforço prolongado. Se a fala se fizer necessário por um período longo, procure ficar sem falar por um período igual ou superior, para descansar a sua voz.

2. Não pigarrear, pois este ato causa um atrito entre as pregas vocais causando uma descamação na mucosa, podendo contribuir para o aparecimento de lesões e irritações.

3. Não gritar, falar em voz muito forte ou gritar sem técnica, causa uma sobrecarga nos músculos da laringe aumentando o risco do aparecimento de lesões na superfície das pregas vocais, ou até hemorragias. Os gritos devem ficar restritos a situações absolutamente necessárias.

4. Não falar sussurrando ou cochichando, pois embora aparentemente, cochichar ou sussurrar possa parecer inofensivo, na verdade este ato requer extrema força das estruturas da laringe e pode ser mais lesivo do que o falar com sonoridade habitual.

5. Não fale fora da sua freqüência habitual. Quando estamos falando estamos constantemente variando as freqüências de nossa emissão, porém, existe um valor médio que nossa voz se situa. Procure emitir a voz o mais natural possível, fora das apresentações.

6. Não imite sons, vozes e ruídos. Alguns cantores possuem um controle vocal desenvolvido, ou mesmo por dom, apresentam facilidade de imitar sons, vozes e ruídos. É muito difícil fazer essas manobras sem lesar o aparelho fonador, pois geralmente após as imitações, os imitadores apresentam um ardor e irritações. Desta forma não imite, evite lesar a sua voz.

7. Não use roupas apertadas, principalmente no pescoço, na cintura e no abdômen, pois elas prejudicam a respiração e a emissão vocal.

8. Evite ambientes secos, a redução da umidade no ar, causa ressecamento no trato vocal, induzindo a produção vocal com esforço e tensão. É como se um sistema extremamente potente tivesse que trabalhar sem lubrificação. Se estiver exposto a ambientes secos (por exemplo com ar condicionado, ou em cidades onde a umidade relativa do ar é pequena) hidrate-se bastante, tomando vários copos de água por dia.

9. Durma o suficiente, o ato de pregar é um ato de extremo gasto energético e os pregadores costumam até perder peso em suas apresentações. A energia da laringe é recuperada através de descanso, mais especificamente através do sono. A voz nunca está boa após uma noite mal dormida. Programe-se para dormir o suficiente.

10. Estresse em excesso, prejudica a emissão, o que se observa através de cansaço vocal, falta de resistência vocal, rouquidão e ar na voz, podem ocorrer perdas de notas nas tessituras.

11. Beba bastante água, aos goles, cerca de 2 litros por dia, assim você estará hidratando todo o corpo e também o trato vocal.

12. Mantenha uma dieta balanceada, todas as funções especiais do corpo requerem grande aporte energético, evite excesso de gorduras e alimentos muito condimentados, o que atrasa o processo digestivo e limita a excursão respiratória.

13. Não utilize vinagre, gengibre, limão e sal, pois estas substâncias podem ressecar as mucosas e não devem ser utilizadas para efeitos vocais.

14. Não chupe balas ou chicletes de menta ou que causam sensações refrescantes, antes de suas apresentações para melhorar a emissão. O ato de mascar ou chupar pode relaxar e soltar a musculatura da laringe da boca e da faringe, o que contribui para uma melhor emissão da voz. O perigo está nos componentes que podem anestesiar e reduzir as sensações próprias da laringe prejudicando o canto e a fala, e até muitas vezes, o falante forçar bastante estas estruturas pela falta de percepção do esforço. O que pode causar lesões.

15. Evite bebidas gasosas antes de suas apresentações (como refrigerantes e água com gás) elas produzem gazes podem comprometer sua emissão, e o refluxo gastresofágico causa irritação na mucosa das pregas vocais.

16. Aprenda com um Fonoaudiólogo a aquecer e desaquecer a voz antes e depois das apresentações, o ajuste da voz cantada é diferente do da voz falada, assim a voz cantada de ser utilizada somente em situações de canto.

17. Cuide de sua saúde geral, manter-se em boas condições de saúde geral, auxilia a produção vocal, quer seja para o canto quer seja para fala. São raros os indivíduos doentes que mantêm boa emissão vocal.

18. Procure um Fonoaudiólogo para orientá-lo, como utilizar melhor a voz, ele lhe dará dicas importantes que vão auxiliá-lo por toda a vida.

Capitulo XIII

As Dificuldades na Vida do Pregador

A vida de quem prega o Evangelho de Jesus Cristo é marcada de muitos obstáculos e dificuldades. É lamentável que a maioria não compreende a vida daquele que se entrega para o serviço de Deus. Aqueles que acham que a vida do pregador, evangelista ou pastor é "moleza", são os que menos cooperam na causa do Evangelho.

Todo pregador do Evangelho, mais cedo ou mais tarde, será criticado. Porém, a crítica mais dolorida não é tanto dos descrentes, pois deles é de se esperar qualquer tipo de crítica, mas as que mais ferem o pregador são aquelas que vêm de pessoas que estão no rol da membros da igreja. Paulo sofreu este ataque de alguns membros da Igreja de Corinto. I Co 4.3; II Co 10.10-13; II Co 11.6. Outro exemplo de crítica ferina que abala o pregador ou dirigente encontra-se no livro de Números quando Arão e Míriam criticaram a Moisés devido o seu casamento com a mulher cuhita. Nm 12.1-15. Deus, entretanto, tomou as dores de Moisés e deu uma dura reprimenda em Arão e Míriam por terem falado contra Moisés. Não sei o porquê, mas Deus foi muito mais severo com Míriam, irmã de Moisés, deixando-a leprosa. Nm 12.10.

Outra dificuldade que o pregador, evangelista, pastor ou qualquer dirigente de igreja depara em seu caminho, é quando algumas pessoas o considera como um "superstar" ou "super-espiritual". Há pessoas, por incrível que pareça, que consideram o pastor ou dirigente de igreja um "semi-deus". É claro que o pastor ou pregador deve ser exemplo em tudo, mas considerá-lo como alguém que tem a solução para todos os tipos de problemas, é o cúmulo do absurdo. Creio que todo pregador mais cedo ou mais tarde terá de enfrentar esse tipo de problema.

Antigamente eu perdia noites de sono com alguns problemas que membros de minha igreja me traziam. Eram problemas que estavam além de minha capacidade. Eram questões familiares, tais como: brigas de esposo e esposa; pais que vinham reclamar de um determinado filho rebelde; alguns dizendo que precisavam de emprego; outros que diziam que estavam com falta de dinheiro etc. Ora, esses tipos de questões o pastor ou dirigente de igreja não pode solucionar. Podemos e devemos orar a Deus, e esperar que Ele dê a solução ao problema. Se o pastor ou dirigente de igrejas forem ajudar financeiramente os irmãos pobres, então precisaria de uma fortuna tal como a do Bill Gates ou de qualquer outro bilionário deste mundo. Porém, como é o caso de muitos pastores e dirigentes, eles estão na lista dos mais pobres de suas igrejas. O pastor ou pregador do Evangelho deve aprender que sua principal ocupação é cuidar do rebanho de Deus e procurar ganhar almas para Cristo.

Que nós, pastores e pregadores, aprendamos agir como Cristo: "Homem, quem me constiuiu a mim como juíz ou repartidor entre vós?" Lc 12.14. As dificuldades financeiras e as diferenças sociais é uma realidade, porém, o pastor ou dirigente não pode fazer nada para resolver esta questão. As Sagradas Escrituras dizem que os pobres sempre existirão na terra. Dt 15.11; Mt 26.11.

Capitulo XIV

O Pregador e o Púlpito

A primeira impressão é a que fica. Em meio ao desenvolvimento da reunião, atravessa todo o corredor principal, aquele que será o preletor do encontro. Toda atenção está voltada para ele, que observado é dos pés a cabeça. Seu comportamento, imagem e exemplo é atributo influente na transmissão da mensagem como um todo. Devemos considerar que, quando existe uma indisposição do ouvinte para com o mensageiro, maior será sua resistência ao conteúdo da mensagem. Não existe uma forma correta de se apresentar. Esteja de acordo com o local e a ocasião, sobretudo as mulheres. Nos homens o uso do terno e gravata é adequado a quase todos os locais e ocasiões.

O Pregador e sua Postura

Evidentemente nós dizemos muito pelo jeito como nos posicionamos e como agimos antes mesmo de abrirmos nossas bocas. O modo como levantamos, caminhamos, a posição que assumimos ao falar é tão comunicativo quanto a convicção com que proclamamos. As primeiras impressões já foram comunicadas antes mesmo das primeiras palavras serem enunciadas. E por incrível que pareça alguns ouvintes já decidiram se vão nos ouvir de fato ou não.

Caminhando para o Púlpito

Seja na igreja onde o irmão é o pastor ou nos ambientes onde for convidado a pregar você sempre enfrenta este desafio. Seja seguro ao caminhar é bem provável que você já esteja sendo observado desde este momento. Olhe antes para o trajeto que você tem de fazer até a plataforma a fim de evitar acidentes. Tome cuidados em relação a cabos de microfones esticados pelo piso, tapetes, degraus, piso escorregadio, caixas de retorno colocadas geralmente no piso, elementos decorativos como vasos, pequenas jardineiras, etc. Não demonstre insegurança ou medo ao caminhar. Lembre você é apenas o pregador convidado e não um criminoso que está sendo levado para a forca.

Sentando-se no Púlpito

Mantenha-se numa posição ereta, mas sem estar muito rígido. Mantenha os dois pés no chão pelo menos a maior parte do tempo, pois assim você descansa as pernas e facilita a circulação sangüínea. É muito comum uma pessoa que esteve sentada durante um bom tempo numa posição inadequada ter dificuldades e dormência nas pernas ao levantar-se abruptamente para pregar. Lembre-se que você também está cultuando e evite as conversas no púlpito, pois elas indicam irreverência. Seja um participante interessado em tudo o que se passa no culto.

Não demonstre sinais de ansiedade e tensão como ficar esfregando as mãos (no calor) e evite a tentação de beber aquele copo de água que geralmente é colocado no púlpito antes mesmo de começar a falar.

Se você não estiver orando não adianta nada ficar de cabeça baixa e olhos fechados durante os momentos que antecedem à sua fala. Aliás, creio que você deve orar sim, mas antes de estar na plataforma. Aproveite estes momentos para estabelecer um contato visual com os seus futuros ouvintes. Procure olhar para cada local específico do auditório, para a nave, a galeria e também o coro.

Assumindo o Altar para Pregar

Procure caminhar até o púlpito com naturalidade. Evite correr ou andar devagar demais. Não seja relaxado e nem aja com nervosismo. Evite agir como aquela famosa ave emplumada também conhecida como pavão que deixa sempre a impressão de altivez e orgulho. Tome o lugar com calma e naturalidade dê uma pausa antes de começar a falar. Olhe bem para o auditório. Agradeça a igreja e ao pastor pelo convite e pela oportunidade e jamais prometa algo que você não vai cumprir como, por exemplo: fiquem tranqüilos prometo que vou ser breve!

Durante a Pregação

Mantenha o seu corpo numa posição ereta e natural, pois dependendo do tempo em que você fala o cansaço por ficar de pé será logo um companheiro. Equilibre o peso do seu corpo sobre os dois pés e procure alternar colocando um pé um pouco atrás do outro e mantenha as pernas entreabertas. Não deixe os joelhos muito rígidos porque isto aumenta a tensão do corpo. Os ombros e a cabeça também precisam estar posicionados de modo natural. Você pode ligeiramente apoiar uma das mãos no púlpito, mas evite debruçar-se sobre ele. Se não estiver usando o púlpito movimente-se para os lados como quem caminha devagar.

Erros na Postura

1. Aquele que balança enquanto prega.
2. Aquele que parece que vai voar.
3. Aquele que está sempre batendo a Bíblia no púlpito.
4. Aquele que cai sobre o púlpito (desengonçado).
5. Aquele que é semelhante a um tigre na jaula.
6. Aquele que parece um goleiro, com muito espaço entre as pernas.
7. Aquele que é muito rígido e parece um soldado prestando continência.
8. Aquele que demonstra estar muito tenso e está sempre mexendo com alguma coisa, como a Bíblia ou a gravata, ou coloca a mão dentro do bolso.
9. Aquele que parece ser um lutador de boxe, com as mãos fechadas e girando os braços no ar.

A Comunicação através do Corpo

E importante observar que as pessoas não somente nos "ouvem", mas também nos "observam". Aliás, observam muito mais do que nós imaginamos e podemos explorar essa curiosidade natural usando também uma boa comunicação não verbal. "O pregador precisa comunicar com o corpo todo, através dos gestos, da própria postura ou posição do corpo enquanto prega, da expressão facial, do contato com os olhos"; e qualquer tipo de hábito inconsciente que possa prejudicar a comunicação deve ser evitado. A linguagem verbal e a linguagem corporal podem e devem trabalhar juntas para criar impressões positivas e não negativas.

Procedimentos corretos para melhorar a comunicação os gestos do Pregador

É necessário reconhecer que os gestos são importantes e aprender a usá-los nos momentos certos. É impossível estabelecer regras para todos os indivíduos, pois cada um tem a sua maneira singular de ser. A mensagem é que deve ser vista através dos gestos. Pense por exemplo um deficiente auditivo é capaz de entender tudo o que você fala se houver em sua pregação alguém que seja capaz de simultaneamente traduzir o que você fala a linguagem de sinais que usa basicamente o movimento das mãos e expressões faciais. Vantagens no uso dos gestos:

a) Os gestos ajudam a atrair a atenção dos ouvintes.

b) Os gestos ajudam o pregador a vencer a tensão. Cada um de nós que compartilha com freqüência a Palavra de Deus sabe bem deste detalhe que é ficar tenso ao pregar especialmente se estamos num auditório ou ambiente desconhecido, fato que gera uma expectativa maior e entre ficar congelado e gesticular a segunda escolha é mais útil.

c) Os gestos ajudam a intensificar as emoções do pregador.

Experimentamos as mais diferentes emoções ao compartilhar as tremendas verdades e realidades da Palavra de Senhor. E se de fato somos impactados pela mensagem que estamos compartilhando é natural que estas emoções sejam transmitidas também através de gestos. Você já viu uma criança pedir um brinquedo sem estender a mão e apontar para ele? Os gestos ajudam no fortalecimento dos argumentos que estamos transmitindo. Se você está falando por exemplo, de servir ao Senhor de todo o coração é natural que você junte as duas mãos traga-as até o peito na altura do coração como quem quer retirá-lo e depois estenda-as para frente como quem está entregando o coração a Jesus.

É claro que os nossos gestos não devem ser exagerados quanto ao tipo e freqüência de movimento. O problema com a repetição do mesmo gesto é que ele pode tornar-se um elemento de afetação na comunicação e que pode desconcentrar nossos ouvintes ao ponto de não ouvirem o que estamos ensinando com a linguagem verbal. Os nossos gestos não devem ser grotescos, feios ou obscenos.

Além de serem ofensivos e desagradáveis gestos desta natureza só prejudicarão o processo de comunicação. Os gestos precisam ser coerentes com a fala. Esta é uma tarefa que exige atenção e pesquisa do pregador. Devemos unir o que está sendo expresso através do corpo com o que estamos falando.

Os nossos gestos devem ser naturais e nunca artificiais. Isto vale para tudo o que fazemos na vida e no processo de comunicação. Assim como a voz os gestos também devem ser naturais. Não adianta você copiar gestos de outros pregadores porque você gostou do impacto que eles produziram no auditório ou até mesmo em você. Até porque sua comunidade já conhece, devido ao convívio cotidiano, a maioria dos gestos que você utiliza e saberá se você está gesticulando com naturalidade ou não. Ao gesticular devemos aprender a usar o corpo todo como também variar os gestos. Um bom recurso para observar o seu desempenho na comunicação através do corpo é gravar em vídeo os cultos onde você tem pregado e depois assista e anote os gestos, a freqüência e a variação. Alguns gestos básicos:

a) Uso do indicador – significa advertência, repreensão, condenação.

b) Mão fechada – significa advertência feita de forma forte e dramática.

c) Mão aberta para baixo – significa emoções negativas, rejeição.

d) Mão aberta para cima – significa um apelo, pedido, chamamento.

e) Mão aberta para o lado - significa quase todos os sentimentos.

Expressão Facial

A alegria embeleza o rosto, mas a tristeza deixa a pessoa abatida. Prov 15.13. A fisionomia é o espelho interior do ser humano. Quando temos a possibilidade de olhar bem nos olhos de uma pessoa dificilmente ela consegue esconder alguma coisa de nós. O rosto e suas expressões mostram nossas emoções e o nosso estado físico. As conclusões de uma pesquisa revelam que quando alguém comunica, apenas 7% da totalidade da comunicação é feito por palavras, enquanto 38% é pelo uso da voz, com sua expressividade e tonalidade, e 55% é através da fisionomia. A fisionomia e a linguagem corporal são fundamentais na comunicação do Evangelho.

A expressão facial é um ingrediente que nos ajuda tanto quando falamos quanto quando ouvimos alguém falar. Hoje, por exemplo, nos telejornais há uma preocupação na construção de cenários ou stúdios cada vez mais sofisticados mas um detalhe continua recebendo atenção central os rostos dos apresentadores são enquadrados e as expressões são destacadas. Todo trabalho de direção, produção, maquiagem, iluminação giram em torno do objetivo que transmitir além da notícia também a emoção: seja alegria da vitória, a dor de uma perda, ou a indignação de uma injustiça.

É claro que existem alguns extremos que precisamos evitar nesta tarefa de comunicar também com as expressões faciais como, por exemplo, não demonstrar qualquer emoção. O pregador pode estar falando sobre a mais profunda tristeza ou alegria, mas a fisionomia não expressa nada. Não corresponder na fisionomia ao que se está comunicando.

Um exemplo disso pode ser alguém que está pregando sobre sofrimento, dor, aflição, ou mesmo o inferno, mas com um sorriso. Alguns pregadores precisam estudar um pouco mais esta questão e um bom exercício é pregar o sermão ou parte dele de frente a um espelho para fazer uma avaliação das expressões que fazem quando tocam em alguns assuntos. Algumas sugestões:

a) Não franza a testa nem coloque no rosto uma expressão severa e rígida demais.

b) Não fique fazendo caretas.

c) Não fique sempre sorrindo (quando é antagônico em relação à mensagem pregada)

d) Seja natural em todas as suas expressões faciais. Procure ter expressões faciais oportunas, de acordo com o conteúdo da mensagem que está comunicando. Procure variar a expressão facial. Esboce um sorriso de vez em quando, pois é muito agradável. Uma outra questão é que a maioria de nossas expressões faciais são inconscientes e nem sempre notamos isso. Agora eu sei por que minha mãe, em minha infância, sabia quando eu estava mentindo. Estava estampado em meu rosto um sim mesmo quando eu dizia não e vice-versa.

Contato com os Olhos

É evidente que os olhos fazem parte do conjunto do rosto. Mas eles são fundamentais na comunicação e o contato com os olhos é um item essencial na pregação do sermão. Os olhos demonstram as emoções e não só quando eles estão lacrimejando. Eles brilham, dilatam, revelam interesse e atenção, concordam, discordam. Quantas vezes o seu pai falou tudo o que queria somente através de um olhar penetrante? E você entendeu o recado especialmente quando era uma reprovação de suas atitudes. Através dos olhos podemos perceber quando há rejeição ou condenação, quando há resistência ou rebeldia, quando há reprovação ou aceitação. Assim os nossos olhos devem fazer constantemente contatos:

a) Com a Bíblia (no caso de estarmos usando uma). Segure a Bíblia em uma das mãos a fazer a leitura e assim mantenha também um contato visual com a congregação.

b) Olhe para os seus ouvintes e estabeleça um bom contato. Este contato deve ser intenso e direto, segurando a atenção dos ouvintes.

c) Olhe para o esboço se você utiliza este recurso. Lembre-se de olhar para as diferentes partes do auditório e não fique olhando para o foro, os lustres, as colunas, os instrumentos musicais. Você está falando a pessoas e as pessoas quando conversam gostam de olhar e serem olhadas.

Maus Hábitos

As afetações na pregação são alguns maus costumes que, muitas vezes inconscientes, precisam ser descobertas e corrigidas. Alguns exemplos:

a) Fechar os lábios ou ficar mordendo-os.

b) Mexer na gravata ou anéis enquanto fala.

c) Ficar colocando a mão nos bolsos do paletó.

d) Ficar abrindo a Bíblia ou o hinário enquanto fala.

e) Ficar mexendo com as chaves e ou canetas enquanto fala.

f) Ficar colocando e tirando o óculo do rosto enquanto fala, etc..

g) Fechar os olhos enquanto fala ou ficar parecendo um pisca-pisca de natal.

h) Lamber os lábios ou ficar colocando a língua para fora da boca enquanto está falando.

Portanto, devemos nos tornar cientes daquilo que fazemos com o corpo enquanto pregamos, utilizando da melhor forma possível a gesticulação, a posição, a expressão facial, e contato com olhos. Qualquer gesto, posição, expressão facial, ou olhar que chame a atenção para si mesmo deve ser corrigido e evitado, pois se torna um obstáculo na comunicação e interfere com aquilo que se está querendo dizer. Qualquer gesto, posição, expressão facial, ou olhar que nos cause constrangimento ou embaraço, ou nos torne mais inseguros, ansiosos, ou acanhados, deve ser eliminado.

Outras regras de Púlpito

1. Nunca fazer uma segunda e auto-apresentação.
2. Nunca se menosprezar (sou um verme, coitado, não valo nada..)
3. Nunca usar gírias
4. Nunca doutrinar igrejas dos outros.
5. Nunca andar de mais no púlpito, correr e etc.
6. Nunca gritar, mas dizer sempre num bom tom e eloqüência.
7. Nunca repetir palavras (né, tá, entendeu, etc..) Utilizar bem o português
8. Sempre pregar sua mensagem primeiro à você mesmo.
9. Evite abordar questões teológicas muito complexas.
10. Procure estar dentro dos padrões da denominação.
11. Procure dar conotações evangelística à mensagem.
12. Respeite o horário (mesmo que seja pouco tempo).
13. Evite molhar o dedo na língua para virar as páginas da Bíblia.
14. Limpar as narinas, coçar-se, exibir lenços sujos, arrumar o cabelo.
15. Usar roupas extravagantes.
16. Apertar a mão de todos. (basta um leve aceno).
17. Usar mensagem de outros pregadores.
18. Contar gracejos, piadas, anedotas ou usar vocabulário vulgar.
19. Não fazer a leitura do texto, (Leitura deve ser de pé).
20. Não deve colocar as mãos ou a mão nos bolsos das calças ou paletó.
21. Não deve ficar o tempo todo com o dedo indicador em forma acusadora.
22. Não deve dar socos na mesa, no púlpito, na Bíblia (eles não tem culpa).
23. Não deve ficar abotoando e desabotoando o paletó.
24. Não deve ficar arrumando a gravata.
25. Não deve alisar os cabelos a todo instante.
26. Não deve brincar nervosamente com a gola do paletó.
27. Não deve ficar pondo e tirando o relógio.
28. Não jogar a Bíblia sobre o púlpito depois de lida.
29. Evitar desculpas, você começa derrotado (isto não é humildade).
30. Evite as sujeições "eles tão" ao invés de "eles estão".

31. Mantenha um coração puro e renove o colarinho limpo.
32. A caspa fica mal na gola do seu paletó.
33. Seja pobre de espírito, mas não de vocabulário.
34. Contente-se com o que tem, mas não com o que é.
35. Evite chegar atrasado.
36. Cuidado com regionalismo: Butão, mucidade, cruis de Jesuis, dolze, etc.
37. Pregador descabelado, barba por fazer, colarinho virado, meia verde....
38. Cultive o idioma: Conheça pelo menos o seu idioma.
39. Seja você mesmo. Não copie. O uniforme de Saul não coube em Davi.
40. Fale toda a palavra: Não engula os "r" e os "s", as sílabas finais...
41. Fale às pessoas: Olhe para elas, não olhe paredes, bancos, teto e chão.
42. Fale com o corpo: Use expressão facial condizente. Evite a “cara de mau".
43. O pregador não precisa aparecer.
44. Maus hábitos podem comprometer o sermão.
45. Não peça que a igreja faça algo que não esteja de acordo com os preceitos.
46. Não diga que não está preparado em cima do púlpito, melhor então é não subir.
47. Nunca diga que iria pregar uma palavra, mas o Espírito Santo mandou outra.
48. Nunca diga: "não sei por que vou dizer isso, mas vou dizer", pois se nem você mesmo sabe, então não diga, pois aquilo que é de Deus o Espírito Santo revela.
49. Quando estiver assentado no púlpito, não fique bocejando, sem distender o corpo como se a cadeira fosse um divã; sem levantar a perna da calça acima da meia, deixando sua perna aparecer; sem se mexer na cadeira como se ela fosse o lugar mais incômodo do mundo.
50. Evitar dizer excesso de gracejos; eles não se coadunam com a solenidade da pregação. Os ouvintes sairão dizendo que o orador tem mais vocação para palhaço do que para pregador. Se o pregador não respeita a hora sagrada do culto, não pode exigir que os outros o façam.
51. Não fique anunciando a todo instante: “Já vou terminar, já estou terminando.” Se possível, terminar quando o auditório menos espera. Deixar sempre o auditório querendo mais.
52. Quando convidado para pregar em outras igrejas, o pregador deve considerar as normas doutrinárias, litúrgicas e teológicas da igreja em questão.

⇒ Como são os membros da igreja que visita?

⇒ Quais são as características da denominação?

⇒ Qual é o horário de início e término do culto?

⇒ Em que bairro se localiza?

Converse sempre com o pastor antes do início do culto. Caso não concorde com alguns aspectos, não aceite o convite. Lembre-se: Doutrina, usos e costumes e mudanças cabem ao pastor da igreja. Se acredita ter recebido uma mensagem de Deus dentro desses aspectos, ou outros, fale com o pastor.

Capitulo XV

O Pregador e os Princípios da Interpretação Bíblica

Uma grande responsabilidade do pregador é interpretar corretamente a Palavra de Deus. Esta é a base da obra de ensino e pregação. De nada adianta sermos excelentes comunicadores, sabermos utilizara muito bem as modernas técnicas didáticas, se entendermos mal os ensinos bíblicos, e os passarmos adiante de forma inadequada.

A disciplina da interpretação é chamada de exegese ou hermenêutica. Existe entre os teóricos uma certa divergência nesta questão. D. A. Carson, Ph. D. pela Universidade de Cambridge, atualmente professor de Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School, em seu livro A Exegese e suas Falácias, considera todo o trabalho de interpretação como exegese. Da mesma linha de pensamento é a obra de W. D. Chamberlain, Gramática Exegética do Grego Neo-testamentário, na qual o autor define exegese como "a ciência da interpretação". Gordon D. Fee e Douglas Stuart, no livro Entendes o que Lês?, fazem uma diferenciação entre a exegese e a hermenêutica. Segundo eles, exegese diz respeito ao resgate do significado do texto para os leitores originais, e abrange todas as técnicas de análise histórico-crítico-gramatical, ao passo que a hermenêutica é a arte de aplicar hoje os princípios descobertos no texto.

Minha posição quanto a essa questão é que não precisamos nos preocupar com estes pormenores acadêmicos. A título de simplificação utilizarei a expressão "Interpretação Bíblica ou IB" como significando todo o trabalho de interpretação, do início da análise gramatical até a aplicação final do texto para a nossa realidade atual.

Na verdade, todos nós praticamos a IB em nossas vidas diárias. Todos lemos a Bíblia e decifamos subjetivamente o que ela significa para nós. Segundo as doutrinas do sacerdócio universal e da obra didática do Espírito Santo, cremos que qualquer cristão pode entender o conteúdo básico das Escrituras. Rejeitamos o dogma católico de que o entendimento da Palavra de Deus só pode ser adequadamente obtido através da ingerência de um magistério da Igreja ou das proposições do Papa. Apesar disso, existem alguns princípios gerais que precisam ser conhecidos e utilizados na interpretação, principalmente pelos professores e pregadores.

Trazendo para hoje uma palavra de ontem

Um dos grandes desafios da interpretação é cultural. A Bíblia foi escrita para pessoas de outro tempo. Isso pode parecer estranho, mas vou já explicar. Quando, por exemplo, o apóstolo Paulo sentou-se para escrever a sua carta aos efésios, ele não estava pensando nos cristãos brasileiros.

Sua atenção estava voltada para pessoas do século I, que viviam dentro da cultura greco-romana-judaica. O mesmo podemos dizer do autor do Apocalipse. Quando João escreveu sua obra, utilizou uma linguagem simbólica que era comum principalmente aos cristãos judeus de seu tempo. Em sua época, eram comuns os escritos apocalípticos, que buscavam transmitir mensagens de reforço na fé em linguagem cheia de imagens e significados ocultos.

Hoje, quando lemos a Epístola aos Efésios ou o Apocalipse, ficamos às vezes desnorteados com algumas expressões e, pior ainda, podemos compreendê-las mal. Daí podemos inferir que a primeira tarefa do intérprete bíblico é entender o que as Escrituras significaram para os seus primeiros destinatários. A partir desse ponto, é que podemos estabelecer qual a aplicação da mesma para hoje.

Serão válidos para hoje o ósculo santo, o véu no rosto para a oração. I Co 11.13, 16.20? Para respondermos isso precisamos primeiro saber: "o que significava o ósculo e o véu na sociedade daquele tempo?" Somente a partir daí é que poderemos transpor essa barreira cultural, e fazer das Escrituras algo vivo para o homem do século vinte. Para isso existem vários instrumentos disponíveis já em língua portuguesa: dicionários e manuais, introduções e comentários, livros dedicados a reconstruir os tempos bíblicos e atlas que permitem-nos visualizar o arranjo político-geográfico dos tempos do Velho e Novo Testamentos. Além disso, todo esse conhecimento introdutório pode ser conseguido em um só volume. Se o pregador não tem como adquirir uma biblioteca completa, poderá economizar bastante comprando uma Bíblia de Estudo.

Nove princípios muito úteis

É importante que conheçamos nove regras que devem nortear nosso trabalho de interpretação:

1. Oração

Todo o trabalho de interpretação deve começar com a oração. É necessário que nos cubramos com a proteção de Deus e convidemos o Espírito Santo a ser o nosso Mestre. O Espírito Santo tem uma tarefa de ensinar-nos acerca de Cristo. Jo 16.13-14.

Do mesmo modo, é ele quem nos mostra as profundas revelações de Deus: "Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito, porque o Espírito a todas as cousas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus... Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente". I Co 2.10,12. Em outro lugar a Escritura afirma que nosso conhecimento advém do fato de possuir uma unção do Espírito: "E vós possuís unção que vem do Santo, e todos tendes conhecimento". I Jo 2.20. O verdadeiro entendimento da Palavra advém, em primeiro lugar, desse contato íntimo e freqüente entre o intérprete e o Deus que inspirou as Escrituras.

2. Descrição ou Prescrição?

É preciso distinguir entre texto descritivo e texto prescritivo. Descritivo é o texto que descreve algo, narra um acontecimento. O fato de algo ser contado na Bíblia não significa que o mesmo é regra para hoje. Os relatos históricos, por exemplo, transmitem-nos preciosas lições espirituais. No entanto, não devemos tirar deles doutrinas absolutas para nós hoje. Só podemos tirar doutrina de história se houver concordância dos textos bíblicos doutrinários, principalmente nas epístolas do Novo Testamento. Prescritivo é o texto que traz regras, ensinamentos e mandamentos para nós hoje. Vemos nas Escrituras passagens destinadas claramente à instrução e doutrinamento.

3. Ir do Simples ao Complexo

Pergunte sempre qual o significado mais simples, mais claro, mais singelo. A Bíblia é um livro que pode ser entendido por todo cristão, do erudito até o semi-analfabeto. A verdade mais clara é sempre preferível aos posicionamentos nebulosos e "profundos" (às vezes sem fundo mesmo!).

Isso não significa que todo o conteúdo bíblico seja fácil de entender. Em algumas partes do mesmo, precisaremos de auxílio adicional, e aqui entra a contribuição das boas introduções, manuais e comentários. E não apenas isso. Algumas passagens ficarão simplesmente sem interpretação, por completa falta de informação. Mesmo o maior estudioso não sabe tudo sobre a Bíblia. Por isso mesmo devemos fugir de interpretações que exijam verdadeiras ginásticas mentais. Só devemos ir ao complexo se houver indício de revelação progressiva.

4. Cuidado com os textos "misteriosos"

Não dê atenção a textos obscuros. Pode parecer estranho, mas esse é um princípio que eu considero dos mais importantes. Alguns indivíduos tem o prazer em escarafunchar curiosidades inócuas tais como quem era o jovem nu do final do Evangelho de Marcos (Mc 14.51-52), os detalhes do batismo pelos mortos citados por Paulo em I Co 15.29, acerca da pregação de Cristo aos espíritos em prisão, citada em I Pe 3.18-20. Assim, perde-se tempo analisando detalhes irrelevantes. Essas questões podem parecer um "prato cheio" para os eruditos e técnicos textuais do Novo Testamento, mas, na maioria das vezes, dizem pouco ao cristão comum.

Partamos do princípio que todas as principais doutrinas e ensinamentos para a nossa vida prática estão expostos de modo claro na Bíblia. Os textos complicados, porquanto bíblicos, e por isso, valiosos, não são fundamentais para a nossa fé. Ninguém vai deixar de ser salvo, por exemplo, se desconhecer o significado do número da besta, 666, de Apocalipse 13. O trabalho do intérprete é aprender os ensinos claros e passá-los adiante. Não devemos buscar decifrar mistérios, especializarmo-nos em uma espécie de esoterismo cristão. Tal insistência produz obsessão por posicionamentos obtusos, que não são saudáveis para a Igreja de Cristo. Dt 29.29 existe.

Considere a revelação progressiva

A terra por si mesma frutifica primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, o grão cheio na espiga — Mc 4.28. Algumas verdades foram reveladas em semente no Velho Testamento, e só no Novo Testamento encontramos sua plena expressão, como por exemplo, o ministério de Cristo, a Igreja, a situação pós-morte, etc.

Deve-se considerar a revelação progressiva no processo de interpretação. Alguém pode ler Ecl 9.5 e concluir uma doutrina errônea, afirmando que "os mortos não sabem cousa nenhuma". Os adventistas, por exemplo, fazem isso, ensinando que depois da morte a pessoa fica inconsciente, no túmulo, aguardando o dia da ressurreição. Essa é uma interpretação que desconsidera claramente a revelação progressiva. O texto de Eclesiastes não pode ser interpretado sem considerarmos as passagens do Novo Testamento que falam sobre o estado intermediário, quando estaremos com Cristo no céu aguardando a ressurreição. Nesse caso, houve uma progressão da revelação.

Compare Escritura com Escritura

O melhor comentário sobre a Bíblia é a própria Bíblia. Compare os princípios encontrados com o restante das Escrituras. Se houver reafirmação da verdade, principalmente no Novo Testamento, devemos ensiná-la com convicção. Essa regra é chamada pelos intérpretes de "analogia das Escrituras", e, bem utilizada, evita uma série de erros grosseiros de interpretação. O intérprete realiza o seu trabalho convicto de que a Escritura não se contradiz. Algumas verdades são difíceis de conciliar, mas isso não significa que sejam excludentes.

Um exemplo disso é a questão da responsabilidade humana e da soberania divina. Alguns afirmam que Deus é quem decreta e dirige todas as coisas. Ele domina sobre tudo, e todas as coisas ocorrem segundo o plano predeterminado pelo Senhor. Sl 139.16; Pv 21.1; Is 46.9-11; Mt 10.29; At 2.23, 4.24,28, 13.48; Rm 8.28-30, 9.8-24; Ef 1.5, 11; I Ts 5.9; I Pe 5.11; Ap 1.6. Outros afirmam que, na verdade, o homem é responsável diante de Deus por seus atos. A existência do mal no mundo, e as conseqüências ruins provenientes do pecado são responsabilidade dos anjos e dos homens e não de Deus. Ez 18.29. Os homens são responsáveis diante de Deus pela sua rejeição ao Evangelho de Cristo, e quem não crer no Filho de Deus trará sobre si a justa condenação. Jo 5.24,40, 6.29,47-51.

Os cristãos bíblicos aceitam ambos os ensinos como expressão da mais pura verdade de Deus. Aqui encontramos uma antinomia. Antinomia, conforme o Dicionário Aurélio, é o "conflito entre duas afirmações demonstradas ou refutadas aparentemente com igual rigor". O problema, nas antinomias, não está na Bíblia, e sim na finitude de nossa compreensão. O fato de não entendermos alguma coisa não significa que ela esteja errada. O pregador deve ensinar tanto a soberania divina quanto a responsabilidade humana. Alguma resposta a tais questões só nos serão fornecidas na eternidade.

Cuidado com as "novas revelações"

Quando falamos de interpretação, o Espírito Santo não concede nova revelação, e sim iluminação. Não há nova verdade a ser acrescentada sobre o texto bíblico. Há nova iluminação, ou seja, são-nos mostrados novos aspectos da verdade que são relevantes para a nossa situação atual. A verdade é apenas uma. As aplicações dessa verdade é que são diversas. Somos incumbidos de entender a verdade e, sob a unção do Espírito de Cristo aplicá-la. Não fomos chamados para descobrir novas coisas, mas para ensinar as velhas e maravilhosas verdades de forma nova, pois elas são sempre necessárias em nossa geração.

Observe o Contexto

Conforme W. D. Chamberlain, "para interpretar contextualmente, há de se levar em conta o conteúdo geral de todo o documento, se ele é um discurso unificado. Então, o matiz de pensamento que circunscreve a passagem, pois que mui freqüentemente afeta ele o sentido dos termos a interpretar-se". Em algumas ocasiões, como por exemplo, numa interpretação de uma epístola, o seu "teor geral dita o sentido real da passagem".

Quando desconsideramos o contexto, estamos sujeitos a errar a nossa interpretação. Um exemplo clássico é Apoc 3.20: "Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo". Tenho ouvido muitos pregadores que usam a passagem como uma espécie de apelo evangelístico. O convite do Senhor, no entanto, neste caso, não é dirigido aos pecadores para que eles se arrependam e creiam no evangelho. O convite de Cristo aqui dirige-se aos crentes orgulhosos. O versículo em questão faz parte da carta de Jesus à Igreja de Laodicéia. Apoc 3.14.

Devemos sempre perguntar ao texto: qual o contexto próximo? O parágrafo está tratando de que tema? E o capítulo? E a seção? Aqui estabeleceremos uma relação entre os elementos textuais, e estaremos mais aptos a discernir o significado da passagem. Todo texto deve ser interpretado dentro do seu contexto. Como diz um ditado da IB, "texto tirado de contexto é pretexto". Muitos usam textos deslocados para provar as suas doutrinas preferidas. Não caiamos nesse ardil!

Interpretação alegórica ou literal?

Ao interpretarmos um texto, fujamos da interpretação alegórica. O texto normalmente significa aquilo que está escrito mesmo. Em ocasiões iremos nos defrontar com figuras de linguagem. Cristo diz, por exemplo, que ele é "a porta". João 10.7. Nesse caso, o bom senso nos diz que cabe aqui uma interpretação simbólica. Em outras situações, porém, devemos cuidar para não alegorizar aquilo que é literal.

Avaliação

1. Qual era a base teológica da Pregação apostólica?

_____
_____
_____

2. Qual era o fundamento teológico da pregação Pós-Apostólica?

_____
_____
_____

3. Qual era o estilo da pregação dos reformadores?

_____
_____
_____

4. Qual a diferença entre a pregação dos reformadores e a atual?

_____
_____
_____

5. Cite um dos grandes desafios para a verdadeira pregação nos dias atuais?

_____
_____
_____

6. Já ouviu algum destes cinco tipos de sermão? Faça um breve comentário

_____
_____
_____

7. Qual a estrutura básica do sermão?

_____
_____
_____

8. Cite os três tipos se sermões citados nesta disciplina? Construa um Sermão Textual

_____
_____
_____

9. Em sua opinião qual a importância da ilustração na pregação?

_____
_____
_____

10. Porque é fundamental o preparo espiritual do pregador?

_____
_____
_____

11. Em sua opinião, qual a importância do preparo intelectual do pregador

_____
_____
_____

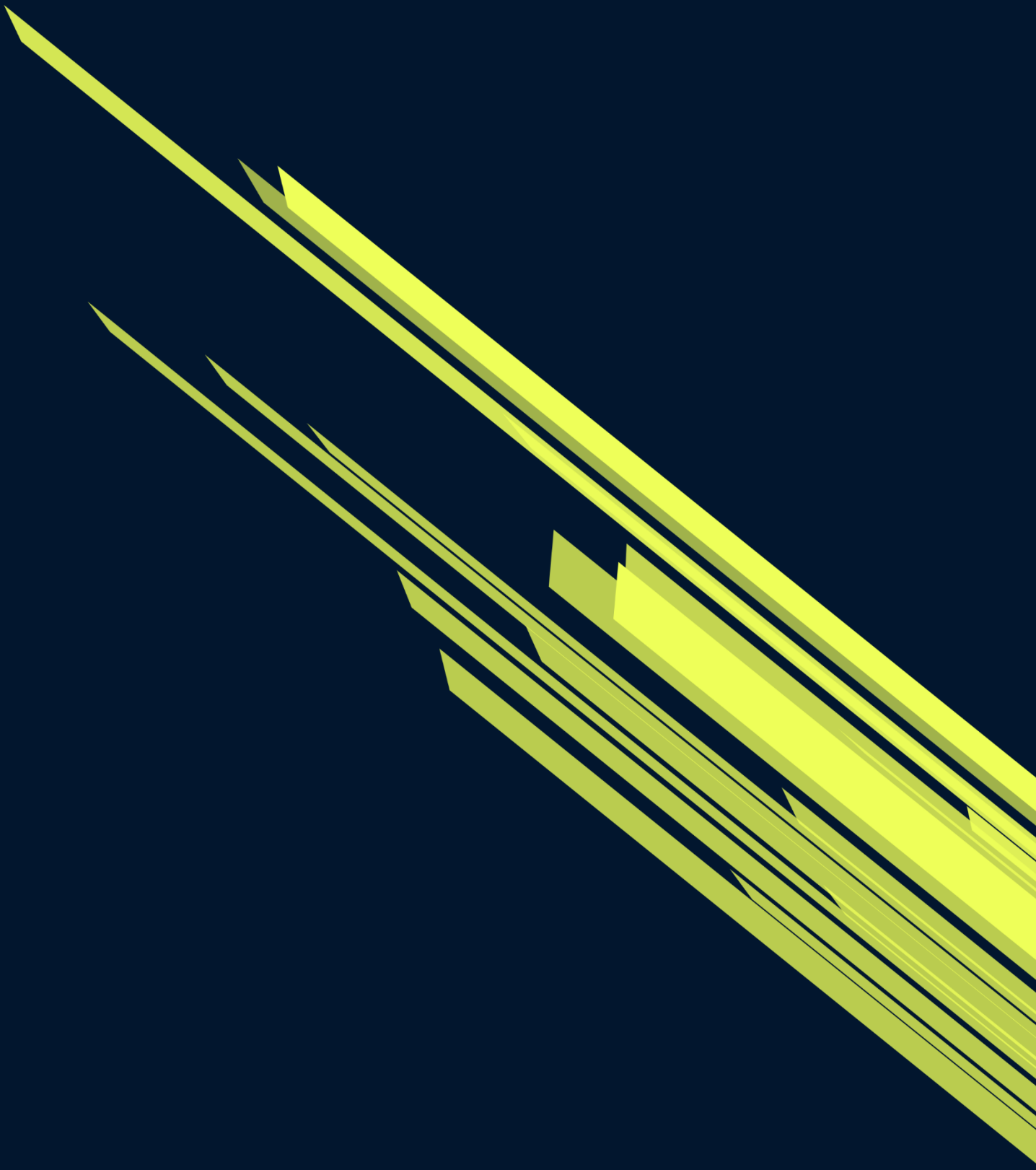
12. O que acontece com o pregador que conhece os princípios da interpretação bíblica?

_____
_____
_____
_____

ANOTAÇÕES

Bibliografia

Pr.Aparecido Araújo
Jerry Stanley Key
A Arte de Pregar – A Comunicação na Homilética)
Robson Moura Marinho
Pr. Jones Ross - Secretário Ministerial ARJ - Sul
Ajuda a Pregadores Leigos, de Edgar Leitão.
Exposição do Novo Testamento, de Walter L. Liefild
A arte de pregar o Evangelho, de Plínio Moreira da Silva
Bíblia pentecostal
A bíblia explicada - CPAD
A bíblia no mundo de hoje – Cryswel - Juerp
A bíblia vida nova – Russel P. Shedd
A pequena enciclopédia da bíblia – O S. Boyer
Esboço de teologia sistemática – Langston – Juerp
Geografia bíblica - Osvaldo Ronis – Juerp
Introdução ao estudo do novo testamento grego – W. C. Taylor
Manual de hermenêutica sagrada A Almeida Casa Editora Presbiteriana
Merece confiança o novo testamento? F.F. Bruce - Vida Nova
comentário bíblico de Moody – Imprensa Batista Regular
Pregação ao alcance de todos Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, Reifler H. U.
Hermenêutica avançada Princípios e processos de interpretação bíblica Ed vida.
Misael Batista do Nascimento
Natanael Nogueira de Sousa
Ajuda a Pregadores Leigos, de Edgar Leitão.
Exposição do Novo Testamento, de Walter L. Liefild
A arte de pregar o Evangelho, de Plínio Moreira da Silva
Pastor Antônio Carlos Dias
Pr.Aparecido Araújo
prega a palavra
Robson Moura Marinho
A Arte de Pregar – A Comunicação na Homilética. São Paulo: VIDA NOVA, 1999. 192
Isaltino Gomes Coelho Filho
Pastor Domingos Dias Ferreira



ITIbrasil

Site: www.itibrasil.com
Telefone: +11 87256939 / 7099012